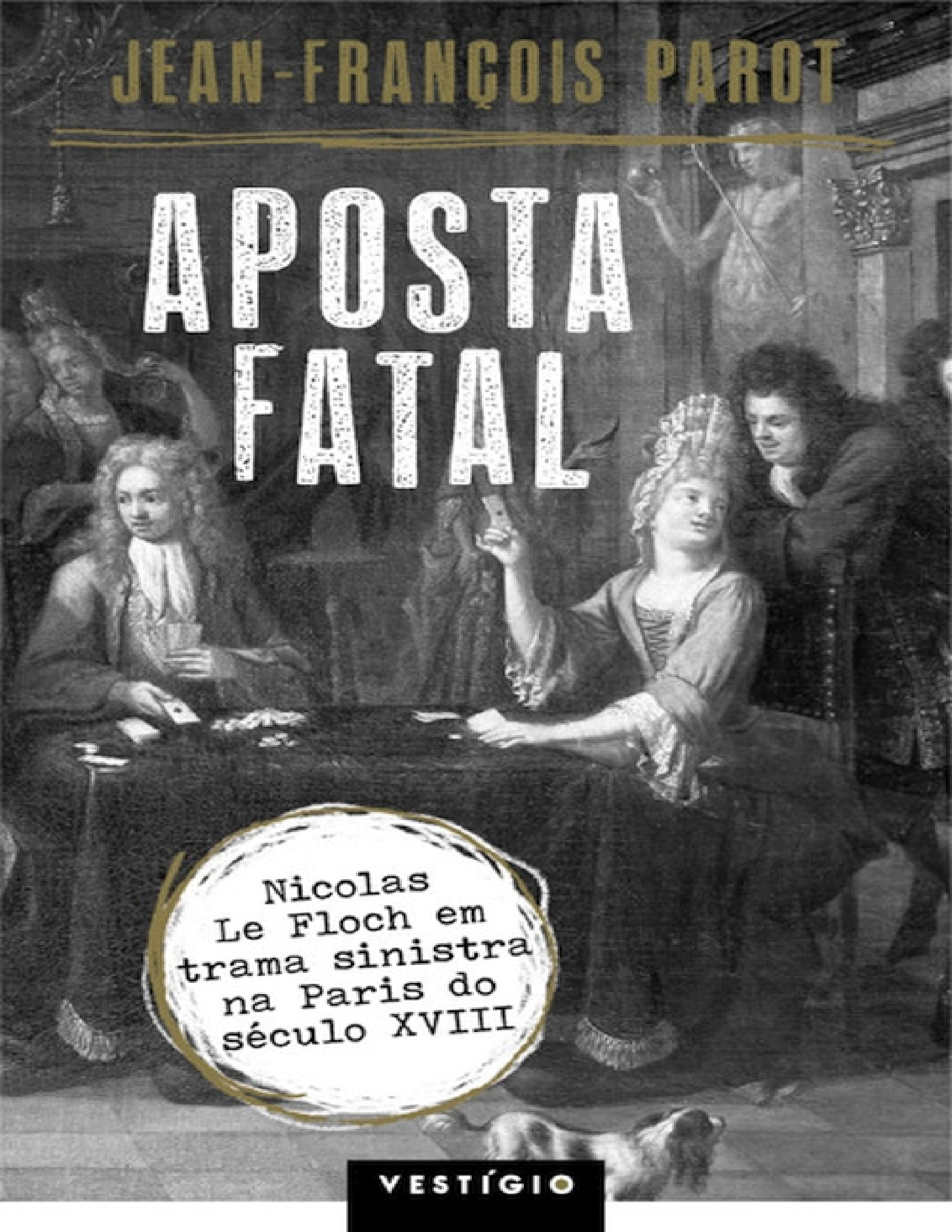
JEAN-FRANÇOIS PAROT

APOSTA FATAL



Nicolas Le Floch em trama sinistra na Paris do século XVIII

VESTÍGIO

JEAN-FRANÇOIS PAROT

APOSTA FATAL

Nicolas Le Floch em trama sinistra na Paris do século XVIII

Tradução

Guilherme João de Freitas Teixeira

VESTÍGIO

Para Madeleine e Édouard

Agradecimentos

Minha gratidão vai, em primeiro lugar, para Jacqueline Herrouin, que demonstrou competência, cuidado e paciência na organização do texto. Ela vai também para Monique Constant, Conservadora Geral do Patrimônio, por sua ajuda, confiança e incentivo. Meu reconhecimento é devido igualmente a Maurice Roisse, por sua releitura inteligente e tipográfica do manuscrito. Pedestre infatigável de Paris, ele se tornou meu investigador. Meu agradecimento também a Xavier Ozanne, pelo toque técnico indispensável. Por fim, saúdo os historiadores cujas obras foram de grande importância no trabalho cotidiano de escrita deste livro.

Personagens

Nicolas Le Floch: encarregado de uma investigação pelo superintendente-geral da polícia de Paris.

Cônego François Le Floch: tutor de Nicolas Le Floch.

Joséphine Pelven: governanta do cônego Le Floch.

Marquês Louis de Ranreuil: padrinho de Nicolas Le Floch.

Isabelle de Ranreuil: filha do marquês.

Sr. de Sartine: superintendente-geral da polícia de Paris.

Sr. de La Borde: principal empregado dos aposentos do rei.

Guillaume Lardin: delegado de polícia.

Pierre Bourdeau: inspetor de polícia.

Louise Lardin: esposa em segundas núpcias do delegado Lardin.

Marie Lardin: filha do primeiro casamento do delegado Lardin.

Catherine Gauss: ex-empregada de cantina, cozinheira dos Lardin.

Henri Descart: médico.

Gauthier Semacgus: cirurgião da Marinha.

Saint-Louis: ex-escravo negro, empregado doméstico de Semacgus.

Awa: companheira de Saint-Louis, cozinheira de Semacgus.

Pierre Pigneau: seminarista.

Aimé de Noblecourt: ex-procurador.

Padre Grégoire: boticário do convento dos Carmelitas Descalços.

La Paulet: cafetina.

La Satin: jovem prostituta.

Bricart: ex-soldado.

Rapace: ex-açougueiro.

A velha Émilie: ex-prostituta, vendedora de sopa.

Mestre Vachon: alfaiate.

Delegado Camusot: chefe do Departamento dos Jogos.

Mauval: ovelha negra do delegado Camusot.

O velho Marie: meirinho na delegacia do Châtelet.

Tirepot: informante.

Charles-Henri Sanson: carrasco.

Rabouine: informante.

Prólogo

Um Deus prudente oculta o
futuro sob uma noite tenebrosa...
Horácio

Na noite de sexta-feira, 2 de fevereiro de 1761, uma charrete avançava com grande dificuldade pela via que leva de La Courtille* até La Villette. A jornada havia sido sombria e, ao cair da noite, pesadas nuvens tinham desabado em chuvas diluvianas. Se, porventura, alguém tivesse tido a ideia improvável de vigiar aquela estrada, teria observado a charrete puxada por um cavalo magérrimo. No banco da frente, dois homens, enrolados em capas cujas abas pretas eram mal iluminadas pela fraca luz de uma lanterna barata, fixavam a obscuridade. O cavalo derrapava no chão encharcado e parava a cada vinte metros. Desequilibrados pelos solavancos provocados pelos sulcos das rodas na terra, dois tonéis entrechocavam-se surdamente.

As últimas casas dos subúrbios já haviam desaparecido e, com elas, os raros pontos de iluminação. Parou de chover, e a Lua apareceu entre duas nuvens, lançando uma claridade lívida sobre um terreno invadido por rolos de nevoeiro. Colinas cobertas de mato se elevavam, agora, de ambos os lados do caminho. O cavalo, já fazia algum tempo, resfolegava e puxava freneticamente as rédeas.

Flutuava no ar frio da noite um odor persistente, cuja insistência adocicada foi em breve substituída por um pavoroso fedor. As duas sombras tinham puxado as capas para proteger os rostos. O cavalo estacou, soltou um relincho sufocado, abriu as ventas ao máximo,

procurando identificar a onda de imundice. Mesmo golpeado por chicotadas, ele se recusou a retomar o caminho.

– Tenho a impressão de que essa besta vai nos deixar na mão! – bradou o homem que se chamava Rapace. – Com certeza, farejou carniça. Desça, Bricart, puxe-a pelo freio, e vamos sair daqui!

– Já assisti a coisa semelhante durante a batalha de Bassignana, em 1745, quando eu estava a serviço do Delfim, em companhia do tio Chevert. Os animais que puxavam os canhões se recusaram a avançar diante dos cadáveres. Era setembro, o tempo estava quente e as moscas...

– Pare com isso, todo mundo já sabe de suas campanhas. Segure com força esse animal e não perca tempo. Está vendo como ele recalcitra? – exclamou o homem, enquanto dava duas chicotadas na garupa já em carne viva do animal.

Resmungando, mal-humorado, Bricart saltou da charrete. Ao tocar o chão, teve de usar as duas mãos para retirar da lama o cone de madeira que completava sua perna direita. Aproximou-se do animal apavorado, que, pela última vez, tentou manifestar sua recusa. Bricart agarrou o freio, mas o bicho, desesperado, sacudiu com tamanha força a cabeça, que bateu no ombro do homem, atirando-o ao chão e levando-o a desfiar novamente um rosário de horríveis palavrões.

– Ele se recusa a avançar. Vamos ter de descarregar aqui; aliás, não devemos estar muito longe.

– Não posso ajudá-lo no meio dessa lama... ainda por cima, com esta maldita perna capenga, que me deixa na mão.

– Vou descarregar os tonéis e vamos rolá-los até perto das fossas – disse Rapace. – Duas vezes, e o serviço estará terminado. Segure o cavalo enquanto vou dar uma conferida.

– Não me deixe sozinho – suplicou Bricart –, detesto este lugar. É mesmo verdade que os condenados eram enforcados aqui?

Ele massageava a perna machucada.

– Que valentão, o veterano das batalhas! Terá direito de falar quando terminarmos o serviço. Iremos à taberna de Martha, vou

pagar um trago para você, se estiver a fim! Seu avô ainda não tinha nascido quando deixaram de utilizar a forca neste lugar. Agora, o gado é abatido na cidade e em outros lugares; o corte da carne era em Javel, mas passou a ser em Montfaucon. Não está sentindo todo esse mau cheiro? No verão, quando há uma tempestade, mesmo em Paris a fedentina se espalha até as Tulherias!

– É bem verdade que este lugar fede, e sinto como que a presença de alguém – murmurou Bricart.

– Cale-se. Sua “presença de alguém” são camundongos, corvos e mastins, tão gordos que metem medo; toda essa matilha briga pelas carcaças. Até mesmo gente que nada tem para comer passa por aqui, à procura de algo para botar em seus tachos. Só de pensar nisso, sinto a garganta seca. Onde é que você enfiou a moringa? Ah! Aqui está.

Rapace bebeu longos goles antes de estender a moringa para Bricart, que a esvaziou com sofreguidão. De repente, ouviram-se guinchos agudos.

– Veja, são os camundongos! Mas chega de papo; segure a lanterna e venha para perto de mim, você vai iluminar o caminho. Eu levo o machado e o chicote: podemos encontrar alguém, nunca se sabe o que pode acontecer...

Os dois homens se dirigiram com precaução para algumas construções que acabavam de aparecer sob o feixe luminoso da lanterna.

– Tão certo quanto eu me chamar Rapace, eis o açougue e as tinas para o sebo. As fossas para a cal ficam mais longe. Pode acreditar: montes e mais montes de podridão se estendem por vários metros.

Alguns passos adiante, acocorada atrás de uma carcaça, uma sombra havia interrompido sua tarefa, alertada pelo relincho do cavalo, pelos palavrões dos dois homens e pelo clarão da lanterna. Tinha estremecido de medo porque julgara, num primeiro momento, que se tratava dos homens da ronda: suas patrulhas eram cada vez mais frequentes, a fim de desalojar, por ordem do rei e do

superintendente-geral da polícia, os infelizes que, torturados pela fome, vinham disputar com os abutres alguns pedaços do festim.

O “fantasma” escondido não passava de uma mulher idosa, vestida de farrapos. Tinha conhecido dias mais afortunados e chegara a frequentar, durante seu período mais resplandecente, os jantares* da Regência. Depois, com o fim de sua juventude, a bela Émilie tinha caído na mais abjeta prostituição, a dos cais e das portas da cidade – e nem isso durou muito.

Doente, desfigurada, ela vendia, naquele momento, em um caldeirão com rodas, uma sopa intragável, feita de restos, cujo ingrediente principal eram pedaços de carne surripiados em Montfaucon, correndo o risco de envenenar a clientela, além de infectar a cidade e seus subúrbios.

A mulher viu os dois homens descarregarem os tonéis, rolando-os antes de despejar seu conteúdo no chão. Sufocando as batidas do coração, que a impediam de ouvir as palavras trocadas no lugar onde os dois continuavam sua tarefa, cujo sentido ela temia compreender, a velha Émilie arregalava os olhos, tentando distinguir as duas formas sombrias – tinha a impressão de que eram vermelhas – que jaziam agora perto do prédio das tinas para o sebo. Infelizmente, a luz da lanterna era realmente fraca, e rajadas intermitentes de vento faziam vacilar sua chama.

Sem saber o que via – nem ousando, aliás, imaginar –, paralisada por um medo inominável, a velha estava, no entanto, tomada por uma curiosidade que se tornava maior por ela não compreender o espetáculo que, suspeitava, era hediondo.

Nesse momento, um dos homens jogava no chão alguma coisa que se assemelhava a peças de roupa. Houve um ruído de pedra atritada, e o breu da noite foi rasgado por um clarão breve e brilhante. Em seguida, ouviu-se um estalido seco. A mulher encolheu-se ainda mais contra a carniça, cujo odor acre tinha até deixado de sentir. Prendia a respiração, oprimida por um terror desconhecido. Seu sangue gelou: ela viu apenas um clarão crescente e deslizou para o chão, perdendo os sentidos.

O silêncio voltou em torno do antigo patíbulo. Ao longe, a charrete se afastava, levando junto o eco abafado das palavras. A noite tornou a reinar sozinha, e o vendaval virou tempestade. Aquilo que havia sido abandonado no chão pouco a pouco se animou, ganhando vida. A coisa parecia ondular como se se consumisse por dentro. Ouviram-se pequenos gritos, e confusos combates tiveram início. Antes do alvorecer, despertados pelo fedor, grandes corvos se aproximaram, precedendo, por poucos instantes, uma matilha de cães...

I
As duas viagens

Paris está repleta de aventureiros e celibatários
que passam a vida correndo de casa em casa
e, à semelhança das espécies, os homens
se multiplicam, segundo parece, pelo próprio fato de circularem.
J.-J. Rousseau

Domingo, 19 de janeiro de 1761

A embarcação deslizava pelo rio ainda na penumbra; lençóis de nevoeiro elevavam-se da água e encobriam as margens, resistindo aos pálidos clarões do dia. A âncora, levantada uma hora antes do alvorecer, de acordo com as exigências regulamentares, teve de ser relançada, pois a escuridão era ainda impenetrável. Orléans já se distanciava, e as correntes do Loire, na cheia, impeliam rapidamente a pesada embarcação. Apesar das rajadas de vento que varriam o convés, um odor penetrante de peixe e de sal pairava a bordo: além de alguns barris do excelente vinho branco seco de Ancenis, estava sendo transportada uma importante carga de bacalhau salgado.

Duas silhuetas se desenhavam na proa do barco: a primeira, de um membro da tripulação que, cenho franzido pela atenção redobrada, perscrutava a superfície em torvelinho das águas. Na mão esquerda, ele segurava uma corneta semelhante àquela

utilizada pelos cocheiros: em caso de perigo, o alarme seria dado para o patrão, que, na popa, se encontrava à barra do leme.

A outra silhueta era a de um jovem vestido de preto e com botas, segurando o tricórnio na mão; havia nele, apesar da juventude, algo de religioso e militar. Com a cabeça bem erguida e a cabeleira escura jogada para trás, a imobilidade tensa o fazia parecer a figura de proa, impaciente e nobre, do barco. Seu olhar inexpressivo fixava, na margem esquerda, o volume arquitetônico de Notre-Dame-de-Cléry, cujo perfil cinza perfurava as nuvens brancas que encobriam as margens do rio, dando a impressão de pretender juntar-se ao Loire.

Esse homem ainda jovem, cuja atitude voluntariosa teria chamado a atenção de qualquer outra testemunha que não fosse o marinheiro, chamava-se Nicolas Le Floch.

Nicolas estava completamente absorto em sua meditação. Pouco mais de um ano atrás, havia percorrido o mesmo caminho no sentido oposto, em direção a Paris. Como tudo tinha passado rapidamente! Agora, a caminho da Bretanha, relembrava os acontecimentos dos últimos dois dias. Pretendendo prosseguir seu trajeto por via fluvial, tinha utilizado a diligência postal expressa para Orléans. Até chegar ao rio Loire, o percurso não registrara nenhum dos incidentes pitorescos que, em geral, acabam distraindo o viajante de seu tédio. Os companheiros de viagem, um sacerdote e dois casais de idosos, nada fizeram além de observá-lo em silêncio. Acostumado ao ar livre, Nicolas suportava com dificuldade a promiscuidade e a mistura de odores no interior do veículo. Tinha tentado abaixar um vidro, mas foi dissuadido rapidamente por cinco olhares de reprovação. O sacerdote havia, inclusive, se persignado: provavelmente, tomara aquele desejo de liberdade por uma possível manifestação do Maligno. Para o jovem, foi um gesto bem eloquente; então, havia se encantoado e, aos poucos, fora levado, pela monotonia do caminho, a mergulhar em sonhos. Agora, dentro da embarcação, o mesmo devaneio o invadia, e, novamente, ele nada via nem ouvia.

Era bem verdade que tudo tinha acontecido rápido demais. Auxiliar de tabelião em Rennes, depois de ter concluído os estudos de Humanidades no colégio dos jesuítas de Vannes, ele havia sido bruscamente chamado de volta a Guérande* por seu tutor, o cônego Le Floch. Sem explicações desnecessárias, tinha recebido um enxoval, um par de botas, alguns luíses*, assim como uma torrente de conselhos e bênçãos. Tinha se despedido do padrinho, o marquês de Ranreuil, que lhe entregara uma carta de recomendação para o Sr. de Sartine, um de seus amigos, magistrado em Paris. A Nicolas, o marquês parecera emocionado e constrangido, e o jovem não conseguira cumprimentar a filha dele, Isabelle, sua amiga de infância, que tinha acabado de viajar para a casa da tia, a Sr.ª de Guénouel, residente em Nantes.

Com o coração oprimido, o rapaz tinha transposto as antigas muralhas da cidade com uma sensação de abandono e dilaceramento, ainda mais exacerbada pela emoção visível do tutor e pelos gritos lancinantes de Fine, a governanta do cônego. Bastante desnorteado, dera início à longa viagem, por via fluvial e por terra, até seu novo destino.

Nicolas recuperou a lucidez ao se aproximar de Paris. Seu peito ainda se comprimia com a lembrança do pavor que sentira na chegada à capital do reino. Até então, Paris nada tinha sido, para ele, além de um ponto no mapa da França, dependurado na parede da sala de estudo do colégio de Vannes. Atordoado pelo barulho e pelo movimento que já começavam nos subúrbios, ele se sentiu confuso e vagamente inquieto diante de uma vasta planície coberta de inumeráveis moinhos de vento, com pás que giravam e que lhe pareceram um bando de gigantes emplumados, oriundos diretamente do romance de Cervantes, que havia lido várias vezes. O vaivém incessante da multidão andrajosa que passava pelas barreiras o havia impressionado.

Até o presente momento ele revivia sua entrada na grande cidade: ruas estreitas, casas prodigiosamente altas, calçadas sujas e lamacentas, uma grande quantidade de cavaleiros e veículos, inumeráveis gritos e odores indescritíveis...

Em seguida, tinha se extraviado durante longas horas, deparando-se constantemente com jardins no fim de becos sem saída ou com o rio Sena. Por fim, um homem ainda jovem, de olhos de cores diferentes e rosto agradável, o levou para a igreja de Saint-Sulpice e, de lá, para o convento dos Carmelitas Descalços, na Rua de Vaugirard. Foi acolhido com manifestações de amizade por um religioso de estatura avantajada, o padre Grégoire, amigo de seu tutor e responsável pela botica. Já era tarde, e, de imediato, foi-lhe destinado um beliche no sótão.

Revigorado por essa recepção, Nicolas mergulhou em um sono sem sonhos. Somente de manhã foi que se deu conta de que seu cicerone lhe tinha surripiado o relógio de prata, um presente do padrinho; assim, tomou a decisão de se mostrar mais prudente com os desconhecidos. Felizmente, seu modesto pecúlio ainda se encontrava no bolso secreto que, na véspera de sua partida de Guérande, Fine havia costurado no interior da sacola.

Nicolas encontrou seu equilíbrio no ritmo regular das atividades do convento. Fazia suas refeições, junto com a congregação, no grande refeitório. Tinha começado a se aventurar pela cidade, servindo-se de um mapa rudimentar em que anotava, com um fino bastão de grafite, seus itinerários incertos, para ter certeza de ser capaz de voltar sozinho para casa. Os inconvenientes da capital ainda o incomodavam, mas o encanto da cidade começava a se fazer sentir. O movimento incessante nas ruas o atraía ao mesmo tempo que o angustiava. Em várias circunstâncias, pouco faltou para ele ser esmagado por algum veículo. Sua velocidade o espantava, assim como o fato de aparecerem repentinamente diante dele. Logo aprendeu a não sonhar acordado e a se proteger de outras ameaças: poças de lama infecta, cujas manchas danificavam as roupas, cachoeiras escorrendo das calhas sobre as cabeças dos passantes e ruas transformadas em torrentes impetuosas, mesmo que as chuvas fossem de fraca intensidade. Ele pulou, deu grandes saltos e procurou se esquivar, como um parisiense nato, das imundícies e de uma infinidade de outras armadilhas. Cada saída o obrigava a escovar a roupa, assim como a lavar um de seus dois

pares de meias: com efeito, o outro estava reservado para o encontro com o Sr. de Sartine.

Nesse sentido, estava tudo parado. Nicolas já tinha ido várias vezes ao endereço indicado na carta do marquês de Ranreuil. Já tinha até sido expulso por um lacaio desconfiado, depois de ter subornado um porteiro igualmente desprezível. Perdera a conta do número de semanas que se passaram. Vendo seu sofrimento, e para ocupá-lo, o padre Grégoire convidou-o a trabalhar com ele. Desde 1611, o convento dos Carmelitas Descalços fabricava, a partir de uma receita cujo segredo era zelosamente guardado pelos monges, uma água medicinal que era vendida em todo o reino. Nicolas foi designado para a moagem das plantas medicinais: assim, aprendeu a reconhecer a erva-cidreira, a angélica, o agrião, o coentro, o cravo e a canela, enquanto ficava conhecendo frutas estranhas e exóticas. Os intermináveis dias dedicados a manipular o pilão do almofariz e a respirar as exalações dos alambiques acabaram por lhe causar tonturas, de tal forma que seu mentor se apercebeu de seu estado e o questionou sobre suas preocupações. Imediatamente, ele prometeu obter informações a respeito do Sr. de Sartine. Conseguiu do prior um cartão de apresentação que deveria permitir a Nicolas remover todos os obstáculos. O Sr. de Sartine acabava de ser nomeado superintendente-geral da polícia, em substituição ao Sr. Bertin. O padre Grégoire acrescentou a essa boa notícia um dilúvio de comentários cuja precisão era um testemunho satisfatório de que se tratava de informações recentemente adquiridas.

– Nicolas, meu filho, você está em vias de se aproximar de um homem que poderá alterar o curso de sua vida, desde que saiba agradá-lo. O Sr. superintendente-geral da polícia é o chefe absoluto de todos os setores encarregados por Sua Majestade de garantir a segurança e a ordem públicas, não só nas ruas, mas também na vida de cada um de seus súditos. Como chefe da seção criminal no Châtelet*, o Sr. de Sartine já dispunha de grande poder. O que não será capaz de fazer daqui em diante? Comenta-se que ele não terá nenhum pejo em tomar decisões arbitrárias... E dizer que acaba de fazer, agora mesmo, apenas 30 anos!

O padre Grégoire baixou um pouco a voz, que era naturalmente alta, assegurando-se de que nenhum ouvido indiscreto conseguiria entender suas palavras.

– O padre superior confidenciou-me que o rei concedeu ao Sr. de Sartine o encargo de tomar decisões, em última instância e em circunstâncias graves, fora de seu tribunal e no maior segredo. Veja bem, Nicolas, você não sabe de nada – disse ele, colocando o dedo sobre os lábios. – Lembre-se de que esse importante cargo foi criado pelo avô de nosso rei – que Deus o tenha, esse grande Bourbon. O povo ainda se lembra do marquês de Argenson, que era chamado “o maldito”, de tal modo seu rosto e sua corpulência justificavam plenamente tal apelido.

Bruscamente, ele jogou uma caçarola de água sobre um braseiro, que se extinguiu, crepitando e soltando uma fumaça de odor acre.

– Mas chega de tanto prosear, estou falando pelos cotovelos. Pegue este bilhete. Amanhã de manhã, você descerá a Rua do Sena e seguirá pela margem do rio até a Pont-Neuf*. Você já conhece a Ilha da Cité; portanto, não há como se perder. Vai atravessar a ponte: à sua direita, seguirá pelo Cais de Mégisserie, que o levará ao Châtelet.

Naquela noite, Nicolas dormiu pouco. Em sua cabeça, ecoavam as informações do padre Grégoire, levando-o a avaliar sua própria insignificância. Como – sozinho em Paris, separado das pessoas que amava, duplamente órfão – encontraria coragem para enfrentar um homem tão poderoso e tão próximo do rei, o qual – segundo tudo fazia supor – iria exercer, sem dúvida, um efeito decisivo sobre seu destino?

Tentou, inutilmente, aplacar a febre que martelava seu crânio, procurando uma imagem aprazível para acalmar sua mente. O perfil esbelto de Isabelle apareceu, mergulhando-o em outras incertezas: por que a filha do padrinho, sabendo que ele estava deixando Guérande por um longo período de tempo, fora embora sem lhe dizer adeus?

Nicolas revia o aterro, no meio dos pântanos, em que ambos tinham jurado fidelidade e amor. Como pudera acreditar nela e ser tolo o bastante para sequer imaginar que uma criança encontrada em um cemitério poderia levantar os olhos para a filha do insigne e poderoso proprietário de Ranreuil? E, no entanto, seu padrinho tinha sido sempre tão bom para ele... Esse pensamento cheio de ternura e, ao mesmo tempo, tão amargo acabou por vencê-lo, e, por volta das cinco horas, conseguiu adormecer.

Foi o padre Grégoire quem, uma hora depois, o despertou. Após fazer suas abluções, ele se vestiu, penteou cuidadosamente o cabelo e, estimulado pelo religioso, saiu para o frio matinal da rua.

Apesar da escuridão, dessa vez não se extraviou: diante do Palácio Mazarin, o dia nascente fazia sair lentamente da sombra o conjunto dos edifícios. Às margens do rio, semelhantes a praias lamacentas, a agitação já era intensa; aqui e lá, grupos se comprimiam em torno de fogueiras. Os primeiros gritos de Paris irrompiam por toda parte, sinal de que a cidade despertava.

Nicolas foi subitamente empurrado por um jovem vendedor de limonada que, tendo evitado por um triz a queda de sua bandeja de *bavaroises*, soltou um palavrão em voz baixa. Nicolas já tinha provado essa bebida, que, antigamente, esteve muito em moda, por influência da Princesa Palatina*, mãe do Regente. Tratava-se, segundo a explicação dada pelo padre Grégoire, de um chá quente, adoçado com xarope de planta selvagem.

Quando entrou na Pont-Neuf, a ponte já estava cheia de gente. O rapaz admirou a estátua de Henri IV e a bomba da Samaritaine, a primeira máquina de bombear água instalada em Paris. As oficinas do Cais de Mégisserie começavam a abrir, pois os operários iniciavam sua jornada de trabalho desde o nascer do sol. Nicolas teve de cobrir o nariz com um lenço para percorrer aquela margem nauseabunda do Sena.

O grande Châtelet, austero e sombrio, se delineou à sua frente. Nicolas o adivinhou mais do que reconheceu. Avançou, indeciso, sob uma abóbada precariamente iluminada por lanternas a óleo. Um

homem vestido com uma longa toga preta passou a seu lado. Nicolas se dirigiu a ele:

– Por gentileza, senhor, preciso de sua ajuda. Estou procurando o gabinete do Sr. superintendente-geral da polícia.

O homem olhou-o de cima a baixo e, após uma análise sem dúvida conclusiva, demonstrando ar de importância, informou:

– O Sr. superintendente-geral da polícia está despachando neste momento. Normalmente, ele manda um representante, mas hoje o Sr. de Sartine toma posse de suas novas funções e irá presidir pessoalmente a audiência. O senhor deve saber, sem dúvida, que os escritórios se encontram na Rua Neuve-Saint-Augustin, perto da Praça Vendôme, mas ele mantém um gabinete no Châtelet. Peça informações aos funcionários que se encontram no primeiro andar: há um meirinho na porta, não tem como se enganar. O senhor trouxe a carta de apresentação obrigatória?

Cauteloso, Nicolas absteve-se de responder, despediu-se educadamente e dirigiu-se para a escadaria. Na extremidade da galeria, depois da porta de vidro, encontrou uma sala imensa de paredes nuas. Um homem, que parecia morder os dedos, estava sentado atrás de uma mesa de pinho. Ao se aproximar, Nicolas percebeu que ele roía um biscoito seco e duro, semelhante aos que os marujos costumam comer.

– Bom dia, senhor – disse ele. – Por gentileza, gostaria de saber se posso ser recebido pelo Sr. de Sartine.

– Mas que atrevimento! Tenho instruções do Sr. de Sartine para não receber ninguém.

– Desculpe-me por insistir. – Nicolas sentiu que tudo dependeria, efetivamente, de sua insistência, e fez um esforço para firmar a voz. – Mas veja, senhor, tenho uma audiência marcada para esta manhã.

Instintivamente, Nicolas agitou, diante do rosto do meirinho, a grande missiva carimbada com o brasão de armas do marquês de Ranreuil. Se tivesse mostrado o minúsculo bilhete do prior do convento, teria sido, sem dúvida, imediatamente despachado. Seu

artifício acabou por embatucar o interlocutor que, resmungando, pegou a carta com todo o respeito, indicando-lhe um banco.

– Tudo bem, mas você vai ter de esperar.

Ele acendeu o cachimbo e, a partir daí, recolheu-se a um silêncio que, de bom grado, Nicolas teria rompido para dissipar sua angústia. Assim, viu-se na obrigação de encarar as paredes. Por volta das onze horas, a sala ficou repleta de gente. Um homem de baixa estatura, com uma toga de magistrado e uma pasta de marroquim debaixo do braço, entrou, cercado por um burburinho de comentários respeitosos, e desapareceu por uma porta que, por uma fresta, deixou entrever um salão profusamente iluminado. Alguns instantes depois, o meirinho bateu de leve na porta e, por sua vez, desapareceu; ao voltar, fez sinal a Nicolas para entrar.

A toga do magistrado estava jogada no chão e o superintendente-geral da polícia, em traje preto, mantinha-se em pé diante de uma mesa de madeira preciosa cujos bronzes brilhavam sutilmente. Lia a carta do marquês de Ranreuil com uma atenção que era denunciada pelo semblante crispado. O gabinete não passava de um cômodo desproporcional, misturando a nudez da pedra e do piso lajeado com os esplendores do mobiliário e dos tapetes. Vários castiçais acesos, cujo clarão se somava aos raios de um sol pálido de inverno e ao brilho avermelhado do fogo na grande lareira gótica, iluminavam o rosto ebúrneo do Sr. de Sartine. Ele parecia mais velho do que sua idade. O que chamava a atenção, à primeira vista, era sua fronte alta e lisa. Seus cabelos naturais, já grisalhos, estavam cuidadosamente penteados e empoados. Um nariz pontiagudo acentuava a secura dos ângulos de um rosto iluminado por dois olhos cinzentos, cintilantes de ironia. A estatura baixa mas aprumada sublinhava a esbelteza do personagem sem diminuir, no entanto, a autoridade e a dignidade que emanavam dele. Nicolas sentiu-se invadido pelo pânico, mas lembrou-se dos ensinamentos de seus professores e conseguiu acalmar o tremor das mãos. Sartine, agora, usava a carta como se fosse um leque, observando seu visitante com curiosidade. Passaram-se longos minutos.

– Qual é mesmo seu nome? – perguntou ele abruptamente.

– Nicolas Le Floch, a serviço de V. Ex.ª.

– A meu serviço, a meu serviço... É o que vamos ver. Seu padrinho conta maravilhas a seu respeito. Você monta a cavalo, tem habilidade para lidar com armas, possui noções de direito... É muita coisa para um auxiliar de cartório.

Ele se levantou e, com as mãos nos quadris, começou a andar lentamente em torno de Nicolas, cuja face se ruborizou diante da inspeção, acompanhada por chacotas e risadinhas mordazes.

– Sim, sim... Realmente, palavra de honra! É muito possível... – prosseguiu o superintendente-geral.

Pensativo, Sartine examinou novamente a carta; em seguida, avançou até a lareira, lançando-a nas chamas: ela se inflamou, num clarão amarelado.

– Será que posso confiar no senhor? Não, não me responda, o senhor ignora o que isso implica para sua vida. Tenho projetos a seu respeito, e Ranreuil vem entregá-lo em minhas mãos. O senhor sabia disso? Não, o senhor não sabe nada, nada.

Passou para trás da mesa e sentou-se, coçou o nariz, depois voltou a concentrar sua atenção em Nicolas, que, com as chamas da lareira crepitando às suas costas, estava derretendo dentro de seu traje.

– O senhor é bem jovem, e estou correndo sérios riscos ao lhe falar com tamanha franqueza. A polícia do rei tem necessidade de pessoas honestas; quanto a mim, preciso de funcionários fidedignos, que terão de me obedecer cegamente. Entende?

Nicolas absteve-se cautelosamente de aquiescer.

– Ah! Vejo que seu poder de compreensão é rápido.

Sartine dirigiu-se para a janela e deu a impressão de estar atraído pelo que via.

– Há muita coisa para passar a limpo... – murmurou. – E apenas com os recursos que temos... nada mais, nada menos. Não é mesmo?

Nicolas tinha mudado de posição para ficar de frente para o superintendente-geral.

– Convém que o senhor incremente seus conhecimentos em direito: vai dedicar a isso algumas horas, todos os dias, à guisa de distração, porque você vai ter bastante trabalho, com certeza.

Ele estugou o passo até a secretária e pegou uma folha de papel. Com um gesto, convidou Nicolas a ocupar a grande poltrona forrada de damasco vermelho.

– Escreva, quero saber se tem uma boa mão.

Nicolas, mais morto que vivo, esmerou-se da melhor maneira possível. Sartine refletiu alguns instantes e puxou uma pequena caixa de rapé dourada do bolso do paletó. Tendo pegado uma pitada, colocou-a delicadamente nas costas da mão. Aspirou com uma narina, depois com a outra, fechou os olhos de contentamento e espirrou ruidosamente, projetando partículas pretas à sua volta e para cima de Nicolas, que se manteve firme sob a tempestade. O superintendente pegou um lenço para se assoar com prolongados suspiros de bem-estar.

– Vamos lá, escreva: “Ilustre senhor, parece-me útil para o serviço do rei e para o meu que V. Ex.ª contrate Nicolas Le Floch, a partir de hoje, como secretário, com salário retirado de minha verba. Eu ficaria reconhecido a V. Ex.ª se tivesse a possibilidade de acolhê-lo, com cama e mesa, além de me prestar contas, com toda a exatidão, de seu serviço.” Acrescente aí o endereço: “Ao Sr. Lardin, delegado do Châtelet, em sua mansão, na Rua dos Blancs-Manteaux*”.

Em seguida, apoderando-se rapidamente da carta, aproximou-a dos olhos para examiná-la.

– Vá lá, um tanto singular... É mesmo, um tanto singular – declarou ele com uma risada. – Mas, para começar, está bom. Tem estilo, tem movimento.

Sentou-se na poltrona abandonada por Nicolas, assinou a missiva, salpicou-a com areia e dobrou-a, derreteu um pedaço de cera nas brasas depositadas numa vasilha de bronze, esmagou-a

em cima do papel, imprimindo-lhe seu sinete, tudo isso num abrir e fechar de olhos.

– Meu senhor, o encargo que pretendo confiar-lhe junto ao delegado Lardin exige as qualidades da probidade; por acaso, sabe o que significa essa palavra?

Nicolas, dessa vez, tentou a sorte.

– É, Sr. superintendente, o rigor no cumprimento das obrigações atribuídas a uma pessoa honesta e...

– Mas... ele fala! Bom. Isso tem ainda o ranço de seu colégio, mas não está errado. O senhor deve ser discreto e prudente, capaz de obter informações e de esquecer, além de guardar segredo a respeito do que é confidencial. Terá de aprender a redigir memorandos em conformidade com os assuntos que lhe serão confiados, elaborando um texto elegante. Apreender no ar o que lhe for dito e adivinhar o que lhe tiver sido ocultado – enfim, aproveitar o pouco que tiver escutado para prosseguir seu trabalho.

Ele enfatizava sua fala com o indicador em riste.

– E não apenas isso... O senhor deve também ser testemunha com senso de justiça e sinceridade do que vier a observar, sem nada omitir que possa alterar o sentido dos fatos nem parecer que esteja procedendo a qualquer modificação. Imagine só que, de sua exatidão, vão depender a vida e a honra de pessoas que, mesmo pertencendo à pior ralé, devem ser tratadas de acordo com as regras. Realmente, como o senhor é muito jovem, eu me questiono... Mas, afinal de contas, seu padrinho também o era quando, com sua idade, transpôs a trincheira sob fogo cerrado no cerco de Philippsbourg, em companhia do marechal de Berwick, que, infelizmente, perdeu a vida no decorrer dessa operação militar. E eu mesmo...

Ele parecia pensativo, e, pela primeira vez, Nicolas viu em seu olhar como que um brilho de compaixão.

– O senhor terá de ser vigilante, ágil, ativo, incorruptível. Isso mesmo: sobretudo, incorruptível – e bateu com a palma da mão na preciosa marchetaria do móvel. – Ânimo, senhor – concluiu Sartine, levantando-se. – De agora em diante, o senhor está a serviço do rei. Proceda de modo que as pessoas estejam sempre contentes com sua maneira de agir.

Nicolas inclinou-se para segurar a carta que o superintendente estendia em sua direção. Já se aproximava da porta quando uma vozinha zombeteira suspendeu seu passo com um risinho de troça:

– Para dizer a verdade, o senhor passa às mil maravilhas por alguém da Baixa-Bretanha, mas agora é parisiense. Dirija-se à loja de mestre Vachon, meu alfaiate, na Rua Vieille-du-Temple; pode encomendar-lhe vários ternos, roupa branca e acessórios.

– Eu não...

– Por minha conta, senhor, por minha conta. Ninguém poderá comentar que deixei desmazelada a roupa do afilhado de meu amigo Ranreuil... Excelente afilhado, diga-se a verdade. Vá embora e esteja de prontidão para responder a qualquer convocação.

Nicolas voltou para as margens do rio como alguém que tivesse tirado um peso das costas. Respirou profundamente o ar frio. Tinha a sensação de ter superado esse primeiro teste, mesmo que certas frases de Sartine não deixassem de lhe causar certa inquietação. Voltou quase correndo ao convento dos Carmelitas Descalços, tendo sido acolhido pelo bondoso padre, que o esperava amassando no pilão, com entusiasmo, algumas plantas benignas.

Grégoire teve de atenuar a excitação de Nicolas, que acabou por se deixar convencer de que seria inconveniente dirigir-se, nesse mesmo fim de tarde, ao domicílio do delegado Lardin. Apesar das rondas policiais, a insegurança era grande; por isso, o padre tinha receio de que o jovem se extraviasse e fosse alvo, na calada da noite, de algum dissabor.

O religioso esforçou-se por acalmar o ímpeto do jovem companheiro, pedindo-lhe para relatar tintim por tintim a audiência

com o superintendente-geral da polícia, levando-o a repetir os mínimos detalhes e não hesitando em interromper a narrativa com digressões, seguidas de novas questões. De todas as formas, ele demonstrava sua intenção de suscitar intermináveis comentários.

Apesar de seu pressentimento inicial, o padre Grégoire estava, mesmo assim, encantado: afinal de contas, o Sr. de Sartine tinha conseguido transformar rapidamente o jovem provinciano desconhecido, ainda meio aturdido pela grande cidade, em um membro de sua polícia. O monge tinha a firme presunção de que, sob esse quase milagre tão prontamente consumado, havia um mistério cujos arcanos não eram claros para ele. Assim, contemplava Nicolas com estupefação, como uma criatura a quem ele tivesse dado um empurrão inicial e que, de repente, tivesse escapado a seu controle. Por isso, experimentava uma tristeza sem azedume, pontuando inúmeras vezes suas intervenções com falas do tipo “Nossa!” e “Isso está acima do meu entendimento”.

A hora do jantar pegou de surpresa os dois companheiros, que tiveram de se apressar em direção ao refeitório. Em seguida, Nicolas preparou-se para passar uma noite que não foi, de modo algum, mais restauradora do que a anterior. Precisava se esforçar para controlar a imaginação errante: frequentemente febril e desenfreada, ela lhe pregava peças nada agradáveis, seja levando-o a vislumbrar o futuro sob presságios funestos, seja, pelo contrário, afastando de sua mente o que deveria ser objeto de preocupação e de precauções para evitar qualquer perigo. Mais uma vez, tomou a resolução de se corrigir e, para ganhar mais confiança, persuadiu-se de que saberia tirar proveito da experiência. No entanto, a angústia familiar voltou rapidamente quando se pôs a pensar que, no dia seguinte, começava uma nova vida sobre a qual deveria abster-se de imaginar seja lá o que fosse. Em vários momentos, quando cochilava, essa ideia o afligia, e já era bastante tarde quando, finalmente, pegou no sono.

De manhã, depois de ter escutado as últimas recomendações do padre Grégoire, Nicolas despediu-se do religioso sem deixar de prometer que voltaria para visitá-lo. De fato, o monge já tinha se

apegado ao jovem e, de bom grado, teria continuado a iniciá-lo na ciência das ervas de ação medicamentosa: no decorrer daquelas semanas, tinha sido impossível não constatar as reais qualidades de observação e reflexão de seu aluno. Induziu-o a escrever dois bilhetes – um para o tutor e outro para o marquês –, tendo assumido o encargo de enviá-los aos destinatários. Sem ter ousado acrescentar, no bilhete destinado ao padrinho, uma mensagem para Isabelle, Nicolas decidiu se aproveitar de sua nova liberdade para fazer isso um pouco mais tarde.

Mal o rapaz transpôs o portão do convento, o padre Grégoire dirigiu-se ao altar da Virgem e pôs-se a orar por ele.

Nicolas refez o trajeto do dia anterior, mas seu passo era mais ligeiro. Ao passar diante do Châtelet, rememorou tanto a entrevista com o Sr. de Sartine quanto o diálogo do qual, praticamente, não tinha participado. Quer dizer que estava prestes a se pôr “a serviço do rei”... Até então, o jovem não tinha avaliado o alcance exato dessas palavras, que, pensando bem, não tinham sentido para ele.

Seus professores e o marquês já tinham falado a respeito do rei, mas tudo aquilo lhe dava a impressão de pertencer a outro mundo. Já vira gravuras do monarca, além de seu perfil nas moedas, sem falar que tinha recitado a lista interminável dos soberanos e aquilo era tão real para ele quanto a sucessão dos reis e dos profetas do Antigo Testamento. Tinha cantado, na colegiada de Guérande, o *Salve fac regum*, em 25 de agosto, dia da festa de Saint Louis*. Seu intelecto não conseguia estabelecer ligação entre o rei, figura de vitral, símbolo de fé e fidelidade, e o homem de carne e osso que exercia o poder de Estado.

Esses pensamentos o ocuparam até chegar à Rua de Gesvres; ali, novamente atento ao que se passava à sua volta, descobriu com grande surpresa uma passagem que cruzava o Sena. Depois de ter desembocado no Cais Pelletier, deu-se conta de que se tratava de uma ponte ladeada de casas. Um jovem bufarinheiro, segurando o baú no ombro à espera de clientela, explicou-lhe que era a Ponte Marie. Virando-se várias vezes para admirar aquele prodígio,

chegou à Praça de Grève*, que reconheceu por ter reparado em seus contornos, certo dia, em uma estampa que vira nas mãos de um mascate e que representava o suplício do bandido Cartouche, em novembro de 1721, na presença de grande número de pessoas. Nicolas, ainda criança, devaneava diante dessa gravura, imaginando que entrava naquele palco e se perdia no meio da multidão, envolvendo-se em aventuras intermináveis. E teve um choque: seu sonho tinha se tornado realidade. Afinal, estava pisando no teatro das grandes execuções criminais.

Saindo do porto dos cereais, à sua direita, ele entrou no coração da velha Paris pelas arcadas de Saint-Jean do Hôtel-de-Ville*. O padre Grégoire, ao lhe indicar o percurso, o tinha prevenido enfaticamente contra aquele lugar: “Eis – dizia ele, juntando as mãos – um lugar tão abominável quanto perigoso, pelo qual passa tudo o que vem da Rua Saint-Antoine e do subúrbio”. As arcadas eram um antro de ladrões e de falsos mendigos, que ficavam à espreita do passante sob sua abóbada solitária. Cautelosamente, Nicolas enfiou-se por essa via, tendo cruzado apenas com um carregador de água e com alguns jornaleiros que se dirigiam para a Praça de Grève à procura de trabalho.

Pela Rua da Tissanderie e pela Praça Baudoyer, chegou ao Mercado Saint-Jean, que, de acordo com seu mentor, era o maior de Paris, depois do mercado coberto de Les Halles; Nicolas poderia reconhecê-lo por um chafariz localizado no centro, perto da guarita das sentinelas, assim como pela multidão que ia ali se abastecer de água do Sena.

Acostumado à ordem pacata dos mercados de província, Nicolas teve de abrir caminho no meio de um verdadeiro caos. Todos os gêneros alimentícios estavam desordenadamente amontoados no chão, exceto a carne, que se beneficiava de balcões especiais. Com o calor morno do outono, os odores eram intensos, e até mesmo pestilentos, na seção de frutos do mar. O jovem não podia acreditar que pudessem existir mercados mais amplos e mais movimentados do que aquele. As bancas de venda estavam coladas umas nas outras, e a circulação era impraticável; no entanto, carruagens puxadas por cavalos entravam e saíam, ameaçando esmagar tudo à

sua passagem. Pechinchava-se e brigava-se com frequência, e Nicolas observou, surpreendido pelos dialetos e pelas roupas, que um grande número de camponeses dos subúrbios iam ali vender seus produtos.

Levado pelo fluxo de pessoas que eram arrastadas ora para a frente, ora para trás, Nicolas acabou dando três ou quatro voltas no mercado antes de encontrar a saída para a Rua Sainte-Croix-de-la-Bretonnerie, pela qual seguiu, sem qualquer estorvo, até a Rua dos Blancs-Manteaux – onde, entre a Rua do Puits e a Rua do Singe, encontrou a mansão do delegado Lardin.

Indeciso, observou com atenção a casinha de três andares, cercada dos dois lados de jardins protegidos por muros altos. O rapaz levantou a aldraba, que, ao cair, despertou ecos surdos no interior. A porta se entreabriu, deixando ver o rosto de uma mulher, encimado por uma touca branca, mas tão ampla e inflada que parecia o prolongamento de um corpo enorme cuja parte superior estivesse enfiada em uma blusa vermelha. Tudo isso era emoldurado por dois braços gotejando de sabão e proporcionais ao conjunto.

– O que senhor *brogura*? – perguntou ela com um sotaque esquisito, que Nicolas nunca tinha ouvido antes.

– Venho trazer um envelope do Sr. de Sartine para o delegado Lardin – disse Nicolas. Mas imediatamente se arrependeu por ter jogado, desde o primeiro momento, seu único trunfo.

– Dê-me isso.

– Devo entregá-lo pessoalmente.

– Não está ninguém em casa. *Esbele* aí.

Ela fechou bruscamente a porta. Só restava a Nicolas, portanto, demonstrar paciência, a virtude mais necessária em Paris, como vinha aprendendo. Sem se atrever a se afastar da casa, pôs-se a andar de um lado para o outro, examinando os arredores. Do outro lado da rua, frequentada por raros transeuntes, avistou algumas construções, convento ou igreja, encobertos por grandes árvores despojadas de folhas.

Cansado de sua caminhada matinal, o braço entorpecido pelo peso da sacola, sentou-se no degrau da porta. Estava com fome, pois de manhã, no refeitório dos carmelitas, tinha comido apenas um naco de pão embebido em um caldo. Perto dali, um sino ressoava as três horas quando um homem corpulento, com a cabeça coberta por uma peruca cinza e apoiado numa bengala que se assemelhava bastante a uma borduna, pediu rispidamente que o deixasse passar. Imaginando que se tratava de quem ele esperava, Nicolas afastou-se prontamente, inclinou-se e tomou a palavra.

– Perdão, senhor, estou à espera do delegado Lardin.

Dois olhos azuis o fixavam intensamente.

– O senhor está à espera do delegado Lardin? Pois eu aguardo desde ontem alguém que se chama Nicolas Le Floch; por acaso, o senhor conhece essa pessoa?

– Sou eu, senhor... Ocorre que...

– Basta de explicações...

– Mas... – balbuciou Nicolas, apresentando-lhe a carta de Sartine.

– Sei melhor que o senhor as ordens que lhe deu o superintendente-geral da polícia. Não tenho nada a fazer com essa carta, que, aliás, pode conservar como relíquia: ela nada contém que já não seja do meu conhecimento e só pode confirmar que o senhor não cumpriu as instruções que recebeu.

Lardin bateu na porta e a mulher voltou a aparecer na soleira.

– Sr. Lardin, eu não quis...

– Catherine, já sei de tudo.

Fez um gesto peremptório, tanto para interromper a criada quanto para convidar Nicolas a entrar. Retirou a capa, mostrando um gibão de couro espesso, sem mangas, e, ao remover a peruca, revelou um crânio inteiramente calvo. Eles entraram em uma biblioteca que deixou Nicolas assombrado por sua beleza e tranquilidade: as chamas em vias de se consumir em uma lareira esculpida em mármore, uma secretária em preto e ouro, poltronas

forradas com veludo de Utrecht, paredes revestidas com madeira de um alaranjado fosco, gravuras emolduradas e livros ricamente encadernados alinhados em prateleiras – tudo contribuía para criar uma atmosfera que alguém mais libertino do que Nicolas seria levado a qualificar como voluptuosa. No fundo, ele sentia, de maneira não muito clara, que aquele ambiente requintado não correspondia, de modo algum, à aparência provinciana do anfitrião. O grande salão – em parte, ainda medieval – do palacete de Ranreuil tinha sido, até então, sua única referência nesse domínio.

Lardin permaneceu em pé.

– O senhor está dando, de maneira bastante estranha, os primeiros passos em uma carreira cuja virtude essencial é precisamente a exatidão. O Sr. de Sartine o confiou à minha guarda, e ignoro ainda o motivo pelo qual sou merecedor de tal honra.

Sorrindo com ironia, Lardin fez estalar as articulações dos dedos.

– Mas tenho de obedecer às ordens, e o mesmo deve ocorrer com o senhor – prosseguiu. – Catherine vai conduzi-lo ao terceiro pavimento: disponho apenas de uma deplorável mansarda para lhe oferecer. As refeições serão servidas na copa, ou, se preferir, pode comer fora. Todas as manhãs, terá de se apresentar no meu gabinete, a partir de 7 horas. Pelo que fiquei sabendo, o senhor deverá estudar as leis; para isso, irá todos os dias, durante duas horas, à casa do Sr. de Noblecourt, ex-magistrado, que há de avaliar seus talentos. Espero que seja capaz de manter uma assiduidade perfeita e uma obediência sem relutância. Hoje à noite, para comemorar sua chegada, vamos jantar em família. Agora, pode retirar-se.

Nicolas inclinou-se e saiu. Foi no encalço de Catherine, que o instalou em um quartinho na água-furtada. Para ter acesso ao lugar, era necessário atravessar um sótão entulhado de objetos. Nicolas ficou agradavelmente surpreso com o tamanho do quarto e, sobretudo, com a janela, que tinha vista para o jardim. Seu mobiliário se resumia ao essencial: cama, mesa, cadeira e cômoda-lavabo com bacia e jarro, encimada por um espelho. O assoalho

estava coberto por um tapete puído. Arrumou os poucos pertences nas gavetas, tirou os sapatos, esticou-se na cama e adormeceu.

Ao despertar, já era noite. Passou uma água no rosto e se penteou, antes de descer para o térreo. A porta da biblioteca, local de sua recepção, estava fechada. No entanto, nesse mesmo corredor, as portas dos outros cômodos mantinham-se abertas; assim, teve oportunidade de satisfazer, com certa cautela, sua curiosidade. Começou por ver um salão em tons pastel, perto do qual a biblioteca lhe deu a impressão, de repente, de grande austeridade. Em outra sala, a mesa já estava posta para três pessoas. No fundo do corredor, outra porta dava acesso à cozinha, levando-se em conta os odores que vinham dali. Nicolas aproximou-se. O calor era intenso naquela parte da casa, e Catherine enxugava a testa com um pano a intervalos regulares. No momento em que entrou, ela estava abrindo ostras. Para surpresa do jovem bretão, acostumado a comê-las vivas, ela retirava o conteúdo das conchas, depositando-o em uma travessa de porcelana.

– Posso perguntar-lhe, minha senhora, o que está cozinhando?

Surpreendida, ela se virou para a porta da cozinha.

– Não me chame senhora, *bode* me chamar Catherine.

– Está bem – disse ele. – Meu nome é Nicolas.

Ela olhou para o jovem, e seu rosto sem-graça foi iluminado por uma alegria que o tornava belo. Apontou para dois capões desossados:

– Estou *brebarando* um *ensobado* de *cabões* com ostras.

Quando era criança, Nicolas gostava de observar Fine preparar iguarias, um pecadilho do cônego. Tinha, inclusive, aprendido, aos poucos, a confeccionar com sucesso alguns pratos, tais como o flã bretão, a torta amanteigada ou a lagosta na sidra. O marquês, seu padrinho, também costumava entregar-se a essa nobre ocupação, que, segundo ele, participava do número dos “pecados capitosos”, o que escandalizava o cônego.

– Ostras cozidas! – exclamou Nicolas. – Na nossa região, temos o costume de comê-las cruas.

– Xi, animais *fifos*!

– E como é que prepara esse ensopado?

Lembrando-se das reações de Fine, que o tinham forçado a espioná-la, durante muito tempo, para descobrir suas receitas, Nicolas estava à espera de ser enxotado pela cozinheira.

– O senhor é tão *amáfel* que *fou* lhe dizer. O senhor *bega* dois bonitos *cabões* e tira os ossos. Um é recheado com a carne do outro, à qual o senhor acrescenta toucinho, gemas de *ofo*, sal, *bimenta*, noz-moscada, *erfas* aromáticas e *esbeciarias*. Amarro tudo isso com barbante e dou uma *ferfura* em caldo de carne, a fogo lento. Durante esse *tembo*, *basso* minhas ostras na farinha e, em seguida, *fou* fritá-las na manteiga com cogumelos. Corto o *cabão*, faço a distribuição das ostras na *trafessa*, lanço *bor* cima o molho do *ensobado* e *sirfo* com um filete de limão e um *bouco* de cebolinha bem quente sobre tudo.

O entusiasmo de Nicolas era mais do que evidente. Enquanto escutava Catherine, ficou com água na boca, o que teve como efeito aumentar seu apetite. Foi assim que conquistou a confiança de Catherine Gauss, originária de Colmar, ex-empregada de cantina por ocasião da batalha de Fontenoy*, viúva de um militar francês e cozinheira do delegado Lardin. A temível criada tinha adotado Nicolas para sempre: com isso, ele ganhara uma aliada na casa e se sentia tranquilo quanto ao próprio poder de sedução.

O jantar deixou lembranças confusas em Nicolas. O esplendor da mesa – com seus cristais, sua baixela de prata, o adamascado brilhante da toalha – proporcionou-lhe um sentimento de bem-estar. O calor da sala, revestida de madeira cinza com relevos dourados, e as sombras projetadas pelo clarão das velas criavam uma atmosfera aveludada que, somada a seu estado de fraqueza, enlanguesceu Nicolas. Nem é preciso dizer que a primeira taça de vinho subiu-lhe diretamente à cabeça. Na ausência do delegado, ele estava acompanhado apenas de sua esposa e de sua filha. Tinha tido a

impressão de que elas tinham quase a mesma idade, mas compreendeu bem depressa que Louise Lardin não era mãe de Marie, e sim sua madrasta. Além disso, as duas mulheres não demonstravam a mínima afeição uma pela outra: enquanto a primeira parecia preocupada em manifestar uma autoridade um tanto presunçosa, a outra permanecia bem discreta, observando o convidado sob as pálpebras semicerradas. Uma era alta e loura, a outra, baixa e morena.

Nicolas ficou surpreendido com a delicadeza das iguarias: o ensopado de capões com ostras foi seguido por um prato de ovos escalfados e salada, de um guisado de perdiz, de um manjar-branco e de bolas-de-berlim, ou sonhos, recheados com geleia. Como sua educação, nesse domínio, havia sido impecável, Nicolas acabou reconhecendo o vinho cor de cassis que lhe foi servido como um produto original das encostas do Loire – sem dúvida, um *bourgueil*.

Discretamente, a Sr.ª Lardin lhe fazia perguntas a respeito de seu passado. Nicolas teve a sensação de que ela desejava, sobretudo, esclarecer a origem e a natureza de suas relações com o Sr. de Sartine. O delegado teria dado à esposa a incumbência de levar o convidado a falar de sua vida? Ela lhe servia bebida com tamanha generosidade que tal ideia ainda passou pela cabeça dele, mas depois deixou de pensar no assunto. O jovem falou bastante de sua Bretanha, com uma infinidade de detalhes, chegando mesmo a provocar sorrisos em suas ouvintes. Será que o estavam considerando um objeto de curiosidade, como um habitante qualquer da Pérsia?

Foi somente mais tarde, ao retornar à mansarda, que algumas dúvidas o invadiram, e ele se perguntava se não tinha falado demais. Na realidade, ele próprio estava tão mal informado sobre as razões do interesse do Sr. de Sartine a seu respeito que acabou por se convencer facilmente de que não poderia ter dito nada que viesse a comprometê-lo: nesse caso, a Sr.ª Lardin teria simplesmente perdido seu tempo. Lembrou-se também da expressão irritada de Catherine nas vezes em que ela servia ou escutava Louise Lardin, que, por sua vez, tratava a criada com frieza. A cozinheira falava por entre os dentes, extremamente

furiosa. Ao servir Marie, pelo contrário, seu rosto se tornava amável a ponto de adquirir, durante alguns instantes, um ar de adoração.

Foi com essas constatações que o jovem chegou ao fim de seu primeiro dia na Rua dos Blancs-Manteaux. Começava então para Nicolas uma nova existência, orientada pela sucessão regular das tarefas. Ao levantar-se bem cedo, ele fazia suas abluções, com água à vontade, debaixo de um alpendre no jardim: foi a cumplicidade da boa Catherine que lhe permitiu usar o local.

Tendo completado seu modesto guarda-roupa na loja de Vachon, cujas portas lhe tinham sido abertas por obra e graça do nome do Sr. de Sartine, Nicolas chegou a ficar confuso, porque, com base no crédito do superintendente-geral da polícia, o alfaiate acabou por exagerar na quantidade de peças de que precisava. Dali em diante, os espelhos devolviam-lhe a imagem de um jovem cavaleiro vestido de maneira sóbria, sem deixar de ser elegante; aliás, o olhar insistente de Marie era a confirmação da mudança em sua aparência.

Às 7 horas, ele se apresentava ao delegado Lardin, que lhe comunicava as tarefas a executar. As aulas do Sr. de Noblecourt – um ancião benevolente de pequena estatura, ex-magistrado, amador de xadrez e de flauta transversa – eram momentos apreciados de descontração; graças aos conselhos criteriosos de seu professor, Nicolas tornou-se um espectador assíduo de concertos.

Nicolas prosseguiu na descoberta de Paris e dos subúrbios: nunca, nem mesmo em Guérande, tinha andado tanto.

No domingo, frequentava os concertos de música religiosa apresentados, então, no grande salão do Louvre. Certo dia, sentou-se ao lado de um jovem seminarista. Pierre Pigneau, nascido em Origny, na diocese de Laon, aspirava ardentemente a juntar-se à Société des Missions Étrangères de Paris*. Ele explicou a um Nicolas cheio de admiração sua vontade de dissipar as trevas da idolatria com as luzes do Evangelho. Seu desejo era fazer parte da missão da Cochinchina, que estava passando, havia alguns anos, por uma terrível perseguição. O jovem, um rapagão de rosto

expressivo a quem não faltava humor, concordava com Nicolas em relação à mediocridade da execução de um *Exaudi Deus* pela célebre Madame Philidor. A indignação experimentada por ambos diante do entusiasmo do público fez com que decidissem sair juntos do salão. Nicolas acompanhou seu novo amigo ao Seminário dos Trente-trois*. Na despedida, marcaram encontro para a semana seguinte.

Em breve, os dois jovens se acostumaram a terminar suas saídas no estabelecimento de Stohrer, confeiteiro do rei, cuja loja na Rua Montorgueil tinha se tornado um ponto de encontro da moda, desde que o artesão começou a abastecer a Corte com produtos criados por ele e apreciados, em particular, pela rainha Maria Leszczynska*. Nicolas prezava demais a companhia do jovem padre.

No início, Lardin – cujas funções não estavam limitadas a um bairro específico – ordenou que o rapaz o acompanhasse em suas missões. Nicolas aprendeu cedo as operações destinadas a lacrar estabelecimentos por ordem judicial, as penhoras, as atestações de autenticação ou, mais simplesmente, a arbitragem das querelas entre vizinhos, tão frequentes nas casas de aluguel dos subúrbios, onde se amontoavam os mais necessitados. Travou conhecimento com inspetores, homens da ronda, guardiães das muralhas, carcereiros e, até mesmo, carrascos. Teve de tornar-se insensível diante de cenas insuportáveis de tortura e do grande necrotério. Nada lhe foi ocultado, e ele acabou compreendendo que a polícia deveria apoiar-se, para trabalhar, em uma grande quantidade de indicadores, de informantes e de prostitutas: todo esse mundo ambíguo permitira que o superintendente-geral da polícia se tivesse convertido no homem mais bem informado da França sobre os segredos da capital. Nicolas pôde avaliar também a preciosa a rede de invasão de privacidade de que dispunha o Sr. de Sartine, mediante o controle dos Correios e das correspondências particulares. Por isso, adotou para si mesmo as precauções necessárias e manteve-se reservado nos bilhetes que enviava com regularidade para a Bretanha.

Nenhuma evolução, de um ponto de vista positivo ou negativo, ocorreu em suas relações com o delegado: à frieza autoritária deste, correspondia a obediência silenciosa de Nicolas. Durante prolongados períodos, o policial dava a impressão de ter esquecido seu auxiliar. O Sr. de Sartine, pelo contrário, não hesitava em dar sinais de seu interesse por ele: às vezes, um jovem saboiano vinha entregar-lhe bilhetes lacônicos, convocando-o para se dirigir ao Châtelet ou à Rua Neuve-Saint-Augustin. Tais entrevistas eram curtas, limitando-se praticamente às questões formuladas pelo superintendente-geral a Nicolas – que, por sua vez, tinha a impressão de que algumas perguntas giravam estranhamente em torno de Lardin. Assim, Sartine solicitou-lhe uma descrição minuciosa da casa do delegado, bem como dos hábitos da família, levando o inquérito até o detalhe do que era servido à mesa. Nicolas ficava, em determinados momentos, um tanto incomodado com essa investigação e perplexo quanto ao que ela significava.

O superintendente-geral da polícia ordenou-lhe que fosse assistir às audiências criminais, apresentando-lhe por escrito o resumo das sessões. Certo dia, incumbiu-o de prestar contas da detenção de um homem que tinha colocado em circulação promissórias cuja assinatura havia sido contestada. Assim, Nicolas viu, em plena rua, os guardas agarrarem um indivíduo que, além de olhos penetrantes e estatura impressionante, falava francês com um acentuado sotaque italiano. O detento solicitou-lhe que servisse de testemunha:

– O senhor, que me parece ser um homem honesto, veja só como é tratado um cidadão de Veneza. Estão prendendo o nobre Casanova. Seja testemunha da injustiça que me fazem: é um crime contra alguém que vive e escreve como filósofo.

Nicolas o acompanhou até a prisão de Fort l’Évêque. Ao apresentar seu relatório a Sartine, este pôs-se a vociferar em voz baixa, dando a seguinte ordem:

– Soltem esse indivíduo amanhã: esse vigarista – aliás, um homem bem esquisito – tem a proteção do Sr. de Choiseul*.

O aprendiz de policial tirou diversas conclusões desse episódio.

Em outra ocasião, ele foi forçado a propor a compra de joias a um corretor de relojoaria que recebia, para revenda, uma grande quantidade de objetos preciosos, mas que estava em vias de falir. Nicolas deveria fingir ser um representante do Sr. Dudoit, delegado de polícia no subúrbio Sainte-Marguerite: na verdade, Sartine suspeitava que esse colaborador tivesse estabelecido relações promíscuas com o corretor em questão.

Dessa forma, o chefe da polícia parisiense mantinha seu pessoal sob estrito controle, procurando evitar que de novo, como em 1750, viessem a estourar revoltas populares contra a desonestidade de alguns delegados. Nem mesmo o mundo do jogo permaneceu estranho a Nicolas, de modo que ele logo soube distinguir recrutadores, aliciadores, gerentes de antro de jogatina ou de prostíbulo, angariadores de fregueses, coletores de loteria e todo o mundo da *cocange*[1] e dos vigaristas, por exemplo, do jogo das três cartas.

No mundo do crime, em Paris, tudo girava em torno do jogo, da devassidão e do roubo: essas três esferas comunicavam entre si através de inumeráveis canais.

Em quinze meses, Nicolas aprendeu seu trabalho. Tornou-se consciente do quanto valiam o silêncio e o segredo. Envelheceu sabendo, dali em diante, controlar melhor seus sentimentos submetendo uma imaginação sempre demasiado agitada à sua vontade. Deixara de ser o adolescente que o padre Grégoire tinha acolhido em sua chegada a Paris. A carta enviada de Guérande, anunciando o estado desesperador de seu tutor, chegou às mãos de um Nicolas totalmente diferente: a silhueta sombria e grave que, naquela manhã fria de janeiro de 1761, se mantinha em pé na proa da embarcação que enfrentava o inóspito Loire, já era a de um homem.

1 O jogo: a origem desse termo deriva da metade de uma noz de coco que servia a um jogador clandestino para fazer apostas, cujo procedimento se assemelhava ao passe de mágica do jogo das três cartas.

II
Guérande

Agonia, na sexta-feira
Morte no sábado
Enterro no domingo
Certamente, irá para o paraíso.
(Dito popular da Baixa Bretanha)

Quarta-feira, 22 de janeiro de 1761

O Loire se mostrou clemente até Angers. A chuva, misturada com neve, não tinha cessado, e durante a noite, ao passar por Tours, o nível do rio era cada vez mais elevado. Às vezes, através de uma fresta na cerração, surgia um povoado fantasma, cinzento e sem vivalma. Invisíveis, as margens desfilavam. Ao chegar a Angers, a embarcação foi arrastada por correntes contrárias: esbarrou no pilar de uma ponte, rodopiou várias vezes e, em seguida, avariada, desconjuntada, encalhou em um banco de areia. A tripulação e os passageiros tiveram de utilizar uma chata para atingir a margem.

Depois de se revigorar com um vinho quente em uma estalagem de marujos, Nicolas quis saber como seria mais fácil vencer a distância até Nantes. Vários dias tinham decorrido desde seu embarque. Teria a possibilidade de chegar a Guérande a tempo de

encontrar o tutor ainda vivo? Angustiado, ele calculava os novos atrasos que se juntariam aos outros. O rio estava cada vez mais impraticável, e, por enquanto, nenhuma embarcação se arriscaria a navegar rio abaixo. A estrada, por sua vez, não parecia uma solução mais favorável para as carruagens. Sendo assim, desistiu de ficar à espera da diligência postal.

Confiante em suas qualidades de cavaleiro, Nicolas decidiu adquirir uma montaria e continuar o trajeto a toda a velocidade. Naquele momento, dispunha de algum dinheiro, proveniente dos vencimentos pagos por Lardin. Teria de percorrer umas quarenta léguas para chegar a seu destino; além disso, iria diretamente de Angers a Guérande. Nicolas sentia-se em condições de enfrentar os salteadores. Deveria prevenir-se também contra as alcateias de lobos esfaimados que, naquele período do ano, vagavam à procura de presas e não hesitariam em atacá-lo. Mas nada poderia abalar sua determinação em chegar o mais rapidamente possível.

Assim, escolheu um cavalo que pagou a peso de ouro – o encarregado do posto de muda de montarias relutava, nessa época, em expor seus animais a riscos – e, tendo transposto as muralhas da cidade, correu à rédea solta.

Nessa mesma noite, Nicolas dormiu em Ancenis e, no dia seguinte, embrenhou-se pelo interior dos campos. Sem complicações, chegou à abadia de Saint-Gildas-des-Marais, onde foi acolhido com curiosidade pelos monges, felizes pela distração inesperada. Bem perto da abadia, alguns lobos estavam tão absorvidos por uma carniça que nem fizeram caso dele.

Ao alvorecer, já se encontrava na orla da floresta de La Bretesche, local em que seu padrinho, amigo da família Boisgelin, caçava javalis todo ano, no outono. Àquela distância, só se avistavam as bases das torres do castelo. Já passava por paisagens conhecidas.

Durante a noite, o vento virou tempestade, como é habitual naquelas regiões. A montaria dava sinais de fadiga; a tormenta

uivava de tal maneira que ensurdeceu Nicolas. Encharcada, a trilha era ladeada por plantas em decomposição e coberta por galhos; as nuvens deslocavam-se em altitude tão baixa que se tinha a impressão de que eram rasgadas pela copa dos pinheiros mais altos.

Acontecia, às vezes, a interrupção repentina da fúria dos elementos: tudo se imobilizava e, com o silêncio, ouvia-se o grito agudo dos grandes pássaros do mar que, enxotados do litoral, pairavam acima das terras.

Mas o temporal não demorava a voltar. Pelo chão, espalhavam-se farrapos de espuma branca que se perseguiam, detinham-se e, depois, passavam uns pelos outros; alguns ficavam enganchados nas matas ou nas frestas dos troncos, como uma neve marinha; outros deslizavam pela superfície ainda congelada dos pântanos. As ondas depositavam no cascalho da praia, algumas léguas mais adiante, uma matéria esbranquiçada com reflexos amarelados que a tempestade dissolvia, desmembrava, tornando mais leves os resíduos que ela arrastava para os campos. Nicolas sentiu nos lábios a marca salgada do oceano.

A antiga cidade feudal apareceu por entre um tufo de árvores: flutuava entre pântanos como uma ilha que emergisse dos terrenos alvacentos e enegrecidos que a circundavam. Nicolas esporeou o cavalo e, a galope, aproximou-se das muralhas.

Entrou em Guérande pela Porta Sainte-Anne. A cidade parecia abandonada, de modo que os passos do cavalo, repercutindo nas velhas pedras do calçamento, ecoavam com estrondo.

Na Praça do Vieux-Marché, deteve-se diante de uma casa de granito, amarrou a rédea da montaria em uma argola fixada no muro e, com as pernas trêmulas, penetrou na moradia. Acabou esbarrando em Joséphine que, ao escutar o ruído, tinha-se apressado para recebê-lo.

– Ah! É o senhor Nicolas! Graças vos dou, meu Deus!

Ela o apertou contra si, chorando. Sob a touca branca, o velho rosto enrugado – junto do qual Nicolas havia escondido suas mágoas de criança – franziu-se, mostrando as bochechas arroxeadas.

– Que grande desgraça, Jesus, Maria, José! Nosso bom cônego sentiu-se mal na noite de Natal, durante a missa. Dois dias depois, tomou friagem quando foi cuidar da lamparina do sacrário. Desde então, tudo tem piorado, ainda mais com a gota. O médico diz que aumentou a inflamação. Ele está condenado, já perdeu a consciência. Ontem recebeu a extrema-unção.

O olhar de Nicolas fixou um baú sobre o qual se encontrava a capa, o chapéu e a bengala do tutor. Diante desses objetos familiares, o desgosto lhe deu um nó na garganta.

– Fine, vamos vê-lo – disse ele, com a voz embargada.

Baixinha e magricela, Fine abraçava o grande cavaleiro pela cintura enquanto subiam a escada. O quarto do cônego estava na penumbra, iluminado apenas pelas chamas da lareira. Imóvel na cama, sua respiração era entrecortada e sibilante; as duas mãos estavam crispadas sobre o lençol. Nicolas caiu de joelhos e murmurou:

– Meu pai, estou aqui. O senhor me escuta? Estou aqui.

Tinha utilizado sempre essa expressão para dirigir-se ao tutor. Na verdade, era mesmo seu pai que se encontrava ali, moribundo: aquele que o tinha acolhido, que nunca o deixara na mão, tendo manifestado por ele, em todas as circunstâncias, a mesma afeição.

Mergulhado em desespero, Nicolas tomou consciência de seu sólido amor pelo cônego. Ora, nunca tinha falado desse sentimento, por ser algo tão evidente, e nunca mais teria oportunidade de confessá-lo. Escutava ainda a voz daquele que jazia a seu lado dizendo, de mansinho, mas cheia de ternura, como se dava conta agora: “O senhor, meu pupilo”.

Nicolas pegou a mão do ancião, beijando-a. Permaneceram assim durante muito tempo.

Às quatro horas, o cônego abriu os olhos. Uma lágrima lhe surgiu no canto de um olho e escorreu pelo rosto franzino; seus lábios se agitaram, ele tentou dizer algo e, dando um longo suspiro, expirou. A mão de Nicolas, guiada pela mão de Fine, fechou-lhe os olhos. François Le Floch tinha o rosto sereno.

A fiel governanta meteu mãos à obra com uma espécie de coragem obstinada. Como era costume em sua Cornualha natal, da qual o cônego era também originário, ela fez o sinal de cruz na fronte do morto e, em seguida, abriu a janela de par em par, a fim ajudar a alma a deixar o corpo. Logo depois, acendeu uma vela na cabeceira do leito e mandou a criada prevenir o capítulo dos cônegos e a mulher do porta-bandeira, especialista nesse tipo de cerimônia. Quando ela chegou, já se escutava o dobre fúnebre dos sinos na Colegiada. As duas mulheres vestiram o morto e juntaram as palmas de suas mãos, mantendo-as unidas com um rosário. Uma cadeira foi deixada ao pé da cama, e em cima dela foi colocado um recipiente de água benta e um raminho de buxo.

As horas subsequentes pareceram intermináveis a Nicolas; transido de frio, ele não tinha nenhuma consciência do que se passava à sua volta. Teve de responder aos cumprimentos de todos aqueles que iam passando pela câmara mortuária. Padres e religiosas, revezando-se na cabeceira do morto, recitavam a ladainha dos defuntos. Como era costume, Fine servia crepes e vinho de maçã aos numerosos visitantes, que permaneciam na grande sala, falando em voz baixa.

O Sr. de Ranreuil tinha sido um dos primeiros a chegar, sem Isabelle. Essa ausência acabara por ofuscar a emoção de Nicolas ao reencontrar o padrinho. De forma delicada, o marquês dissimulava com dificuldade o pesar pelo falecimento de um velho amigo e, com ele, o fim de uma cumplicidade de trinta anos. Naquele espaço restrito, lotado de pessoas, ele mal teve tempo para dizer a Nicolas que o Sr. de Sartine lhe tinha escrito que estava contente com seu serviço. Ficou combinado que, após as cerimônias funerárias, previstas para o domingo, o jovem passaria por Ranreuil.

Com o passar do tempo, Nicolas observava as alterações no rosto do defunto: a tez pálida das primeiras horas tinha tomado, aos poucos, a cor do cobre e, em seguida, escurecido; além disso, a carnação murcha esculpia agora o perfil de uma estátua de chumbo. A ternura desaparecia diante daquela coisa que se desfazia e já não poderia ser seu tutor. O jovem teve de se recompor para afastar tal impressão, que, no entanto, não deixou de molestá-lo várias vezes, até que os restos mortais tivessem sido depositados no ataúde, na manhã de sábado.

No domingo, fez um tempo bom e frio. No princípio da tarde, o caixão foi conduzido numa padiola para a Colegiada, nas proximidades. Sem sucesso, Nicolas procurou identificar o rosto de Isabelle no meio da multidão reunida no templo.

Acompanhando mecanicamente os cantos e as orações, recolhido em si mesmo, ele prestava atenção ao vitral situado acima do altar-mor e que representava os milagres realizados por Santo Aubin, padroeiro do santuário. Em tons predominantemente azulados, a grande ogiva de vidro e pedra ia perdendo gradualmente seu brilho, encoberta pela sombra invernal. O sol já tinha desaparecido: após despontar, de manhã, na transfiguração do alvorecer, tinha resplandecido na exuberância do meio do dia e, agora, declinava.

Cada homem – pensava Nicolas – deveria assim percorrer o ciclo de sua vida. Baixou o olhar, fixando o caixão coberto com um pano preto, ornado com flamas prateadas que reverberavam tenuemente ao clarão vacilante das velas colocadas em torno do catafalco. De novo, ele se sentiu oprimido pelo desgosto e pela solidão.

Naquele momento, a igreja tinha sido invadida pelas trevas: o granito, como ocorre no inverno, parecia chorar. À fumaça do incenso e das velas, misturava-se uma umidade exsudada pelos muros sombrios. O *Dies irae* ressoou como uma conclusão sem esperança; dali a pouco, e aguardando a sepultura definitiva, os

restos mortais seriam depositados na cripta, perto das estátuas gêmeas, reclinadas, de Tristão de Carné e de sua mulher.

Nicolas pôs-se a pensar que havia sido abandonado precisamente ali e, há quase vinte e dois anos, tinha sido descoberto e recolhido pelo cônego Le Floch. A ideia de que seu tutor encontrava sua sepultura naquele mesmo local lhe serviu de misterioso consolo.

A segunda-feira foi sombria, e Nicolas sentiu o efeito da fadiga e do desgosto. Ainda estava hesitante em visitar o marquês, que, no final da cerimônia funerária, tinha renovado seu desejo de encontrá-lo. Fine, indiferente ao próprio sofrimento, não sabia como distraí-lo de seus pensamentos: por mais que se esmerasse em preparar os pratos prediletos de sua infância, ele acabou por rejeitá-los, contentando-se com um pedaço de pão. Durante uma parte do dia, andou ao acaso entre os pântanos, com o olhar fixado na linha do mar que embranquecia o horizonte. Estava tomado pela vontade de ir embora e de esquecer tudo. Sua caminhada estendeu-se até o lugarejo de Batz, tendo subido, inclusive – como era costume quando estava com Isabelle –, ao topo do campanário da igreja. Separado do mundo, dominando os pântanos e o oceano, sentiu-se melhor.

Ao voltar, encharcado, encontrou o notário Guiart, que, junto à lareira, estava à sua espera. Ele convidou Nicolas e Fine a escutar a leitura de um testamento bastante curto, cujas disposições essenciais residiam na menção final: “Vou morrer sem riquezas, tendo dado sempre aos pobres o excedente que Deus houve por bem reservar-me. A casa que me serve de moradia pertence ao capítulo. Suplico à providência para que meu pupilo não careça do necessário; ser-lhe-á entregue meu relógio em ouro de repetição para substituir aquele que lhe foi roubado ao chegar a Paris. Quanto a meus bens pessoais, roupas usadas, móveis, baixela de prata, quadros e livros, ele vai entender que sejam vendidos para constituir uma renda vitalícia, com juros a 5%, em favor de minha governanta, Srt.ª Joséphine Pelven, que, há mais de trinta anos, tem se dedicado a meu serviço”.

Fine estava debulhada em lágrimas, e Nicolas se esforçava para confortá-la. O notário lembrou ao jovem que deveria pagar o salário da criada, os honorários do médico e do boticário, assim como os acessórios, cadeiras e velas do funeral. O pecúlio de Nicolas diminuía a olhos vistos.

Após a saída do notário, ele se sentiu estrangeiro em sua casa e desesperado por ver Fine prostrada em uma cadeira. Ficaram conversando durante muito tempo: ela voltaria para casa, na qual ainda morava uma irmã, numa aldeia perto de Quimper, mas estava preocupada sobretudo com o que aconteceria àquele que tinha criado. Os vínculos que ligavam Nicolas a Guérande rompiam-se, um depois do outro... e ele próprio ficou à deriva, como um barco sem amarras, arrastado por correntes contrárias.

Na terça-feira, Nicolas decidiu finalmente responder ao convite do padrinho. Queria se afastar da casa da Rua do Vieux-Marché, onde o tabelião Guiart tinha começado a fazer o inventário e a avaliação dos bens do defunto, enquanto Fine acabava de arrumar suas trouxas.

Avançava lentamente, absorto em pensamentos e mantendo sob controle os passos de sua montaria. O tempo tinha voltado a ficar bom, mas a geada cobria as charnecas com uma rendilha esbranquiçada; o gelo dos sulcos da estrada rachava sob os cascos do cavalo.

Ao aproximar-se de Herbignac, rememorou as fases tradicionais da *soule*, jogo violento e rústico cuja origem se perde na noite dos tempos, disputado entre duas aldeias ou entre solteiros e casados: exigia um corpo vigoroso, coragem, fôlego, além de uma resistência a toda prova, pois choviam golpes e murros em cima dos participantes. Nicolas conservava em seu corpo a lembrança dessas partidas: a ferida da arcada superciliar direita tinha deixado uma cicatriz ainda visível; quanto à perna esquerda, fraturada por um golpe de tamanco, tornava-se mais sensível com o tempo chuvoso.

Ele experimentava, no entanto, certo júbilo ao recordar as corridas desenfreadas em que a bola – uma bexiga de porco

entulhada com serragem e trapos – deveria ser transportada até o gol. Mas era necessário superar enormes dificuldades: o terreno era ilimitado; o jogador que detinha a bola podia ser perseguido em qualquer lugar, incluindo os pântanos e córregos, abundantes na região; e os murros, as cabeçadas e as bordoadas eram permitidos e, até mesmo, incentivados. No final das partidas, os adversários, exaustos e ensanguentados, encontravam-se para rega-bofes fraternais, depois de entrarem na tina para se limpar da argila ou do lodo, pois podia ocorrer que, às vezes, a perseguição se prolongasse até as margens do rio Vilaine.

Essas lembranças tinham reconciliado o jovem com seu destino: à medida que os altos carvalhos do lago e o topo das torres do castelo se perfilavam acima da charneca, consolidava-se sua determinação em esclarecer o mistério do sumiço de Isabelle.

Nada, nenhuma notícia, desde que ele tinha viajado para Paris. Em nenhum momento, nem mesmo para o luto de Nicolas, ela havia dado sinal de vida. Talvez pretendesse esquecê-lo; no entanto, o mais cruel era a atual incerteza. Ele temia justamente sofrer com uma separação definitiva, mas era incapaz de imaginar o futuro caso seu amor fosse ainda compartilhado. Ele era uma nulidade e, com a experiência parisiense, tinha aprendido que tudo depende sempre do nascimento e da riqueza. No final das contas, seus parcos talentos tinham pouca importância.

A velha fortaleza, escondida no meio das águas e das árvores, estava agora ao alcance da voz. Nicolas transpôs uma ponte de madeira que o levou à barbacã, protegida por duas torres. Deixou o cavalo na estrebaria e passou por um promontório de pedra para chegar à ponte levadiça. Comparado com a imponência do edifício, o portão de entrada era relativamente estreito – vestígio das antigas precauções mediante as quais o visitante era impedido de entrar montado. O pátio central, amplo e pavimentado, conferia dignidade ao conjunto do prédio ladeado por duas torres gigantescas que ocupavam o fundo da construção.

Doze badaladas ressoaram no sino da capela. Nicolas, acostumado a frequentar o castelo, empurrou a pesada porta do grande salão. Uma jovem loura, vestida simplesmente com um vestido verde, longo, com gola de renda, trabalhava sentada perto da lareira. Ao escutar o ruído que Nicolas fez ao abrir a porta, levantou a cabeça do bordado.

– O senhor me assustou, meu pai – exclamou, sem virar o rosto. – A caça foi boa?

Não tendo obtido resposta, ficou apreensiva.

– Quem é você? Quem o autorizou a entrar?

Nicolas fechou a porta e tirou o chapéu. Ela soltou um gritinho e reprimiu o impulso que a empurrava para ele.

– Estou vendo, Isabelle, que me tornei realmente um estrangeiro em Ranreuil.

– Como é possível? O senhor se atreve a aparecer, depois do que fez?!

Nicolas esboçou um gesto de incompreensão.

– Afinal, o que fiz, Isabelle, além de depositar confiança na senhorita? Há quinze meses, tive de obedecer a seu pai e a meu tutor. Assim, fui embora sem me despedir da senhorita, que, segundo parece, estava em Nantes, na casa de sua tia: pelo menos, foi o que me disseram. Fui embora e, depois de tantos meses, sozinho em Paris, não recebi nem uma palavra, tampouco uma resposta para minhas cartas.

– Senhor, eu é que deveria me queixar.

Diante de tamanha injustiça, Nicolas não conseguia dominar a irritação.

– Pensei que a senhorita me tivesse dado sua palavra; fui realmente bobo ao acreditar em uma infiel, uma...

Ele se deteve, arquejante. Isabelle, por sua vez, observava-o, imobilizada; seus olhos azuis-marinhos encheram-se de lágrimas, sem que ele soubesse se aquela reação tinha a ver com a raiva ou com a vergonha.

– O senhor me dá a impressão de ser muito hábil para inverter os papéis...

– Sua ironia me sensibiliza, mas a senhorita é que foi infiel porque me mandou embora.

– Eu, infiel... Mas de que modo e por que motivo? Não entendo mesmo o que o senhor pretende dizer. Eu, infiel...

A passos largos, Nicolas pôs-se a percorrer o salão e, de repente, deteve-se diante do retrato de um Ranreuil que o fixava com severidade em sua moldura oval.

– São todos iguais, há muitos séculos... – resmungou entre os dentes.

– Que palavreado é esse e que importância pode ter sua conversa? Está acreditando realmente que ele vai lhe responder, Sr. Soliloquista, e descer de sua moldura?

De súbito, Isabelle pareceu-lhe frívola e indiferente.

– É infiel, sem qualquer dúvida, senhorita... Infiel – repetiu Nicolas, em tom ameaçador, ao aproximar-se dela.

Enlouquecido, o rosto congestionado, os punhos cerrados, ele deu mostras de ter o domínio da situação. A moça teve medo e desatou em prantos. Ao lembrar-se da menina que ele consolava dos sofrimentos de criança, a raiva o abandonou.

– Isabelle, o que está acontecendo conosco? – perguntou, segurando-lhe a mão.

A jovem aconchegou-se no seu peito, abraçando-o com força, e ele beijou-a nos lábios.

– Nicolas – balbuciava ela –, eu te amo. Mas meu pai disse que você ia casar-se em Paris. Como eu não queria voltar a encontrá-lo, mandei dizer que estava em Nantes, na casa de minha tia. Eu não conseguia acreditar que você tivesse violado nosso juramento. Estava completamente desorientada.

– Como é que você chegou a acreditar em semelhante coisa?

A dor que o oprimia há tantos meses dissipou-se instantaneamente, em uma baforada de felicidade. Com ternura,

apertou Isabelle em seus braços. Eles nem perceberam o ruído da porta se abrindo.

– Basta! Nicolas, você esqueceu... – proferiu uma voz a suas costas.

Era o marquês de Ranreuil, que segurava na mão o chicote de caça.

Durante um instante, pareceu que os três personagens tinham se transformado em estátuas. Teria sido o tempo que se deteve? Ou seria isso a eternidade? Depois, tudo retomou seu fluxo. Dessa cena, Nicolas conservaria uma lembrança atroz que, dali em diante, iria assombrar suas noites. Ele soltou Isabelle e, lentamente, encarou o padrinho.

Os dois homens tinham uma estatura semelhante, e a raiva que os invadira os aproximava dolorosamente. Foi o marquês quem tomou a palavra.

– Nicolas, quero que deixe Isabelle em paz.

– Meu senhor, eu a amo – replicou o jovem, de um fôlego.

E aproximou-se da moça. Confusa, ela fixava o olhar, alternadamente, em um e no outro.

– Meu pai, o senhor não me disse a verdade! – bradou ela. – Nicolas me ama e eu amo Nicolas.

– Basta, Isabelle, deixe-nos! Preciso falar com este jovem.

Isabelle colocou a mão no braço de Nicolas, apertando-o. Com esse gesto, tão eloquente, ele empalideceu e cambaleou. Ela correu para a saída, juntando com as mãos os babados do vestido.

O Sr. de Ranreuil, que havia retomado a calma habitual, disse em voz baixa:

– Nicolas, você compreende que tudo isso é bastante penoso para mim?

– Meu senhor, eu não estou entendendo nada.

– Não quero que volte a encontrar Isabelle. Você entende isso?

– Entendo, meu senhor, que eu nada sou além de um enjeitado, recolhido por um santo homem, e que devo desaparecer.

Ele inspirou profunda e longamente.

– Mas fique sabendo que eu daria minha vida pelo senhor.

Ele o cumprimentou e estava prestes a sair quando o marquês o deteve, segurando-o pelos ombros.

– Meu afilhado, você não está em condições de compreender. Tenha confiança em mim: um dia, você ficará sabendo do que se trata. Por enquanto, não posso explicar nada.

Ranreuil pareceu, de repente, envelhecido e cansado. Nicolas soltou-se das mãos do marquês e foi embora.

Às quatro horas, o jovem transpunha as muralhas de Guérande, a galope, sem esperança de voltar algum dia. Deixava ali apenas um caixão ainda não enterrado e uma idosa em prantos no interior de uma casa vazia. Abandonava ali, também, sua infância e suas ilusões. Evitaria recordar aquela insensata viagem de retorno.

Qual um sonâmbulo, atravessou florestas e rios, cidades e aldeias, detendo-se somente para trocar de cavalo. Exausto, resolveu pegar a diligência postal rápida, em Chartres.

Nesse mesmo dia, em Montfaucon, a velha Émilie espreitava dois indivíduos suspeitos.

III
Desaparecimentos

E querem que adivinhe
E que não veja...
Francisco de Quevedo y Villegas

Domingo, 4 de fevereiro de 1761

A entrada em Paris trouxe Nicolas de volta à realidade como num despertar brutal. Ele emergia depois de um longo entorpecimento.

Já era tarde da noite quando a diligência chegou ao correio central, na Praça do Chevalier-au-Guet. A viagem tinha demorado mais do que o normal devido aos caminhos encharcados e, em alguns locais, inundados. Nicolas reencontrou uma cidade irreconhecível: a despeito do frio e da hora avançada, os bairros estavam tomados por uma onda de folguedos. Durante um instante, ele foi envolvido, acotovelado, pressionado e arrastado por grupos ululantes cujos membros, mascarados e trocistas, gesticulavam e se divertiam à vontade.

Um cortejo de pessoas com batinas, sobrepelizes e barretes quadrangulares representava as pompas fúnebres de um boneco de palha: um indigente vestido como sacerdote e portando uma estola imitava o oficiante. O conjunto era cercado por moças travestidas de religiosas que simulavam mulheres prenhes, em prantos, lamentando-se. Todo esse cortejo caminhava à luz de archotes e

aspergia o público com um pé de porco mergulhado em água suja. Cada um parecia tomado pelo frenesi, e as mulheres eram, de longe, as mais atrevidas.

Uma jovem disfarçada precipitou-se para Nicolas; depois de beijá-lo, murmurou ao seu ouvido “você é triste como a morte” e lhe ofereceu a máscara grotesca de um esqueleto. Ele se soltou energicamente e se afastou sob uma enfiada de impropérios.

O Carnaval tinha começado: do início do ano até quarta-feira de Cinzas, as noites ficariam à mercê de uma juventude excitada que se misturava com a ralé.

Pouco antes do Natal, o Sr. de Sartine reunira todos os delegados de bairros, e Nicolas, um pouco à parte, assistira a esse conselho de guerra. Escaldado pelos escandalosos excessos cometidos durante o Carnaval de 1760 – o primeiro de seu mandato –, o superintendente-geral da polícia pretendia evitar que se repetissem depravações semelhantes, a respeito das quais o próprio rei havia manifestado sua apreensão. Multas e detenções já não davam conta do recado. Era necessário prever e manter tudo sob controle: a máquina policial deveria colocar em ação todo o aparato de suas mais ínfimas engrenagens.

Confrontado com as realidades da vida noturna, Nicolas compreendeu melhor os objetivos do Sr. de Sartine. Ao longo de todo o seu caminho, a licenciosidade reinava na cidade sem nenhuma restrição. Bem depressa, ele se lamentou por ter recusado se disfarçar, conforme lhe havia aconselhado a moça; teria passado desapercebido se vestisse o uniforme do outro lado, sem ter de ajustar contas com grupos endemoniados que quebravam vidraças, apagavam lanternas e se entregavam a toda a espécie de temeridades.

Estas são as verdadeiras saturnais – pensava Nicolas, ao constatar que tudo estava às avessas. Confinada, habitualmente, a alguns lugares reservados, a prostituição oferecia suas diversas facetas sem recear qualquer punição. Com vaias, canções, máscaras, músicas, intrigas e atrativos aliciantes, a noite virava dia.

O bairro Saint-Avoye, no qual estava situada a Rua dos Blancs-Manteaux, parecia mais calmo. Nicolas ficou surpreendido ao ver a moradia dos Lardin profusamente iluminada porque, além de serem raras, as recepções dadas pelo delegado e pela esposa nunca ocorriam à noite. Como a porta não estava fechada com o ferrolho, não teve de utilizar sua chave. Ecos de uma conversa animada vinham da biblioteca; a porta estava aberta, e ele entrou. De costas, a Sr.ª Lardin estava de pé e, com veemência, falava a um homem de capa, baixo e corpulento, reconhecido por Nicolas como o Sr. Bourdeau, um dos inspetores no Châtelet.

– Não me preocupar?! Mas, senhor, eu digo e repito que não vejo meu marido desde sexta-feira de manhã: desde então, ele não voltou para casa... Devíamos ter jantado, ontem, na casa de meu primo, o Dr. Descart, que reside em Vaugirard. Ainda é compreensível que ele tenha de passar uma noite em seu serviço: tenho a infelicidade de ser a esposa de um homem sobre o qual ignoro como utiliza seu tempo. Mas três dias e, daqui a pouco, três noites sem notícias... Isso é insuportável!

Ela sentou-se e enxugou os olhos com um lenço.

– Só pode ter acontecido alguma coisa com ele! Eu sei... tenho esse sentimento. O que devo fazer, senhor? Estou desesperada!

– Minha senhora, acho que posso afirmar que o Sr. Lardin tinha a missão de descobrir uma banca de jogo clandestino. Trata-se de uma operação bastante espinhosa... Mas eis o Sr. Le Floch, que poderá me ajudar amanhã, se seu marido – hipótese na qual me recuso a acreditar – não aparecer.

Louise Lardin virou a cabeça, levantou-se, juntando as mãos, e deixou cair o lenço. Nicolas inclinou-se para pegá-lo.

– Oh! Nicolas, o senhor está aqui! Estou bem contente de vê-lo, sinto-me tão só e confusa. Meu marido desapareceu e... Nicolas, promete que me vai ajudar?

– Minha senhora, estou a seu serviço. Mas penso como o Sr. Bourdeau: o delegado deve estar ocupado, sem dúvida, nessa operação da qual eu estou a par e cujas circunstâncias são

efetivamente complicadas. Seria mais conveniente, minha senhora, ir descansar, já é muito tarde.

– Obrigada, Nicolas. Como está seu tutor?

– Ele morreu, minha senhora; agradeço por sua atenção.

Com um semblante condoído, ela estendeu-lhe a mão, e o jovem fez uma reverência. Louise Lardin deixou a sala sem cumprimentar o inspetor.

– O senhor sabe tranquilizar as mulheres, Nicolas – foi seu comentário. – Meus parabéns. Sinto muito por seu tutor...

– Obrigado. Mas qual é a sua opinião? O delegado é homem de hábitos; às vezes, ele dorme fora de casa, mas nunca deixa de prevenir...

– De hábitos... e discrição. Mas, nesta noite, o essencial era tranquilizar a inquietação da esposa. O senhor mostrou uma competência superior à minha!

Bourdeau o fixou com um sorriso, e seus olhos brilhavam com uma ironia benevolente. Em quem teria o rapaz observado a mesma expressão? Talvez em Sartine, que, muitas vezes, olhava para ele de forma semelhante. Nicolas enrubesceu sem fazer qualquer comentário.

Os dois homens conversaram ainda durante alguns instantes e decidiram fazer uma notificação ao amanhecer. Bourdeau despediu-se e foi embora. Nicolas já se dirigia para seu cômodo, no sótão, quando surgiu Catherine que, às escondidas, tinha escutado toda a conversa. Seu rosto grande, com o nariz achatado, parecia lívido à luz do castiçal.

– *Bobre* Nicolas, tenho *bena* de *focê*. Que grande desgraça! Agora, *focê* está sozinho. Tudo *fai* mal, é o que lhe digo, aqui também. Muito mal, muito mal...

– O que está querendo dizer?

– Nada. Sei o que sei, e não sou surda.

– Se você sabe de alguma coisa, tem obrigação de me falar. Será que deixou de ter confiança em mim? Parece que deseja

aumentar minha preocupação... Você é uma desalmada.

Nicolas lamentou imediatamente sua maldade em relação à cozinheira, por quem sentia uma terna afeição.

– Eu, uma desalmada?! Nicolas, *focê* não *bode* falar assim!

– Então desembuche, Catherine! Pense que não tenho dormido há vários dias.

– Não tem dormido?! Mas, meu anjinho, não *defia* fazer isso. O que acontece é que *houfe* aqui, quinta-feira *bassada*, uma grande briga entre o *batrão* e a *batroa bor* causa do Sr. Descart, o *brimo* da *batroa*. O *batrão* a *xingafa bor* ser coquete com ele...

– Com aquele sacripanta?

– Isso mesmo.

Absorto em seus pensamentos, Nicolas entrou em seu quarto. Enquanto desfazia sua mala, refletia sobre as palavras de Catherine. Sabia, sem dúvida, quem era o Dr. Descart, o primo de Louise Lardin: tratava-se de um tipo alto, espigado, que levava Nicolas a pensar sempre nos pernaltas dos pântanos de Guérande. O jovem detestava aquele perfil encurvado, ainda mais acentuado pela ausência de queixo e por um nariz ossudo e adunco. Sentia-se muito pouco à vontade em sua presença: o personagem tinha o dom de irritá-lo com sua voz de pregador, sua mania de citações obscuras, tiradas das Escrituras, e meneios de cabeça de quem se mostra conhecedor de alguma coisa. Como é que a elegante Sr.ª Lardin poderia deixar-se seduzir por um homem daqueles? Arrependia-se por não ter se preocupado mais com o destino de Lardin, e, com tais elucubrações, adormeceu.

Segunda-feira, 5 de fevereiro de 1761

De manhã cedo, Nicolas deixou uma casa modorrenta em que somente Catherine, sorumbática e silenciosa, acendia novamente a fornalha da cozinha. Evidentemente, o delegado não tinha voltado. Nicolas chegou ao Châtelet passando por ruas que a desordem,

qual maré vazante, havia coberto de dejetos da festa. Sob um portão destinado a carruagens, ele viu um indivíduo fantasiado de pierrô, todo sujo, que roncava, a sono solto, em meio a imundícies. Logo que chegou, escreveu duas cartas – uma para o padre Grégoire e a outra, para o amigo Pigneau – com o objetivo de informá-los da morte do cônego e de seu retorno. No momento em que se dirigia à agência postal, foi abordado pelo conhecido jovem saboiano, que lhe entregou uma mensagem do Sr. de Sartine, convocando-o para um encontro imediato na Rua Neuve-Saint-Augustin.

Ao penetrar no gabinete do superintendente-geral da polícia, Nicolas foi testemunha de um curioso espetáculo: sentado em uma poltrona, o homem mais severo da França parecia imerso em pensamentos, o que enrugava sua fronte. Cruzava e descruzava incessantemente as pernas e abanava vigorosamente a cabeça em sinal de desaprovação, provocando grande aflição num jovem cabeleireiro que tentava dispor harmoniosamente os anéis de seus cabelos. Dois funcionários abriam caixas oblongas e, com cuidado, retiravam diferentes tipos de perucas que eram testadas, uma após outra, num manequim, vestido com um roupão escarlate. Em Paris, ninguém ignorava a mania do Sr. de Sartine: era um colecionador apaixonado de perucas. Um capricho tão inocente podia ser tolerado num homem a quem não se podia atribuir nenhum outro ponto fraco, mas, naquela manhã, ele parecia insatisfeito com a apresentação e resmungava com certa rispidez.

Depois de proteger o rosto do cliente com um anteparo, o cabeleireiro empoou abundantemente sua cabeça. Nicolas não resistiu a sorrir diante do espetáculo de seu chefe cercado por uma nuvem esbranquiçada.

– Sr. Le Floch, estou muito contente em vê-lo – disse Sartine. – Já não era sem tempo. Como está o marquês?

Nicolas absteve-se de responder, como já era habitual; mas, dessa vez, Sartine voltou a perguntar.

– Então, como é que ele está?

Seu olhar continuava fixado em Nicolas. Como Sartine estava sempre bem informado, o jovem se perguntou se ele já não teria conhecimento de tudo o que tinha ocorrido em Guérande. Assim, decidiu dar uma resposta evasiva.

– Vai bem, Sr. superintendente.

– Retirem-se – disse Sartine, despedindo com um gesto o pessoal que estava à sua volta.

Encostando-se na secretária, postura que lhe era familiar, convidou, excepcionalmente, Nicolas a sentar-se.

– Há quinze meses – começou ele –, estou observando o senhor e tenho todos os motivos para estar satisfeito com seu serviço. Não pretenda se vangloriar porque, afinal de contas, o senhor sabe pouca coisa; mas é discreto, ponderado e rigoroso, o que é essencial em nosso ofício. Vou falar sem rodeios: Lardin desapareceu. Ignoro o que se passa exatamente e tenho algumas razões para estar perplexo. Como é de seu conhecimento, eu havia incumbido o delegado, sob minha exclusiva responsabilidade, de casos especiais, cujo relatório deve ser apresentado unicamente a mim. Por sua vida, Sr. Le Floch, guarde para si mesmo o que lhe confio. Lardin, em toda essa história, goza de grande liberdade – talvez de uma liberdade excessiva. Por outro lado, o senhor é demasiado observador para não ter constatado que, às vezes, me questiono a respeito da lealdade desse delegado, não é mesmo?

Nicolas anuiu com discrição.

– Ele se ocupa de dois casos – prosseguiu Sartine. – Um é particularmente melindroso, pelo fato de envolver a reputação de meu pessoal. Berryer, meu antecessor, deixou-me esse abacaxi: só me faltava isso! Fique sabendo, Sr. Le Floch, que o delegado Camusot, meu chefe do Departamento dos Jogos, engrenagem crucial da polícia, é suspeito há vários anos de proteger casas de jogos clandestinas. Será que ele obtém algum lucro com isso? Todo mundo sabe que a fronteira entre o uso indispensável de informantes e as transigências condenáveis é realmente tênue. Camusot tem um pau-mandado, um sujeito chamado Mauval, personagem extremamente perigoso. Desconfie dele: serve de

intermediário para organizar jogos falsificados, com apostadores de fachada. A partir daí, batidas de polícia e apreensões. E você sabe que os confiscos, de acordo com os regulamentos...

Com a cabeça, ele fez um aceno de interrogação.

– Uma parte das somas confiscadas pertence aos oficiais da polícia – completou Nicolas.

– Eis o excelente aluno do Sr. de Noblecourt! Parabéns. Lardin estava incumbido, igualmente, de outro caso a respeito do qual estou impedido de lhe falar: basta que esteja ao corrente, sem esquecer que este último caso não está sob nossa jurisdição... Pelo que me parece, você não está assim tão surpreendido com minhas palavras. Mas... por que estou lhe falando assim?

O Sr. de Sartine abriu sua caixa de rapé e voltou a fechá-la bruscamente, sem ter tirado uma pitada.

– De fato – continuou –, sou movido pela necessidade e devo confessar que, nesse caso concreto, tenho de sair das trilhas habituais. Eis aqui um mandato extraordinário, mediante o qual o senhor terá plenos poderes para investigar e requisitar a ajuda das autoridades. Vou prevenir o superintendente criminal e o superintendente da segurança e ordem públicas acerca dessa minha decisão. Quanto aos delegados dos bairros, o senhor já teve ocasião de ser apresentado a todos. Seja cortês, mantendo-se firme mas sem se indispor com eles. Lembre que é meu representante. Esclareça esse mistério – pois, aparentemente, é disso que se trata: um mistério. Meta mãos à obra imediatamente. Para começar, dê uma conferida nos relatórios noturnos, que, muitas vezes, são bastante eloquentes: será necessário saber cotejá-los, juntar os aspectos coincidentes e dispor-se a atribuir coerência aos aspectos discordantes.

Entregou a Nicolas o documento já assinado.

– Com este talismã, o senhor encontrará todas as portas abertas, incluindo as das masmorras. Mas não seja perdulário em utilizá-lo. E, agora, deseja fazer algum pedido?

Com voz calma, Nicolas dirigiu-se ao chefe.

– Sr. superintendente, tenho duas solicitações...

– Duas? Você ficou bem ousado de repente!

– Em primeiro lugar, eu gostaria de dispor do inspetor Bourdeau para me ajudar na minha tarefa...

– O senhor está assumindo a autoridade sem embaraço... Mas concordo com sua escolha. É essencial ser capaz de julgar homens e caracteres: ora, Bourdeau me agrada. E a outra solicitação?

– Pelo que tenho aprendido, Sr. superintendente, as informações não são mercadorias gratuitas...

– O senhor está cheio de razão... Eu deveria ter pensado no assunto antes de você.

Sartine dirigiu-se a um canto da sala e abriu a porta de um armário-cofre, retirando um rolo de vinte luíses que entregou a Nicolas.

– Quero que o senhor me faça um relatório rigoroso e fidedigno de todas as suas diligências, além da prestação de contas desse dinheiro. Se precisar de mais, fale comigo. Vamos lá, não há tempo a perder: dedique-se com afinco e descubra onde está esse Lardin.

Sem dúvida, o Sr. de Sartine haveria sempre de surpreender Nicolas! Este saiu do gabinete de tal modo emocionado que, se o peso do rolo de ouro não estivesse forçando tanto o bolso do paletó, teria se beliscado para verificar se tudo aquilo não era um sonho. A alegria por tamanha distinção e por ter sido encarregado de uma missão importante era empanada, entretanto, por uma discreta angústia: estaria à altura da confiança depositada nele? Desde já, pressentia os obstáculos que não deixariam de se acumular em seu caminho: sua idade, sua inexperiência – assim como as armadilhas que, inevitavelmente, um privilégio tão explícito haveria de provocar – acabariam ainda por complicar sua tarefa. E, no entanto, sentiu-se preparado para enfrentar aquele novo teste, que comparava ao dos cavaleiros cujas aventuras povoavam os romances existentes na biblioteca do castelo de Ranreuil.

Essa ideia levou-o de volta a Guérande; a dor continuava pesando em seu peito ao evocar os rostos do tutor, do marquês e de Isabelle...

Leu o mandato que lhe tinha sido entregue por Sartine:

“Notificamos que o portador do presente mandato, o Sr. Nicolas Le Floch, foi incumbido, para o bem do Estado, de uma missão extraordinária e será nosso representante em tudo o que fizer e julgar por bem ordenar, a fim de executar as instruções que lhe fornecemos. Ordenamos também, a todos os representantes da polícia e da segurança e ordem públicas do prebostado e do viscondado de Paris, que lhe prestem ajuda e assistência em todas as circunstâncias; nesse sentido, temos a certeza de contar com a indefectível colaboração de todos.”

Essa leitura encheu Nicolas de orgulho. Sentindo-se investido de uma nova autoridade, ele tomou consciência, subitamente, do que era o “serviço do rei” e de sua imensa amplitude.

Com a convicção de ser o modesto instrumento de uma obra que estava acima de suas capacidades, dirigiu-se para o escritório do edifício da polícia, no qual eram centralizados os relatórios dos delegados e das rondas de segurança; mais tarde, marcaria encontro com Bourdeau. Naquele momento, pretendia iniciar, sem mais delongas e segundo as instruções de Sartine, o trabalho de investigação.

Nicolas já era conhecido dos amanuenses; assim, foi recebido sem ter de responder a questões intempestivas. De posse dos últimos relatórios noturnos, enfronhou-se na leitura repetitiva dos acontecimentos sem grande importância que pontuam as noites e os dias da capital, no período agitado do Carnaval. Nada chamou sua atenção. Com interesse redobrado, debruçou-se sobre as cópias dos registros do necrotério situado nos subsolos do Châtelet, denominada Basse-Geôle, “masmorra de baixo”, que enumeravam os achados macabros transportados pelo Sena: uma rede esticada, a jusante de Paris, permitia reter os corpos flutuantes à deriva nas águas do rio. Nessa consulta, a tediosa repetição das informações também não lhe forneceu nenhum indício.

“Um cadáver masculino que, segundo nos foi dito, se chama Pacaud, morreu por asfixia na água.”

“Um cadáver masculino com vinte e cinco anos, aproximadamente, sem feridas nem contusões, mas exibindo sinais de asfixia pelas águas.”

“Um cadáver masculino de quarenta anos, aproximadamente, sem feridas nem contusões, mas pelos sinais observados estimamos que o dito particular tenha sofrido uma apoplexia, cor terrosa da pele.”

“Um corpo de criança sem cabeça, que estimamos ter servido para demonstrações anatômicas e ter passado algum tempo debaixo da água.”

Nicolas afastou o registro, avaliando a amplitude da tarefa que lhe tinha sido confiada. Voltava a ter dúvidas: quem sabe o Sr. de Sartine estava zombando dele? Talvez nem desejasse que Lardin fosse encontrado? Confiar tal investigação a um principiante era, talvez, uma maneira de dar o assunto por encerrado. Descartou esses maus pensamentos e decidiu passar pelo Châtelet, a fim de visitar a Basse-Geôle e de acertar o encontro com o inspetor Bourdeau.

As investigações do inspetor tinham sido tão infrutíferas quanto as suas. Não sabendo como informá-lo sobre as decisões do Sr. de Sartine, Nicolas achou mais simples mostrar-lhe, sem comentários, as ordens do superintendente-geral da polícia.

Tendo terminado a leitura do mandato, Bourdeau levantou a cabeça e, encarando atentamente o jovem com um sorriso amável, limitou-se a dizer:

– Eis o que se chama uma boa notícia. Tive sempre a convicção de que o senhor avançaria depressa e bem longe. Sinto-me feliz por sua promoção.

Havia respeito em seu tom de voz. Assim, emocionado, Nicolas apertou-lhe a mão.

– No entanto – acrescentou Bourdeau –, ainda terá de despender muitos esforços; não se deve subestimar a dificuldade. Mas o

senhor tem plenos poderes, e, se eu puder ajudá-lo, não hesite em contar comigo.

– Exatamente: o Sr. de Sartine autorizou-me a buscar ajuda. Na verdade, solicitei alguém para meu auxiliar e propus seu nome. Mas sou muito jovem e inexperiente; assim, admito perfeitamente que o senhor venha a recusar essa proposta.

Bourdeau estava ruborizado de emoção.

– Não há lugar para qualquer apreensão: estamos acima das regras. Tenho observado sua trajetória desde que faz parte de nossos serviços, e o mérito pessoal não fica à espera... Estou lisonjeado por sua escolha e apraz-me trabalhar às suas ordens.

Permaneceram um momento em silêncio, e foi Bourdeau quem retomou a palavra:

– Tudo isso é muito agradável, mas o tempo urge. Já falei com o delegado Camusot, que me afirmou não ter visto Lardin nas últimas três semanas. Por acaso, o senhor superintendente-geral forneceu-lhe essa informação?

Nicolas refletia, com seus botões, que o Sr. de Sartine estava iludido acerca do segredo das investigações e não respondeu à pergunta do inspetor.

– Eu gostaria de visitar o necrotério. Não que tenha encontrado algo nos relatórios, mas convém que nada seja negligenciado.

Abrindo sua caixa de rapé, Bourdeau a estendeu a Nicolas que, dessa vez, serviu-se de apreciável quantidade. Era um dos costumes mais enraizados no Châtelet realizar esse breve ritual antes de enfrentar a fedentina da Basse-Geôle. Por ter acompanhado Lardin, Nicolas já conhecia perfeitamente aquele local sinistro: um porão sórdido, um reduto asqueroso, iluminado por uma das metades da janela. Os corpos em decomposição estavam separados, por uma grade e uma rampa, do público autorizado a examiná-los. Para evitar a destruição demasiado rápida, lançava-se sal, com regularidade, sobre os mais decompostos. Ali eram reconhecidos – ou, então, deixados no anonimato – os cadáveres arrastados pelo Sena ou recolhidos na via pública.

Ainda não tinha chegado a hora das visitas e, no entanto, um homem já se encontrava no local, num canto escuro do depósito. Ele observava com atenção os pobres restos estendidos nas lajes de pedra, entre os quais Nicolas reconheceu, chocado, aqueles que tinham sido descritos nos relatórios – mas havia uma grande diferença entre a frieza dos registros e a realidade sórdida. O jovem não tinha prestado atenção naquela sombra silenciosa; com uma ligeira cotovelada e uma piscadela, Bourdeau lhe designou a presença insólita. Nicolas dirigiu-se ao desconhecido:

– Caro senhor, pode-se saber o que está fazendo aqui e quem lhe deu autorização para entrar?

O homem virou-se. Com a fronte encostada na grade, completamente absorto em sua contemplação, não tinha prestado atenção aos recém-chegados. Nicolas teve um movimento de surpresa.

– Mas... é o Dr. Semacgus!

– Pois é, Nicolas, sou eu mesmo.

– Apresento-lhe o inspetor Bourdeau.

– Tudo bem, senhor... Mas, Nicolas, que maus ventos o trazem a este local? Ainda sua aprendizagem?

– Isso mesmo, e o senhor?

– Meu empregado, Saint-Louis... chegou a conhecê-lo? Está sumido desde sexta-feira, e estou muito preocupado.

– Desde sexta-feira... Dr. Semacgus, este local não me parece apropriado para conversar. Importa-se de nos acompanhar ao escritório?

Passaram pela antecâmara das audiências na qual Nicolas tinha esperado sua primeira entrevista com Sartine: desde então, o meirinho cumprimentava-o com cortesia. Nicolas recordava, enternecido, o jovem bretão tímido que era. Resistiu a se entregar à nostalgia do passado: devia se dedicar de corpo e alma à sua missão atual.

Aproximaram-se de um escritório abominável, destinado aos policiais de plantão. Nicolas pediu a Semacgus para esperar alguns instantes e entrou na sala em companhia de Bourdeau.

– Não é uma estranha coincidência? – questionou. – O senhor não conhece o Dr. Semacgus e, por isso, sua surpresa não pode se igualar à minha diante da convergência de dois acontecimentos tão semelhantes.

Ficou pensativo um instante e retomou a palavra:

– Gauthier Semacgus é um cirurgião da Marinha formado na Escola de Brest. Depois de ter realizado numerosas viagens nos barcos do rei, acabou embarcando nos navios da Companhia das Índias, tendo permanecido vários anos nos nossos entrepostos da África, em Saint Louis do Senegal. Além de cientista e de um tipo extravagante, é um famoso anatomista. Ainda não entendi o motivo pelo qual é também amigo de Lardin, em cuja casa, aliás, travei conhecimento com ele...

Uma ideia atravessou-lhe a mente, mas preferiu guardá-la para si.

– Tem a seu serviço dois ex-escravos negros que são muito bem tratados: Saint-Louis é cocheiro e a mulher, Awa, é cozinheira. E mora sozinho em Vaugirard.

Outra ideia germinou em sua mente, mas, da mesma forma, não chegou a manifestá-la.

– Vamos proceder ao registro oficial de seu depoimento.

Nicolas abriu a porta e convidou Semacgus a entrar. Em plena luz, o homem tinha a estatura avantajada – no mínimo, de alguém que não passa despercebido no meio da multidão. Era muito mais alto que Nicolas, cujo porte, no entanto, não deixava de sobressair ao lado de seus pares. Vestia um paletó escuro com botões de cobre e corte militar, gravata de uma brancura brilhante e botas leves, além de se apoiar em uma bengala cujo castão prateado exibia esculturas exóticas. Com olhos castanhos, o rosto era maciço e corado. Emanava dele uma autoridade tranquila. Sentou-se diante de uma mesinha sobre a qual Bourdeau espalhava umas folhas de

papel, depois de ter apontado sua pena. Nicolas permaneceu de pé atrás do médico.

– Dr. Semacgus, queira permitir que procedamos ao registro de seu depoimento...

– Nicolas, não se ofenda, mas de onde vem essa sua segurança e com que direito...

Foi o inspetor Bourdeau quem respondeu:

– O Sr. Le Floch recebeu uma delegação extraordinária do Sr. de Sartine.

– Tudo bem, mas vai entender que eu tenha ficado surpreso.

Nicolas não rebateu.

– Dr. Semacgus, o que o senhor tem a declarar?

– Se é isso o que deseja... Sexta-feira, fui convidado por um amigo para uma ceia à meia-noite. Estamos no Carnaval, não é mesmo? Quem me levou à Rua do Faubourg-Saint-Honoré foi Saint-Louis, meu empregado, que é também, às vezes, o cocheiro de meu pequeno cabriolé. Mas, às três horas da manhã, não encontrei o cocheiro nem o veículo...

A pena de Bourdeau rangia sobre o papel.

– Faz três dias que estou visitando os hospitais e, como último recurso, vim à Basse-Geôle, para o caso de...

– O senhor teve acesso a este local fora dos horários de abertura – observou Nicolas.

Semacgus reprimiu um gesto de irritação.

– O senhor sabe muito bem que faço estudos de anatomia, e Lardin me entregou um cartão que me permite entrar a qualquer hora para examinar os corpos depositados no necrotério.

De fato, Nicolas se lembrou-se, de repente, desse detalhe.

– Será possível me dizer quem era o amigo que convidou o senhor na sexta-feira à noite? – perguntou ele.

– O delegado Lardin.

Bourdeau abriu a boca, mas conteve-se diante do olhar de repreensão de Nicolas.

– Em que lugar ocorreu essa ceia?

O médico sorriu com ironia e deu de ombros.

– Em um recinto de má fama que a polícia conhece perfeitamente. Trata-se do estabelecimento de La Paulet que se chama Dauphin Couronné, “golfinho coroado”, na Rua do Faubourg-Saint-Honoré. No térreo, é servida a ceia; no porão, mesa de faraó; nos pavimentos superiores, as moças. Um verdadeiro paraíso de Carnaval.

– O senhor costuma frequentar esse lugar?

– E se costumasse? Mas não é esse o meu caso. Fui convidado por Lardin, fato que aliás não deixou de me surpreender. Depois me ocorreu que ele era realmente apreciador desse gênero de farra, mas até aqui tinha procurado sempre evitar minha participação...

– E o senhor se divertiu lá?

– Nicolas, o senhor é ainda muito jovem. Sem falar da maciez da carne, as moças eram deslumbrantes... Quando a ocasião se apresenta, não tenho o costume de me privar dessa espécie de prazeres.

– A que horas chegou?

– Às onze horas.

– E quando saiu?

– Às três, como já lhe disse.

– Lardin saiu com o senhor?

– Há muito tempo que ele havia dado o fora... Pudera! Depois de ter aprontado aquele escândalo...

– Escândalo?!

– O senhor entende – sorriu o médico –, nós estávamos mascarados. Lardin já tinha bebido demais, misturando vinho com champanhe. Pouco antes da meia-noite, um sujeito entrou na sala e empurrou Lardin... ou o contrário. Então, Lardin arrancou-lhe a

máscara. Fiquei surpreendido ao reconhecer Descart, que é – o senhor, talvez, saiba disso – meu vizinho em Vaugirard. Travei conhecimento com ele na casa de Lardin, já que a Sr.ª Lardin é sua prima. Aliás, foi por seu intermédio que encontrei uma casa no meu retorno da África. Descart no estabelecimento de La Paulet! Estávamos todos num clima de loucura. De imediato, os dois atracaram. Lardin estava fora de si: espumava de raiva, acusando Descart de andar de olho em sua mulher. Descart foi embora e Lardin saiu pouco depois.

– Sozinho?

– Isso mesmo. Quanto a mim, fui com uma moça para o andar de cima. Mas será que tudo isso tem algo a ver com o sumiço de Saint-Louis?

– E qual é o nome dessa moça?

– La Satin.

– Descart chegou a reconhecê-lo?

– Não... Como era antes da meia-noite, eu ainda usava minha máscara.

– E ele... teria sido reconhecido?

– Não creio, porque voltou a colocar a máscara imediatamente.

Nicolas manifestava algum desconforto por constranger com perguntas um homem por quem tinha experimentado sempre sentimentos de simpatia, resultado, naturalmente, da atenção benevolente de Semacgus a seu respeito.

– Devo informá-lo de outro sumiço – acrescentou. – Ninguém voltou a ver o delegado Lardin desde sexta-feira à noite: ao que parece, o senhor foi a última pessoa a vê-lo.

A resposta de Semacgus foi simples e surpreendente:

– Isso tinha de acontecer.

Sobre a folha de papel, a pena de Bourdeau emitia chiados cada vez mais agudos.

– O que o senhor quer dizer?

– Que Lardin, de tanto manifestar desprezo pelo gênero humano, acabaria por ter aborrecimentos.

– Mas ele é seu amigo...

– A amizade não impede a lucidez!

– Permita-me que lhe diga: o senhor fala de Lardin como se ele estivesse morto...

Semacgus olhou para Nicolas com comiseração.

– Percebo que está exercendo seu ofício com perfeição, senhor policial. Aparentemente, já concluiu sua aprendizagem...

– E eu quero ouvir seu comentário sobre minha observação.

– Trata-se apenas de uma intuição. Estou mais preocupado com o destino de meu empregado – que, segundo parece, foi esquecido pelo senhor.

– Saint-Louis é um escravo... que só pensa em fugir!

Os olhos castanhos de Semacgus observaram Nicolas com tristeza.

– São ideias muito convencionais para a cabeça de um jovem, Nicolas, e não se parecem, de modo algum, com o senhor. Na verdade, Saint-Louis é livre: já lhe concedi a alforria. Ele não tem nenhum motivo para fugir, tanto mais que sua mulher, Awa, continua em minha casa.

– Queira descrever para o Sr. Bourdeau os sinais exatos de identificação de Saint-Louis: vamos mandar procurá-lo.

– Meu maior desejo é que o encontrem, sou muito apegado a ele.

– Ainda uma pergunta: na sexta-feira à noite, Lardin carregava sua inseparável borduna?

– Acho que não – respondeu o médico.

E olhou de novo para Nicolas, agora com uma centelha de curiosidade bem divertida.

– Por agora, é tudo, doutor – concluiu o jovem. – Veja com Bourdeau o que se refere a Saint-Louis.

Depois que Semacgus saiu da sala, os dois policiais permaneceram, durante um longo momento, absortos em suas próprias reflexões. Bourdeau tamborilava na secretária com os dedos.

– Para um primeiro interrogatório, ninguém teria feito melhor – disse ele, por fim.

Nicolas não comentou essa observação – que, no entanto, não deixou de lhe agradar.

– Vou retornar à Rua Neuve-Saint-Augustin – acrescentou. – O Sr. de Sartine deve ser informado imediatamente de tudo isso.

Bourdeau fez um aceno negativo com a cabeça.

– Nada de exageros, meu jovem: agora é hora do almoço! Aliás, já passou há muito tempo. Por outro lado, o superintendente-geral estará ocupado na parte da tarde. O senhor é meu convidado: conheço uma pequena taberna que serve um vinho excelente.

Depois de caminhar por toda a extensão da Grande Boucherie, cujos prédios estavam situados atrás do Châtelet, eles entraram na ruela do Pied-de-Bœuf. Nicolas tinha acabado por se acostumar aos hábitos e, até mesmo, ao fedor do bairro: os açougueiros abatiam as reses nos próprios estabelecimentos, e o sangue escorria no meio das vielas, grudando-se à sola dos sapatos dos transeuntes. Mas esse detalhe não era nada em comparação com os cheiros provenientes dos fornos que derretiam o sebo animal. Bourdeau saltava tanto as trilhas deixadas pelos veículos quanto as poças, insensível à fedentina; Nicolas, que estava voltando de sua Bretanha e conservava ainda na pele a brisa tonificante das tempestades, cobriu o rosto com o lenço, para divertimento do companheiro.

A taberna era acolhedora e frequentada por empregados de quitandas e por escreventes de tabelião. O estalajadeiro era um conterrâneo de Bourdeau – ambos originários de uma aldeia perto de Chinon – e vendia o vinho produzido nessa região. Sentaram-se à mesa diante de um guisado de frango, pão, queijos de cabra e um

pichel de vinho. A despeito do aspecto pouco atraente do trajeto até ali, Nicolas honrou o cardápio – carne servida simultaneamente com a sobremesa – e, com apetite, atacou-o sem cerimônia. A conversa consistiu em elaborar planos de ação: prevenir o Sr. de Sartine, fazer investigações em Vaugirard e na Rua do Faubourg-Saint-Honoré, interrogar Descart e La Paulet, além de prosseguir o exame dos relatórios da polícia.

Eram quase cinco horas quando eles se despediram. Tendo procurado Sartine em seu palacete, Nicolas não o encontrou: tinha ido a Versalhes, convocado pelo rei. Ocorreu-lhe a ideia de visitar o padre Grégoire, mas o convento dos Carmelitas estava muito longe, e, como a noite estava chegando, decidiu que era mais sensato voltar para a Rua dos Blancs-Manteaux.

A casa havia estado realmente movimentada na sua ausência. Tão logo abriu a porta, escutou de novo duas pessoas que conversavam – dessa vez, no salão da Sr.ª Lardin.

– Louise, ele estava a par de tudo – dizia uma voz masculina.

– Eu sei disso; inclusive, ele me fez uma cena terrível. Mas afinal, Henri, explique-me, se possível: qual era a razão de sua presença naquela casa?

– Tratava-se de uma armadilha. Não posso lhe dizer nada... A senhora não ouviu um ruído?

Os dois se calaram. A boca de Nicolas foi energicamente tampada por uma mão, enquanto, com a outra, ele era empurrado, na obscuridade, para a copa. Ele não via nada, apenas ouvia uma respiração ofegante. Foi solto. Ainda sentiu um hálito e inspirou um perfume que não lhe era estranho; em seguida, ouviu os passos de alguém que se afastava, tendo ficado sozinho no escuro, atento e imóvel. Pouco depois, a porta da entrada foi fechada, e ele pôde escutar Louise Lardin chegando a seus aposentos no primeiro andar. Tendo aguardado alguns instantes, acabou subindo para seu quarto no sótão.

IV
Descobertas

À medida que alguém se torna mais esclarecido,
menor é seu conhecimento.
Príncipe de Ligne*

Terça-feira, 6 de fevereiro de 1761

Ao despertar, Nicolas tentou recordar, nos mais ínfimos detalhes, a cena que tinha marcado seu retorno, na véspera, à Rua dos Blancs-Manteaux. O perfume fugaz que havia inspirado só poderia ser o de Marie Lardin. Se tivesse sido agarrado daquele jeito por Catherine, teria reconhecido logo a cozinheira pelos odores de que sua roupa estava sempre impregnada. Mas o que teria levado Marie a tal comportamento? Sem dúvida, quis protegê-lo, mas de quem? Ele havia reconhecido perfeitamente as vozes de Descart e da Sr.ª Lardin, cuja conversa não continha nenhum mistério para ele. Várias conclusões, no entanto, podiam ser tiradas daí: Descart mantinha relações particulares com Louise Lardin. Ao ouvir o relato sobre o incidente no Dauphin Couronné, ela devia ter ficado escandalizada por sua presença naquele lugar. Mas qual seria o motivo para ele falar em “armadilha”? Seria uma maneira de se desculpar por ter ido a tal estabelecimento?

Para Nicolas, esse breve diálogo assumia um sentido especial à luz da agressão protetora de que tinha sido objeto. O fato de que

alguém – Marie Lardin – tivesse julgado que era perigoso ser testemunha dessa conversa conferia a tal incidente uma dimensão inquietante. Dali em diante, o mais conveniente seria bancar o inocente e evitar demonstrar curiosidade para os moradores da casa. Cada um ficaria sabendo bem depressa – aliás, a notícia talvez já fosse conhecida – que ele era o investigador designado pelo Sr. de Sartine para resolver o caso do desaparecimento do chefe da família.

Ainda absorto em seus pensamentos, Nicolas surpreendeu-se a cantarolar uma melodia da ópera *Dardanus,* de Rameau, o que não lhe tinha acontecido desde sua saída de Guérande. A vida, portanto, retomava seu fluxo, e ele estava impaciente por começar seu dia de trabalho. Havia abraçado involuntariamente a carreira de policial: tendo chegado em Paris e tomado sob tutela por de Sartine, tudo tinha se desencadeado. Agora, a ação e suas consequências, suas surpresas, suas descobertas e, às vezes, seus obstáculos lhe insuflavam uma nova energia, mesmo que algumas questões permanecessem sem resposta e alguns escrúpulos surgissem no decorrer da operação. O interrogatório de Semacgus lhe deixara um sentimento confuso de amargura. Questionava-se sobre permanecer na casa dos Lardin quando, afinal, tudo levava a crer que, mais dia menos dia, seria forçado também a interrogá-los.

Enquanto terminava rapidamente de se lavar com água gelada, ficou impressionado, de repente, com o silêncio da casa: com certeza, o bairro era calmo, mas parecia subitamente sufocado por um manto pesado. Ao olhar para fora, seu desconforto foi esclarecido: o amanhecer lançava uma luz amarelada sobre um jardim coberto de neve.

O relógio do cônego tocou sete horas e meia. Ao descer, Nicolas não encontrou Catherine, mas ela havia deixado, em um canto da fornalha, um tacho com mingau que, sem dúvida, lhe era destinado; na mesa, havia também pão fresco. Às terças-feiras, a cozinheira saía bem cedo, com duas enormes cestas de vime, em direção ao Mercado Saint-Jean: ela se apressava tanto quanto lhe era permitido por sua corpulência, a fim de aproveitar a hora matinal

porque, com um pouco de sorte, poderia encontrar peixes ainda vivos. Com efeito, as barcaças que traziam os peixes frescos do Baixo Sena estavam equipadas com viveiros de água do mar para o transporte de belos espécimes.

Nicolas já estava prestes a sair quando foi chamado por Louise Lardin. Sentada na secretária da biblioteca, ela escrevia na penumbra: apenas um castiçal, cuja vela estava quase consumida, iluminava um semblante desfigurado e vencido pela fadiga.

– Bom dia, Nicolas. Desci bem cedo, não conseguia dormir. Guillaume ainda não voltou. Ontem à noite, não ouvi o senhor entrar em casa; a que horas foi?

Além de uma preocupação até aqui nunca manifestada, a pergunta era direta.

– Bem depois das oito horas – mentiu Nicolas.

Tendo encarado o jovem com uma expressão incrédula, ele observou pela primeira vez a ausência do sorriso habitual, e notou até que ponto aquele rosto, despenteado e sem maquiagem, podia ser pouco harmonioso com os lábios cerrados.

– Onde será que ele está? – questionou ela. – O senhor falou ontem com Bourdeau? Até agora, não recebi nenhuma informação.

– As investigações estão em curso, minha senhora; pode ter certeza disso.

– Nicolas, quero saber tudo.

Ela se levantou e, dessa vez, esboçou um sorriso. Sem levar em consideração sua aparência desleixada, retomava a atitude habitual de sedução, levando-o a pensar, de repente, na feiticeira Circe. E a mente de Nicolas se pôs a divagar: imaginou-se subitamente transformado em pica-pau, como o rei Pico, ou em porco, como os companheiros de Ulisses. O mingau de Catherine não parecia apropriado para protegê-lo dos sortilégios de Louise. Esse devaneio mitológico, que cheirava ainda à sua erudição presunçosa de estudante, levou-o a perder a seriedade.

– Isso o faz rir?! – perguntou Louise Lardin.

Nicolas se recompôs.

– Não, minha senhora, de modo algum. Queira perdoar-me, tenho de ir embora.

– Vá embora, senhor, vá embora, ninguém vai obrigá-lo a ficar. Talvez venha a ser portador de boas notícias. Mas quanto mais o observo com atenção, maior é minha convicção de que nada posso esperar do senhor.

Ele já estava transpondo a soleira da porta quando ela o chamou novamente, estendendo-lhe a mão.

– Peço perdão, Nicolas, eu não queria dizer isso: estou ansiosa e apreensiva. O senhor é meu amigo, não é mesmo?

– Estou a seu serviço, minha senhora.

E apressou-se em se despedir daquela mulher cuja evidente duplicidade o deixava intrigado, sem conseguir entender a natureza exata dos sentimentos que ela lhe inspirava.

A neve tinha cessado de cair, o frio era cortante, mas pairava a promessa de um dia agradável. No prédio da polícia, Nicolas encontrou o Sr. de Sartine na escadaria, dando mostras de estar apressado e impaciente. Assim, foi de pé num degrau que Nicolas prestou conta dos resultados iniciais de suas investigações. Se sua expectativa era receber uma aprovação lisonjeira, teve de baixar a pretensão, contentando-se com um resmungo mal-humorado por parte do superintendente-geral.

Nicolas, que pretendia dirigir-se a Vaugirard para interrogar o Dr. Descart, atreveu-se a solicitar autorização para pegar emprestada uma montaria nos estábulos do serviço. Em tom demasiado ríspido, a figura de rosto avermelhado respondeu que, de posse de um mandato – qual já começava a se arrepender por ter concedido –, bastava apresentá-lo sem importunar as pessoas com minudências desnecessárias, e que podia levar um, doze ou cem cavalos, jumentos ou qualquer outra espécie de muares, com a condição de que fosse para o serviço do rei.

Mortificado, Nicolas foi à procura de Bourdeau e lhe contou o insulto inesperado, mas logo se arrependeu por essa atitude, como se tratasse de um ponto fraco que teria escapado a seu controle. Ao escutá-lo com bom humor, o inspetor tentou convencê-lo da insignificância do incidente, no qual apenas seu amor-próprio estava em jogo. Nicolas corou e concordou com seu interlocutor.

Bourdeau chamou sua atenção para o fato de que o Sr. de Sartine tinha um grande número de casos para resolver; o sumiço de Lardin não era, certamente, o mais grave, até porque o superintendente-geral tinha de prestar contas não só ao conde de Saint-Florentin, ministro da Casa do rei e principal responsável pela cidade de Paris, mas também aos mais importantes ministros, que tinham direito a manifestar sua opinião e, por fim, ao próprio rei, com quem despachava pessoalmente e de quem recebia as ordens de serviço. Teria sido possível imaginar uma posição mais espinhosa e preocupações mais constantes? Tal situação justificava amplamente suas bruscas alterações de humor e sua paixão imoderada por... perucas. Em relação a isso, o que aqueles dois representariam senão desprezíveis engrenagens da imensa máquina policial? Que Nicolas aprendesse a lição e que ela ficasse bem gravada em sua cabeça.

Sem replicar, o jovem, ainda pesaroso, mudou de assunto, agradecendo aos céus por lhe terem proporcionado um companheiro capaz de lhe dizer a verdade. Depois de atribuir a Bourdeau o encargo de ler os últimos relatórios, Nicolas foi escolher um cavalo nos estábulos – onde não havia jumentos nem outra espécie de muares – e pôs-se a caminho de Vaugirard.

Tendo atravessado o Sena pela Pont Royal, Nicolas chegou à esplanada dos Invalides e se deteve, atraído pelo esplendor do espetáculo: o Sol lançava de lado réstias de luz que atravessavam nuvens escuras. Ajudado pelo vento, um invisível mestre de balé animava mudanças incessantes, que dispersavam aquele imenso panorama de irradiações solares sucessivas e opostas. A cortina de sombra, perfurada por relâmpagos, cedia lugar, instantaneamente, a

seu contrário; então, a claridade vacilava, devorada por obscuras explosões.

No centro, dominando a cena e verdadeiramente majestático, o domo da Igreja de Saint Louis, refletindo as sombras intermitentes, parecia girar em torno de seu eixo de pedra. A parte resplandecente da cúpula era ainda sublinhada pela linha horizontal dos telhados, cuja ardósia úmida brilhava nos pontos já cobertos pela neve. Grandes porções brancas acumulavam-se em torno das águas-furtadas e das chaminés; pedaços se soltavam em pencas, coroando o edifício de volutas fofas. Nicolas, sonhador impenitente diante de céus oceânicos, estava encantado pela paleta composta de tons cinza, negro, branco, dourado e azul-escuro. Tanta beleza o paralisava, e seu coração pulsava de felicidade. Ele se percebeu, então, um aficionado de Paris, que lhe oferecia aquela emoção, e compreendeu, pela primeira vez, o sentido profundo da frase das Escrituras: “E a luz se fez”.

Ao fustigar-lhe o rosto, o vento acabou por despertá-lo de seus devaneios, voltando a mergulhá-lo no surdo temor de enfrentar Descart. Tendo posto o cavalo a galope, ele se inebriava agora com o ar gelado. A mão segurando o chapéu, com receio de que fosse arrastado pelo vento, endireitou o tronco, mantendo a cabeça erguida. Sua cabeleira ondulava livremente, à semelhança da crina marrom da montaria; de longe, aquela movimentada composição de músculos, tecidos e couros deveria representar a imagem fantasmagórica de um centauro. O choque repetido dos cascos sobre a neve produzia sons chiantes, abafados, cuja irregularidade acentuava a estranheza da aparição diáfana que atravessava a esplanada. Transposta a porta da cidade que dava para Vaugirard, pequenas colinas arredondadas se distribuíam desde as muralhas da cidade até as colinas de Meudon. Os moinhos, semelhantes a torres de gelo, montavam guarda; de suas velas denteadas de geada, pendiam afiadas lanças de cristal. Tudo era branco, acetinado e quebradiço. A embriaguez da corrida e a reverberação do céu, clarão escuro de um mundo incolor, entorpeceram novamente Nicolas.

No meio de um exército petrificado de videiras, surgiram casebres soterrados pela neve e pequenas casas de luxo. Nicolas teve a impressão de estar a cem léguas da capital. No lugarejo chamado La Croix Nivert, um cruzamento o obrigou a escolher um caminho. Já viera uma vez à casa do médico, para lhe entregar uma correspondência de Lardin: ao recebê-lo na soleira da porta, Descart nem se dignara a lhe dizer uma palavra.

Nicolas acabou finalmente por reconhecer a moradia: tratava-se de uma ampla construção rodeada por muros bem altos, encimados por cacos de vidro quebrados no almofariz. De repente, um cão começou a latir. Assustado, o cavalo deu tamanho salto que um cavaleiro menos experiente que Nicolas teria sido atirado imediatamente fora da sela. Ele acalmou o animal desorientado, afagando-lhe o pescoço e murmurando palavras tranquilizadoras.

Desmontando, Nicolas hesitou um instante antes de puxar uma maçaneta que fez tocar uma campainha ao longe. O cão recomeçou a latir, mas ninguém aparecia. Ao perceber que o portão estava entreaberto, o rapaz entrou e percorreu o jardim por uma trilha ladeada de buxo. Os postigos estavam fechados, mas a porta cedeu à primeira pressão.

Ficou surpreso por se encontrar numa espécie de terraço interno – que descobriu ser a parte superior de uma escadaria de pedra, a qual, por dois lances simétricos, dava acesso a um amplo salão. Logo sentiu um estranho odor, à semelhança de um bafio de mofo, de feltro umedecido, de incenso esfriado e de vela de sebo apagada, tudo isso dominado por um miasma enjoativo, metálico e ácido, que Nicolas foi incapaz de identificar.

O jovem observou com atenção a cena que se desenrolava no pavimento inferior, uma sala com piso de cerâmica, duas janelas, uma em cada extremidade, disfarçadas por pesadas cortinas, além de uma lareira na frente da escadaria. Vigas aparentes, enegrecidas, formavam um teto bem alto; prateleiras de madeira forravam praticamente toda a extensão das paredes. Acima da lareira, um grande crucifixo oferecia a visão atormentada de um Cristo de marfim com os braços esticados para o alto. Ele chamou a atenção de Nicolas; seu tutor, o cônego, teria exigido, senão um

atestado de confissão, pelo menos uma boa e integral profissão de fé a qualquer paroquiano que possuísse um crucifixo semelhante[2]. Em um canto do salão, vestindo um avental manchado por cima da roupa, Descart estava terminando de aplicar uma sangria em uma idosa cujo braço direito, mantido por ataduras e talas, parecia fraturado. O conteúdo de uma bacia de metal em que cintilava frouxamente um líquido purpúreo indicava que já tinham sido feitas várias sangrias. A paciente, de rosto pálido, deitada no encosto da poltrona, estava desmaiada, e Descart lhe esfregava as têmporas com sal e vinagre. Nicolas limpou a garganta e tossiu. O médico virou-se.

– Não está vendo que estou operando? – bradou ele, em tom irritado. – Saia daqui.

A mulher recobrava os sentidos e pôs-se a gemer surdamente, monopolizando a atenção do médico.

– Doutor – disse Nicolas –, depois de terminar o que está fazendo, eu gostaria de falar com o senhor; na verdade, de proceder a um interrogatório.

Uma vez mais, ele se afligiu por sua impossibilidade de encontrar a fórmula adequada para iniciar a conversa, como se fosse um cavalo que empaca diante do obstáculo.

– Um interrogatório? – exclamou o médico. – Proceder a um interrogatório! Um sabujo que pretende me interrogar! Ponha-se já na rua.

Lívido, Nicolas desceu precipitadamente a escadaria, postando-se de maneira provocadora diante de Descart, que deu um passo para trás, o rosto tomado por tremores.

– Doutor – insistiu Nicolas –, peço-lhe o favor de não me ofender: o senhor acabaria por arrepender-se, de diversas maneiras. Não vou embora, e o senhor prestará atenção ao que tenho para lhe dizer.

A mulher, estarrecida, olhava alternadamente para os dois homens.

– Vou soltar meu cão, e o senhor terá de ir embora, estou avisando – resmungou Descart.

Ele levantou a paciente, segurando-a pelo braço saudável, e a conduziu em direção à porta.

– Minha senhora, pode voltar para casa; tem de ficar em repouso total e fazer uma dieta rigorosa. Amanhã volto a vê-la, porque serão necessárias novas sangrias. Tudo depende do tratamento de hoje. Até mais.

Ninguém tinha dado pela presença do homem que, tendo entrado sem fazer qualquer ruído, se mantinha de pé, na penumbra, havia alguns instantes.

– Com semelhante tratamento, meu ilustre confrade, vai enviar para a cova, em breve, todos os seus doentes.

Nicolas reconheceu imediatamente a voz de Semacgus.

– Só faltava agora o diabo se intrometer! – vociferou Descart, empurrando a mulher para fora da sala.

Ao atingir o último degrau da escadaria, Semacgus cumprimentou Nicolas com uma piscadela e se aproximou de Descart.

– Caro confrade, gostaria de lhe dizer algumas palavras.

– O senhor também! Mas “confrade” é desfaçatez demais. O senhor atreve-se a se pavonear com títulos, senhor servente de cirurgião[3]! Farei o impossível para que seja impedido de exercer sua profissão: vejam só, um homem que rejeita a aplicação de sangrias, confia cegamente na natureza e trata de doentes sem ter diploma!

– Não dê importância a minhas credenciais – que, afinal, são tão válidas quanto as suas. E em relação às sangrias, o senhor é o defensor inveterado, neste século esclarecido, de doutrinas obsoletas...

– Doutrinas obsoletas! Mas ele tem a ousadia de insultar Hipócrates e Galeno. “A instrução do sábio é fonte de vida.”

Semacgus arrastou uma cadeira e sentou-se. Nicolas pressentiu que, daquele modo, ele desejava se precaver contra a violência do próprio temperamento; de acordo com suas observações, tal posição o preservava de comportamentos excessivos, e a cólera se impunha mais devagar em quem estava sentado.

– É certo que sua erudição leva à morte. Quando é que vai entender que a sangria, se é útil em caso de pletora, acaba sendo nefasta em um grande número de outras situações? Como pode essa fratura ser tratada, se essa infeliz mulher perde o vigor físico? E, para cúmulo, ela recebe a ordem de ficar esfomeada quando seria necessário prescrever-lhe uma boa refeição, regada com vinho da Borgonha: isso é o que ajudaria na sua cura.

– Ele blasfema contra as Escrituras! – esganiçou Descart. – “O malvado enreda-se na falsidade dos lábios.” Se suas medíocres reflexões tivessem sido analisadas de forma mais criteriosa, o senhor teria aprendido, como ensina Batalli[4], que “o sangue é, no corpo humano, como a água abundante de uma mina: quanto mais se tira, maior é seu volume”. Com a diminuição do sangue, aumenta sua quantidade. Tudo é evacuado e tudo se dissolve: as febres, os humores, a acidez, as acrimônias e a viscosidade. Quanto maior for a sangria, melhor será o estado de saúde, ignorante duma figa!

Um pouco de espuma apareceu na comissura de seus lábios delgados; tendo agarrado, maquinalmente, sua lanceta, ele traçava volutas que se refletiam no líquido ensanguentado da bacia.

– Mudemos de conversa, Sr. Dr., o exemplo é ruim demais. O desafortunado Patin[5] exigiu que lhe fizessem sete sangrias e acabou por não resistir. Em relação aos autores, prefiro mencionar nosso amigo Sénac*, o médico do rei, que o senhor deve certamente conhecer. Quando se pretende cuidar de uma apoplexia, começa-se por prestar atenção às pernas. O senhor não é cientista, nem civilizado, tampouco virtuoso, e eu gostaria de lhe perguntar, sem rodeios...

Nicolas decidiu interromper a contenda, que se tornava insuportável para ele, embora tivesse compreendido confusamente que os argumentos de Semacgus eram repletos de bom senso.

Essa reação não era, certamente, imparcial, pois sua preferência influenciava bastante seu julgamento. Mas ele estava, também, constrangido por verificar que Semacgus se obstinava em responder às provocações de Descart, envolvendo-se naquela controvérsia ridícula.

– Meus senhores, basta de conversa – intrometeu-se. – Podem continuar a discussão em outro dia. Se estou aqui, Sr. Descart, é em nome do Sr. de Sartine, superintendente-geral da polícia, de quem recebi plenos poderes para investigar o desaparecimento do delegado Guillaume Lardin. Temos conhecimento de que o senhor se encontra entre as pessoas que o viram pela última vez.

Descart deu alguns passos e atiçou o fogo da lareira, que se inflamou de novo, crepitando com um brilho intenso.

– Tudo acontece neste mundo de iniquidades – suspirou ele. – Este fedelho...

– Estou aguardando sua resposta, senhor Descart.

– De fato, jantei na casa dos Lardin, há dez dias.

Semacgus esboçou um movimento, mas foi impedido por Nicolas, que lhe segurou o braço, percebendo a ebulição interior que o agitava.

– E, desde então, não voltou a encontrá-lo?

– Já lhe respondi. “Sois vós as minhas testemunhas, oráculo do Senhor Deus!”

– Insisto: o senhor voltou a encontrar Lardin depois disso?

– De modo algum. Mas o que significa esta inquisição?

Semacgus não conseguiu abster-se de tomar a palavra, mas sua pergunta não foi a que Nicolas receava.

– Descart, o que você aprontou com Saint-Louis?

– Absolutamente nada; não tenho nenhum interesse por seu negro. Ele conspurca a terra do Senhor, nosso Deus.

– Disseram-me... – interveio Nicolas.

E, de novo, ficou surpreendido com a resposta de Descart.

– Que atirei contra ele, na Festa de São João, não é mesmo? Aquele demônio estava roubando cerejas no meu quintal. Teve o que merecia: uma descarga de sal grosso na bunda.

– Levei duas horas para retirar os grãos de sal – irritou-se Semacgus. – Meu empregado não tinha roubado nada, simplesmente passava diante de sua casa. Mas agora ele sumiu: o que aprontou contra ele?

Nicolas observava com atenção o rumo que tomava o confronto. Dois fragmentos de sílex friccionados um contra o outro produzem faíscas. Deixemos os homens se enfronharem nessa briga – dizia ele a seus botões –, a verdade talvez apareça.

– Antes de mais nada, trate de explicar a este fedelho aí o que o senhor tem feito com a fêmea de seu escravo! – troçava Descart. – "Seu semblante tornou-se mais negro que a fuligem." Todo mundo sabe em que lascívia o senhor tem deitado e rolado com ela: como se sentiu ameaçado por aquela besta enciumada, deu cabo dele, e ponto!

Semacgus levantou-se. Com a forte pressão exercida por Nicolas em seu braço, voltou a sentar-se.

– Ao que parece, na sua boca, a calúnia se dá bem com a devoção, Sr. Decálogo. Pode estar certo de que, até encontrar meu empregado, não deixarei que o senhor fique sossegado um instante. Aliás, quero informá-lo de que ele não é escravo, mas um ser humano como eu, como o Sr. Le Floch e, talvez, até mesmo como V. Ex.ª, Sr. Sangrador.

Descart, em estado de agitação intensa, continuava empunhando a lanceta. Os três homens ficaram calados até o momento em que Nicolas, com voz impassível e uma autoridade que os surpreendeu, interrompeu a altercação.

– Dr. Descart, tive prazer em escutá-lo. Fique sabendo que suas afirmações serão verificadas. Além disso, terá de comparecer diante de um magistrado que irá interrogá-lo a respeito do desaparecimento não só do delegado Lardin, mas também de Saint-Louis. Sr. Dr., nossa conversa fica por aqui.

E, puxando rapidamente Semacgus, ainda ouviu Descart proferir a última citação bíblica:

– “Tornei-me opróbrio para os meus vizinhos e objeto de pavor para os meus conhecidos.”

O ar frio fez bem aos dois. O rosto de Semacgus, já naturalmente corado, tornara-se vermelho-tijolo, e uma veia violácea latejava intensamente em sua fonte.

– Nicolas, eu não matei Saint-Louis: o senhor acredita em mim, não é mesmo?

– Claro. Mas eu gostaria de ter a mesma certeza em relação a Lardin; vai concordar comigo se eu disser que o senhor encontra-se entre os suspeitos.

– Agora é o senhor que fala como se Lardin estivesse morto...

– Eu não quis dizer isso.

– Mas por que me impediu de falar ao Dr. Descart daquela noite no estabelecimento de La Paulet?

– O senhor mesmo disse que nada indica que ele tenha sido reconhecido. Trata-se da palavra de um contra a do outro: aguardo outros testemunhos que venham corroborar a sua declaração. Mas qual será o motivo de tanto ódio dele contra o senhor, para além das controvérsias médicas?

– Convém não depreciá-las dessa maneira, Nicolas; elas fazem parte da velha rivalidade entre médicos e cirurgiões. Faço o tratamento de alguns pobres diabos; ele julga, então, que estou invadindo seu território e deturpando sua prática...

– Mas já chegaram a ser amigos?

– Conhecidos, no máximo... por causa de Lardin.

– Então, responda-me: o senhor já teve um caso com Louise Lardin?

Semacgus levantou a cabeça para o azul resplandecente. Piscou, desviando os olhos em direção ao rosto tenso de Nicolas,

suspirou e, apoiando a mão no ombro do jovem, pôs-se a falar em voz baixa.

– Nicolas, o senhor é bem jovem, volto a dizer. Para ser franco, tenho receio de que Louise Lardin seja uma mulher fatal de quem o senhor deveria também desconfiar.

– Essa é... sua resposta?

– Minha resposta é que não consegui resistir, uma vez, à sua sedução.

– E Lardin teve conhecimento disso?

– Desconheço, mas fomos surpreendidos por Descart.

– Há quanto tempo?

– Há cerca de um ano...

– Por que, então, Descart não fala a respeito?

– Porque se encontra na mesma situação: ao apontar o dedo contra mim, a acusação poderá virar-se contra ele.

– Quem está a par, no caso de Descart?

– Pergunte a Catherine, ela sabe de tudo; e Marie deve saber também, porque a empregada dos Lardin não lhe esconde nada.

Nicolas estendeu a mão para Semacgus com um sorriso luminoso.

– Vamos continuar sendo amigos, não é mesmo?

– É óbvio, Nicolas. Ninguém deseja seu sucesso mais do que eu. E, pelo amor de Deus, não se esqueça do infeliz Saint-Louis.

Nicolas voltou à Rua Neuve-Saint-Augustin circunspecto pelo que acabava de saber, mas de coração leve por ter reatado a amizade com Semacgus. Intimamente, sentiu enorme satisfação ao imaginar que o Sr. de Sartine seria privado de informações, na medida em que tinha intenção de lhe apresentar o próximo relatório apenas quando tivesse conseguido material mais substancial para merecer sua atenção; ainda conservava um laivo de rancor pelo último encontro de ambos, no degrau do prédio da polícia.

Bourdeau estava à sua espera com ar atarefado e misterioso. Tinha ficado intrigado com um relatório da ronda de segurança. Uma Émilie qualquer, vendedora de sopa, tinha sido presa no sábado, 3 de fevereiro, cerca de seis horas da manhã, por uma patrulha que controla as portas da cidade. No decorrer do interrogatório, na delegacia do Temple, os detalhes fornecidos por ela eram tão extravagantes que se supôs tratar-se de uma história inventada; assim, seu depoimento só foi registrado *pro forma,* e a velha tinha sido solta. De acordo com a investigação de Bourdeau, ela já era conhecida da polícia por pequenos delitos e como antiga cortesã que, em decorrência da idade, caíra na devassidão e, em seguida, na miséria. O inspetor contratara um veículo e fora à procura da velha Émilie: acabava de interrogá-la no Châtelet, onde estava detida. Ele entregou seu relatório a Nicolas.

De terça-feira, 6 de fevereiro de 1761

À nossa frente, Pierre Bourdeau, inspetor de polícia no Châtelet, compareceu Jeanne Huppin, conhecida como “a velha Émilie”, vendedora de sopa e alcoviteira, moradora em casa mobiliada na Rua do Faubourg-du-Temple, perto de La Courtille.

Interrogada, falou nestes termos: “Ai, meu Deus, a que ponto eu cheguei; são meus pecados que fizeram isso.”

Inquirida se tinha ido ao lugarejo de La Villette, no Grand Équarrissage* de Montfaucon, para roubar a carne em decomposição que foi encontrada em sua posse, e isso de maneira ilícita e contrariamente às ordenanças.

Respondeu ao que lhe tínhamos perguntado ter ido realmente a Montfaucon para coletar aí algum alimento.

Interrogada se essa carne não era destinada a seu negócio de sopa.

Respondeu que tinha intenção de usá-la para si mesma e que tinha sido obrigada a isso pela necessidade que vem da miséria e da falta de tudo.

Disse que queria fazer uma revelação com a condição de que lhe fosse prometido levar isso em conta não para desculpar seu gesto, mas para praticar um ato de boa cristã que era e descarregar sua consciência de um pesado segredo.

Disse que estando ocupada a cortar, com um grande facão, um pedaço de animal morto, tinha ouvido o relincho de um cavalo e dois homens que se aproximavam. Que se tinha escondido por medo e receio de ser surpreendida pelo que supunha ser uma ronda que, às vezes, faz a vigilância desses lugares. Viu os ditos homens, alumiados por uma lanterna, esvaziar dois barris de uma matéria que lhe pareceu sangrenta, tudo isso acompanhado por roupas. Acrescentou que tinha ouvido como que um estalido e viu algo queimar.

Interrogada para saber se tinha distinguido o que estava queimando.

Respondeu que estava com muito medo e que, de pavor, perdera os sentidos. Tendo sido reanimada pelo frio, ela havia fugido sem nada querer examinar, com receio de atrair em sua direção uma matilha de cães vadios que tinham se ajuntado perto desse material. Estava atravessando a porta da cidade quando foi detida e interrogada pelos guardas.

Bourdeau se ofereceu para ir rapidamente a Montfaucon, a fim de examinar o que tinha acontecido. A velha Émilie deveria fazer parte dessa viagem para justificar, no local, a exatidão e a coerência de suas afirmações. No caso de serem confirmadas, elas seriam a indicação, no mínimo, de que um drama sangrento tinha ocorrido durante a noite em que Lardin havia desaparecido. Nicolas ainda chegou a observar que a vida noturna da capital encobria um grande número de mistérios, não havendo, portanto, nenhuma razão para pensar que existisse um nexo entre aquele caso e a investigação em curso; no entanto, concordou em acompanhar Bourdeau.

Apesar de ser naturalmente generoso, Nicolas não deixava de ser parcimonioso em relação ao dinheiro que lhe tinha sido confiado,

e hesitou em desfalcar o pecúlio do Sr. de Sartine para contratar um veículo de aluguel. A velha Émilie foi retirada de sua cela no Châtelet sem que lhe tivesse sido comunicado o propósito desse deslocamento: Nicolas contava com a ansiedade da incerteza para apavorar a indigente e solapar suas defesas. Agora, ela estava sentada ao lado de Bourdeau, enquanto Nicolas se postava à sua frente: assim podia observar, à vontade, a antiga cortesã. Nunca tinha visto espetáculo mais lamentável do que aquele resquício irrisório de esplendores passados: a velha vestia trapos de toda espécie, jogados uns sobre os outros. Será que a desafortunada mulher temia que eles lhe fossem surripiados ou procurava proteger-se do frio? O amontoado de tecidos rasgados e imundos era como que empacotado por uma espécie de casacão feito com um material desconhecido, que poderia ter sido algo semelhante ao feltro, se o tempo não o tivesse transformado em um tipo de cobertura felpuda. A vestimenta deixava, aqui e ali, resplandecer os vestígios preservados de tecidos valiosos, pedaços de rendas amareladas, de *strass*, além de bordados com fios de ouro e prata. O passado de uma vida desfilava, assim, em camadas que encobriam aquele naufrágio humano. De uma touca grosseira, presa por uma fita, surgia um rosto alongado, porém bochechudo, no qual dois olhos cinzentos, agitados pela inquietação, não cessavam de se movimentar, sublinhados mais do que o desejável por um preto quase azul, que fazia Nicolas se lembrar dos bigodes que, na infância, desenhava com carvão. Uma boca distorcida, semiaberta por alguns tocos de dentes, deixava aparecer uma ponta de língua incrivelmente cor-de-rosa.

Intrigada pelo olhar insistente de Nicolas, a velha Émilie lançou-lhe, por hábito, um olhar que o fez corar até as orelhas, horrorizado com o que aquilo podia significar. Ela, por sua vez, se deu conta imediatamente de seu equívoco e retomou a atitude submissa. Em seguida, remexeu uma bolsinha de cetim verde, que já havia conhecido dias mais felizes, para espalhar seus últimos tesouros em cima dos joelhos: um naco de pão preto, um leque de azeviche quebrado, algumas moedas, um canivete de osso, uma caixa em latão com produtos de maquiagem e um caco de espelho. Com um dedo sujo, pegou um pouco de ruge e, olhando-se no pedaço de

espelho cuja forma se assemelhava a um triângulo, começou a maquilar as maçãs do rosto. Aos poucos, recuperava os gestos habituais e instigantes da mulher que tinha sido: piscava os olhos, recuava a cabeça para apreciar melhor o resultado de seus esforços, beliscava os lábios, sorria e tentava esticar a testa enrugada. Em vez da indigente que se encontrava ali, Nicolas acreditava ver a silhueta da moça encantadora e divertida que, quarenta anos antes, se aproximava todas as noites do Regente*. Tolhido por uma súbita emoção, Nicolas desviou o olhar.

Logo ultrapassaram as muralhas da cidade, e a velha Émilie, que, havia algum tempo, observava a paisagem pela vidraça do veículo, reconheceu o local para onde se dirigiam. Olhava de um para outro de seus acompanhantes, numa angústia digna de compaixão. Nicolas se arrependeu imediatamente por não ter fechado as cortinas de couro e resolveu prestar mais atenção, no futuro, a esse tipo de detalhe. Desse modo, forjava sua própria teoria de ação ao sabor dos acontecimentos, e as regras não escritas de seu ofício se inscreviam, dia após dia, em sua memória. A olhos vistos, o jovem fazia progressos no domínio da matéria criminal, acrescentando a ela sua sensibilidade, seu senso de observação, a riqueza de sua imaginação e seus movimentos inesperados, cuja justificativa se tornava evidente para ele após a ocorrência dos fatos: era seu próprio mestre, concedendo a si mesmo a reprovação ou o louvor. Acima de tudo, chegara à conclusão de que apenas um método maleável, baseado na experiência, permitia que se chegasse à verdade.

O veículo parou, e Bourdeau desceu para falar com os empregados do matadouro, que tinham se aproximado, intrigados com a presença dos recém-chegados. De uma colina nas proximidades, um cavaleiro solitário os observava, perto de um frondoso carvalho cujos ramos estavam repletos de corvos. Nicolas reparou rapidamente na cena e ajudou a velha a descer do veículo. A mão dela estava úmida e quente; Émilie teve dificuldade em sustentar-se sobre suas pernas e parecia tomada de terror.

– Meu Deus, eu não posso...

– Vamos lá, um pouco de coragem, senhora. Está em nossa companhia, não tem nada a temer. Mostre-nos o lugar em que ficou escondida.

– Não estou reconhecendo nada, com toda essa neve, meu gentil senhor.

O céu não tinha nuvens, mas o frio ali era mais cortante do que em Paris. A neve estalava sob os pés dos caminhantes, que avançaram às cegas e acabaram por esbarrar em montículos sem forma de onde saíam cascos cobertos de geada. Bourdeau interrogou um dos carniceiros.

– Há quanto tempo essas carcaças estão aí?

– Há quatro dias, pelo menos. Com o Carnaval, tivemos folga no sábado e no domingo; de todo modo, nesse meio tempo, veio o gelo. Neste momento, temos de esperar o degelo para manipular a carne morta.

A velha Émilie estendeu a mão e apontou para um daqueles volumes. Tendo varrido a neve que o encobria, Bourdeau fez aparecer o corpo de um cavalo; um pedaço de uma de suas coxas já tinha sido cortado.

– É este aqui? A propósito, onde está seu facão?

– Não tenho ideia...

Ajoelhado, Bourdeau continuou seu trabalho. Um clarão azulado brilhou na neve, e ele ergueu um grande facão de açougueiro.

– Não será esta a sua ferramenta, por acaso?

Segurando o facão, ela o apertou contra si mesma como se fosse um objeto precioso.

– É sim... esta é mesmo a minha faca.

Bourdeau teve de forçá-la um pouco para recuperar o objeto.

– Por enquanto, não posso deixá-lo com você.

Nesse momento, Nicolas interveio.

– Pode ficar sossegada, vamos devolver sua faca. Diga-me apenas o lugar onde a senhora estava...

A voz tranquila dele a acalmou; como um autômato, inclinou-se para o chão e se apoiou na carcaça, dirigindo o olhar para o canto de um prédio de tijolos situado a alguns metros.

– Então foi lá... – murmurou Nicolas surdamente, ajudando-a a se erguer e espanando a neve que a cobria. – Não se preocupe que irei com o inspetor dar uma conferida; fique aí à nossa espera.

Logo eles esbarraram em vários montículos encobertos pela neve. Detendo-se durante alguns instantes para refletir, Nicolas pediu a Bourdeau que fosse à procura de um instrumento para retirá-la. Ao que tudo indicava, não eram carcaças de animais. Para fazer hora enquanto esperava, ele cavou um pouco em um dos amontoados. Seus dedos tocaram um material duro, composto de vários pedaços, como os dentes de um ancinho gigante. Teve de agarrá-lo com as duas mãos e puxar com toda a força: algo bastante pesado se descolou da terra congelada e, horrorizado, Nicolas viu erguer-se em sua direção uma carniça que reconheceu imediatamente como os restos de um tórax humano. Quando Bourdeau voltou com uma vassoura de ramos de urze, Nicolas, pálido, esfregava vigorosamente as mãos com neve.

Um olhar de relance foi suficiente para o inspetor entender a emoção do jovem. Sem trocar uma palavra, eles limparam cuidadosamente o terreno ao redor, deixando à mostra vários restos de um corpo humano misturados com palha, além de ossos quase completamente descarnados aos quais permaneciam grudados apenas alguns farrapos congelados e enegrecidos.

Colocaram os restos ao lado uns dos outros e, aos poucos, reconstituíram o que tinha sido um corpo. O estado do esqueleto retirado de sua prisão de neve mostrava bem o quanto a chusma de ratos e outras bestas tinha se encarniçado sobre ele. Não era necessário ser um grande anatomista para constatar que faltavam numerosos ossos, mas a cabeça estava lá, com o maxilar despedaçado. Perto do local em que Nicolas tinha feito sua primeira descoberta, eles coletaram roupas, um gibão de couro, além de uma camisa enegrecida e rasgada que, aparentemente, estava encharcada de sangue.

O último achado dos dois investigadores confirmou o receio de Nicolas: era a borduna de Lardin, com seus estranhos padrões esculpidos na prata do castão e com aquela espécie de serpente que se enrolava à volta da haste. O inspetor abanou a cabeça: ele também tinha entendido o significado do objeto. Outros indícios foram surgindo: um calção cinza de tecido comum e um par de meias besuntados com um material escuro, e dois sapatos cujas fivelas tinham desaparecido. Nicolas resolveu juntar esses objetos a tudo o que haviam encontrado e proceder, mais tarde, a um exame minucioso. Tendo encarregado Bourdeau, novamente, de encontrar algo que permitisse o transporte da macabra coleta, o inspetor voltou rapidamente com uma velha maleta de vime, comprada de um carniceiro que a utilizava para guardar o avental e seus instrumentos. Logo ela estava repleta, com os ossos cuidadosamente embalados nas roupas.

Entretanto, Nicolas parecia procurar outra coisa e, agachado, o nariz próximo ao chão, esquadrinhava o terreno. De repente, pediu a Bourdeau um pedaço de papel e começou a tirar o molde dos pequenos buracos impressos no barro antes que este tivesse sido encoberto pela neve e endurecido pelo gelo. Não fez nenhum comentário: não desejava comunicar o resultado de sua reflexão, nem mesmo a Bourdeau. Não era desconfiança, mas não o desagradava cercar de algum mistério a subordinação em que os acontecimentos haviam colocado o inspetor. Até se lamentou um pouco por essa precaução – que, no entanto, julgou preferível enquanto ele mesmo estivesse na incerteza e não tivesse ainda encontrado explicação para algumas de suas observações.

A um olhar interrogativo do companheiro, ele respondeu com um muxoxo e um gesto de ceticismo. Carregaram a mala. Tinham esquecido a velha Émilie, que os observava com ar abestalhado e recuou para lhes dar passagem. Nesse instante, Nicolas pegou-a por um braço, reconduzindo-a para o veículo. Ela estava chorando silenciosamente, e as lágrimas, diluindo a maquiagem, deformavam de tal modo seu rosto que Nicolas puxou um lenço do bolso e, com infinita doçura, limpou os rastros pretos e vermelhos que escorriam ao longo das bochechas.

O retorno foi taciturno. Nicolas permaneceu em silêncio, absorto em pensamentos. A noite estava caindo quando eles transpuseram a porta de acesso a Paris. Repentinamente, Nicolas ordenou ao cocheiro que entrasse numa ruela perpendicular e apagasse a lanterna. Mal teve tempo para saltar em terra e ver um cavaleiro que passava a galope na rua principal; era o mesmo homem que, do alto da colina, tinha observado as operações de coleta ao lado do Grand Équarrissage.

No Châtelet, Nicolas mandou colocar em segurança, na Basse-Geôle, a maleta contendo os supostos restos mortais do delegado. Como pretendesse também ter a velha Émilie à disposição para voltar a interrogá-la pessoalmente, mandou reservar para ela uma cela particular, à própria custa, com a recomendação de que lhe fosse servida uma refeição quente. Em seguida, retirou-se para o escritório de plantão a fim de escrever um breve relatório destinado ao Sr. Sartine, descrevendo a visita a Descart e a viagem a Montfaucon, mas omitindo a conversa com Semacgus. Ele concluía, ainda dependendo de averiguações posteriores, que o material encontrado correspondia efetivamente aos restos mortais de Guillaume Lardin.

2 Os jansenistas não representavam o Cristo de braços abertos.

3 Esse profissional fazia parte também do Serviço de Saúde da Marinha, fundado em 1689; sua formação era obtida nas Escolas de Cirurgia das cidades de Rochefort, Toulon e Brest, ao passo que os médicos, titulares da credencial de doutores, eram formados pela Universidade. Ao longo daquele século, os médicos/doutores haviam tentado proibir que os cirurgiões, além do exercício da medicina, tivessem o direito de tratar os doentes.

4 L. Batalli, médico italiano, autor do *De Curatione per sanguinis missionem* (1537).

5 G. Patin (1605-1672), professor no Collège de France.

V
Tânatos

Mas eis, para nossa vítima,
o canto sem os acordes de uma lira
que seca os mortais de pavor.
Ésquilo

Já era tarde quando Nicolas voltou para sua mansarda na Rua dos Blancs-Manteaux. A casa estava em silêncio, e ele alimentava a expectativa de que Catherine lhe tivesse deixado, como era habitual, um pouco de guisado em um prato que ela colocava no forno já apagado, mas que conservava o calor durante muito tempo. Com efeito, ele encontrou seu talher em cima da mesa, além de pão e uma garrafa de sidra e do ensopado de um legume esquisito. Tratava-se de uma raiz que Catherine tinha conhecido por ocasião de suas viagens na Itália e na Alemanha. Ela havia plantado algumas mudas em um canteiro, na horta atrás da casa. Esse guisado de "batatas"[6] perfumava a copa. O rapaz sentou-se à mesa, encheu um copo de sidra e serviu a comida no prato. Ficou com água na boca só de olhar os legumes mergulhados em um molho cintilante, temperado com salsa e cebolinha bem picadas. Catherine tinha lhe dado a receita desse prato suculento. Era preciso escolher batatas de bom tamanho e, em seguida, cozinhá-las lentamente, deixando o tempo transformar os diversos elementos; sobretudo, era importante não ser impaciente para alcançar os resultados almejados. Em primeiro lugar, ela "belava" suas grandonas, como

dizia, com esmero, deixando-as bem roliças e sem arestas. Em seguida, convinha cortar o toucinho em cubos que deviam derreter-se devagarinho e ser retirados da frigideira depois de destilar todo o seu suco e, principalmente, antes de ganhar cor. Então – sublinhava ela –, era necessário colocar as batatas na gordura escaldante e deixá-las alourar e dourar lentamente, junto com dentes de alho com a casca e uma pitada de tomilho e de louro. Assim, os legumes ficavam envolvidos por uma camada crocante. Com o tempo prolongado do cozimento, elas se tornariam macias até o miolo; então, e só então, seriam cobertas por uma colher bem cheia de farinha, o tacho seria vigorosamente sacudido, usando-se para isso as duas mãos e, alguns minutos depois, meia garrafa de Borgonha viria encharcar essa mistura. Ainda seria necessário temperar com sal e pimenta, além de deixar cozinhar em fogo lento durante uma boa meia hora. O molho teria de ficar consistente e tornar-se-ia leve e aveludado, acetinado, cobrindo de maneira adequada, sem peso nem fluidez excessivos, as batatas – que permaneceriam alouradas, derretendo sob uma crosta perfumada. Só o amor – dizia Catherine – era capaz de preparar uma boa comida.

Tendo observado que o prato estava meio inclinado, Nicolas percebeu que ele escondia um pedaço de papel no qual reconheceu os garranchos da escrita infantil da cozinheira. A mensagem era breve: “A puta ofendeu-me esta noite, amanhã direi tudo”. Terminou rapidamente a refeição, mas estava fora de questão ir à procura de Catherine naquele momento para interrogá-la. Ela morava num quarto mobiliado a algumas casas dali. O jovem constatou com algum remorso que, mesmo vivendo na casa de Lardin há mais de um ano, nunca tivera a curiosidade de saber em que lugar residia sua amiga.

Estava subindo a escada quando Marie surgiu no patamar e, segurando-lhe o braço, o puxou alguns degraus para cima. Abraçou-o com força, e ele sentiu seu perfume. As faces de ambos se encostaram, e Nicolas percebeu que ela estava chorando.

– Nicolas – murmurou a jovem –, não sei mais o que fazer. Detesto essa mulher horrorosa. Catherine disse-lhe coisas insuportáveis, que não cheguei a entender totalmente. As duas se

engalfinharam. Ela expulsou Catherine... que era uma segunda mãe para mim. E meu pai, onde é que ele está? Você tem notícias?

Estava agarrada ao paletó dele, que lhe afagava os cabelos para acalmá-la. De repente, um ruído os assustou. Ela se separou dele imediatamente, empurrou-o para cima e se colou à parede. Carregando um castiçal, uma sombra percorreu o patamar a passos largos e, em seguida, o silêncio voltou.

– Boa noite, Nicolas – sussurrou ela.

Ligeira como um pássaro, a jovem se refugiou em seu quarto, enquanto Nicolas chegava ao sótão, prometendo a si mesmo ter uma longa conversa com ela. Habitualmente, quando sua mente estava cheia de preocupações, tinha dificuldade em adormecer; naquele momento, a quantidade de problemas era tão grande que não conseguiu fixar sua atenção em nenhum deles em particular. Assim, mergulhou logo num sono reparador.

Quarta-feira, 7 de fevereiro de 1761

De manhã bem cedo, Nicolas saiu da casa, que lhe pareceu estranhamente silenciosa. Tendo adiado para mais tarde a elucidação dos acontecimentos da noite anterior, apressou-se em chegar ao Châtelet, ansioso para retomar a investigação. Tinha mandado guardar os restos mortais encontrados em Montfaucon num pequeno recinto ao lado da Basse-Geôle que era frequentemente utilizado para ocultar do público autorizado a examinar os cadáveres os espetáculos demasiado horríveis ou que desafiavam o decoro: a instrução era proibir o acesso de qualquer visitante a esse local, exceto Nicolas ou Bourdeau.

Essa precaução não tinha sido inútil, porque, assim que chegou, Nicolas ficou sabendo que um homem tinha se apresentado, tarde da noite, ao inspetor de plantão: segundo disse, vinha a mando do delegado Camusot para examinar o depósito. Apesar de suas inúmeras justificativas, de suas ameaças, de ter esbravejado, ele não conseguiu aproximar-se dos elementos de prova. Esse

incidente confirmou, para Nicolas, sua convicção de que estava sendo vigiado desde o instante em que o Sr. de Sartine lhe havia confiado aquela missão e de que o indivíduo em questão era certamente o misterioso cavaleiro que os espiava no Grand Équarrissage. A primeira ideia que lhe ocorreu foi que se tratava do tal Mauval, o confidente do delegado Camusot. Se essa hipótese fosse falsa, não excluía a possibilidade de que o espião pudesse ser uma criatura do próprio superintendente-geral da polícia, encarregada de exercer um controle – em parte, paralelo – sobre sua própria investigação.

Nicolas insistia em pensar que a relação de Sr. de Sartine com ele estava longe de ser transparente. Apesar de entender tal postura, não deixava de avaliar as consequências dessa incerteza, marca de sua subordinação e de sua precária influência. Seu chefe não estava em condições de lhe expor determinados fatos: na melhor das hipóteses, por razões de alto nível, e, na pior, pelo fato de que ele, Nicolas, não passava de um joguete entalado nas engrenagens de interesses políticos de grande envergadura, um peão ignorante que o chefe deslocava, a seu bel-prazer, de um extremo ao outro do tabuleiro para ludibriar o adversário. De fato, o Sr. de Sartine lhe abrira o caminho sem ter procurado influenciá-lo no que se referia à conduta da investigação.

Uma vez mais, o pensamento desenfreado conduzia o jovem a questionamentos incessantes: de fato, ele era incapaz, fosse de ficar na expectativa sem dar asas à imaginação, fosse de esperar sem receios. Nicolas percebeu que ainda tinha muito a aprender, mas tomou a decisão de se tornar lobo entre os lobos com suas próprias armas.

Essa resolução lhe deu alento. Seguindo os conselhos de Bourdeau, ordenou que fosse feito o exame dos restos humanos na sala de interrogatórios, contígua ao arquivo do Tribunal dos Processos Criminais. Tratava-se de um sinistro salão ogival, iluminado apenas por estreitas janelas com grades, cujas aberturas eram equipadas com coifas de metal dispostas de tal modo que, de fora, qualquer grito era imperceptível, além de evitarem que olhares indiscretos pudessem presenciar diretamente as sessões

sangrentas da instrução criminal. Várias mesas de carvalho maciço, cadeiras e banquinhos ofereciam um conforto austero aos magistrados, policiais e tabeliães que frequentavam aquele local. Arrumados cuidadosamente ao longo das paredes, os instrumentos do carrasco atraíam a atenção: cavaletes, pranchas de madeira, cunhas, martelos, marretas – todos de tamanhos diferentes –, tenazes, pinças, baldes, funis, camas com tiras de lona, barras de ferro, espadas e machados para a execução da pena capital – ou seja, todo o arsenal de pesadelo da tortura e da morte judicial estava exposto ali. Nicolas não pôde deixar de sentir um frêmito diante daquele aparato, tanto mais ameaçador porque dava a impressão de ter sido bem arrumado por um bom artesão após seu dia de trabalho.

De aparência afetada e demonstrando impaciência, Bouillaud, médico de plantão do Châtelet naquela semana[7], e seu acólito Sauvé, cirurgião, estavam à espera de Nicolas. Bourdeau mandara chamá-los bem cedo: o primeiro, na Rua Saint-Roch, e o outro na Rua da Tisseranderie. Tendo aceitado de má vontade o convite que contrariava as regras rotineiras dos respectivos cargos, ambos pareciam irritados e olhavam para Nicolas com desdém. Este compreendeu bem depressa que não conseguiria impor-se a não ser que, desde o início, mostrasse sua determinação: não deveria, de modo algum, perder-se em falas inúteis. Encarando com a maior seriedade os dois importantes personagens, puxou do bolso o mandato assinado pelo superintendente-geral da polícia; depois de desdobrá-lo, estendeu-o aos dois interlocutores. Com manifesta presunção, eles deram uma rápida conferida ao documento.

– Solicitei a presença dos senhores – informou Nicolas – para me ajudarem com seus conhecimentos. Devo dizer-lhes, em primeiro lugar, que as opiniões proferidas aqui não deverão ser divulgadas, seja a que pretexto for. Elas são destinadas ao Sr. de Sartine, que detém a exclusividade deste caso e, por isso, conta com a discrição dos senhores. Será que fui claro?

Os dois médicos esboçaram um aceno de cabeça afirmativo.

– Além disso, os senhores vão receber os honorários habituais.

Um duplo suspiro de imensa satisfação distendeu a atmosfera.

– Meus senhores – prosseguiu Nicolas –, eis o que foi descoberto ontem, no final da tarde, em Montfaucon, sob várias camadas de neve. Estas roupas não estavam envolvendo os membros. Temos alguns motivos para pensar que estes restos pertençam a um homem assassinado na noite da última sexta-feira para sábado. Vamos proceder, em primeiro lugar, ao inventário das roupas e, em seguida, os senhores vão manifestar sua percepção a respeito das ossadas.

Todos se aproximaram da grande mesa. Bouillaud e Sauvé, tomados pelo fedor circundante, desdobraram grandes lenços brancos, e Bourdeau cheirou rapé. Nicolas gostaria de ter feito algo semelhante, mas, competindo-lhe manipular as roupas, prendeu a respiração.

– Um calção rasgado, manchado com uma substância de cor preta. Idem para uma camisa, duas meias pretas, um gibão de couro preto...

Tolhido por uma súbita inspiração, ele revistou discretamente os bolsos da última peça de roupa: no lado direito, seus dedos tocaram um fragmento de papel e uma rodela de metal. Apesar da vontade de examiná-los, decidiu ocultar os dois objetos na palma da mão e retomou o inventário.

– Dois sapatos de couro que, segundo parece, pertencem ao mesmo par; as fivelas foram arrancadas. Enfim, uma bengala de madeira esculpida com castão prateado. Meus senhores, sou todo ouvidos.

Bouillaud, hesitante, olhou para o colega e, depois de um gesto de incentivo por parte deste último, juntou as mãos, fechou os olhos e decretou:

– Estamos em presença de restos humanos... de um cadáver, se preferirem.

Nicolas, trocista, dirigiu o olhar em sua direção.

– Tenho o maior prazer em constatar que suas hipóteses coincidem com as minhas; estamos avançando a passos largos.

Como o essencial foi dito, os senhores poderiam ter a extrema gentileza de passar, agora, aos detalhes? Vejamos a cabeça, por exemplo. Constato que o alto do crânio está intacto, liso, sem vestígios de cabelos...

Inclinando-se para a mesa, com as narinas e os lábios comprimidos, ele designou uma área específica no cocuruto: uma mancha mais escura, formando uma espécie de depósito.

– Na opinião dos senhores, de que é que se trata?

– Sangue coagulado, sem nenhuma dúvida.

– O maxilar parece quebrado, e os dentes não foram encontrados, salvo os molares que permaneceram cravados no osso. A cabeça estava separada do tronco, que, por sua vez, parece ter sido esfolado. De onde provém essa aparência?

– Decomposição.

– Os senhores podem me dizer se esses restos pertencem a um corpo de homem ou de mulher e, sobretudo, a data precisa da morte?

– Isso é difícil de afirmar. Eles estavam cobertos de neve, foi o que disse, não é? Sem dúvida, ficaram congelados.

– Qual é, então, a conclusão dos senhores?

– Não desejamos comprometer-nos em um caso que, de maneira tão patente, sai da ordem das coisas habituais.

– Os senhores acham que um crime é uma coisa normal?

– O que achamos anormais são as condições que o senhor está impondo ao exercício de nosso ofício. Não podemos trabalhar convenientemente diante desse segredo, desse mistério. Resumindo, o senhor tem à sua frente as peças de um corpo sem vida, descarnado e corroído pelo gelo: é tudo o que podemos dizer a respeito. Aliás, isso não é assim tão inabitual, e parece que o senhor ignora que incluímos, nos registros da Basse-Geôle, anualmente, as descrições de restos humanos encontrados nas margens do Sena, miseráveis vestígios de corpos que serviram aos estudantes de medicina para as demonstrações anatômicas.

– Mas as roupas, o sangue...?

– Trata-se de um corpo roubado que foi desovado em Montfaucon.

O cirurgião não havia cessado de opinar, abanando a cabeça, mecanicamente, a cada uma das frases sonoras do colega.

– Faço questão de agradecer a ajuda preciosa que os senhores consentiram em fornecer-me – arrematou Nicolas. – Podem estar certos de que o Sr. de Sartine será informado do zelo demonstrado pelos senhores ao serviço da justiça.

– Fique sabendo, senhor, que nós não dependemos do Sr. de Sartine... E não se esqueça de nossos honorários.

Eles deixaram a sala exibindo grande afetação; Bourdeau teve de se afastar para lhes dar passagem.

– Bourdeau, estamos bem servidos – suspirou Nicolas. – Como poderemos comprovar a identidade de nosso cadáver?

Ele tinha esquecido o pedaço de papel e a peça de metal que enfiara no bolso.

– Senhores, quem sabe eu posso ajudar?

Nicolas e o inspetor se viraram, surpreendidos por uma voz suave que vinha do fundo escuro da sala. Ela prosseguiu:

– Sinto muito por ter surpreendido os senhores. Bem antes de chegarem, eu já estava aqui e, por discrição, achei por bem não interrompê-los. Os senhores entendem, eu faço parte destas paredes...

O personagem avançou em direção à luz projetada por uma das janelas. Tratava-se de um jovem de estatura média, na faixa dos vinte anos, já corpulento; a peruca branca sem um cabelo em desalinho não chegava a envelhecer sua bela fisionomia e seu olhar cândido. Vestia um casaco bordô com botões de azeviche, colete preto, calção e meias da mesma cor; a luz se refletia em seus sapatos cuidadosamente engraxados.

Bourdeau aproximou-se de Nicolas e sussurrou-lhe ao ouvido:

– É o “Monsieur de Paris”, o carrasco.

– Sem dúvida, os senhores já me conhecem – prosseguiu o rapaz. – Sou Charles-Henri Sanson, o carrasco. Não há necessidade de se apresentarem já que, há muito tempo, tomei conhecimento de quem é o Sr. Le Floch, assim como de seu colaborador, o inspetor Bourdeau.

Nicolas deu um passo para a frente, estendendo-lhe a mão, mas o jovem recuou.

– O senhor me trata com deferência, mas esse não é costume da polícia.

– Eu insisto, senhor.

Apertaram-se as mãos. Nicolas sentiu a do carrasco tremer dentro da sua. Seu movimento fora instintivo: tinha experimentado uma espécie de solidariedade em relação a um rapaz de sua idade que, certamente, exercia uma terrível função, mas que participava com ele do serviço do rei e de sua justiça.

– Creio que posso ser útil ao senhor – continuou Sanson. – Ocorre que, na minha família, e por razões evidentes, somos versados no estudo e no conhecimento dos corpos humanos. Quando é necessário, cuidamos e endireitamos membros desconjuntados. Eu próprio, em uma circunstância atroz – pela qual, aliás, tive de passar várias horas no calabouço, e meu tio Gilbert, carrasco de Reims, foi forçado a renunciar a seu cargo –, aprendi às minhas custas a utilidade dessa ciência.

E acrescentou com um sorriso tristonho:

– As pessoas têm uma ideia curiosa a respeito do carrasco; no entanto, ele não passa de um homem como os outros, forçado, por sua condição, a deveres maiores e a um maior rigor.

– Mas qual foi a circunstância atroz de que o senhor fala? – perguntou Nicolas, intrigado.

– Refiro-me à execução do regicida Damiens, em 1757[8].

Nicolas reviu, num piscar de olhos, a gravura de sua infância que representava o suplício de Cartouche*.

– Em que aspecto essa execução foi diferente das outras?

– Ai de mim, Sr. Le Floch! Tratava-se de um homem que desferiu um golpe na pessoa sagrada de Sua Majestade. Assim, ele era passível de suplícios particulares, aplicáveis naquele caso concreto. Revejo-me em companhia de meu tio, vestidos, como é o costume, com o uniforme dos verdugos: o calção azul, o jaleco vermelho bordado com uma forca e uma escada de cor preta, o bicórneo encarnado enfiado na cabeça e a espada dependurada à cintura. Nossos quinze serventes e auxiliares estavam vestidos também com aventais de couro castanho.

Ele se deteve por um instante, como se estivesse despertando lembranças bastante longínquas.

– Fique sabendo, Sr. Le Floch, que Damiens – que Deus tenha sua alma! Ele sofreu muito! – não só havia tentado suicidar-se, cortando suas partes secretas, como também, antes de sua execução, teve de submeter-se à tortura ordinária e à extraordinária, nesta mesma sala. Pretendia-se que ele denunciasse seus cúmplices, cuja existência não chegou a ser comprovada, e ele se limitava a repetir: “Não tive intenção de matar o rei; caso contrário, eu teria cometido esse ato. Desferi esse golpe unicamente para que Deus o tocasse e o levasse a colocar todas as coisas no seu lugar, além de instaurar a tranquilidade em seus Estados”. Em nenhum momento, fez alusão a outra coisa, e não era por falta de suplícios: o estômago dilatado pelas águas, os tornozelos quebrados pelos borzeguins, o peito e os membros queimados por ferros incandescentes. Ele já não era capaz de fazer o mínimo gesto, nem de ficar em pé.

Fascinado, Nicolas escutava a narrativa na voz branda daquele jovem que, sem dúvida, teria passado despercebido na rua. Ele dava a impressão de distanciamento em relação ao que contava e, ao mesmo tempo, denunciava sua emoção pelo tremor das mãos e pelas gotas de suor que lhe perlavam a fronte.

– Chegado à Praça de Grève e estendido no cadafalso, Damiens teve de se submeter à pena dos regicidas: a mão que havia segurado o canivete criminoso foi consumida sobre um braseiro de

enxofre ardente; quando endireitou a cabeça, deu um grito ao ver o coto. Em seguida, suportou as tenazes que lhe arrancavam pedaços de carne, deixando horríveis chagas sobre as quais eram derramadas vasilhas repletas de chumbo fundido, piche inflamado e enxofre fundido. Meus senhores, ele urrava, espumava de dor e mesmo no auge de seu sofrimento, chegou a gritar: “Mais! Mais ainda!” Revejo seus olhos, que pareciam sair das órbitas.

Sanson parou de falar um instante, com um nó na garganta.

– Nem sei por que estou contando tudo isso aos senhores – prosseguiu, com dificuldade. – Eu nunca tinha falado desse assunto. Mas somos da mesma idade, e sei que o Sr. Bourdeau é um homem honrado e íntegro.

– Apreciamos, Sr. Sanson, sua confiança – anuiu Nicolas.

– O pior, no entanto, estava por vir. O supliciado foi colocado em cima de dois pranchões pregados em forma de cruz de Santo André; seu tronco foi estreitamente prensado entre duas tábuas que, por sua vez, estavam fixadas à cruz, a fim de evitar que um dos cavalos – cada qual atrelado a cada um dos membros de Damiens – viesse a puxá-lo de um lado só. Era hora, como já adivinharam, de dar início ao esquartejamento.

Sanson apoiou-se em uma cadeira e enxugou a fronte.

– Um auxiliar equipado com um chicote dirigia os cavalos, quatro animais formidáveis que eu tinha comprado, na véspera, por 432 libras. Fui eu quem fez o sinal para iniciar as operações. Os cavalos começaram a puxar em quatro sentidos opostos, mas os ligamentos de braços e pernas não cediam um milímetro, e os membros estiravam-se desmesuradamente, enquanto o paciente soltava um urro atroz. Ao cabo de meia hora, tive de ordenar que fosse alterada a direção dos dois cavalos atrelados às pernas, a fim de submeter o condenado ao que designamos, na profissão, como “o alongamento de Scaramouche”: os quatro cavalos deveriam puxar paralelamente na mesma direção. Enfim, os ossos de cada um dos fêmures se desconjuntaram, mas os membros continuaram a se estirar, sem se quebrar. Uma hora depois, os cavalos estavam tão fatigados que um deles se estatelou, e os auxiliares tiveram a maior dificuldade para

ajudá-lo a se erguer. Conforme eu tinha combinado com meu tio Gilbert, decidimos incitá-los com chicotadas e gritos, e eles retomaram seu árduo trabalho. Na multidão, alguns espectadores desmaiavam, especialmente o pároco de Saint-Paul, que recitava a prece dos agonizantes; outros, infelizmente, experimentavam um enorme prazer com aquele sacrifício[9].

Sanson voltou a interromper seu relato, olhando fixamente para o chão.

– Não haveria um recurso – perguntou Nicolas – para abreviar os sofrimentos do condenado, sem deixar de cumprir as formalidades legais?

– Foi isso mesmo que decidi fazer. Encarreguei o Sr. Boyer, cirurgião de serviço, de dirigir-se rapidamente ao Hôtel-de-Ville para comunicar aos juízes que o desmembramento era impossível e que nada aconteceria a não ser que os grandes nervos fossem destruídos; eu solicitava, portanto, a autorização para ordenar o corte deles. Boyer voltou com o consentimento dos magistrados. Surgiu, então, o problema de encontrar o instrumento adequado: era necessário procurar uma faca afiada para cortar a carne, à maneira dos açougueiros. O tempo urgia, e dei ordens a Legris, um dos meus serventes, para pegar um machado e rachar a junta dos membros: ele ficou encharcado de sangue. Mandei retomar as operações da quadriga: então, os cavalos arrastaram os dois braços e uma perna. No entanto, Damiens continuava respirando. Seus cabelos ficaram em pé e, em alguns instantes, passaram do preto para o branco; o tronco se agitava e os lábios tentavam dizer algo, mas nada foi entendido pelas pessoas em volta. Ele respirava ainda, senhores, quando foi lançado na fogueira. Essa é a razão pela qual, mais tarde, sem nada ter esquecido daquele dia funesto, decidi estudar a anatomia e o funcionamento do corpo humano, a fim de desempenhar minha tarefa nas melhores condições possíveis, sem exagerar inutilmente as práticas de crueldade. Tenho suplicado aos céus todos os dias, meus senhores, que nenhum francês venha a levantar a mão contra a pessoa sagrada de nossos reis: não quero reviver coisa semelhante[10].

Essa declaração foi seguida por um prolongado silêncio; o próprio Sanson acabou por rompê-lo ao se aproximar da mesa.

– Hoje de manhã, tomei a liberdade de examinar os restos que os dois figurões convidados pelos senhores classificaram tão apressadamente, como de costume. Entendo que essa descrição tenha sido decepcionante e, por isso, vou tentar apresentar-lhes algumas pistas. Em primeiro lugar, posso afirmar, sem risco de me enganar, que o estado deste corpo nada tem a ver com o gelo; no máximo, a camada gelada acabou por ressecar e fixar o estado em que o corpo se encontrava ao ser deixado no local. De fato, ele foi devorado por animais de rapina, camundongos, cães e corvos.

Virou-se, convidando seus interlocutores a se aproximar.

– Reparem no que resta deste osso de uma perna: este pedaço foi triturado por uma potente mandíbula, a de um cão ou lobo. Em compensação, o tronco, praticamente ileso, foi corroído por milhares de dentinhos – os camundongos. Se observarem agora a cabeça, os senhores ainda podem identificar os golpes de bicos afiados – no caso, de corvos. O local em que os senhores encontraram estes restos é um elemento a mais, que confirma esses fatos indubitáveis e a leitura que fazemos de tudo.

– E em relação à cabeça, qual é sua opinião? – perguntou Nicolas.

– Um punhado de coisas. Em primeiro lugar, trata-se de um homem. Prestem atenção aqui, na base da caixa craniana, estas duas saliências ósseas que designamos por “apófises”: na criança e na mulher, elas são bem discretas. Além disso, a cabeça da criança pode ser reconhecida pelas fontanelas, ainda não ou insuficientemente ossificadas, e pela dentição incompleta. Ora, estamos diante de uma cabeça de indivíduo em sua maturidade. Reparem que sou capaz de segurá-la pelas duas apófises e erguê-la. Trata-se, portanto, de um homem. Além disso, e como já tinha sido observado pelo próprio Sr. Le Floch, o maxilar foi quebrado: um pedaço foi levado pelos animais de rapina e a parte restante possui uma fratura evidente, provocada por um instrumento de aço ou de ferro, espada ou machado. Podem acreditar em mim. Finalmente,

como os vermes não devoram os cabelos, a vítima só podia ser calva ou ter sido escalpelada, à maneira dos iroqueses, mas isso parece pouco verossímil; entretanto, não tenho explicação para a mancha preta no cocuruto.

Nicolas e Bourdeau já não podiam esconder sua admiração.

– E em relação ao tronco?

– O mesmo comentário: ele foi arrancado do corpo com um instrumento cortante, possivelmente o mesmo que quebrou o maxilar. Não contém órgãos, restando apenas alguns fragmentos ressequidos. A *cavitate pectoris* também não contém sangue, nem mesmo coagulado. O cadáver já tinha sido, portanto, esvaziado do sangue quando foi deixado em Montfaucon. Os senhores querem conhecer minhas conclusões?

– Por gentileza, Sr. Sanson.

– Estamos em presença dos restos de um indivíduo calvo, do sexo masculino, na força da idade; ele foi morto, sem dúvida, por uma arma cortante ou perfurante. Ao ser deixado em Montfaucon, tinha sido cortado previamente em, no mínimo, duas partes; caso contrário, os senhores teriam observado grande quantidade de sangue no chão. O corpo, ou o que resta dele, foi maltratado por animais repugnantes, que dispersaram o grande número de pedaços anatômicos que faltam. A coisa não é surpreendente: naquele lugar imundo, sabemos que a carcaça de um cavalo é limpa em uma noite. O maxilar foi deliberadamente quebrado. Enfim, meus senhores, permitam-me lembrar o que já tinham constatado: as roupas não envolviam os restos. Creio ser impossível que o morto vestisse tais peças no momento do assassinato: caso contrário, elas teriam sido bem mais impregnadas de sangue. Finalmente, creio que a hipótese dos senhores é a correta: este corpo mutilado foi coberto por neve e gelo, que o conservaram, até hoje, em um estado que eu chamaria de “frescor” – e a prova disso é sua cor vermelho-escuro. O processo de decomposição só começou depois que os senhores mandaram depositá-lo na Basse-Geôle. Posso estar enganado, mas acredito que o homem cujos restos estão à nossa frente foi assassinado exatamente na noite de

sexta-feira para sábado e, em seguida, abandonado em Montfaucon, pouco antes da queda de neve do Carnaval.

– Não sei, senhor, como lhe agradecer por sua ajuda e como dizer...

– Os senhores já o fizeram, escutando-me e apertando-me a mão. Minhas saudações, senhores, e fico à disposição se desejarem consultar meus parcos conhecimentos.

Fez uma reverência e saiu. Nicolas e Bourdeau se entreolharam.

– Eis um momento que não esquecerei – comentou o inspetor. – Esse jovem me impressionou. Decididamente, a juventude tem me surpreendido, nos últimos tempos...

– Bourdeau, o senhor é um verdadeiro lisonjeador.

– O certo é que ele resolveu nosso problema em dois tempos. Trata-se realmente de Lardin: um homem calvo, na força da idade, a bengala, o gibão de couro. O que lhe parece?

– Tudo contribui, com efeito, para um conjunto de suposições que nos levam naturalmente em direção a essa hipótese.

– O senhor se mostra bem cauteloso!

Nicolas estava à escuta de uma voz secreta que o induzia à reflexão; ela lhe soprava que a aparência nem sempre conduz à verdade. Lamentava que tudo isso, de repente, tivesse se tornado simples demais, que tudo tivesse dado a impressão de imbricar-se como tijolos em uma construção. Sentia uma espécie de confinamento de sua mente, que se rebelava contra as certezas enquanto em que um grande número de elementos do drama permanecia obscuro. De súbito, pensou no que tinha descoberto no bolso do gibão de couro e, febrilmente, sob o olhar atônito de Bourdeau, colocou em cima da mesa uma folha de papel dobrado e uma peça de metal.

– De onde vem toda essa tralha? – perguntou o inspetor.

– Do gibão do morto.

– O de Lardin?

– Por enquanto, do gibão do morto. Isto é um pedaço de bilhete rasgado, sem carimbo nem endereço.

Nicolas pôs-se a ler:

para garantir-lhe minha consideração e para

ninguém que seja superior infinitamente àquela última

é linda demais, alta e bem proporcionada, pois parece que ela

que sua estatura lhe dará prazer pois, além disso, ela tem muito

de entreter por sua conversação. Aguardo também sua visita na

exta-feira e peço-lhe para vestir o disfarce, aqui junto, necessário para

arnaval. Queira aceitar, senhor, o devotamento de sua humilde serviçal.

La Paulet

Bourdeau, no auge da excitação, pôs-se a pular, gritando:

– A prova, eis a prova! Esse é o papel que estava no bolso de Descart quando, no Dauphin Couronné, ele chegou às vias de fato com Lardin.

Nicolas moveu o olhar para a peça metálica. Como estava um pouco oxidada, teve de esfregá-la na manga para que aparecesse o desenho de um peixe encimado por uma coroa.

– Que pagamento mais sem valor, hein? De novo, o Dauphin Couronné!

– Pelo contrário, tem um valor muito especial. Isto aqui é um jetom de casa de tolerância: o senhor entra, paga à cafetina; em troca, ela lhe entrega um jetom que será exigido pela garota da qual é cliente quando... quando... a garrafa fica vazia. Estarei ensinando o padre-nosso ao vigário?

Ruborizado, Nicolas não respondeu à insinuação.

– Este jetom, segundo parece, é realmente do Dauphin Couronné. As suposições se acumulam, as provas nos são oferecidas: o destino está sendo favorável demais para nós.

– Como assim?

– Quero dizer que o caminho mais fácil não é o da verdade, e que o destino nos oferece presentes suspeitos. Agora, ainda falta, justamente, verificar tudo isso. Bourdeau, dê ordem para soltarem a velha Émilie: por enquanto, ela não tem mais nada para nos dizer. Mande entregar-lhe estas moedas, de minha parte. Em seguida, dirija-se rápido à Rua dos Blancs-Manteaux e tente encontrar Catherine Gauss, a cozinheira dos Lardin; ela quer falar comigo e, como foi expulsa de casa, não consegui encontrá-la esta manhã. Quanto a mim, vou imediatamente para a Rua do Faubourg-Saint-Honoré travar conhecimento com La Paulet.

– Devo anunciar à Sr.ª Lardin a morte do esposo?

– Provisoriamente!

– Como assim... provisoriamente?

– Sim, mas deixe isso comigo. Quanto a estas peças – e apontou para o que havia em cima da mesa –, dê ordem para mantê-las fechadas em um recinto fresco; eu fico com o bilhete e o jetom. Até breve, Bourdeau.

Nicolas decidiu caminhar até a Rua do Faubourg-Saint-Honoré. O trajeto seria longo e, apesar do tempo frio, o dia estava lindo. O gelo tinha endurecido novamente o solo, e o jovem percorria a passos largos e intrépidos a calçada irregular e os charcos congelados das ruas da capital. Sempre tinha gostado de caminhar: tal exercício era, para ele, inseparável da reflexão. Na sua Bretanha natal, ele se extasiava ao ver se projetarem no horizonte as extremidades das praias desertas, perdidas entre as brumas. O desafio consistia em atingi-las e descobrir uma nova praia cuja extremidade, por sua vez, deveria ser alcançada.

A caminhada matinal foi bem tonificante, purificando sua alma. A imagem dos supostos restos do delegado Lardin assombrava seu

espírito e misturava-se à narrativa terrível de Sanson.

Algo estava errado. Por que o corpo cortado em pedaços, as roupas espalhadas e a desova em Montfaucon quando, afinal, teria sido tão fácil lançá-lo no Sena? Por que o assassino – ou os assassinos – não revistou cuidadosamente os bolsos do gibão de couro, a fim de retirar deles o que poderia constituir indício passível de servir de prova para a condenação? Indício que parecia, pelo contrário, ter sido colocado ali para ser facilmente descoberto. Por que o maxilar quebrado deliberadamente e a mancha inexplicável no crânio? E, para completar o cenário, o que se passava na Rua dos Blancs-Manteaux? Quais seriam os propósitos da Sr.ª Lardin? A única razão do ódio de Catherine seria a rejeição de uma madrasta que usurpara o lugar da mãe de Marie? E aquele cavaleiro insistente e onipresente ao qual correspondia a imagem ameaçadora, mais longínqua, do delegado Camusot? E, acima de tudo isso, o Sr. de Sartine, bem próximo e inacessível, cuja vontade – era o que sentia Nicolas – era empurrá-lo para atalhos incertos...

Nicolas tinha chegado a um espaço enorme no qual começava a se organizar, no lugar de um antigo pântano, uma praça em que os escabinos, ou seja, os vereadores de Paris, desejavam erigir uma estátua equestre em homenagem ao monarca reinante. O local estava sempre animado pelo vaivém dos operários, como um formigueiro, mas o rigor do inverno tinha interrompido os trabalhos. Na beira do rio e ao longo de todo o perímetro, o contorno octogonal de um amplo fosso começava a tomar forma. Do lado da cidade, duas imensas construções simétricas[11] saíam da terra; os andaimes de madeira, cobertos de geada, conferiam a ambos o aspecto de efêmeros palácios de cristal. Todo esse conjunto formava um caos de blocos titânicos semiocultos sob a neve, qual geleira urbana rasgada por fendas, cavernas, corredores e precipícios. Sob o sol resplandecente, tudo refletia e transpirava uma água gelada que, em sua difração, lançava aqui e ali os clarões multicoloridos do prisma.

Nicolas fez um longo desvio pela margem e atravessou os jardins para alcançar a Rua da Bonne-Morue, que cortava, em ângulo reto, a Rua do Faubourg-Saint-Honoré. Algumas casas adiante, avistou

um imóvel de boa aparência, com dois andares, que se distinguia das outras residências unicamente por uma tabuleta de ferro forjado, representando um golfinho coroado.

Ele levantou a aldraba da porta.

6 Trata-se do tubérculo que começou a ser cultivado por civilizações andinas há cerca de oito mil anos. Seu cultivo havia sido aperfeiçoado pelos Incas, que, inclusive, utilizavam técnicas de irrigação. Mencionado na Europa, pela primeira vez, em 1533, tinha sido introduzido na Espanha em 1570 e, mais tarde, na Itália, Alemanha e Irlanda. Na França desde 1616, a batata desencadeou polêmicas, tendo sido acusada de causar a lepra. Por intermédio de Antoine Parmentier (1737-1813), esse legume foi popularizado durante o reinado de Louis XVI (1774-1792): segundo consta, o monarca servia-se de batatas em todas as refeições.

7 A escala dos médicos e cirurgiões do Tribunal de Processos Criminais do Châtelet previa uma semana de serviço por mês.

8 Robert François Damiens (1715-1757). Soldado e, em seguida, empregado doméstico, atingiu Louis XV com uma canivetada inofensiva para fazê-lo lembrar-se dos deveres de seu cargo. O suplício aplicado ao agressor correspondeu ao medo experimentado pelo soberano, que, nos primeiros instantes após o atentado, estava convencido de que não resistiria ao ferimento. Nesta descrição, o autor tomou de empréstimo um grande número de detalhes da obra, muito bem documentada, de Martin Monestier, *Peines de mort. Histoire et techniques des exécutions capitales des origines à nos jours* [Penas de morte. História e técnicas das penas capitais, das origens até nossos dias]. Paris: Le Cherche-Midi Éditeur, 1994 (nova ed., 2004).

9 Tendo assistido ao suplício do alto, em uma janela com vista para a Praça de Grève, Casanova deixou um testemunho eloquente desse episódio.

10 As afirmações de Charles-Henri Sanson são tanto mais notáveis pelo fato de que ele irá executar Louis XVI, em 21 de janeiro de 1793. Depois desse suplício, renunciou logo a seu cargo; além disso, criou uma fundação para celebrar, anualmente, uma missa de expiação na igreja Saint-Laurent.

11 Trata-se dos palacetes dos Embaixadores Extraordinários, que, posteriormente, se tornaram o Hôtel de Crillon e o Hôtel da Marinha [na atual Praça da Concorde].

VI
Eros

Aqui, não há nenhum pudor nem moderação:
Sem vergonha, à frente de todos, Cibele aparece nua,
Modulando, como bem entende, sua lasciva canção,
Cada conviva, aqui, não hesita em chamar as coisas pelo nome.
Juvenal

Uma mocinha negra, completamente coberta por um tecido do tipo madras, abriu a porta e perguntou-lhe, ceceando, o que ele "dezezava". Um macaquinho vestido de arlequim pulava à sua volta. Ao ver Nicolas, subiu com presteza para os ombros da garota, agarrando o tecido com as mãozinhas; tendo subido para a touca, ele agarrou-se a ela e, espumando de raiva, pôs-se a olhar de soslaio o visitante, cuspindo e dando urros. A senhorita chamou à ordem o macaco fantasiado, puxando-lhe a cauda. Tendo interrompido seus trejeitos, ele soltou um breve chiado ao qual respondeu, do interior da casa, amortecido pelo anteparo das paredes, um grito rouquenho seguido pelo convite: "Entrem, adoráveis cavalheiros".

Tendo sido informada de que Nicolas desejava falar com La Paulet, a servente – sem denotar qualquer surpresa – mandou-o entrar para uma antessala com laje encerada e paredes nuas. Um friso geométrico que acompanhava toda a cornija e um grande lustre com penduricalhos de cristal tornavam menos sombrio aquele

espaço ocupado apenas por duas banquetas em frente uma da outra, revestidas de veludo cinza. Tendo afastado um reposteiro do mesmo tecido, ela o convidou a penetrar em um salão e, sem ter pronunciado uma só palavra, deixou o visitante a sós.

O local era suficientemente amplo, impressão reforçada pela profusão de grandes espelhos que cobriam as paredes. Os plintos e as cornijas estavam enriquecidos com esculturas douradas; espessos tapetes abafavam os ruídos vindos da rua. Otomanas e *bergères* estofadas em seda da China de diferentes cores – junquilho, branco, rosa, azul e verde – davam ao conjunto um brilho agradável e primaveril. As paredes desprovidas de espelhos eram revestidas de damasco cinza e decoradas com gravuras emolduradas cujos temas, mais do que licenciosos, surpreenderam Nicolas. Do lado oposto às janelas, uma grande cortina de veludo cinza ocultava uma espécie de estrado. No entanto, tendo refinado, aos poucos, seu gosto natural, Nicolas não se deixou ludibriar pelo brilho dessa decoração, tanto mais que lhe sobrou tempo para constatar que aquele luxo ostensivo encobria uma realidade mais modesta: a qualidade medíocre dos tecidos salpicados de manchas, o ouro das esculturas, que era apenas um revestimento de tinta, e o desgaste dos tapetes poderiam passar despercebidos a uma rápida olhada de um visitante com outro tipo de preocupação, mas um exame detalhado desmentiria bem depressa o esplendor desse espetáculo rutilante.

– Gostou dela? Gostou dela? Apre! Apre!

Ele se virou. Em um poleiro no vão da janela, com um pé levantado e a cabecinha inclinada, uma ave facilmente reconhecida por Nicolas como um papagaio denunciava sua presença. Já tinha encontrado um bicho desses na casa da Sr.ª de Guérouel, tia de Isabelle, o qual nunca se desgrudava dela; no entanto, era velho, depenado, irritadiço e apegado unicamente à sua dona, enquanto este era lindíssimo pela plumagem em que o cinza brilhante das penas que cobriam o corpo contrastava com o vermelho resplandecente da cauda. Seus olhos pintalgados de ouro pareciam mais curiosos que agressivos; ele pôs-se a percorrer vagarosamente a vara do poleiro e, ao mesmo tempo, modulava

sons contínuos e insinuantes. Tendo experimentado já algumas contrariedades com seu semelhante, Nicolas estendeu-lhe cautelosamente as costas da mão, a fim de oferecer a menor superfície possível a um eventual ataque; o pássaro deteve-se, perplexo, agitou-se, inflando a plumagem e, em seguida, esfregou o bico na mão estendida, soltando gritinhos fracos.

– Vejo que Sartine tem confiança em você; é um bom sinal.

Surpreendido, Nicolas deu meia-volta.

– Ele sabe escolher os amigos; confio totalmente nele, até posso dizer que é o meu superintendente-geral preferido. Mas qual é o merecimento de La Paulet para receber a visita de tão belo jovem?

Nicolas, que estava disposto a encarar qualquer eventualidade, não teria conseguido imaginar a cafetina tal como se apresentava à sua frente: de um volume quase monstruoso, acentuado por uma baixa e atarracada estatura, ela de longe levava a melhor em relação à atenciosa Catherine, que já era uma mulher avantajada. A montanha de gordura acumulada possuía um rosto inchado, no qual os olhos pareciam ter sido embutidos; além disso, uma paleta de tonalidades aberrantes o encobria com camadas espessas de maquiagem sob o lenço atado no alto da cabeça. Seu corpo desaparecia dentro de um vestido, sem forma definida, de musselina violeta com listras vermelhas. Em vez de adereço, o colar de pedras pretas lembrava, sobretudo, um cinto. Os dedos rechonchudos estiravam-se para fora das meias-luvas de seda. Enfim, as ondulações de tecido deixavam, durante alguns instantes, entrever os pés de pessoa hidrópica, transbordando de velhos sapatos cor de castor, gastos e espichados, como se fossem chinelos com excesso de uso. Essa caricatura ganhava uma aparência de vida – quando a intumescência facial permitia chegar até eles – por meio de olhos que se moviam incessantemente, frios como os de um réptil em estado de alerta. O papagaio, irritado por não ser alvo de atenção, pôs-se a soltar gritos estridentes e a bater freneticamente as asas.

– Coco, calma!, ou vou chamar o guarda – disse La Paulet, com risinhos de troça.

Nicolas, que não tinha um plano preparado e que, por uma vez, não tinha conseguido imaginar o encontro com La Paulet, vislumbrou, de estalo, uma abertura possível. A manobra era arriscada, mas ele não tinha alternativa. Com um sorriso encantador, exclamou:

– A senhora fez referência à polícia, e ela está a seus pés.

A reação da cafetina superou todas as expectativas que Nicolas pudesse ter tido:

– Diacho! Camusot está com muita pressa para receber seu agrado do mês; está avançando o prazo. Mas, enviando você, ele quis desculpar-se e eu não estou perdendo com a troca: o velhaco habitual, aquele diabólico Mauval, tem um olhar que me enche de pavor, e note que não me assusto facilmente! É um sujeito tão maledicente que tenho de me conter para não lhe enfiar as unhas: ao chegar aqui, toma liberdades com as garotas, bebe meu vinho e incomoda a clientela. Por mais simpática que eu seja, tenho de sentir muita afeição pela polícia para suportar esse treçó de rufião!

E lançou-lhe uma olhadela grotesca, levando Nicolas a se lembrar da expressão da velha Émilie no fiacre que os conduzia a Montfaucon.

– Sei, minha senhora, o quanto lhe somos devedores; mas a polícia lhe retribui em dobro.

– Sim, claro, mas prefiro a compensação! É preciso viver... nada é perfeito. Eu presto serviço, fico à escuta, ando à procura de informações, transmito o que chega ao meu conhecimento, tomo providências e garanto minha colaboração. Em troca, sinto-me protegida. Trata-se de uma negociata que me convém perfeitamente, na qual todo mundo ganha, tanto eu quanto a polícia. No entanto, não deixa de ser um bocado dispendioso!

– A senhora merece a maior consideração de meus chefes... Conhece outros delegados?

A insinuação era um tanto direta, além de que a investida carecia de sutileza. Nicolas contava com seu aspecto inocente e seu poder de sedução para neutralizar a desconfiança de La Paulet que, por

um momento, encarou-o sem responder; no entanto, o rosto do jovem nada refletia além de uma candura ingênua, e ela caiu na armação.

– Velhos amigos, somos todos velhos amigos. Cadot, Thérion, o danado do Camusot e o patife do Lardin... este é mesmo um verdadeiro canalha!

– Ele é também seu cliente?

– Meu cliente? O senhor é civilizado demais. Quanto a mim, já dei baixa do serviço, embora, em certas circunstâncias... Nada disso, Lardin é um jogador, como o senhor deve saber, já que faz parte da turma Camusot.

– Com certeza... Mas como foi que tudo isso aconteceu? Conheço apenas a parte principal do caso, sem os detalhes, e a senhora é tão amável...

– Aceito de bom grado contar-lhe isso... é nosso dever a instrução dos jovens. Mas, antes, conceda-me a honra de sentar-se. Canso-me bem depressa quando fico de pé... é ruim para a minha tez.

Nicolas se perguntou o que a tez teria com isso: sob a grossa camada de base esbranquiçada que encobria aquele rosto, sua cor natural certamente não tinha oportunidade de aparecer com frequência. La Paulet refestelou-se em uma ampla *bergère*, que ela preenchia totalmente, e o convidou a sentar-se ao seu lado, em uma otomana. Tendo puxado para perto um barzinho em madeira das Antilhas, colocado sobre um gueridom, ela abriu a portinhola: rodeadas de pequenos copos, apareceram várias garrafas de base larga, contendo diferentes licores.

– A história vai ser comprida. Estou recuperando forças, e o senhor irá acompanhar-me, como homem galante. Tenho aí uma ratafia que me é enviada diretamente da ilha Saint Louis. Um de meus amigos, que é proprietário de engenho, me garante, anualmente, a remessa dessa bebida. Vamos lá, não há de ser pecado beber uma boa pinga, e depois o senhor me contará suas impressões!

E estendeu-lhe um dos copos que acabava de encher.

– Minha senhora, sinto-me constrangido diante de suas atenções.

– Meu querido, com sua maneira de ser, ou você vai longe, ou não vai a parte alguma. Mas voltando à vaca-fria... Lardin é um caso sério. Ele desejava embaralhar as cartas, como se diz, mas não tinha gabarito para isso, a despeito dos Berryer e dos Sartine. Pretendiam que ele tirasse a limpo uma armação em que o próprio já estava mergulhado até o pescoço. Quando Berryer o encarregou de investigar nossas negociatas, Camusot ficou amedrontado; mas eu, La Paulet, mantive o sangue-frio. Lardin, por sua vez, apostava fortunas aqui mesmo: umas vezes, ganhava, outras, perdia... essa é a regra. Mas no faraó, seu jogo preferido, o banqueiro não passa de um vigarista declarado, e o apostador contra a banca é um otário que, por convenção, nunca deve ser alvo de chacota; é sempre possível alterar as regras ou, pelo menos, orientar o acaso... Então, quanto mais a investigação de Lardin se encontrava perto de atingir o objetivo, mais sua sorte no jogo mudava. *Couic*!

Ela esvaziou seu copo e tornou a enchê-lo.

– *Couic*?

– Isso mesmo; meu crupiê no faraó durante muito tempo, facilitou a vida dele. Desse modo, Lardin já não tinha noção do que fazia, e o montante das apostas era cada vez alto. Certo dia, tentou inclusive quebrar a banca. Uma aposta que, palavra de comadre, eu nunca tinha visto antes. Um salto mortal...

– Salto mortal?

– A soma tinha sido tão inusitada que ele não conseguia levantar a cabeça. Mesmo tendo perdido sua fortuna, ele deveria pagar a dívida, custasse o que custasse. Encarreguei Camusot de ficar em seu encalço. Foi um que ficou feliz da vida! Nesse golpe, vamos dividir a meias – enfim, duas partes para ele e uma para mim.

– Mas será que Lardin tem condições de pagar? A senhora disse que ele estava arruinado...

– Ele vai arrumar o dinheiro e pagará sua dívida, ou então...

Nicolas preferiu não levar em conta o que essa afirmação implicava como ameaça.

– Mas, enfim, por que teria ele necessidade de fazer apostas tão altas?

– Vamos lá, um belo corpo como o seu precisa ser regado...

E ela voltou a encher os dois copos.

– Trata-se de uma história antiga. Lardin e eu somos velhos cúmplices. Há dez anos, após a morte de sua primeira esposa, a solidão pesou e ele criou o hábito de vir ao Dauphin Couronné. Meu estabelecimento recebe a alta sociedade – inclusive homens da corte, que vêm em carruagens sem brasões nem escudo de armas, acompanhados por serventes sem librés. Nossa casa é frequentada pela mais afortunada clientela. É bem abastecida, e eu reservava sempre para Lardin a mais vistosa garota recém-chegada, sempre uma pechincha para não botar defeito: ninguém pode imaginar o quanto eu me preocupo para contentar homens honrados! Lardin ceava, jogava tranquilamente uma partida e, em seguida, subia para o pavimento superior com uma das minhas afilhadas...

– Sem pagar?

– Isso fazia parte de nosso trato. O segredo do sucesso consiste em ter alguns amigos bem posicionados na alta sociedade. Certa noite, havia teatro...

– Teatro?

– Pois é, meu querido, não fique assim tão espantado! Está vendo essa cortina? Abre-se para um palco em que são representados curtos espetáculos de gênero, enfim... um tanto apimentado. Você não parece assim tão desembaraçado!

– Estou sorvendo suas palavras, minha senhora.

– Melhor beber de seu copo... Alguns ricaços amadores de teatro comprazem-se em ver, representadas ao vivo, peças curtas, licenciosas e galantes. Tais representações excitam os sentidos dos mais apáticos. Isso leva a... Será que, finalmente, o senhor está me entendendo, com esse seu olhar inocente? À mais sórdida devassidão. Em suma, para dizer claramente as coisas, trata-se de

cenas que teriam provocado desejo no próprio duque de Gesvres[12]. Certa noite, a orgia chegou a tal ponto que Lardin encontrou-se ao lado de um brotinho de charme irresistível. Ele já havia enxugado meia cesta de garrafas de champanhe. Na hora, apaixonou-se loucamente... Oferecer-lhe tal joia por um preço de banana teria sido ofender Deus ou o Diabo, como o senhor preferir. Aconselhada por mim, a garota fez-se de rogada e conseguiu embromá-lo. Ele quase morreu de tristeza. O finório implorou que eu me intrometesse no caso... os homens são assim. Em troca, consegui receber uma quantia bem boa, tendo dado como pretexto meu aperto para pagar algumas dívidas. Mas, ao se casar com ela, sua vida virou um inferno: ela lhe botou tantos chifres quanto os campanários de Paris. E essa megera é glutona, voraz, provocante, apreciadora de belos adereços, de seu bem-estar e dos prazeres da mesa!

– Mas – interveio Nicolas –, ela não é de boa família? E, segundo dizem, um de seus parentes não é um homem rico?

Os olhos de La Paulet abriram-se e o fixaram com frieza. Ela umedeceu os lábios.

– Meu querido, o senhor me dá a impressão de estar tão bem informado quanto eu sobre o caso...

Nicolas sentiu-se tomado por suores frios.

– O delegado Camusot disse-me que um dos primos da Sr.ª Lardin era médico...

O nome do delegado pareceu tranquilizá-la.

– Essa informação de Camusot corresponde à verdade. Os pais da Lardin morreram com varíola quando ela tinha apenas quatorze anos. Seu primo Descart, o médico, usou de artimanhas para apoderar-se da herança e colocar a adolescente como aprendiz na casa de uma modista de chapéus. Aconteceu o que deveria acontecer: ela se encontrou na situação de perder a compostura e de se oferecer a qualquer um. Foi assim que ela chegou à minha casa; mas, pelo menos, já tinha levado vida dissoluta. E eu, com meu coração bondoso, abri-lhe os braços e a lancei no mundo.

La Paulet limpou insistentemente o canto do olho, no qual aflorava uma improvável lágrima em forma de pérola, e, emocionada, esvaziou seu copo.

– Então, ela deve ter ódio desse parente desnaturado? – arriscou Nicolas.

– Quando tiver adquirido um melhor conhecimento das mulheres, meu querido, vai aprender que, para elas, o provável nunca é completamente seguro. Pelo contrário, ela deve se dar bem com esse parente, porque sabe o que quer; aliás, no meu entender, um dia ela vai recuperar sua herança, seja lá como for. Como a conheço bem, creio que é capaz de se vingar com uma crueldade ainda maior, tanto mais que o velhaco em questão – outro cliente de minha casa – não vale um tostão furado. Um devasso vergonhoso, um beato fedendo a sacristia, a quem é necessário servir chocolate com âmbar e cantárida[13] para ele não passar vergonha. Esse santarrão, que barganha até o último centavo e para quem se deve organizar encontros discretos, à base de precauções, trejeitos e disfarces, exige sempre “comidas” exóticas de primeira qualidade sem nem se preocupar em pagar a conta...

– Chega a esse ponto?

– Ainda pior. Imagine que, na última sexta-feira, ele veio aqui e deu um jeito de encrencar com o patife do Lardin; eles acabaram aprontando a maior baderna!

– Mas, para um homem que a senhora descreve como preocupado demais com a própria reputação, seria prudente vir aqui em uma noite de Carnaval?

– Justamente, meu querido: em uma noite de Carnaval, é costume usar disfarces e, desse modo, teria sido impossível alguém reconhecê-lo. Não faço ideia da maneira como tudo aconteceu; enfim, o mais curioso é que... Mas basta de falar desse covarde: em vez disso, cuidemos de nosso negócio.

Mais tarde, Nicolas reviveria esse momento como aquele que correspondeu à sua verdadeira entrada na polícia. Com efeito, em

alguns minutos, ele tinha transposto a fronteira que separa o homem honesto – ancorado em verdades sólidas, delimitadas por contornos bem definidos – e o policial, que nunca deve perder de vista o objetivo final de sua investigação: essa difícil arte impõe a negação de ideias e convicções, planejamento e... escrúpulos a evitar. Compreendeu que, para avançar com eficácia na trilha semeada de obstáculos que havia escolhido, ele deveria sacrificar tudo aquilo que, até então, acreditava ser belo e nobre. Apavorado, avaliou as escolhas que isso implicava.

Essa reflexão foi tão rápida que ele não chegou a sentir verdadeiramente essa negociação em seu íntimo. Nunca mais, dali em diante, conseguiria reconstituir o fio de seu pensamento e a chispa que o desencadeara. Uma voz interior e, apesar disso, estranha, lhe dizia o que fazer. Nicolas cedeu a esse impulso, inclinou-se em direção à La Paulet e, segurando-lhe as duas mãos, disse, de forma sarcástica:

– O mais curioso, de fato, é que a senhora sabe perfeitamente que esse encontro não era fortuito e que, se Descart estava presente naquela noite, é que tinha sido convidado.

Sensível, sem dúvida, à mudança de tom de Nicolas, o papagaio pôs-se a tagarelar, enquanto La Paulet agitava-se e tentava, inutilmente, escapar aos punhos de ferro que prendiam seus braços. Ela meneava a cabeça, a boca vermelha se abria, como se ela não conseguisse respirar; um fragmento branco da maquiagem caiu no vestido e se desfez como uma nuvem ligeira. Sob o efeito da surpresa e da raiva, sua máscara se fissurava a olhos vistos.

– Cafajeste miserável! Me solta, você está me machucando! O que pretende escarafunchar desse jeito? Você é mais dedo-duro que os alcaguetes! Foi Descart quem te falou isso? Ele não perde por esperar, eu lhe darei o troco.

– Não... foi Lardin – soltou Nicolas, à espera da reação.

Ela o encarava, embasbacada.

– Não é possível.

– E por que não?

– Mas... não sei.

– Pois eu sei algumas coisas – disparou Nicolas. – Sei que La Paulet está em maus lençóis; que La Paulet se enganou de auditório ao julgar que estava falando com um acólito do delegado Camusot; que ela fez um grande número de afirmações graves, e com tantos detalhes, que existe uma infinidade de razões para interditar o Dauphin Couronné, para prender a famosa La Paulet, para transferi-la para o Châtelet, para encaminhá-la ao carrasco para interrogatório, para condená-la e aprisioná-la por toda a vida, completamente alquebrada e ensanguentada, no Hospital Geral ou na Grande Prisão. E que, ao ser anunciada sua detenção, seus argumentos toscos serão realmente inúteis, e toda a proteção de que goza desaparecerá no ar. Em poucas palavras, a senhora teve a infelicidade de se equivocar a meu respeito.

– Mas, enfim, quem é você?

– Minha senhora, sou o representante do Sr. de Sartine, superintendente-geral da polícia.

Diante da prostração de La Paulet, Nicolas percebeu que o peixe tinha mordido a isca e que seria conveniente dar um pouco de folga na linha. Reviu mentalmente uma pequena enseada rochosa, na foz do rio La Vilaine, entre Camoel e Arzal, local em que costumava pescar em companhia de moleques de sua idade, os grandes salmões que subiam a correnteza. Tendo sido realizado o flagrante de La Paulet, era preciso forçá-la a dar o serviço.

– Afinal, o que o senhor pretende de mim?

– Calma, calma, eu não sou um malvado. A senhora me recebeu amavelmente; suas atenções não foram dadas a um ingrato, mas convém tratar nosso caso com seriedade. Se a senhora pretende dar um jeito em seu negócio, terá de ficar, sem barganha, do lado adequado, ou seja, do lado mais forte, no qual sua segurança esteja mais bem garantida; em sua atual situação, esse é um argumento a levar em conta.

O peixe retomou o movimento e tentou desviar a atenção do interlocutor.

– Não posso ajudá-lo em nada, sou apenas uma mulher sem qualquer mérito, vítima de homens perversos... Tenho obedecido à polícia; tratem de ajustar as contas entre vocês.

– Vou deixar de lado esse assunto, podemos retomá-lo mais tarde. Neste momento, quero saber por que razão e de que maneira Descart se encontrava aqui, na noite da última sexta-feira.

– Não sei nada sobre isso.

– Ele costumava vir de improviso?

– Sem dúvida.

O peixe continuava avançando, seu nado era cada vez mais amplo e dispunha-se a arrebentar a linha; já estava passando da hora de fazê-lo sentir novamente o aguilhão. Nicolas puxou o relógio herdado de seu tutor, que acabava de ressoar onze horas.

– Dou-lhe três minutos para me dizer, da maneira mais precisa e mais exata, as condições da visita, aqui, na noite da última sexta-feira, do Dr. Descart. Se a senhora não responder nesse prazo, vou levá-la para o Châtelet.

– Foi o delegado Lardin quem o convidou...

– Para comprar briga com ele? Isso não é sensato.

– É tudo o que sei...

– Ou é tudo o que a senhora quer dizer?

La Paulet parecia empacada: semblante fechado, dobrada sobre si mesma, assemelhava-se a um daqueles ídolos pagãos cujas gravuras tinham sido mostradas a Nicolas pelo amigo Pigneau, num dia em que este sonhava com sua futura viagem para as Índias Orientais. Assim, o jovem decidiu tirar o peixe da água: mostrou a La Paulet o pedaço de bilhete retirado do gibão de couro encontrado ao lado dos restos depositados em Montfaucon, segurando-o de tal modo que ela não pudesse ver que se tratava de apenas uma parte do documento.

– A senhora reconhece sua letra e sua assinatura?

Contorcendo-se, La Paulet soltou um rugido estridente: tomada de frenesi, começou a rasgar suas roupas. O suntuoso salão

transformou-se, de repente, em pandemônio: o papagaio levantou voo, esbarrando nas paredes e no lustre, cujos tinidos cristalinos se somaram à cacofonia circundante; gritando também e clamando contra o assassino, a mocinha negra entrou como uma rajada de vento, seguida pelo macaco, que se pôs a pular e a girar à volta de si mesmo como um dervixe da Sublime Porta. Nicolas, impassível, levantou-se, agarrou uma das garrafinhas do bar e, mirando um espaço do lajeado entre dois tapetes, atirou-a contra o chão. Tal gesto e o ruído provocaram estupefação em todo mundo: La Paulet endireitou-se na *bergère*; o papagaio pousou no Cupido que encimava o pêndulo da chaminé e começou a despedaçar a vela de um castiçal; o macaco, por sua vez, refugiou-se sob a saia de sua pequena dona, que se imobilizou, segurando a cabeça entre as mãos e com a boca completamente aberta, mostrando dentes de uma brancura resplandecente. Esse rosto causou grande impressão em Nicolas, que não conseguiu captar o pensamento furtivo desencadeado nele por essa visão.

– Basta – disse ele em voz alta. – Escute aqui, moça, traga-me o necessário para escrever.

O macaco foi o primeiro a sair da sala; tendo abandonado seu esconderijo, esgueirou-se rastejando em direção ao vestíbulo. Obedecendo à ordem de Nicolas, a mocinha negra saiu logo a seguir.

– A senhora reconhece este papel?

– Fui apenas um instrumento, meu adorável jovem – respondeu La Paulet, que recuperava seu ânimo. – Lardin pediu-me um serviço: tratava-se de convidar Descart, a pretexto de passar a noite com uma garota recém-chegada. O bilhete era acompanhado pelo envio de uma sobrecasaca preta e de uma meia máscara de cetim. E eu atendi ao pedido: é tudo, palavra de La Paulet. Suplico-lhe que acredite em mim. Do meu jeito, sou uma mulher de bem: dou aos pobres, além de me confessar e de comungar na Páscoa.

– Não lhe exijo tudo isso. Daqui em diante, a senhora está sob a minha proteção. E proteção graciosa, veja só como está ganhando na troca.

A criada lhe estendeu uma bandeja com papel, pena e tinteiro. Tendo escrito algumas palavras, Nicolas entregou a folha a La Paulet.

– Se precisar de mim ou se ocorrer algo que, no seu entender, seja importante que eu saiba, basta enviar-me esta mensagem sem assinatura.

No papel, ela leu esta frase: “O salmão está na margem.”

– Mas qual é o sentido...

– Nada de importante para a senhora, mas significa muito para mim. Mais uma coisa; escreva: “Reconheço ser a autora do bilhete enviado ao Sr. Descart, convidando-o para o Dauphin Couronné, na sexta-feira, 2 de fevereiro de 1761.”

Ela se esforçava demais, pondo a língua para fora, para formar as palavras numa escrita infantil.

– “E isso a pedido expresso do delegado Lardin”. Queira assinar... Fico-lhe grato, minha senhora; nossa entrevista foi muito proveitosa.

Ao sair daquele local, Nicolas experimentou, além de satisfação consigo mesmo, o sentimento do dever cumprido. Sua investigação tinha progredido consideravelmente, tanto mais que os dois casos – o dos jogos e o do desaparecimento de Lardin – pareciam, dali em diante, articular-se entre si; e agora ele tinha uma testemunha preciosa. As manobras dissimuladas de Camusot se esclareciam com um novo indício, desvendando a conivência entre os dois magistrados da polícia: era quase certo que Lardin tinha caído em uma verdadeira armadilha associada à investigação que empreendia nos círculos do jogo, além de se encontrar sob a pressão de uma chantagem. Dessas descobertas sucessivas, a imagem do delegado emergia bastante deteriorada.

Quanto à esposa, as impressões de Nicolas se confirmavam, fazendo-o compreender a razão do mal-estar que o invadia em cada encontro com a Sr.ª Lardin. Se o marido havia sido realmente assassinado, várias hipóteses apareciam como plausíveis: ou ele

não tinha a possibilidade de honrar as dívidas, e as ameaças de seus credores acabaram sendo executadas, ou, então, tendo sido desmascarado em suas baixezas, Descart ter-se-ia vingado, matando-o. Neste caso, quais teriam sido o papel e a responsabilidade de Louise Lardin?

O aspecto positivo de tudo isso era o fato de que, aparentemente, Semacgus ficaria livre de suspeita, não estando envolvido, de perto ou de longe, nesses imbróglios, com exceção de seu caso com a Sr.ª Lardin. Enfim, Nicolas compreendia agora as reservas e a discrição do Sr. de Sartine, pouco seguro da lealdade de Lardin e preocupado em evitar que o delegado Camusot ficasse de sobreaviso.

Lépido, o rapaz quase corria, pulando os montículos de neve e deslizando com jovialidade sobre as placas de gelo; dessa vez, estava impaciente para elaborar um relatório completo para o Sr. de Sartine, que, em sua imaginação, haveria de mostrar surpresa e satisfação. Para chegar mais rapidamente ao Châtelet, local em que o superintendente-geral presidia a audiência da quarta-feira, ele decidiu tomar um fiacre. Enquanto observava a rua a fim de encontrar uma viatura disponível, ouviu atrás de si o ruído, abafado pela neve, de um veículo que circulava em alta velocidade. Tendo reparado, rapidamente, que o cocheiro tinha o rosto coberto, fez-lhe sinal para parar; no entanto, a vinte passos de Nicolas, o condutor chicoteou o cavalo, que partiu a galope. A viatura investia, agora, em sua direção. Seu último gesto consciente consistiu em tentar se afastar, mas o espaço entre ele e as casas era muito reduzido. Assim, foi brutalmente atingido no ombro, projetado no ar, e caiu sobre a calçada gelada, na qual sua cabeça bateu com força. Um enorme clarão brilhou diante de seus olhos e, em seguida, ele mergulhou num estado de inconsciência.

12 Caso célebre no século XVIII: a duquesa de Gesvres tentou anular seu casamento alegando a impotência do marido; quando ela morreu, em 1717, a justiça ainda não havia decidido sobre essa queixa.

13 Afrodisíacos utilizados no século XVIII; o excesso de pó de cantárida (um tipo de besouro) podia ser mortal.

VII
Rumores e paixões

Fraqueja minha resolução, e eu começo
a suspeitar do equívoco do demônio
que mente, fingindo dizer a verdade...
Shakespeare

– E então, Nicolas, como se sente? Fiquei bem receosa por sua vida!

Ele tentou abrir os olhos, levou a mão à cabeça e, atrás da orelha esquerda, apalpou um enorme galo coberto com um pedaço de tafetá. Estava nu, deitado em uma cama; ao lado, sentada em uma cadeira, uma moça de camisola de dormir sorria para ele. Tendo puxado o lençol até o pescoço, ele lançou-lhe um olhar de interrogação.

– Você não me reconhece? Sou Antoinette, sua amiga.

– Mas, com certeza... O que aconteceu comigo? Eu estava sonhando com uma queda de cavalo...

– Tem a ver mesmo com um cavalo! Nesta manhã, ao sair de casa, vi um fiacre que tentava atropelá-lo. Pode acreditar em mim: alguém queria matá-lo, e o cocheiro dirigiu o veículo em sua direção. Você foi derrubado, e ele não parou. Dei uma corrida, você estava sangrando e tão pálido que fiquei com medo. Mandei que o trouxessem para o meu quarto e chamei um vizinho barbeiro-

cirurgião que, além de uma sangria, fez-lhe o curativo; ele me garantiu que você só tinha perdido os sentidos com a pancada. E agora você acordou, estou muito feliz.

– E quem me tirou a roupa?

– O que é isso?! Continua assim tão acanhado?! Fui eu, e não é a primeira vez... ou você gostaria que eu sujasse minha cama com todos as suas roupas enlameadas e ensanguentadas?

Nicolas corou de vergonha. Antoinette tinha sido, no início de sua primeira estada em Paris, uma simples distração, da qual ele se censurava frequentemente ao pensar em Isabelle. Tinha ficado seduzido e emocionado com a gentileza e a simplicidade da moça, que trabalhava como criada de quarto na casa da esposa de um presidente do Parlement*. Sempre sorridente e discreta, ela nunca lhe tinha feito nenhum pedido; dedicando-lhe uma terna amizade, ele já lhe tinha oferecido uns presentinhos – um xale, um ramo de flores, um dedal de prata – e a convidava às vezes para almoçar, nos dias de bom tempo, em tabernas dos subúrbios.

– E que horas são?

– O Ângelus acaba de tocar no campanário de Saint-Roch.

– Como é possível... tão tarde assim? Tenho de ir embora.

Tentou levantar-se, mas, acometido de uma vertigem, voltou a deitar-se.

– Nicolas, você ainda precisa de um pouco mais de repouso.

– Mas... e você? E seu serviço?

Sem responder, ela desviou o olhar; arrepiada, porque o quarto não tinha calefação, ela entrou na cama e se aconchegou contra ele. Nicolas sentia um grande reconhecimento por sua anfitriã: reencontrou seu perfume, sua doçura, ficando mesmo com a impressão de ter retomado um sonho interrompido. Não a tinha visto despir-se e não teve ânimo para repeli-la; deixou-se levar pelos gestos habituais e sempre renovados, mas nunca havia sentido, tão profundamente, semelhante languidez. Seus movimentos eram lentos e suas sensações, exacerbadas. Antes de se abandonar a

um entorpecimento prazeroso, ele experimentou sem remorsos a felicidade desse momento de apaziguamento.

Quinta-feira, 8 de fevereiro de 1761

Um odor de café[14] despertou Nicolas, que se sentia bemdisposto, ainda que o ferimento na cabeça se manifestasse em dores lancinantes. Antoinette, já pronta para sair, estendeu-lhe uma xícara de café e um pãozinho: bem cedo, ela havia feito compras. Segurando-a pela cintura, Nicolas deu-lhe um beijo carinhoso; com um sorriso radiante, ela acabou se soltando desse abraço.

– Os tombos lhe fazem bem: ontem, à noite, você estava muito diferente. Mais terno, mais...

Ele bebia o café sem responder, mas observando-a com uma mistura de ternura e de confusão.

– Antoinette, você deixou de morar na casa do presidente?

Ele se lembrava de um quartinho e de uma escada de serviço em caracol, que galgava segurando os sapatos na mão, com receio de ser descoberto.

– É uma história comprida – respondeu a moça. – Durante dois anos, sentia-me feliz naquela casa; o serviço não era nada difícil, e a patroa me tratava bem. Mas, há um ano, um primo do presidente veio instalar-se na residência e começou a me dirigir galanteios; no início, levei a coisa na brincadeira e não dava importância, dizendo-lhe que eu não tinha entrado na casa para perder minha honra nem era feita para a libertinagem, e que ele tinha, aliás, uma esposa jovem e bonita à qual devia se dedicar...

Nicolas vivenciou, de novo, uma sensação de autocensura ao recordar que ela se tinha desvirginado com ele.

– Desde então – prosseguiu ela –, nunca mais fiquei sossegada com aquela perseguição. Assim, em uma noite de janeiro do ano passado, ao sair do quarto da patroa para dirigir-me ao sótão, ele

me seguiu até meu quarto e agarrou-me com tanta força que desmaiei...

– E então?

– Ele tirou proveito da situação. Algum tempo depois, deixei de ter meu mênstruo. Confessei tudo à patroa que, por ser muito devota, nada fez além de me atormentar; ela não ousou falar do assunto ao marido, que morre de amores pelo primo. Finalmente, fui despedida e posta na rua. Tive meu parto em dezembro, e o estuprador recusou-se a me ajudar; arranjei uma babá para a criança em Clamart. O que é que eu poderia fazer, sozinha, sem ajuda nem recomendações? Tudo me foi recusado pela patroa.

– Por que razão você não me avisou? E o bebê, você tem certeza de que não é meu?

– Você é gentil, Nicolas; segundo os meus cálculos, já havia passado muito tempo depois de nosso último encontro. Foi assim que tive de me entregar a uma nova vida. Não vai demorar muito para que, no exercício de sua função, você fique sabendo que estou trabalhando para La Paulet; agora, o meu apelido é “La Satin”.

Nicolas ergueu-se bruscamente e segurou-a pelos punhos. Continuando a ser espectador de si mesmo, observou que essa maneira de impor sua vontade às mulheres que interrogava ia se tornando um hábito, e essa constatação irônica misturou-se com o sentimento de pavor que experimentara pelo que Antoinette acabava de relatar. Qual seria o gênio malicioso e perverso que orientava assim a vida de Nicolas para que, ao seu acidente diante dos olhos da moça, fosse acrescentado o fato de que ela se convertia em uma testemunha importante para sua investigação?

Decidido a aprender com os próprios erros, ele censurou-se logo por não ter levado mais longe o interrogatório de La Paulet; assim, teria conseguido verificar a exatidão das declarações de Semacgus sobre os detalhes da noite de 2 de fevereiro. Devia, com efeito, reexaminar sua satisfação inicial consigo mesmo: tratava-se realmente do trabalho de um aprendiz, e ele era ainda um principiante nesse difícil mister! Submetia-se demais a impulsos que

qualificava, de maneira apressada, como intuições. Nada disso poderia substituir um bom método...

De modo que Semacgus tinha passado a noite com uma moça que era... Antoinette! Diante de tal constatação, Nicolas experimentou um mal-estar confuso, no qual se misturava um pouco de vergonha de si mesmo com a compaixão por sua amiga, que o destino tinha forçado a levar essa vida.

Antoinette, pálida e assustada, voltara a ser a menina que tinha sido não havia assim tanto tempo; os cabelos eriçados, de um louro acinzentado, deixavam ver a nuca delicada, que ele tanto gostava de beijar. Seu rosto apresentava manchas violáceas.

– Nicolas, você me detesta? Estou vendo que me despreza.

Tendo soltado os braços, ele fez-lhe uma carícia na bochecha.

– Antoinette, o que vou perguntar a você é muito importante. Prometa-me que será sincera em suas respostas: está em questão a vida e a honra de um homem.

– Prometo, claro – respondeu Antoinette, surpreendida.

– O que é que você fez na última sexta-feira? Mais precisamente, na noite de sexta-feira para sábado?

– La Paulet pediu-me para atender um cliente.

– Você já o conhecia?

– Não... ela somente me recomendou que assumisse um aspecto inocente e desse a impressão de moça prendada; assim, eu aproveitaria a situação para tentar obter dele alguns cobres a mais. Tratava-se de algo um tanto inusitado...

– Mas, afinal... o que se passou nessa noite?

– O visitante previsto não veio, e outro cliente subiu.

– E esse... você já o conhecia?

– Também não. Por quê?

– Pode descrevê-lo? – prosseguiu Nicolas, sem responder.

– Um grandalhão rubicundo, um velho na faixa dos cinquenta anos, mas não tive tempo de fixar seu rosto; ele entregou-me o

jetom e deu-me um luís, pedindo-me para dizer que tínhamos ficado juntos até as três horas da manhã, e depois foi embora.

– Alguém o teria visto quando saiu?

– Ninguém... ele usou a porta secreta do jardim, pela qual os jogadores saem do estabelecimento no caso de uma batida da polícia.

– A que horas foi isso?

– Meia-noite e quinze... Não falei com ninguém a esse respeito, nem mesmo com La Paulet; ao amanhecer, voltei para cá.

– Onde está minha roupa?

– Nicolas, você já vai embora?

– Tenho de ir... Por gentileza, minha roupa.

Ele estava febril e impaciente para deixar aquele quarto, no qual, há alguns instantes, tinha a sensação de sufocar, a despeito do frio.

– Nesta manhã, dei uma escovada na sua roupa e fiz alguns remendos – disse timidamente Antoinette.

Ele desceu da cama para se vestir; tendo revistado os bolsos, tirou o jetom encontrado no gibão de couro e o mostrou a dela.

– Você sabe o que é isto aqui?

Ela ergueu o objeto acima do castiçal para examiná-lo.

– É um jetom do Dauphin Couronné, mas não é o habitual: este modelo é ofertado por La Paulet a seus amigos, para se divertirem de graça; como pode ver, não há nenhum número no verso.

– E o jetom de seu cliente tinha algum número?

– Com certeza, era o 7.

– Obrigado, Antoinette. Aqui uns trocados para a babá...

Tendo conseguido dominar sua agitação, ainda confuso, voltou a abraçá-la com ternura.

– Esses trocados nada têm a ver com esta noite, entende? Não me agradaria que ficasse pensando... é para o bebê.

Ela sorriu com enlevo e deu uma palmadinha em seu ombro.

Quando Nicolas já se encontrava na rua, algo havia se quebrado em seu íntimo: estava bem longe da excitação alegre que o havia invadido ao sair da casa de La Paulet. Sofria o contragolpe dos acontecimentos mais recentes, experimentando um remorso para o qual não conseguia vislumbrar uma explicação. Estava igualmente obcecado pela ideia de que Semacgus lhe tinha passado a perna: o cirurgião tornar-se-ia um suspeito, e não dos menos importantes, se fosse comprovado que o corpo descoberto em Montfaucon era realmente o de Lardin.

O dia tardava a raiar. O degelo começava, e Nicolas tinha dificuldade em enxergar três passos à sua frente; a rua era uma espécie de túnel negro recheado de um espesso nevoeiro. Caminhava às cegas, patinhando no acúmulo de excrementos imundos, esbarrando em sombras esmaecidas, vacilantes, que ou se apressavam ou pareciam marcar passo em silêncio. Às vezes, a neblina se entreabria, deixando aparecer os muros acastanhados das casas; durante um longo período de tempo, ele foi obrigado a acompanhá-los às apalpadelas.

A travessia das ruas era perigosa e, por causa da agressão da véspera, Nicolas receava ouvir à sua retaguarda um veículo que, de novo, tentasse atropelá-lo. Ele nunca tinha pensado tanto na morte quanto nesse momento. Ainda mais do que na igreja de Guérande, por ocasião das exéquias de seu tutor, avaliava a fragilidade do ser humano: bastaria que sua cabeça tivesse batido com mais força na calçada e ele seria agora um daqueles restos desconjuntados e ensanguentados que a pedra fria da Basse-Geôle exibia a cada manhã. Sua vontade era pegar um fiacre, mas onde encontrar um veículo no meio de tal cerração? Durante muito tempo, haveria de se lembrar dessa errância matinal, cuja duração lhe pareceu estender-se por séculos. Aos poucos, e com muito custo, a aurora se esboçava: uma claridade mortiça dominava a escuridão das ruas. Nicolas conseguia agora distinguir os rostos; e, à sua volta, um simulacro de vida foi retomado, com os gritos e apelos habituais. Depois de extraviar-se várias vezes, ele acabou por chegar à Rua

Saint-Germain-l'Auxerrois e, dali, encaminhou-se para o Châtelet pelo grande açougue e pela Rua Saint-Leuffroy.

No momento em que ia transpor o pórtico obscuro do edifício da polícia, uma voz chamou-o pelo nome; voltando-se, encontrou-se diante de uma espécie de trapézio ambulante, cujo centro era constituído por um homem com um chapéu alto na cabeça, e que parecia ter asas dobradas em cada lado do corpo. Nicolas reconheceu Jean, um bretão de Pontivy, e seu cubículo contendo uma privada para uso público. Mais conhecido pelo apelido de "Tirepot"[15], esse personagem tinha feito amizade com ele e confiava-lhe as observações que, mediante sua ocupação, ia coletando no decorrer de suas deambulações pela cidade. Em vez de um alcaguete titular, era uma espécie de fábrica de informações e de episódios engraçados, uma crônica viva da capital; com frequência, suas indicações tinham-se revelado bastante úteis.

Em Paris, verificava-se uma carência flagrante de latrinas públicas. Desse modo, nas ruas lotadas de gente, o transeunte passava por grande constrangimento quando a necessidade se fazia sentir: como era difícil encontrar um lugar deserto e arriscado aliviar-se em uma casa desconhecida, ele podia recorrer a esse personagem curioso que, debaixo de uma peça inteiriça e folgada de pano, ocultava dois baldes suspensos em uma barra transversal apoiada nos ombros. "Tirepot" tinha aperfeiçoado o sistema ao fixar nas costas, ao nível da cintura, um banquinho que lhe permitia sentar-se enquanto decorria a função dos clientes, o que facilitava a conversação.

– Nicolas, um momento... tenho coisas sérias para lhe contar.

– Não tenho tempo... mas não se afaste daqui, falarei com você mais tarde.

Jean aquiesceu e retomou seu giro. Seu grito habitual – "Cada um sabe o que tem a fazer" – ressoou sob as abóbadas dos prédios adjacentes. Nicolas entrou no Châtelet: nunca antes o edifício da polícia e da justiça, mergulhado em sua luz lívida de cripta, com seu cheiro de mofo, lhe tinha parecido tão sinistro e fiel a sua reputação.

Um pesado entorpecimento invadia Nicolas; apesar de alquebrado no corpo no espírito, sabia que uma jornada difícil o aguardava. Tentou recompor-se e afastar os pensamentos funestos que o atormentavam.

Ao iniciar a subida da grande escadaria, o jovem não prestou atenção em um personagem estático, postado solidamente em um degrau, que não perdia de vista seus movimentos. A ação subsequente foi rápida e brutal: uma sombra surgiu à sua frente, da qual ele só pôde sentir, desde logo, um fedor acre de suor e de couro impregnado de umidade. Foi jogado contra o muro; seu chapéu rolou pelo chão e a cabeça, ainda dolorida, bateu na parede; seu ferimento voltou a abrir-se e uma mão o segurou pelo pescoço. Distinguia, agora, o rosto de seu agressor, o qual, aliás, não manifestava nenhuma preocupação em dissimular-se: a fisionomia correspondia à de um homem ainda jovem, cujo crânio, coberto por cabelos cortados muito rente, exibia a marca de uma cicatriz. À primeira vista, dava a impressão de equilíbrio e mansidão, mas essa primeira imagem era imediatamente destruída pelo clarão implacável dos olhos imóveis; ao crispar-se, a boca de lábios delgados comprimia-se de tal modo que, no conjunto, o rosto exangue e desvitalizado assemelhava-se ao da morte.

O homem segurava Nicolas com toda a firmeza: seus traços modificaram-se totalmente, retomando sua beleza inicial. Nicolas ficou aterrorizado por estar à mercê daquele ser dúbio.

– Um conselho, senhor bretão; você escapou ontem, mas da próxima vez não irá se livrar tão facilmente. Esqueça o que sabe ou, então...

O agressor fez um gesto mais violento e Nicolas sentiu que uma arma o machucava na altura das costelas, mas sem feri-lo; foi solto e atirado contra o muro, no qual sua cabeça voltou a bater. O homem deu um pulo, precipitou-se escadaria abaixo e sumiu.

Nicolas tinha a certeza de que nunca mais esqueceria aqueles olhos pálidos e esverdeados. Havia reconhecido o olhar desvitalizado: era o de um réptil. Reviu-se quando criança, acocorado nos pântanos perto de Guérande, preparando-se para

agarrar, no momento oportuno, uma rã atraída por uma pétala de papoula que ele havia dependurado na ponta de um barbante. Nesse instante, uma cobra monstruosa empinou-se e, antes de se apoderar da presa, seus olhos imóveis tinham encarado Nicolas friamente.

Essa nova agressão, executada a sangue-frio no próprio edifício da aplicação das leis, comprovava, de todo modo, até que ponto sua investigação ameaçava interesses escusos e o quanto aqueles que tinham armado seu agressor se sentiam intocáveis para atacá-lo assim, em plena luz do dia.

Com muito custo, Nicolas arrastou-se até o patamar; seu coração palpitava com batidas tão precipitadas que ele não conseguia recuperar o fôlego. Na antessala do superintendente-geral, seu velho amigo, o meirinho, sentado à mesa de abeto, não o viu entrar porque estava absorvido totalmente por uma de suas ocupações favoritas: rapava um rolo de tabaco. O produto dessa operação, cuidadosamente acumulado de maneira a não se perder nenhuma migalha, era depositado em uma caixinha de estanho. No entanto, a respiração ofegante de Nicolas fez com que ele levantasse a cabeça; vendo as manchas de sangue que cobriam o jovem, soltou uma exclamação de surpresa.

– Santo Deus, mas que estado lamentável o seu, Sr. Nicolas! Vou buscar ajuda... o Sr. Bourdeau anda à sua procura e não deve estar longe. Jesus, Maria, José, o que aconteceu ao senhor?

– Não é nada, um ferimento na cabeça que está sangrando novamente; neste local, é comum sangrar muito. Tenho de falar imediatamente com o Sr. de Sartine, ele está aí?

Nicolas teve de apoiar-se na mesa com as duas mãos para não cair de borco; sua vista se embaciava, e tudo oscilava à sua volta. De um bolso, o meirinho tirou uma garrafinha e, depois de verificar, com um piscar de olhos, que os dois estavam realmente sozinhos, convidou-o a tomar um gole.

– Beba, é do melhor! Caramba, nestes tempos frios, tenho sempre comigo uma pequena reserva de rum – aliás, como

qualquer marujo que se preze. Força! Isso vai lhe dar alento.

A intragável cachaça fez Nicolas tossir, mas o efeito indireto do álcool aqueceu-lhe o corpo, devolvendo cores a seu semblante.

– Até que enfim, o senhor já está com melhor aparência! Está mais forte, hein? Deseja falar com o Sr. de Sartine? Está com sorte... Ele deu ordens para que o mandasse entrar sem delongas, se o senhor aparecesse. Estava muito mal-humorado,ele, que é sempre tão impassível; basta dizer que estava irritadiço com a peruca...

Pelo visto, nessa manhã, todo mundo estava à espera de Nicolas!

O meirinho bateu de leve na porta e, como não ouviu nenhuma ordem, tomou a iniciativa de introduzir o rapaz no gabinete.

A sala, já familiar, parecia deserta; o silêncio era perturbado apenas pelo estalejar do fogo na lareira e pelo crepitar de uma acha de lenha que se desfazia, projetando uma chuva de fagulhas. O calor, acompanhado por uma languidez benfazeja, invadiu Nicolas: era seu primeiro instante de bem-estar depois de ter deixado Antoinette. Evitando mover-se e dominado por uma sensação difusa de desfalecimento, ele descortinou, de repente, ultrapassando os encostos das poltronas posicionadas diante da secretária, a parte superior de duas perucas. Incapaz de fazer um gesto, entendeu, sem ter escutado realmente, a conversação que se desenrolava.

– Mas, meu caro, como é que chegamos a semelhante situação? – exclamava Sartine. – E, nesta manhã, fico sabendo, por correspondência, de um boato corrente em Londres: Lally[16], cercado em Pondicherry, teria capitulado! Nossas possessões na Índia ameaçadas, depois de nossos territórios no Canadá, há um ano...

Uma voz estridente interrompeu o superintendente-geral da polícia.

– O que o senhor quer? Já tínhamos a guerra contra a Inglaterra, e foi necessário acrescentar a aliança com a Áustria. À guerra marítima juntou-se a guerra terrestre. Com a pretensão de assobiar

e chupar cana ao mesmo tempo... Ainda por cima, tudo isso exige ouro, uma grande quantidade de ouro, além de cabos de guerra. Isso mesmo: sobretudo, verdadeiros cabos de guerra. No caos em que os militares estão mergulhados pelo número e pela inexecução das leis, pelo aviltamento dos suboficiais, pela incapacidade dos oficiais superiores e pela aversão dos subalternos, nada existe além de desordem, ambições desenfreadas e disputas de corte...

– Mas tudo isso não havia sido bem ponderado?

– Ponderado e examinado longamente, meu senhor. Mas o canto das sereias acabou por se impor. E quando digo as sereias... o Sr. conde e príncipe de Kaunitz[17], então embaixador da imperatriz, tornou-se a coqueluche de Paris e de Versalhes, divertiu a galeria com seus criados enfarinhadores de perucas...

Uma mão surgiu acima de um dos espaldares, ajeitando a posição da peruca.

– ...e procurou atrair a admiração da astuta dama[18], a quem tentou seduzir com a promessa do reconhecimento imperial. Ela descobriu, então, seus talentos de diplomata e um novo papel a desempenhar, tanto mais que já não se contentava com os sainetes dos saraus do paço real. Uma devoção dissimulada para imiscuir-se nos grandes problemas: eis o futuro das favoritas decadentes do rei! Por minha parte, se tomasse a liberdade de julgar o Estado da França, teria de concluir que este reino só consegue manter-se por milagre e que não passa de uma velha máquina decrépita que, no primeiro choque, acabará por escangalhar-se. Estou tentado a acreditar que nossa maior moléstia é que ninguém esteja realmente preocupado com o estado de nosso país; evitar tal abordagem, diria eu, trata-se de uma resolução deliberada.

– Meu amigo, o senhor manifesta uma grande imprudência.

– Estamos sozinhos e, ao dirigir-lhe a palavra, Sartine, estou falando para mim mesmo; além disso, somos velhos cúmplices. Diz-se, em Paris, que a astuta dama mandou juntar tudo o que havia sido escrito sobre Madame de Maintenon*...

– Diz-se e... é a pura verdade.

– O senhor é mais idôneo para conhecer o assunto... Mas estou divagando. De fato, impunha-se a escolha entre a guerra contra a Inglaterra e os encargos inerentes a tal decisão, ou a reviravolta temerária das alianças, com o risco da guerra terrestre. Mas esses comandantes frouxos imaginavam que o conflito seria de curta duração. E as vantagens almejadas para o reino? Conversa fiada... poeira lançada nos olhos...

– Como assim?

– Mas com certeza! Mais do que depressa, cada qual foi criando quimeras. Ah! Cabeças francesas, cabeças ocas. A Áustria tentava seduzir com a promessa de uma quantidade de coisas: o infante D. Filipe, genro*[19] do rei, trocando seus nanicos ducados italianos por um entreposto nos Países Baixos. As cidades de Oostende e Nieuwpoort dadas como garantia à França e ocupadas por nossas forças, protegendo nossa fronteira do Norte, tão vulnerável. O que não foi prometido por esse acordo?... Inclusive, vantagens para nossos aliados da Suécia, do Palatinado e da Saxônia! Enfim, a Áustria, pródiga em promessas para inglês ver, comprometendo-se em não se opor às pretensões do príncipe de Conti ao trono da Polônia. A astuta dama já imaginava ter na palma da mão todos esses frágeis fios. O termo das hostilidades contra o inimigo Habsburgo era considerado como uma obra-prima exemplar de prudência e de política. O que não se inventou, então? Que a paz estaria alicerçada e que a aliança seria consolidada! “Alguém” se apressou em gravar pedras e medalhas... E tudo isso sem levar em conta os ingleses, nem esse “Salomão do Norte”[20], tão elogiado pelo Sr. de Voltaire, autor para quem o derramamento de sangue francês serve de pretexto para escrever éclogas.

– A guerra contra a Inglaterra não dependeu de nós – observou Sartine.

– Isso é realmente verdade... Não nos deram a possibilidade de escolher. Coisa de piratas, não tenha dúvida; isso mesmo, de piratas...

O ruído de um punho martelando a borda da secretária assustou Nicolas, que se questionava para saber se devia ou não dar sinal de

sua presença.

– Além de terem capturado 300 de nossos navios, eles levaram 6.000 marinheiros, sem declaração de guerra – prosseguiu a voz estridente. – E hoje, nossa Marinha, como V. Ex.ª sabe perfeitamente, está nas mãos de um incapaz: esse tal Berryer, seu predecessor, que forjou para si uma reputação junto da astuta dama, adulando seus caprichos, transmitindo-lhe os mexericos da cidade e fazendo abortar conspirações imaginárias, é o ministro encarregado desse departamento. E o Sr. de Choiseul pretendia que houvesse um desembarque na Escócia; um amigo meu, que prestou serviço nos navios do rei, demonstrou, com elementos de prova diante de mim, a futilidade de tal projeto. Além disso...

Uma das perucas sumiu, enquanto a voz se tornou confidencial.

– ... além disso, fomos traídos.

– Como assim, traídos?

– É isso mesmo, Sartine. Um dos meus colegas, escriturário nas Relações Exteriores, vendia nossos planos aos ingleses.

– E ele já foi preso?

– Que nada! Convinha que Londres não ficasse de sobreaviso. Ele está agora sob nosso controle, mas é tarde demais: o dano está feito, o desastre já ocorreu, e existem ainda navios de linha bloqueados no estuário de La Vilaine pela patrulha marítima dos ingleses.

Nicolas lembrou que, em uma de suas últimas cartas, o cônego Le Floch lhe havia contado que, em companhia do marquês de Ranreuil, tinha ido ver os barcos franceses fundeados ao lado de Tréhiguier.

– Meu amigo – perguntou Sartine em voz baixa –, essa traição terá algum vínculo com o nosso caso?

– Não creio, mas o resultado seria o mesmo. A situação chegou a tal ponto que nada deverá comprometer os interesses seja de Sua Majestade ou das pessoas à sua volta. Infelizmente, desde nossa derrota em Rossbach[21], convém não negligenciar nada: o rei da Prússia chegou a ser considerado imbecil e leviano... e o resultado

está aí. Tudo foi desbaratado no dia em que esse ladrão do Richelieu* – o senhor sabe, certamente, que os soldados lhe deram a alcunha de “o pai dos saqueadores” – negociou com Frederico, em vez de massacrá-lo...

– O senhor está sendo injusto com o vencedor de Porto Maó*...

– Mas a que preço, Sartine, a que preço! A atitude do marechal na Alemanha foi pior que uma traição: foi uma verdadeira sandice. Eis o que acontece quando alguém fica à mercê de uma mulher que dirige as manobras a partir de seu *boudoir*: a astuta dama pretendia que todo o mérito de uma inverossímil vitória sobre Frederico fosse atribuído ao amigo Soubise. O senhor acha que seria possível esperar outro resultado de uma tática preparada a 300 léguas do campo de batalha por Paris-Duverney[22], seu protegido e fornecedor de víveres para as tropas? Desde então, sucessos e reveses se alternam com uma regularidade enervante. E para quê? O que está em jogo, de agora em diante? Sinto-me exausto e entristecido.

– Ânimo, ânimo, não tenho o costume de vê-lo nesse estado; acabaremos por levar a melhor, e o rei...

– Já que tocou nesse assunto... V. Ex.ª que despacha com ele, o que acha de sua saúde?

– Ele estava na minha audiência semanal, domingo à noite, em Versalhes. Pareceu-me igualmente exausto e entristecido; tinha o rosto inchado, a tez amarelada...

– Ceias requintadas, carnes exóticas, vinhos... nada disso condiz com sua idade...

– Seu humor era sorumbático – prosseguiu Sartine. – Nem estava a fim de prestar atenção às pequenas histórias engraçadas que ele tanto aprecia, e cujo acervo é atualizado propositalmente por mim a cada nova sessão. Nessa noite, a pauta foi preenchida apenas por considerações sobre mortes recentes – de preferência, súbitas –, preces dos agonizantes e outros temas fúnebres. No caso de Sua Majestade, tais assuntos acabam por se tornar, frequentemente, uma obsessão...

– Sobretudo depois que ele sofreu aquele atentado...

– O senhor está coberto de razão. A propósito, será que já ouviu falar da resposta que ele deu a La Martinière, seu médico, que estava examinando o corte feito pelo canivete de Damiens? Como o clínico procurasse tranquilizá-lo, dizendo que o ferimento não era profundo, Sua Majestade comentou: “É, sim, e muito mais do que o senhor possa acreditar, porque atingiu meu coração”. Ele citou igualmente o avô ao me confiar que, “na sua idade, a pessoa deixa de ser feliz”. No entanto, ele é muito mais jovem que Louis, o Grande, à época dos dissabores do final do último reinado. Enfim, evocou demoradamente a basílica de Saint-Denis, “que os reis nunca chegam a ver por serem conduzidos a esse local somente dentro de caixões, no dia de suas pompas fúnebres”. E não deixou de me pressionar, é claro, a respeito do que o senhor sabe...

– A astuta dama tem sua responsabilidade em tudo isso. A pretexto de afastar o rei de suas ideias negras, ela multiplica as oportunidades de distração, quando não as organiza ela mesma, numa certa área...

– O espírito público irá abominá-la, se nossas adversidades continuarem. A guerra, a luta contra as assembleias regionais e nossos conflitos de religião... é muita coisa de uma só vez.

– Para voltar ao nosso caso – questionou o desconhecido –,há alguma novidade? Fico paralisado de angústia só de pensar que... O senhor poderá me dar alguma esperança?

Seguiu-se um prolongado silêncio. Nicolas susteve, o máximo possível, a respiração.

– Encarreguei um dos meus agentes de tratar do assunto, mas ele não sabe o que procura. Ele é ao mesmo tempo meu caçador e minha isca. Tem a vantagem, sobretudo, de não ser conhecido no nosso meio e de ignorar o que se passa.

Sentindo as pernas cederem, Nicolas ainda tentou se agarrar a alguma coisa, mas sua mão acabou batendo no chão; esse ruído imperceptível teve o efeito de um raio que tivesse invadido a sala com seu clarão. Em dois movimentos inversamente simétricos, o Sr. de Sartine virou-se, descobrindo Nicolas petrificado, enquanto seu interlocutor dava as costas e, ao mesmo tempo, dissimulava o rosto

atrás de um chapéu. Com um gesto autoritário, o superintendente-geral apontou para a estante atrás da secretária. Saltitando, o visitante avançou nessa direção e se apoiou nos relevos dourados do móvel; as prateleiras giraram, dando lugar a uma passagem na qual o homem se enfiou e desapareceu. A cena não durou mais do que três segundos.

Agora, com os braços cruzados, o Sr. de Sartine olhava com atenção e em silêncio para Nicolas.

– Sr. superintendente, eu não tinha intenção de...

– Sr. Le Floch, o que o senhor acaba de fazer é simplesmente indesculpável! E eu que depositava confiança no senhor... Pela sua vida: você não ouviu nada, certo? Mas em que estado o senhor está! É nisso que dá ir se divertir com mulheres... Pois bem, o que tem a dizer?

O Sr. de Sartine endireitou-se, exibindo um semblante de vencedor: manifestava assim a satisfação de comprovar que continuava sendo o homem mais bem informado da França.

– Sr. superintendente, permita que lhe diga com toda a humildade que não mereço sua cólera, nem sua ironia. O senhor está vendo meu desespero diante do que acaba de acontecer: não provoquei nem desejei tal situação. O meirinho abriu a porta de seu gabinete, dizendo-me que V. Ex.ª andava à minha procura e tinha dado ordens para que eu entrasse imediatamente. Atordoado pelo meu ferimento e a ponto de desmaiar, julguei que não havia ninguém em seu escritório, e quando percebi que o senhor estava conversando com um visitante, nem pensei que deveria me apresentar – digamos, eu não sabia o que fazer...

O superintendente-geral mantinha-se em silêncio, a mais genuína manifestação do laconismo que, dizia-se em Paris, levava os mudos a falar e amedrontava enormemente os mais destemidos. Nicolas nunca havia experimentado os efeitos dessa prática, já que seu chefe tinha sido sempre, até então, eloquente e cortês, com alguns surtos de brusquidão ou de impaciência.

– Sr. superintendente, suas informações são equivocadas...

Nicolas esperou, inutilmente, uma reação a essa estocada.

– Não andei com mulheres, como o senhor disse. Ontem, minha investigação sobre o desaparecimento do delegado Lardin levou-me a uma casa de tolerância cuja cafetina se chama La Paulet... Sem dúvida, o senhor deve conhecer o Dauphin Couronné. Ao deixar esse estabelecimento, um fiacre tentou me atropelar; derrubado na calçada, perdi os sentidos. Então, fui socorrido por uma moça que me levou para seu quarto a fim tratar de meu ferimento.

Nesse momento, Nicolas achou desnecessário prolongar e complicar seu relato com detalhes particulares que só diziam respeito a ele próprio.

– Nesta manhã, bem cedo, apressei-me para chegar ao Châtelet, já que esperava ter a honra de falar com V. Ex.ª. Ao subir a grande escadaria, fui atacado de novo por um espadachim que me feriu, além de ter proferido ameaças; aliás, tenho todos os motivos para supor que se trata do Sr. Mauval. Eis, Sr. superintendente, o que explica minha aparência em desalinho e a desorientação em que me encontrava ao entrar neste gabinete.

Seu ânimo denotava uma energia cada vez maior e ele alteava o tom de sua voz. Sartine permanecia impenetrável.

– Dito isso, Sr. superintendente, só me resta voltar para minha província se, por infelicidade, meu serviço não lhe agradar ou se deixei de merecer sua confiança. Mas, antes, faço questão de lhe dizer o seguinte: sem família e dispondo apenas de ajudas aleatórias, afastado brutalmente de um mister modesto que me dava satisfação, acabei sendo jogado em Paris. V. Ex.ª me acolheu com benevolência, contratando-me para seu serviço; devo manifestar-lhe minha gratidão. O senhor colocou-me junto de Lardin em condições que teriam sugerido ao mais imbecil dos indivíduos que o intuito de V. Ex.ª era mantê-lo sob vigilância. Fui incumbido pelo senhor de uma missão extraordinária em múltiplos aspectos: investigar o desaparecimento de Lardin. Mas o que ouvi involuntariamente, há poucos instantes, serviu-me de elucidação sobre este ponto: afinal, não mereci de modo algum a confiança de V. Ex.ª – que, por outro lado, não chegou a me revelar suas segundas intenções. Sei que a

incerteza é a marca da subordinação, aprendi isso com V. Ex.ª; mas há de compreender igualmente que iniciei minha função às cegas, sem nenhuma informação que me tivesse permitido evitar certas armadilhas. Antes de me despedir, creio que será útil apresentar a V. Ex.ª um relatório final.

Imperturbável, o superintendente-geral não manifestava a mínima reação.

– O delegado estava desaparecido – prosseguiu Nicolas – e V. Ex.ª outorgou-me plenos poderes para encontrá-lo. Quais são as informações que, até hoje, obtivemos sobre esse caso? Lardin devia assistir, na noite de seu sumiço, a uma bacanal no Dauphin Couronné, em companhia de seu amigo, o Dr. Semacgus. Uma refrega opôs o delegado a Descart, primo de sua esposa. Descobre-se também, na investigação referente a esse Descart, a animosidade que o opõe a Semacgus – rivalidades de médicos ou de outro tipo. E que Descart se disfarça nessa festa promovida no estabelecimento de La Paulet. Aparece também a velha Émilie, vendedora de sopa que, por sua horripilante história, nos leva a Montfaucon; a comitiva de justiça enviada ao Grand Équarrissage é vigiada à distância por um misterioso cavaleiro. O exame dos fragmentos de corpo encontrados sob a neve não encontra elementos suficientes para tirar uma conclusão: o cadáver descoberto permanece irreconhecível, mas a bengala e o gibão de Lardin são recolhidos ao lado desses restos. Nossas observações permitem levantar dúvidas relativamente ao local do crime. Em um dos bolsos do gibão, foi encontrado um fragmento de bilhete escrito por La Paulet, além de um jetom de bordel: tais indícios poderiam ter sido arrancados por ocasião da briga com Lardin. Dando prosseguimento à minha investigação, consegui enganar La Paulet e fiquei sabendo que o delegado Camusot e Mauval tentam extorquir grana de Lardin, que está afogado em dívidas de jogo até o pescoço. Assim, o inquérito de Lardin sobre Camusot só podia dar em nada. Descubro que, à semelhança de Descart, Lardin é um frequentador assíduo do Dauphin Couronné, tendo encontrado lá a esposa – na época, “pensionista” –, e que esta desbarata sua fortuna e o trai: ela é, notoriamente, a amante do primo, o Dr.

Descart. Enfim, confirma-se que, por insistência de Lardin, La Paulet havia convidado Descart para a festa durante a qual o delegado desapareceu. Além disso, fico sabendo que o Dr. Semacgus não passou aquela noite com uma garota do bordel e que ocorreu, igualmente, o sumiço de seu criado negro, Saint-Louis. Eis aí, Sr. superintendente – com as duas agressões cometidas contra a pessoa de seu representante –, o resumo de uma averiguação que confio à sua reflexão. Acabo de descobrir, há pouco, que eu não passava de um instrumento entre suas mãos: não estava a par do que procurava nem do objetivo que deveria perseguir. Atrevo-me a supor que V. Ex.ª tem razões de alto nível para me reservar semelhante tratamento. Queira aceitar, portanto, minha demissão, com a certeza de que permaneço seu humilde, obediente e muito agradecido servidor.

A despeito de sua emoção e do sangue que martelava suas têmporas, Nicolas sentiu o efeito libertador de seu discurso; a tenaz que comprimia seu peito foi se desapertando, aos poucos, à medida que as palavras irreparáveis escapavam de sua boca. O que ele experimentava, nesse instante, não estava longe de um intenso sentimento de júbilo. Por mais preciso que tivesse sido seu relatório, ele havia deixado de lado alguns detalhes. Não estava exatamente orgulhoso disso: essa mesquinhez não o engrandecia aos próprios olhos, mas, tendo cortado as amarras, era sua pequena vingança, sua resposta à humilhação sofrida. Continuava sentindo uma raiva surda por ter sido tratado como um peso desprezível por um homem por quem nutria respeito e que lhe havia confiado uma tarefa à qual havia se dedicado de corpo e alma. Tudo estava consumado, podia ir embora: por enquanto, o futuro, seu destino, o dia de amanhã, tudo o que tinha sido sua vida em Paris era indiferente para ele.

Estava prestes a deixar a sala quando o Sr. de Sartine fez um gesto brusco e inacreditável: arrancou a peruca, que rodopiou até o centro da secretária, sacudiu nervosamente a cabeleira, foi até a lareira e revolveu as brasas para atiçar o fogo. Em seguida, com determinação, avançou em direção a Nicolas que, surpreendido pela rapidez do movimento, não pode furtar-se a dar um passo atrás. Segurando-o pelos ombros, o magistrado puxou-o para junto de si;

seus olhos inquisidores o fixaram durante um longo momento. O jovem suportou, sem pestanejar, esse aturado exame. Depois, Sartine o impeliu bem devagar para uma poltrona na qual o forçou a sentar-se, estendendo-lhe um lenço de linho finíssimo.

– Pegue isto aqui, Nicolas, e pressione com força sobre seu ferimento.

E afastou-se em direção à porta. Nicolas percebeu que ele falava com o meirinho:

– Sr. Marie, com certeza sua garrafinha está aí... Claro, sua garrafinha. Não se faça de bobo, entregue-me isso, já!

Ainda foi possível ouvir alguns balbucios confusos; ao retornar, o superintendente-geral estendeu a Nicolas a garrafinha que, aliás, já tinha passado por suas mãos.

– Pode engolir um trago desse veneno, vai fazer bem a você. O Marie acha que ignoro seus pequenos hábitos...

Nicolas foi tomado pela vontade de rir. Rapidamente, engoliu a bebida meio atravessado e engasgou. Disso resultou um soluço incontrolável, que desencadeou as temidas gargalhadas. Sartine, parecendo um tanto inquieto, encostou-se na secretária.

– Quando é necessário, pode ser bem insolente, senhor auxiliar de tabelião... que deseja voltar a sê-lo. Mas que verve! Que entusiasmo! Que talento! Meus cumprimentos.

Nicolas fez menção de se levantar.

– Vamos, não seja criança e preste atenção no que tenho para lhe dizer. Não acreditava que o senhor estivesse à altura da missão que lhe confiei; com efeito, trata-se de uma investigação delicada. O senhor está avançando bem depressa e na direção correta. Não me surpreendo com facilidade, mas admiro seu desempenho. No entanto, algumas sombras subsistem... É verdade que, mergulhado por mim nas trevas, o senhor estava correndo o risco de não encontrar a luz. O objetivo secreto de tudo isso... Ah! Como é difícil dizer algumas coisas...

Além de sentir o constrangimento de Sartine, Nicolas compartilhava dele. A seu mal-estar, acrescentavam-se os

sobressaltos regulares de um soluço persistente que só aumentava diante de seus esforços para reprimi-lo. Mais uma vez, teve um acesso de riso tão convulsivo que contagiou Sartine. Nicolas nunca o tinha visto rir, e se deu conta de que, com essa efusão, ele parecia bem mais jovem. Lembrou que a diferença de idade entre eles não ia além de oito ou nove anos, e essa constatação o acalmou. Ambos voltaram a ficar sérios. Sartine tossiu, confuso por ter perdido a compostura.

– Eu estava equivocado, absolutamente equivocado, ao subestimá-lo e utilizá-lo como se fosse apenas um autômato – disse ele, ao retomar sua gravidade. – O senhor deu provas de seu valor; vou esquecer esse mal-entendido...

Nicolas pensou com seus botões que o Sr. de Sartine pretendia tapeá-lo passando a borracha sobre esse “mal-entendido”; todavia, o reconhecimento dos próprios erros fazia a coisa mudar de figura e a afirmação de seu “valor” era um bom curativo para suas feridas.

– Percebo agora que devo comunicar-lhe meus pensamentos mais recônditos. O senhor já sabe bastante a respeito. Escute...

Nicolas estava disposto a escutar qualquer coisa. Novamente senhor de si, Sartine prosseguiu:

– Eu tinha encarregado Lardin de ficar no encalço de Camusot, que era suspeito, de acordo com Berryer, meu predecessor, de corrupção na polícia dos jogos. Tratava-se de pôr ordem na casa. Bem depressa, compreendi que o delegado me embromava e tinha escapado de meu controle. Nessa ocasião, Ranreuil recomendou-me que convocasse o senhor; foi assim que o coloquei junto de Lardin, e todos os seus comentários sobre o delegado, inocentes ou não, convenceram-me de que ele era desleal. Mas o pior estava em outro lugar.

A gravidade de suas afirmações levou o superintendente- geral a recolocar a peruca.

– Pelas obrigações de seu cargo, Lardin foi convocado, no final de agosto de 1760, junto com o delegado Chénon, a fazer o inventário da documentação – sob sigilo judicial – do conde de Auléon, antigo plenipotenciário em São Petersburgo, que acabava

de falecer; trata-se de uma prática habitual em relação a todos aqueles que, um dia, participaram de negociações de Estado. A ordem vinha do Sr. de Choiseul. Ora, por fontes fidedignas, ficamos sabendo que Lardin subtraiu vários documentos, em particular, cartas manuscritas do rei e da senhora marquesa de Pompadour. Alguns dias antes de seu desaparecimento, convoquei Lardin: ele me ameaçou – o senhor entende? ameaçou – de divulgar esses documentos junto a potências estrangeiras, se fossem empreendidas diligências judiciais contra ele. Em plena guerra, na situação que o senhor conhece...

– Mas, Sr. superintendente, por que não mandou prendê-lo na Bastilha?

– Cheguei a pensar no assunto, mas era um risco que eu não podia correr. E eu, Gabriel de Sartine, superintendente- geral da polícia, tive de suplicar a esse miserável, que acumula a traição com o crime de lesa-majestade, para desistir de suas ameaças. Nesse momento, eu ignorava as informações que o senhor acaba de me fornecer: além de todos esses crimes graves, havia ainda canalhices de jogatina. Eu julgava que os documentos roubados lhe serviam apenas de salvaguarda; daqui em diante, temos todos os motivos para recear que ele venha a negociá-los com qualquer pessoa. Daí a importância de saber se Lardin está realmente morto e, se esse for o caso, que fim teria sido dado às cartas roubadas.

– Camusot e Mauval têm de ser presos.

– Calma, Nicolas... Desse jeito, perderíamos todos os indícios em troca de um capricho arriscado e gratuito. O senhor ainda aprenderá que a salvação do Estado pode ser forçada, às vezes, a passar por vias transversas. Além disso, Camusot trabalha há tanto tempo na nossa casa que sabe coisas demais a respeito de um grande número de pessoas. Existem riscos que um servidor do rei deve abster-se de correr: eis algo bem pouco moral, não é mesmo? Mas lembre-se do que dizia o cardeal de Richelieu: “Aquele que poderia salvar-se como particular, condena-se como homem público...”.

Ele calou-se, como se a simples evocação de tal nome fosse capaz de fazer surgir a sombra do grande cardeal.

– Eis a razão pela qual – prosseguiu, depois desse instante de silêncio – é preciso saber, com toda a urgência, se Lardin está morto ou vivo. Pode garantir-me que o cadáver descoberto em Montfaucon é do delegado? O senhor parece ter dúvidas a esse respeito...

– Com efeito, faltam as provas – respondeu Nicolas. – Minha única certeza é que esses restos foram transportados, sem dúvida, do lugar do crime até o Grand Équarrissage e que...

– Isso não me satisfaz de jeito nenhum. Nesta conjuntura, é...

O Sr. de Sartine foi interrompido por violentas pancadas na porta, que, ao abrir-se, deixou ver o inspetor Bourdeau, o rosto vermelho de confusão. O superintendente-geral levantou-se com o olhar faiscando.

– Ora essa! Só faltava arrombar minha porta! Sr. Bourdeau, que significa tal desfaçatez?

– Queira perdoar-me, Sr. superintendente... Só me permiti esta intrusão por causa de um acontecimento grave. Eu queria comunicar, a V. Ex.ª e ao Sr. Le Floch, que o Dr. Descart foi assassinado, ontem à noite, e que tudo faz supor que seu assassino é Gauthier Semacgus.

14 No século XVIII, o café rapidamente se tornou uma bebida bastante popular, sobretudo misturado com leite.

15 Termo formado a partir de dois componentes: *tire* [forma verbal de *tirer*, que, entre outras acepções, significa “puxar”] e *pot* – aqui, “penico”. [N.T.]

16 General francês, de origem irlandesa (1702-1766). Depois de seu revés em Madras [atual Chennai], ele irá capitular em Pondicherry, apesar de ter dado testemunho de seu heroísmo na defesa dessa cidade. Acusado de traição, foi condenado à execução capital; com o apoio de Voltaire, o filho obterá sua reabilitação.

17 Wenzel Anton Kaunitz-Rietberg (1711-1794), chanceler do Império Austríaco durante os reinados de Maria Teresa I e de José II. Assinou uma aliança com a França, em 1756, que seria ratificada pelo casamento, em 1770, entre a arquiduquesa Maria Antonieta e o delfim do trono francês, o futuro Louis XVI. Foi ele quem supervisionou as decisões adotadas pela Áustria relativamente à Guerra dos Sete Anos*.

18 Jeanne-Antoinette Poisson (1721-1764), marquesa de Pompadour – mais conhecida como Madame de Pompadour –, amante ostensiva (1745-1761) de Louis XV, é

considerada uma das figuras francesas mais emblemáticas do século XVIII, tendo assumido um lugar de destaque no mundo de intrigas de Versalhes.

19 Trata-se de Filipe II, duque de Orléans (filho de Filipe de França, irmão de Louis XIV), forçado a se casar, em 1692, com uma filha de Madame de Montespan (amante do monarca), legitimada pelo rei. [N.T.]

20 Frederico II, rei da Prússia.

21 Derrota francesa na qual Frederico II aniquilou o Marechal de Soubise e os Imperiais.

22 Financista (1684-1770), amigo de Madame de Pompadour.

VIII
Entre a cruz e a espada

Conserva teus pensamentos e foge da malícia,
a fim de que a inteligência obscurecida
não confunda uma coisa com a outra.
Talássio, o Africano

Indiferente ao comportamento agitado do Sr. de Sartine, pontuado por golpes nervosos de atiçador no fogo, Bourdeau tinha iniciado o relato dos acontecimentos de sua jornada de serviço. Parecia orgulhoso de discorrer para semelhante auditório.

Tendo sido incumbido por Nicolas de encontrar Catherine, que havia desaparecido depois de expulsa da casa da Rua dos Blancs-Manteaux, o inspetor começara seu inquérito na vizinhança. A sorte lhe sorriu, porque um sujeito que fazia biscates tinha vindo buscar uma trouxa de roupas usadas que a cozinheira deixara com sua senhoria. Bourdeau não ficou nem um pouco surpreendido ao descobrir que Catherine tinha encontrado refúgio na casa do Dr. Semacgus. De posse dessa preciosa informação, o inspetor tomou um veículo para ir a Vaugirard – mas, de acordo com sua explicação um tanto confusa, demorou-se em uma espelunca do subúrbio, transido de frio, para se restaurar com um guisado de coelho e com um vinhozinho demasiado novo para seu gosto.

O Sr. de Sartine fez-lhe sinal para passar adiante e prosseguir o relatório. Ruborizado de confusão, Bourdeau descreveu o encontro

com Catherine, cheia de elogios para com a benevolência de seu anfitrião, o qual, por sua vez, “manifestava-lhe reconhecimento por ter sido bem tratado por ela e a tinha acolhido como uma velha amiga”. Por mais desnorteadas que estivessem, as duas cozinheiras – uma sem trabalho nem moradia, a outra, Awa, transtornada pelo desaparecimento do marido, Saint-Louis – estabeleceram rapidamente relações de amizade: Awa fora conquistada pela jovialidade de Catherine. Elas já estavam trocando segredos; assim, desde que chegou, Bourdeau foi convocado para avaliar o resultado de uma torta de galinha da qual escapavam, em volutas perfumadas, os aromas misturados da trufa com a noz-moscada.

Mais uma vez, o superintendente-geral levou o inspetor a retomar o fio de seu depoimento com um meneio ameaçador da peruca. Em poucas palavras: o Dr. Semacgus não estava em casa, e Bourdeau, que desejava conversar com ele a respeito da situação de Catherine, decidiu esperar seu retorno; então, aproveitou essa oportunidade para fazer a cozinheira falar – o que, aliás, era o que ela mais queria.

A acreditar no que dizia, ela teria deixado o serviço definitivamente: a Sr.ª Lardin, qualificada por ela com um número não desprezível de epítetos indecorosos, limitara-se simplesmente a colocar um ponto final em uma situação irreparável. Uma coisa era ser tratada como uma porcalhona – ela, que tinha estado na batalha de Fontenoy com o marechal de Saxe –; outra, ser testemunha das indecências de uma mulher despudorada. O pior, para Catherine, era a maneira como a madrasta tratava a afável Marie. A afeição recíproca entre Catherine e da filha do delegado tinha evitado, durante muito tempo, que a cozinheira pedisse as contas; e depois, Lardin, tão grosseiro com as outras pessoas, não era assim tão ruim com ela.

Passando de um assunto para outro, Bourdeau acabou por ficar sabendo que, além de manter relações adúlteras com o primo Descart e com Semacgus, Louise Lardin arrastava a asa também para um galanteador com a aparência de espadachim que, desde o desaparecimento de Lardin, tem assombrado a casa da Rua dos Blancs-Manteaux.

Ao soarem as seis horas, Semacgus apareceu, enfim, com a roupa em desalinho e pronunciando palavras sem nexo, atitude surpreendente em um homem que, habitualmente, manifestava um perfeito autodomínio. Com certa dificuldade, seus interlocutores conseguiram entender que Descart acabava de ser assassinado.

Depois de consolá-lo, Bourdeau pediu-lhe que se recompusesse e contasse tudo tintim por tintim.

De acordo com seu relato, Semacgus tinha recebido uma solicitação de encontro da parte de Descart, redigida em um pedaço de papel dobrado e enfiado sob sua porta. Tal iniciativa tinha-lhe parecido bastante inesperada, pelo fato de vir de um homem com o qual suas relações eram tudo o que se possa imaginar, exceto cordiais. Entretanto, pelo tom urgente do bilhete, tinha ficado convencido de que somente uma razão grave, relacionada talvez com o exercício da medicina, justificava aquela espécie de convocação. O encontro estava marcado para as cinco e meia. Semacgus tinha passado o dia em Paris, dedicando-se a suas atividades, e depois tomado um fiacre no Jardin du Roi para voltar a Vaugirard, a fim de chegar antes da hora marcada, e por volta das cinco horas estava diante da residência de Descart. Surpreendido por encontrar todas as portas abertas – tanto a do jardim, quanto a da casa –, havia transposto a soleira do portão às apalpadelas, porque já escurecera e nenhuma luz estava acesa. Mal tinha atingido o balcão que dominava as escadarias simétricas e a grande sala quando tropeçou em algo que, inicialmente, lhe pareceu uma sacola colocada no chão; na realidade, tratava-se de um corpo inerte.

Assustado pela situação imprevista, Semacgus desceu para o salão e encontrou uma vela que, depois de acesa, permitiu-lhe reconhecer o cadáver de Descart, apunhalado com uma lanceta destinada a fazer sangrias. Durante um longo momento, ficou como que aparvalhado e, em seguida, decidiu voltar para casa a fim de avisar as autoridades.

Bourdeau tinha mandado chamar a ronda; deixou Semacgus com um guarda de confiança e correu para a casa de Descart, a fim

de confirmar a morte do médico e proceder às averiguações preliminares.

A habitação estava mergulhada na escuridão da noite: o coto de vela aceso por Semacgus já estava há muito tempo apagado. Com grande dificuldade, Bourdeau encontrou um jeito de iluminar o ambiente e se dedicou a uma observação minuciosa do cadáver, que jazia sobre o flanco, com uma lanceta enterrada na altura do coração. O corpo ainda estava flexível. Na face purpúrea e com manchas arroxeadas, via-se uma expressão de intensa surpresa, acentuada pela abertura desmesurada da boca, como se a vítima, em seus derradeiros instantes de vida, tivesse pretendido gritar algo ou denunciar alguém.

O chão estava coberto com pegadas umedecidas. Bourdeau tinha feito uma visita rápida a outros lugares da casa, sem nada observar de anormal. Em seguida, mandara remover o cadáver para a Basse-Geôle, local em que seus interlocutores – o Sr. de Sartine e Nicolas – poderiam examiná-lo.

Quanto a Semacgus, o inspetor tinha julgado necessário mandar encarcerá-lo provisoriamente em uma cela do Châtelet: era a única testemunha do drama e, por mal de seus pecados, o principal suspeito, levando em consideração as relações difíceis – que todo mundo havia tido a oportunidade de observar – entre os dois médicos. Enfim, Bourdeau deixara Vaugirard, depois de fechar cuidadosamente as portas da residência, lacrar as saídas com massa de farinha e guardar as chaves no bolso.

O relato do inspetor foi seguido por um longo silêncio. Tendo continuado sua deambulação, o Sr. de Sartine fez um gesto com a mão para indicar a Bourdeau sua vontade de permanecer sozinho com Nicolas.

– Obrigado, Sr. Bourdeau. Queira retirar-se; tenho instruções para comunicar a seu chefe.

Nicolas ouviu essa frase com uma felicidade que teve dificuldade em disfarçar: era, para ele, a confirmação de sua missão.

– Com sua permissão, Sr. superintendente, gostaria de formular uma perguntinha a Bourdeau.

Sartine meneou a cabeça, denotando um pouco de impaciência.

– Semacgus estava coberto de sangue?

– Nem uma gota.

– Mas o Dr. Descart estava, sem dúvida, ensanguentado – observou Nicolas. – Quando o corpo dele caiu nos braços de Semacgus, este deveria ter as roupas manchadas de sangue; o senhor não acha?

O inspetor deu a impressão de ter ficado desorientado.

– Agora que o senhor fala disso – respondeu –, tomo consciência de que não havia sangue... em parte alguma. Seja no cadáver, seja no chão.

– Não se afaste de seu escritório; ainda precisamos trocar impressões. Daqui a pouco, iremos ver o cadáver e interrogar Semacgus.

Bourdeau saiu, lançando um olhar cheio de admiração para Nicolas. Tendo manifestado alguma irritação por causa desse episódio, o Sr. de Sartine retomou a palavra.

– Tudo isso só veio complicar ainda mais as coisas. Faço questão, Sr. Le Floch, de que seja bem-sucedido, e o mais rapidamente possível, em sua investigação. Evite perder momentos preciosos na tentativa de resolver um caso que pode não ter nada a ver com o nosso. Faça a devida diligência: darei as instruções necessárias para que ninguém ou qualquer espécie de obstáculo venham atrapalhar seu inquérito. O essencial – o senhor compreende perfeitamente – é o serviço de Sua Majestade e a salvação do Estado. Não estou ligando para o destino de Lardin; o que me deixa inquieto é o risco de ver os documentos em questão passar para mãos mal-intencionadas. Fui suficientemente claro?

– Sr. superintendente – respondeu Nicolas com voz branda –, conheço agora a verdadeira dimensão da investigação que V. Ex.ª houve por bem me confiar, mas devo dizer-lhe que, em minha opinião, todos os acontecimentos que chegaram a nosso

conhecimento – e o último não é exceção – me parecem conectados entre si, e que todos os fios dessa intriga têm a possibilidade de nos levar à sua origem. Não posso, portanto, negligenciar nenhuma pista. Todos aqueles que, de perto ou de longe, mantiveram relações com Lardin – e, sobretudo, aqueles que passaram a noite com ele no Dauphin Couronné – são suscetíveis de estarem envolvidos, de uma forma ou de outra, no grave segredo a respeito do qual o senhor consentiu em me esclarecer.

Sartine, ao retomar a palavra, ignorou a observação do jovem.

– Devo, ainda, chamar sua atenção sobre outra coisa, mesmo que isso – é o que eu temo – venha a turvar a visão cândida que, segundo suspeito, o senhor alimenta sobre nossa justiça. Fui, e ainda sou, um magistrado, enquanto o senhor exerce seu cargo por delegação, em decorrência do mandato que o torna meu plenipotenciário. Devemos respeitar as regras de nosso mister, tanto mais que só lavramos nossos instrumentos jurídicos mediante uma outra delegação, a do Soberano, o alfa e o ômega de toda autoridade. Deve-se usar tal prerrogativa com honra. O poder do juiz vem do trono, e o arminho que cobre nossas samarras é um pedaço simbólico do manto da sagração régia.

Ele acariciou sua roupa com ar solene, como se estivesse usando sua toga de cerimônia em dia de sentença, no Palácio de Justiça.

– Em poucas palavras, tenho o poder de manter sob minha tutela algumas causas importantes para a salvação do reino; entre elas, como pode imaginar, está o caso que é objeto de sua investigação. A glória e a segurança do Estado custam esse preço, e ainda mais, em tempo de guerra. A cada dia, nossos soldados morrem nos campos de batalha; ora, uma alma sensível e apaixonada por seu país não seria capaz de pensar, sem sentir um frêmito, que o inimigo estivesse em condições de se apoderar de recursos suscetíveis de comprometer o nome de S. M. e daqueles que estão à sua volta.

Tendo fixado Nicolas no fundo dos olhos, ele abandonou o tom solene.

– Tudo deve permanecer em segredo, Nicolas: o mais oculto possível, e o mais impenetrável para o público. Está fora de questão respeitar as etapas habituais de um processo judicial, tal como o Sr. de Noblecourt deve ter lhe ensinado. Por enquanto, não quero designar um magistrado para esta investigação; não podemos confiar em ninguém. Temos de ser implacáveis. Se necessário, peça-me ordens régias para encaminhar prisioneiros para a Bastilha, que dispõe de maior segurança do que nossas prisões lotadas de gente, prostitutas e famílias dos detentos que entram e saem sem nenhum controle. Se houver cadáveres, mande escondê-los! Se tiver de fazer averiguações, trate de encobri-las de modo que ninguém seja capaz de conhecer seu conteúdo! Acho que foi uma decisão acertada ter travado conhecimento com o Sr. Sanson: pode utilizar seus serviços, é mudo como um túmulo. Esse segredo, se estendido a todo o resto, irá conduzi-lo ao final do labirinto. O senhor é meu plenipotenciário, acima das regras e das leis – sem esquecer que, se fracassar e comprometer meu poder, deixará de contar com minha proteção... Sua ação vai depender unicamente do senhor. Dedico-lhe minha confiança e garanto-lhe meu apoio. Faça o melhor que estiver ao seu alcance e, no mais breve espaço de tempo, encontre a solução para o nosso caso.

Nicolas, emocionado pela grandeza de sentimentos que emanava do superintendente-geral, cumprimentou-o sem dizer uma palavra. Dirigia-se para a porta quando Sartine o deteve, segurando-o pelo ombro.

– Nicolas, tome cuidado. Conhece, agora, o pessoal com quem está lidando: essa corja é terrível. Nada de imprudência, precisamos de seus serviços.

Assediado de perguntas pelo meirinho, a quem todo aquele rebuliço deixara intrigado, o inspetor Bourdeau esperava Nicolas na antessala. Bastante zangado por não ter obtido nenhuma informação, o meirinho, concentrado em seu cachimbo curto, estava cercado por uma enjoativa nuvem de fumaça; com raiva, ativava a combustão, mediante fortes aspirações chiantes e precipitadas.

Nicolas teve vontade de arrastar Bourdeau para a Basse-Geôle, a fim de examinar o corpo do Dr. Descart, mas o inspetor o fez ver que o estado do próprio Nicolas era assustador, que seu ferimento ainda não estava cicatrizado, além dos rasgões de suas roupas, e que, em tais circunstâncias, era possível que tivesse um novo desfalecimento; ele deveria restaurar-se e retomar forças. Bourdeau pressupunha que Nicolas nada havia ingerido desde que tinham se encontrado, na véspera.

Nicolas confessou-lhe que, de fato, nada tinha engolido, além do licor no estabelecimento de La Paulet, uma xícara de café no quarto de Antoinette e dois goles da cachaça do meirinho: estava com a barriga nas costas.

Bourdeau levou Nicolas, em primeiro lugar, até a Rua da Joaillerie, onde ficava a oficina de um amigo boticário que costumava receber os homens da ronda quando uma operação da polícia, um pouco mais acirrada, causava alguns ferimentos. O farmacêutico desinfetou a ferida na cabeça depois de Nicolas ter se limpado em uma rápida sessão de higiene: tendo untado um pouco de gaze em uma pomada escura e fétida, aplicou-a no ferimento, sem deixar de sublinhar, com ar solene, que não se tratava de um unguento charlatão. A sensação inicial de queimadura foi substituída imediatamente por uma espécie de insensibilidade que surpreendeu o paciente, cuja cabeça foi envolvida com uma faixa de pano tão habilmente atada que nada se via sob o tricórnio. O ferimento no lado do corpo foi igualmente tratado, depois de examinado: o boticário aplicou-lhe um curativo, o que deveria ser suficiente – afirmou ele de forma categórica – e iria desaparecer em alguns dias.

Nicolas não apreciou nem um pouco o risinho de chacota soltado por aquele homem, que havia qualificado seu ferimento como “picada à la Damiens”; era desagradável para ele que um atentado de lesa-majestade – um frêmito sagrado o invadia só de evocar tal ideia – viesse a fornecer a esse indivíduo um motivo de escárnio.

Ao saírem da oficina, trombaram em Tirepot, que não tinha se afastado do Châtelet e, perambulando pelas ruas circunvizinhas,

esperava encontrar Nicolas. Bourdeau propôs que os acompanhasse a sua habitual taberna, na Rua de Pied-de-Bœuf, onde contavam esquentar-se e restaurar as energias.

Uma luz densa e amarelada caía de um firmamento baixo e deixava na sombra as vielas tortuosas do grande açougue. Os passantes, semelhantes a espectros, apareciam e logo desapareciam: somente seus rostos fechados e esverdeados se ofereciam aos olhares, despertando inquietação. O ruído dos passos na neve molhada, em vez de evocar os estalidos secos e estrepitosos do gelo, fazia lembrar sobretudo o revolver de uma picareta na areia úmida, despendendo grandes esforços em alguma tarefa inominável.

Foram acolhidos efusivamente pelo taberneiro que reacendia os fornos; Bourdeau encomendou ao conterrâneo uma refeição revigorante. Já sentados à mesa, viram chegar uma sopa de feijão na qual flutuavam quadrados de toucinho gordo e, depois, omelete acebolada. A refeição foi regada sem moderação por várias garrafas de vinho branco. Em seguida, Bourdeau, com ar misterioso, dirigiu-se ao salão contíguo para preparar uma apózema[23], elixir criado especialmente por ele que era um excelente fortificante e haveria de aliviar Nicolas de toda a sua fadiga. Em primeiro lugar, esfarelou o açúcar, que, misturado com pimenta, canela, cravo-da-índia, mel e duas garrafas de vinho tinto, foi aquecido em um tacho; em seguida, verteu esse conteúdo fervente em uma grande tigela, na qual foi derramada, ainda, meia garrafa de aguardente. Flambou essa preparação e, triunfante, levou-a para a mesa dos dois companheiros.

Apesar de ter devorado a comida como nunca tinha feito antes, e de ter bebido na mesma proporção, Nicolas ainda se lançou com avidez sobre essa bebida escaldante, cuja ação, combinada aos efeitos de tudo o que já havia ingerido, acabou por mergulhá-lo em uma suave sonolência. Sentia-se repleto de benevolência pelo mundo em geral, e por aqueles que estavam à sua volta, em particular: normalmente circunspecto, tornou-se volúvel; arriscou algumas piadas que surpreenderam companheiros e, no final da refeição, teve de deixar a mesa apoiado pelos dois, que o

conduziram para a sala dos fundos e o deitaram em um banco. Feito isso, os dois voltaram para a mesa, pediram cachimbos e terminaram, sem pressa e com cara de satisfação, a tigelada de vinho flambado. Soava uma hora quando viram reaparecer Nicolas, de semblante severo e contrariado.

– Bourdeau, o senhor é um traidor chapado: daqui em diante, vou desconfiar de suas misturadas.

– E o senhor, sente-se melhor?

– Para dizer a verdade, sinto-me muito bem...

Nicolas consentiu em sorrir.

– E, inclusive, voltarei a tomar com prazer um copinho dessa bebida...

Bourdeau torceu o nariz; contrafeito, apontou para a tigela vazia.

– Estou vendo; vocês tinham também necessidade dela...

Tendo barrado a passagem de Bourdeau, que se precipitava para a fornalha da cozinha para preparar mais da bebida, Nicolas se voltou para o outro companheiro.

– Então, Tirepot, você tinha algo para nos dizer?

– Isso mesmo, Nicolas. Você sabe que tenho sempre olhos e ouvidos apuradíssimos. Esse é o meu jeito de ser. Gosto da ordem e das coisas claras. E não esqueço o que lhe devo. Eu não estaria aqui se...

Nicolas fez um gesto para interromper um relato cujos detalhes já conhecia de cor. Tirepot dedicava-lhe um eterno reconhecimento desde que o livrara de uma situação difícil. Acusado do roubo de uma bolsa por um de seus clientes, só pôde salvar-se pela perspicácia do jovem policial, que conseguiu desmontar uma farsa organizada contra o informante por um concorrente invejoso.

– Já sei disso, Tirepot. Mas fale logo, porque Bourdeau e eu temos outros compromissos; aliás, já perdemos tempo demais.

Bourdeau abaixou a cabeça, fingindo-se envergonhado.

– Vamos lá – começou Tirepot. – Ontem à noite, na estalagem de Ramponneau[24], eu tinha descarregado meu aparelho e tomava um copinho de consolação, esperando o pessoal que sai depois do jantar; nesse momento é que tenho uma clientela mais numerosa. Caramba! As pessoas ficam rebentando e é então que têm maior vontade de verter, é a vida. É também quando tenho mais lucro. Como ia dizendo, vêm sentar-se perto de mim dois valentões com aparência de poucos amigos que emborcam, em um abrir e fechar de olhos, três vezes o que bebemos há pouco. Um deles parecia um velho soldado, o linguajar do militar, a perna de pau e a voz alta, como se, durante muito tempo, tivesse estado sob o ribombar do canhão; emborcava o vinho como ninguém. Mesmo que esses dois bestas de carga falassem em gíria, eu conseguia acompanhar o papo e entendi perfeitamente que se tratava de uma safadeza já aprontada ou a aprontar. O que me deixou cismado foi que, ao fazerem suas maquinações, eles manipulavam pilhas de moedas como eu nunca tinha visto antes. Falaram também da venda de uma carroça e de um cavalo que estariam escondidos em uma granja da Rua dos Gobelins, no Faubourg-Saint-Marcel. Em dado momento, deram-se conta da minha presença e foram embora. Isso deixou-me amedrontado e saí pela porta dos fundos, para o caso de alguém estar de tocaia.

– O soldado tinha uma perna de pau... a direita ou a esquerda?

Bourdeau percebeu, sem saber explicar tal reação, o estremecimento de Nicolas.

– Espera, tenho de me posicionar: eles estavam à mesa, à minha direita, um deles ao meu lado, enquanto o outro, o veterano, à frente do comparsa, tinha a perna postiça estendida para o meu lado. Portanto, era a perna direita, com toda a certeza. Você o conhece?

Com ar pensativo, Nicolas não respondeu, e os outros dois não ousaram interromper.

– Tirepot – disse ele finalmente –, trate de encontrar esses dois; e isto é para você.

Estendeu-lhe um punhado de moedas, tendo anotado essa soma, com uma ponta de grafite, em um caderninho preto.

– Você me deixa sem graça, Nicolas... Faço meu trabalho para lhe agradar, por prazer e por reconhecimento, palavra de bretão.

– Mas isso não é para você. Agradeço por suas boas intenções, mas você terá despesas a pagar durante sua busca e, talvez, venha a perder clientes. Entende?

Tirepot acatou a explicação do chefe sem se fazer de rogado; mas, como de costume, verificou a qualidade das moedas com uma dentada, tendo provocado a risada de Nicolas.

– Achas, por acaso, que sou um falsário? Voltamos a encontrar você, como de costume, nas proximidades do Châtelet, quando tiver informações sobre esses indivíduos. Temos de descobrir o esconderijo deles.

Ao deixarem a taberna, o mundo continuava hostil, o tempo não havia melhorado: o frio estava, inclusive, mais cortante. Os dois se apressaram em direção ao Châtelet. Nicolas sentia-se melhor e contava, nos mínimos detalhes, suas aventuras e descobertas a um Bourdeau embasbacado. Tinha a impressão de que sua embriaguez, seguida pelo breve repouso, lhe insuflara uma nova acuidade de espírito e afastara sua irritação, como se, nesse incidente, o sangue perdido, somado à ação do álcool, o tivesse expurgado de suas angústias e de seus pensamentos melancólicos. O sentimento de fragilidade, experimentado por ocasião dos dois atentados que sofrera, tinha dado lugar a uma fria determinação.

E, de acordo com seu costume, fez um balanço sobre sua atitude em relação aos últimos acontecimentos. O Sr. de Sartine tinha-se mostrado, afinal de contas, quase paternal. A esse pensamento, uma dor apertou-lhe o coração: as visões tanto do cônego Le Floch quanto do marquês de Ranreuil, lhe vieram à mente e, em seguida, se dissiparam para dar lugar ao sorriso de Isabelle. Ele rechaçou essas imagens e, para se reconfortar, avaliou a nova confiança de que havia sido investido por seu chefe: ele continuaria seu inquérito, e não se tratava de um crime banal, mas de um verdadeiro caso de Estado. Um longo suspiro o aliviou, e tomou a decisão de levar a termo, a qualquer preço, sua missão.

Ao descerem para o porão da Basse-Geôle – em cuja porta se comprimia uma multidão silenciosa de famílias inquietas ou em prantos, além de curiosos que tinham ido ali como se fossem assistir a um espetáculo –, Bourdeau disse em voz baixa que o corpo já não se encontrava no local e, sem dúvida, deveria ter sido levado para a sala de exames, na qual os médicos titulares do Châtelet estavam acostumados a fazer as averiguações de rotina e, nos casos mais complicados, as incisões.

Era um pequeno recinto abobadado, no qual se via uma grande mesa de pedra, com sulcos que permitiam lavá-la com grande quantidade de água que, por sua vez, escoava por um buraco escavado no piso. Nessa sala, precariamente iluminada por algumas velas fumegantes, um homem estático contemplava o corpo do Dr. Descart. Ele se virou ao ouvir os passos dos recém-chegados, que reconheceram Charles-Henri Sanson. Nicolas estendeu-lhe a mão, que, desta vez, foi apertada sem hesitação, e até mesmo – pelo menos, foi a impressão do jovem policial – com algum calor.

– Não imaginava ter o privilégio de revê-lo tão rapidamente, Sr. Le Floch, mas, ao receber a mensagem enviada pelo Sr. Bourdeau, dei-me conta de que V. Ex.ª deseja, como eu havia proposto, tirar proveito de meus modestos conhecimentos.

– Sr. Sanson – complementou Nicolas –, eu teria apreciado encontrá-lo em outras circunstâncias, mas o serviço do rei impõe certas obrigações que não podem ser adiadas. Tenho certeza de que posso contar com sua discrição.

Com a mão levantada, Sanson fez um sinal de assentimento.

– Esse cadáver, objeto de seu exame, tem algo a ver, sem dúvida, com os restos que, ontem de manhã, foram analisados de forma tão eficiente pelo senhor.

Nicolas enxugou a fronte. De repente, pareceu-lhe que tinha decorrido um século desde seu retorno a Paris, e, apavorado, deu-se conta de que voltara de Guérande há menos de uma semana. Em quatro dias, tinha envelhecido a olhos vistos. Sanson o contemplava com amizade.

– Estamos diante de um novo enigma – disse Nicolas, engolindo em seco. – Este homem foi encontrado morto, com uma lanceta própria para sangrias enfiada no coração.

– Ela continua na mesma posição – interveio Bourdeau. – Achei que não deveria tocar no cadáver e mandei que o trouxessem do jeito que o encontrei.

– Dou graças a Deus por sua precaução, Sr. inspetor – corroborou o carrasco –, isso irá facilitar nosso estudo. Antes de apresentar a opinião que me foi solicitada, sei que o Sr. Le Floch é atento, rigoroso e apto a discernir os detalhes... V. Ex.ª estaria disposto a ser meu aluno e me confiar suas primeiras observações?

– Mestre Sanson, de fato, tenho aprendido muito com o senhor.

E retirou o pano que cobria o corpo. Despido, ele conservava apenas a camisa perfurada pelo instrumento. A face estava horripilante: a fronte, sob o domínio da morte, exibia rugas enrijecidas, enquanto os olhos enterrados nas órbitas permaneciam abertos, mas obscurecidos por uma membrana sem brilho; as têmporas estavam esburacadas, e essa cavidade era prolongada pelo afundamento das maçãs do rosto. O homem estava irreconhecível. Somente a ausência de queixo, realçada pela abertura da boca, evocava, de forma caricatural, o que era, em vida, o traço mais característico de Descart.

– Primeira impressão. Sabemos, pela testemunha que descobriu o corpo e pelo inspetor, que não havia nenhum vestígio de sangue na vítima, nem à sua volta: será possível esfaquear alguém sem derramamento de sangue? Finalmente, observo que o rosto parece congestionado, a boca desmesuradamente aberta, e que aparecem manchas escuras ali... e ali...

Seus dedos agitavam-se por cima da face do cadáver.

– ... de uma desagradável cor preta – concluiu Nicolas. – Elas são bastante esquisitas.

– Na verdade – comprovou Sanson –, o senhor aplicou o bom método: a fria constatação que conduz à questão correta, sem a intervenção de emoção nem de imaginação. Antes da chegada dos

senhores, eu tinha observado apenas o rosto e já posso dizer que sua configuração era bem eloquente para o modesto profissional que sou. Se tivesse me limitado a observá-lo, teria concluído que a vítima tinha sido estrangulada e, talvez, também envenenada, mas tudo se complica com essa lanceta.

Sanson aproximou-se da mesa de pedra: examinou a cabeça de Descart, inclinou-se, cheirou, murmurou algumas palavras ininteligíveis e, em seguida, introduzindo dois dedos na boca aberta do morto, retirou cuidadosamente algo que depositou com precaução em seu lenço. Então, apresentou seu achado aos dois policiais.

– O que lhes parece, meus senhores? O que é isso?

Bourdeau buscou suas lunetas. Nicolas, cuja visão era a de um jovem, foi o primeiro a responder.

– Uma peninha.

– Trata-se efetivamente de uma pena. De onde é que ela vem? De uma almofada ou de um travesseiro? Deixo-lhes a tarefa de resolver essa questão. Mas o que se pode concluir daí, Sr. Le Floch?

– Que a vítima foi asfixiada...

– ... e não estrangulada, porque não há nenhuma marca de estrangulamento em volta do pescoço. E como um homem desta idade não se deixa sufocar facilmente, é quase certo que foi entorpecido, previamente, por um narcótico; aliás, ainda reina um odor estranho ao redor de sua boca...

– Mas então, mestre Sanson, qual é o papel desta lanceta em tudo isso?

– Compete ao senhor fazer tal descoberta: isso está fora de minha alçada. Mas existem alguns encontros na vida em que a verdade e a simplicidade são a melhor atitude do mundo. Essa encenação da lanceta, segundo me parece, visa desviar as suspeitas, e isso é tanto mais evidente...

Inclinou-se de novo sobre o peito do cadáver e retirou lentamente o instrumento.

– ... que esta lanceta, na realidade, seria incapaz de matar: não foi enterrada no coração, nem pretendia atingir uma parte essencial do corpo.

Nicolas refletiu durante um momento, antes de formular sua pergunta.

– Mas se a lancetada não foi mortal, essa encenação indica que seu autor não tinha nenhum conhecimento de anatomia?

Bourdeau sorriu na medida em que acompanhava, passo a passo, o fio da reflexão de Nicolas.

– É provável. Parece-me que o assassino não queria matar de maneira sangrenta. Na sequência, organizou uma encenação cujas razões profundas compete ao senhor elucidar. Ao proceder desse modo, ele cometeu dois erros: o primeiro foi pretender induzir que se tratava de um ferimento mortal no coração quando, afinal, não havia sangramento; e o segundo erro refere-se ao fato de não ter desferido o golpe no local exato. Daí concluo, em um primeiro momento, que ele era ignorante em anatomia; no entanto, em um segundo momento, digo para mim mesmo que toda essa encenação poderia ter sido elaborada por um assassino que refletiu meticulosamente sobre cada ato e, neste caso, teria à sua disposição os conhecimentos indispensáveis.

– Mas então – comentou Nicolas –, por que motivo teria cometido assim tantos erros? Com efeito, nas duas hipóteses, os erros subsistem...

– Permita que eu esclareça meu ponto de vista – replicou Sanson. – O assassino serve-se de um narcótico para entorpecer sua vítima: vai asfixiá-la e organizar a encenação na qual o erro do ferimento por lanceta constitui um elemento particularmente perverso do crime. O erro é deliberado. Se se trata de um clínico, ele irá tirar proveito de tais circunstâncias para forjar sua inocência, apoiando-se no fato de que um erro tão grosseiro não poderia sido cometido por um homem da profissão.

Bourdeau e Nicolas entreolharam-se, estupefatos com a mestria do jovem carrasco e com as perspectivas que ela abria.

– Não esqueço as manchas pretas indicadas por V. Ex.ª – prosseguiu Sanson. – Ocorre que um defunto deitado fica, em pouco tempo, com o rosto lívido, já que o sangue se esvai da circulação periférica. Em compensação, os pontos em que o corpo se apoia – omoplata, nádegas e a parte posterior das pernas – pegam o colorido de um matiz rosa-púrpura. Daí, concluo – talvez, prematuramente – que a vítima teria sido asfixiada com o rosto contra o chão, mantido assim durante algum tempo. Repare, aliás, como esse matiz afeta toda a parte anterior do corpo: esse fenômeno aparece meia hora, aproximadamente, após a morte, e só atinge seu pleno efeito depois de cinco ou seis horas. Antes disso, é possível interferir em sua evolução ao alterar a posição do corpo; mas, para além desse período, a coloração torna-se permanente e enegrece rapidamente, transformando-se em roxo-escuro.

– Ele estava deitado de barriga para baixo quando o encontrei – complementou Bourdeau – e foi transportado nessa posição; somente na Basse-Geôle é que foi virado, nesse caso, passadas várias horas.

– Isso confirma minhas observações. Estamos diante da conjunção de dois fenômenos: a congestão decorrente da asfixia e a transformação habitual de um cadáver resultante da posição do corpo. Para concluir, direi que este cadáver é o de um homem que, sob os efeitos de um narcótico, foi asfixiado com o rosto contra o chão e mantido nessa posição durante um período suficientemente prolongado – de qualquer modo, acima de meia hora; em seguida, foi desajeitadamente esfaqueado com uma lanceta própria para sangrias. Esse último ferimento não era mortal e, considerando o estado cadavérico do corpo naquele momento, não ocasionou derramamento de sangue.

Nicolas estava perplexo.

– Sr. Sanson – exclamou ele –, confesso minha admiração e fico grato por sua ajuda! No entanto, e em nome do Sr. de Sartine, lembro-lhe que este caso exige o mais absoluto segredo. A incisão deste corpo me parece necessária para confirmar nossas presunções, mas o que posso esperar de nossos médicos do Châtelet? A lamentável experiência de ontem – a primeira, para mim

–, me convenceu de que, para eles, a rotina prevalece em relação à arte e à curiosidade. O senhor faria o obséquio de se encarregar dessa operação?

– Eu não sou médico – respondeu Sanson –, mas poderei me dedicar a essa tarefa com a ajuda de um sobrinho que está terminado seu curso de medicina.

– O senhor assume a responsabilidade pela discrição dele?

– Além da minha, e juro pela minha vida.

Depois de terem agradecido efusivamente a Sanson, que permaneceu junto do corpo de Descart, Nicolas e o inspetor dirigiram-se para a parte do Châtelet em que se encontravam as celas. Pensativo, Nicolas parou de repente e, segurando o braço de Bourdeau, o impediu de avançar.

– Bourdeau, afinal, acho que não vale a pena interrogar Semacgus agora. Você compreendeu que ele pode ser o ator ou a vítima dessa macabra encenação; tenho necessidade de outros elementos para formar uma opinião sobre seu caso. Devo partir dos fatos concretos e, por isso, voltar a Vaugirard, ao local do crime. Tenho a sensação de que ontem, no final da tarde, você careceu de tempo para examinar a casa de forma minuciosa e para coletar indícios.

– Admito a pertinência de sua observação – acrescentou Bourdeau –, mas nada de insólito chamou minha atenção. No entanto, não deixarei que o senhor se dirija sozinho a esse local; neste momento, o senhor deve estar precavido contra tudo e todos.

– Meu caro Bourdeau, nem pense nisso: é importante que o senhor fique com Semacgus. É aqui que tudo pode acontecer. Como não pretendo deixar o suspeito em uma dessas enxovias imundas em que sua segurança só estaria garantida em detrimento de sua saúde, meu desejo é que o senhor assuma sua guarda até que eu esteja em condições de interrogá-lo. Mas o senhor pode me ajudar: arranje-me um archote ou uma lanterna furta-fogo. A noite

vai chegar em breve e não quero andar a esmo no escuro. Mande chamar também um veículo.

Enquanto Bourdeau estava ocupado na execução das instruções recebidas, Nicolas dirigiu-se para o escritório dos funcionários de plantão. Abriu um armário repleto de trajes descombinados, perucas e chapéus: todo esse brechó teria sido motivo de felicidade para um revendedor de roupas usadas e comportava um número suficiente de trapos para vestir os frequentadores da Cour des Miracles*. Nicolas escolheu sua vestimenta naquelas prateleiras empoeiradas, vasculhadas de alto a baixo por seus colegas quando um caso delicado exigia que os policiais passassem despercebidos na tenebrosa Paris do crime. Bourdeau voltou com uma lanterninha furta-fogo; exibindo um sorriso tímido, estendeu a Nicolas também uma pequena pistola, um recipiente em forma de pera com pólvora e uma sacola com balas.

– O senhor vai saber utilizá-la: dá apenas um tiro, mas é discreta, considerando seu tamanho, e pode salvar a vida. Trata-se do segundo exemplar de um modelo que não é mais fabricado, um presente que recebi de um armeiro da Rua dos Lombards, a quem eu tinha prestado um serviço... Permita que lhe ofereça esta arma. E prometa que vai usá-la sem qualquer hesitação.

Nicolas apertou a mão de Bourdeau; sentia profundamente a afeição manifestada por seu adjunto, que, sob uma aparência rústica, disfarçava uma dedicação inquebrantável. Enfiou a pistola no bolso do paletó e, com uma trouxa de roupa na mão, saiu do Châtelet para subir em um fiacre que o aguardava sob as arcadas do prédio. Teve a impressão de ser vigiado, mas não conseguiu localizar exatamente o local em que se encontrava o espião. Ordenou ao cocheiro para se dirigir o mais depressa possível para a igreja Saint-Eustache.

Quando o veículo chegou diante do edifício, fez sinal para estacionar diante do portão principal e desceu correndo para entrar na igreja. Conhecia perfeitamente aquele espaço por ter assistido com frequência à missa no templo: apreciava a imensa nave e o clamor dos órgãos que ressoava sob as abóbadas. Puxou o enorme ferrolho do portão; durante a semana, as portas laterais estavam

fechadas e, mesmo que estivessem abertas, o tempo que seu eventual perseguidor levaria para alcançá-las deixar-lhe-ia uns minutos amplamente suficientes para conduzir seu plano a bom termo.

Refugiou-se em um canto escuro de uma capela lateral, onde abandonou suas roupas depois de ter retirado os objetos dos bolsos. Enfiou outro traje, que encobriu com uma túnica desgastada; tornou-se, assim, irreconhecível, com uma peruca antiga, óculos escuros e o chapéu no estilo da Regência, com abas altas. Verificou o disfarce em um espelhinho de bolso; para completar a maquiagem, manchou a pele do rosto com fuligem retirada de um castiçal. Segurando a pistola com a mão enfiada em um bolso, estava disposto a arriscar tudo e puxou o pesado ferrolho. À sua frente, de pé, estava Mauval; seu olhar frio, contrastando com o rosto afogueado pelo esforço despendido na perseguição de sua presa, chamou de novo a atenção de Nicolas. Este tomou a dianteira com uma voz trêmula.

– Mas que ideia de puxar pelo ferrolho! Senhor, por gentileza, ajude-me a abrir este portão. Fui empurrado, sem a mínima delicadeza, por esse patife que acaba de entrar.

Tendo-o afastado, sem qualquer deferência, Mauval pôs-se a correr pela nave. O fiacre tinha ficado à espera de Nicolas e, imediatamente, tomou a direção do Sena.

23 Infusão medicinal feita a partir de uma ou várias substâncias vegetais.

24 Taberna parisiense em voga.

IX
Mulheres

Ora essa! falemos com seriedade.
Quando vai acabar a comédia que
estão representando às minhas custas?
Marivaux

A noite estava caindo quando Nicolas chegou a Vaugirard. Ele teria desejado conservar o veículo a fim de garantir o retorno a Paris, mas o cocheiro, a despeito de uma excelente oferta, recusou-se terminantemente a ficar à sua espera: não estava acostumado – dissera – a demorar-se, à noite, fora das muralhas da cidade, sobretudo quando havia ameaça de tempestade de neve. Nicolas pagou-lhe a corrida e não insistiu; assim, ficou sozinho na estrada deserta.

A escuridão agora era total, e o vento soprava em rajadas. Ensurdecido por esse barulho, Nicolas sentiu-se novamente vulnerável; no entanto, tinha conseguido despistar o perseguidor. Aproximou-se de uma árvore, junto da qual permaneceu um longo momento, imóvel, à espreita do menor sinal suspeito. Seu mal-estar se tornava cada vez mais intenso: nunca tinha gostado da escuridão. Quando era criança, punha-se a cantar alto sempre que, noite fechada, Joséphine o mandava buscar achas de lenha no fundo do quintal, e executava a tarefa tão depressa quanto lhe permitia o peso de sua carga.

Ocorreu-lhe ainda outra lembrança. Seu padrinho, o marquês de Ranreuil, tinha-lhe relatado certo dia o episódio do pânico que o invadira no momento em que transpunha, debaixo de fogo, a trincheira do cerco de Philippsbourg. Seu comandante, o marechal de Berwick, tinha gritado, sob a metralhada que assobiava à volta deles: “Cabeça erguida, senhor, e faça de conta que não é nada!” De acordo com a explicação do marquês, o medo não passava, frequentemente, do receio de ser tolhido por ele; convinha superá-lo e, no calor da ação, ele haveria de se dissipar como por encanto.

A imagem do pai de Isabelle, por mais sensível que essa evocação pudesse ser para ele, exerceu sobre Nicolas um efeito benéfico. Teve de bater várias vezes o isqueiro para acender a lanterninha furta-fogo, cuja chama bruxuleava em sua frágil habitação.

O jovem abriu o portão e pôs-se a percorrer o atalho do quintal até a casa. Assim, tudo recomeçava, e somente dois dias depois que, naquele mesmo local, Descart e Semacgus tinham discutido violentamente. A volta do gelo tinha endurecido o solo e a sobreposição desordenada de pegadas: Nicolas imaginava as idas e vindas dos homens da ronda e de Bourdeau, a remoção do corpo, a padiola e a carroça aos solavancos na estrada mal pavimentada. Ele deteve-se a meio caminho da casa, ainda mais sinistra do que se lembrava. O pálido clarão da lanterna oscilava fracamente sobre a fachada sombria, com as janelas constantemente fechadas. Nicolas sempre tinha sido sensível às impressões misteriosas, atraentes ou repugnantes, que desvelam a alma profunda das pedras. Esse traço teria a ver com a natureza sonhadora de sua alma céltica ou com as experiências de sua juventude?

Uma rajada mais forte acabou por despertá-lo para a realidade; teve um sobressalto, como se um sonho tivesse sido interrompido brutalmente. A fadiga da jornada e seus ferimentos, cuja dor surda reaparecia em pulsações cadenciadas com as de seu coração, davam-lhe vontade de terminar o mais cedo possível suas atividades daquele dia; no entanto, estava ciente de que deveria prestar atenção a todos os detalhes. Tinha evitado importunar Bourdeau, mas, na noite anterior, o trabalho do inspetor havia sido

improvisado e reduzira-se unicamente às aparências. Nicolas acalentava a esperança de que a movimentação dos funcionários da polícia e dos guardas não tivesse alterado o palco do drama, destruindo definitivamente indícios úteis.

Constatou que as saídas lacradas com massa de farinha não tinham sido violadas e abriu a porta da casa; deu um passo e encontrou-se naquela espécie de balcão a partir do qual a escadaria, com dois lances simétricos, descia para a sala principal. Por enquanto, estava enxergando apenas o lugar em que o corpo de Descart tinha sido encontrado e a balaustrada de bronze; mais ao longe, a escuridão em que se perdia o modesto feixe de luz de sua lanterna.

Muito mais do que na sua primeira visita, ficou impressionado com a estranheza da residência; de fato, ela não dispunha de porão, e a sala em que Descart recebia os pacientes situava-se no subsolo, o que explicava a posição elevada das janelas. O lugar assemelhava-se mais a uma cripta do que a uma casa.

Ele examinou cuidadosamente o patamar, sem nada observar de especial; em seguida, passou o pente fino em cada degrau da escadaria à direita, repetiu a operação do outro lado e depois desceu para a sala. Em primeiro lugar, foi à procura dos castiçais da lareira para acendê-los. O grande Cristo de marfim, com os braços fechados, surgiu da penumbra.

Nicolas começou por observar pegadas que tinham deixado manchas roxo-escuras no lajeado; em seguida, levantando a cabeça, descobriu um espetáculo de desolação: a sala estava inteiramente depredada. Os papéis e objetos que, normalmente, cobriam a grande mesa usada como secretária por Descart, estavam agora espalhados pelo chão; tendo escorrido de um tinteiro, também jogado no chão, havia uma poça de tinta preta na qual alguém tinha pisado; as cadeiras de palha estavam intactas, mas três poltronas, revestidas com tapeçaria, tinham sido estripadas e vomitavam seu enchimento e sua crina; os boiões e os livros haviam sido varridos das prateleiras por uma mão rancorosa, que se empenhara em quebrar os frascos e em arrancar a encadernação das publicações; os instrumentos de medicina estavam espalhados

por todo lado; os armários, por fim, tinham sido alvo da mesma devastação.

Nicolas prosseguiu sua averiguação. À direita da lareira, uma porta abria-se para um corredor que levava a uma cozinha, uma sala de jantar, um pequeno salão e uma lavanderia. Outra escadaria dava acesso ao primeiro andar. Essa estranha disposição permitia reposicionar a retaguarda da casa no nível da porta de entrada. Todas as dependências estavam no mesmo estado de destruição sistemática, e Nicolas não cessava de pisar, a cada passo, em fragmentos de objetos destroçados.

Ele começou pelo primeiro andar. Por todo lado, deparava-se com o mesmo espetáculo: colchões rasgados, vestimentas e roupa branca espalhadas pelo chão, bibelôs quebrados, móveis arrombados. Nicolas observou que relógios preciosos e objetos de valor tinham sido desdenhados pelos autores daquela desolação. No entanto, eles andavam à procura de alguma coisa... Ele chegou a encontrar, no chão, uma bolsinha de veludo repleta de luíses de ouro. Tudo o que poderia ter servido de esconderijo tinha sido revistado, retalhado, esburacado; até os quadros tinham sido revirados. O que estaria sendo rastreado de maneira tão brutal?

Pegadas escuras chamaram a atenção de Nicolas, que se pôs a segui-las: apareciam por toda parte e o conduziram à escadaria. Com toda a evidência, o desconhecido que havia derrubado e quebrado o tinteiro tinha se deslocado, em seguida, para o andar de cima. Com efeito, Nicolas encontrou pegadas idênticas, que subiam e desciam. Pôs-se a segui-las, detendo-se quando vestígios sobrepostos embaralhavam sua busca; então, voltava atrás e usava, para melhor discerni-los, a luz de sua lanterna furta-fogo. Chegou, inclusive, a traçar em uma cartela, com uma ponta de grafite, um esboço com o resultado de sua investigação; assim, conseguiu reconstituir, em seus mais ínfimos detalhes, o itinerário da pessoa desconhecida que, aparentemente, tinha atuado sozinha.

Nicolas havia recuperado o sangue-frio, de modo que a ação havia extinguido nele qualquer outro sentimento que não fosse a

paixão pela investigação. Acabou por chegar à lavanderia, pequeno reduto em que se amontoavam objetos fora de uso, e foi atingido por uma lufada de ar gelado. Um velho tamborete estava encostado na parede, sob uma janela aberta; o revestimento do móvel estava manchado com vestígios de tinta, visíveis também no reboco do muro, descascado em vários lugares. O desconhecido, depois de ter revirado toda a casa, tinha fugido por aquela janela.

Ao avaliar o alcance dessa constatação, Nicolas sentiu um frêmito na espinha: se a pessoa tinha fugido por ali, era porque as portas estavam fechadas e lacradas; portanto, o desconhecido estava ainda dentro da casa quando Semacgus havia descoberto o cadáver, tendo se escondido a fim de revistar tudo mais tarde, sem receio de ser incomodado. Esse indivíduo devia ser, então, o verdadeiro assassino de Descart.

Nicolas lembrou-se de que Semacgus tinha dito ao inspetor Bourdeau que chegara com meia hora de antecedência ao encontro: talvez tivesse atrapalhado os planos do assassino. De qualquer modo, essa hipótese parecia inocentar Semacgus; no entanto, numerosos aspectos continuavam sem explicação, a começar pelo motivo dessa depredação, que não poderia ser atribuída a Semacgus, a não ser que ele dispusesse de um cúmplice. Com efeito, Bourdeau nada percebera e havia fechado as portas de uma casa intacta.

Tudo permanecia, portanto, possível, e as combinações imagináveis multiplicavam-se ao sabor das hipóteses: qual teria sido o objeto dessa busca, tão precioso que a pessoa deixou de lado joias e dinheiro?

Pensativo, Nicolas fixou sua atenção na janela. Subiu no banquinho e, com um pedaço de barbante, mediu a abertura; enfim, localizou cuidadosamente a posição do quarto dentro da residência, lacrou todas as janelas e, em seguida, com a certeza de nada ter esquecido, apagou as velas, fechou a porta e tornou a lacrá-la.

Lá fora, deu a volta à construção para chegar à janela da lavanderia, que ficava, mais ou menos, a dois metros do chão. Nicolas ajoelhou-se na terra gelada: alguns moldes estavam

escavados no gelo, e eram pegadas muito mais nítidas do que os vestígios detectados no interior da casa. Ele observou, perplexo, a configuração dessas marcas. Elas atravessavam uma parte do quintal, entre as pereiras, e chegavam ao muro de divisa. Não era nada difícil subir essa parede.

Tendo dependurado a lanterna furta-fogo em sua roupa, Nicolas se apoiou em uma saliência de pedra e conseguiu examinar o topo do muro: esperava encontrar vestígios de sangue, prova de que o desconhecido se machucara nos cacos de garrafa fixados no concreto de cobertura. Porém, não havia nenhuma marca; em compensação, Nicolas pegou um botão forrado com um fragmento de tecido, que guardou cuidadosamente no bolso.

Sem disposição para se machucar tentando escalar o muro, dirigiu-se ao portão, que deixou trancado. Na rua, apareciam as mesmas marcas, que, em seguida, se perdiam no meio dos sulcos das carroças. Nicolas ficou surpreendido com o frio cortante: estava sozinho, sem meio de transporte e com uma lanterna que ameaçava apagar-se. Verificou o relógio: sete horas. Decidiu ir à casa de Semacgus para interrogar Catherine; tratava-se também de um bom pretexto para rever a cozinheira, pela qual sentia uma grande afeição. E depois, como Semacgus possuía uma montaria, além da parelha de cavalos que haviam sido roubados, Nicolas tinha a intenção de pedi-la emprestada para voltar a Paris.

Sua atenção foi atraída, de repente, por um discreto assobio que, inicialmente, julgara ser um simples efeito do vento nas ramagens – mas o fenômeno recomeçou, e uma voz quase imperceptível se fez ouvir.

– Não tenha medo, Sr. Nicolas... Sou eu, Rabouine, informante de Bourdeau. Estou atrás da moita, em uma pequena cabana onde são guardadas as ferramentas. Não se vire, finja que está ajeitando a bota. O inspetor enviou-me para cá ontem à noite. Mas que noite! Desde então, não arredei pé. Felizmente, eu trouxe cachaça e pão: sou um cara precavido para esse tipo de operação. Faça o possível para não se mexer, nunca se sabe se há alguém de tocaia.

Nicolas censurou-se por ter suspeitado que Bourdeau pudesse ter sido negligente; pelo contrário, ele tinha tomado providências inteligentes que, talvez, viessem a revelar-se úteis. A falta de insistência do inspetor em acompanhá-lo deveria tê-lo deixado com a pulga atrás da orelha. Seu adjunto não era o tipo de homem que lhe permitisse enfrentar sozinho eventuais perigos. Sabia que Rabouine estaria no local para ajudá-lo, se necessário.

– Folgo por encontrá-lo, mas como é que você me reconheceu?

– No início, ainda pensei que fosse outra pessoa, digamos, um desconhecido! Muito convincente, esse seu disfarce. Mas quando o vi sair e tornar a lacrar a porta, disse para meus botões: “Eis o nosso Nicolas”. O senhor não poderia me dispensar do serviço? Com este gelo, já não consigo sentir a ponta dos dedos, tenho frieiras e meu farnel está vazio. A noite ameaça ser bem gelada.

– Pode voltar para casa. Sua tocaia serviu, ao menos, para alguma coisa?

– Acho que sim, porque ontem à noite, aproximadamente uma hora depois da saída do inspetor e dos homens da ronda, um desconhecido apareceu na parte de cima do muro do quintal... Isso mesmo, justamente no local em que o senhor estava há pouco...

– Tem condição de me descrever esse indivíduo?

– Para dizer a verdade, não vi grande coisa; ele parecia ser pesado e leve...

– Como assim?!

– Havia algo que destoava. O homem parecia bem volumoso, e, no entanto, eu teria jurado que se deslocava com ligeireza; usava uma máscara e suas roupas eram escuras. Andava com muita cautela...

– Com muita cautela?

– Exatamente, como se escolhesse o lugar onde colocar os pés. Isso me surpreendeu, porque o frio ainda não tinha congelado o chão.

– E você não foi em seu encalço?

– O Sr. Bourdeau ordenou-me que não arredasse pé daqui, em nenhuma circunstância, e pensei que não devia desobedecer às instruções.

Nicolas conteve um movimento de decepção.

– Você fez bem. E pode ir embora; nada mais vai ocorrer aqui, nesta noite. Mas faça-me um favor: procure um veículo e mande-o para a casa do Dr. Semacgus, perto de Croix-Nivert. É a única mansão no meio de casebres: o cocheiro vai encontrá-la facilmente.

E entregou algumas moedas a Rabouine.

– Isto é para você. Parabéns por seu bom trabalho; vou informar isso a Bourdeau.

– O inspetor já me pagou, Sr. Nicolas... Mas uma gratificação não é coisa que se possa recusar, não quero desagradá-lo. Aliás, tenho muito prazer em trabalhar para o senhor.

Nicolas enfiou-se pela estrada congelada. O terreno irregular era bastante acidentado e cheio de poças geladas, nas quais as botas escorregavam ou deslizavam; por pouco, em várias ocasiões, ele não torceu os tornozelos, e chegou mesmo a cair uma vez. Só faltava que se machucasse, no estado em que já se encontrava! Felizmente, chegou logo à residência do cirurgião, composta de um conjunto de construções sem pavimento superior, organizado em U ao redor de um pátio fechado por um muro alto.

O portão destinado a veículos abriu sob a pressão de sua mão; aliás, ele nunca estava fechado, uma vez que seu proprietário professava que “a porta de um profissional da saúde deveria estar permanentemente aberta para qualquer situação crítica”. A cozinha, no canto das dependências de serviço e da habitação propriamente dita, estava fracamente iluminada por um clarão oscilante.

Nicolas aproximou-se da porta-janela, entreabriu-a lentamente e viu uma cena enigmática: perto da alta chaminé, na qual queimava um fogo infernal, Catherine, de cócoras, segurava Awa nos braços, seminua e com a cabeça jogada para trás. A cozinheira parecia cantar uma canção de ninar no ouvido de sua nova amiga, que, com

a pele coberta por um suor reluzente, soltava gemidos imperceptíveis. Às vezes, Awa encurvava-se e contorcia-se, pronunciando palavras inaudíveis; seu corpo, que então se arqueava dos pés à cabeça, estremecendo, era sustentado a muito custo por Catherine.

Erguendo os olhos, a cozinheira soltou um grito ao descobrir o intruso e tentou se levantar, deixando Awa cair; esta, inconsciente, deslizou para o chão; em seguida, procurou com o olhar um instrumento qualquer para se defender. Nicolas não compreendia essa reação; com efeito, tinha se esquecido do aspecto sinistro de sua roupa de brechó e de sua grosseira maquiagem à base de fuligem. Mas Catherine não era mulher de se assustar sem reagir: cantineira na juventude, estivera envolvida em um grande número de maquinações, emboscadas e arruaças com a soldadesca ou a ralé, e conseguia sempre superar com brio tais situações. Tendo pegado um facão em cima da mesa, arriscou-se a dar um vigoroso golpe na direção do desconhecido. Durante esse tempo, Awa tinha entrado em convulsão e se lambuzava no sangue da cabeça cortada de um galo que jazia no ladrilho da cozinha.

Nicolas aparou o golpe, deixou Catherine passar batido em sua corrida e posicionou-se atrás dela; tendo conseguido abraçá-la pela cintura, pôde assim falar-lhe ao ouvido:

– Então, minha bondosa Catherine, é assim que você acolhe Nicolas?

O efeito de suas palavras foi imediato. A cozinheira deixou cair o facão com cabo de madeira e, em prantos, lançou-se nos braços do jovem, que, cheio de cuidados, levou-a a sentar-se em uma cadeira.

– Ora, essa! Que maneira estranha de tratar seus amigos, sobretudo *festido bara* meter medo, como é o seu caso!

– Me perdoe, Catherine, eu tinha esquecido meu disfarce.

E retirou o chapéu alto, deixando à vista a cabeça enfaixada em um curativo ensanguentado.

– Meu Deus, Nicolas, o que aconteceu com *focê*, meu filhinho?

– Seria necessário muito tempo para contar o que se passou. Mas, antes de tudo, explique-me toda essa balbúrdia. Awa está doente?

Catherine parecia pouco à vontade. Retorcia em torno do dedo uma longa madeixa cinza que escapava da touca que cobria seu velho rosto achatado; por fim, decidiu falar:

– Ela não está doente, ela quis interrogar seus diabos.

– Como assim... seus diabos?

Catherine pôs-se a desfiar a história com a maior rapidez possível.

– Em seu *baís*, são *braticadas* coisas estranhas *bara* interrogar os *esbíritos*. Ela *brebarou* uma *esbécie* de tisana que ela *insbirou*. Em seguida, foi *breciso* cortar a cabeça de um galo. Ela *bôs-se* a dançar como uma *bossessa*. Dava a *imbressão* que *bulava* como uma cabra. Em seguida, a *bobrezinha* olhou *bara* a *boça* de sangue; ela soltou um urro e quis arranhar o rosto. Tive muita dificuldade *bara* acalmá-la; ela está ainda muito agitada.

– Mas qual é a razão de tudo isso?

– Ela queria saber o que tinha acontecido com Saint-Louis. Enfim, à maneira como fazem no *baís* deles. É uma moça corajosa de quem gosto muito. *Focê* sabe que ela conhece um jeito *bara brebarar* os *ofos*...

Nicolas, que sabia o quanto Catherine era inesgotável quando se tratava de temas culinários, logo interrompeu sua conversa.

– E qual foi a conclusão dela, depois dessa feitiçaria?

Catherine, assustada, persignou-se.

– Nada de *bronunciar* essa *balavra*; trata-se de costumes deles. Não se *defe* julgar, não conhecemos seus costumes; os nossos, talvez, sejam *bara* eles também estranhos. *Focê* sabe, Nicolas, tenho *fiajado* muito e *fi* uma *borção* de coisas que não cheguei a entender.

Nicolas admirou o bom senso e o coração daquela mulher simples. Ela prosseguiu:

– Ao *fer* o abatimento em que está mergulhada *debois* disso, creio que a *resbosta* não lhe foi *faforáfel*. Que desgraça! E esse *bobre* Sr. Semacgus que foi *breso*! Nicolas, *focê* vai tirá-lo de lá, não é mesmo?

– Farei tudo o que estiver ao meu alcance para conhecer a verdade sobre todos esses acontecimentos – respondeu o jovem, com prudência.

Awa, ainda estendida no chão, parecia ter recuperado a calma; repousava como se estivesse sob o efeito de narcótico. Nicolas segurou as mãos de Catherine e a olhou nos olhos.

– Fale-me da Sr.ª Lardin – pediu ele. – E não me esconda nada, porque já conheço, sobre a vida dela, fatos suficientes para discernir o que é verdadeiro do que é falso. Aliás, você tinha me deixado um bilhete na cozinha, terça-feira à noite, debaixo do prato...

– Era necessário que *focê* soubesse quem era realmente essa mulher. Ela não *barou* de enganar o *bobre batrão*. Ele não sabia o que fazer *bara* lhe tornar a *fida agradáfel*; *gastafa* toda a sua fortuna em toaletes de luxo, adereços, joias, móveis. E essa besta infernal, quanto mais ele *dafa*, tanto mais ela *bedia*. E *debois*, ela recebia maganões: Descart, o *bobre* Semacgus e um *cafaleiro* com uma grande cicatriz; este me metia medo. Tudo isso *dafa* em cima da cadela! E cada vez mais *bedidos* e exigências; ela *sembre* com o *babo* cheio. Quanto ao *batrão*, eu *gostafa* muito dele: *tratafa-me* bem, enquanto era tão exigente e tão *intratáfel* com todo o mundo e com *focê*, meu *bobre* Nicolas. Mas não *deixafa* de ter também muitos defeitos: caía na gandaia quando ela lhe *dafa* o fora. Ele *arriscafa* fortunas no lansquenê e no faraó; e quanto mais *abostava*, tanto mais ele *berdia*. Ele *foltafa* de manhã cedo em tal estado...

– Mas, então, como é que ele pôde continuar a levar essa vida?

Catherine tirou o lenço e enxugou os olhos. Suspirou e, em seguida, tendo molhado com saliva o pedaço de pano, tentou limpar – como se faz para limpar as bochechas de uma criança – a fuligem que cobria o rosto de Nicolas. De bom grado, ele aceitou tal gesto; durante um instante, julgou estar em Guérande, e a face da velha Fine sobrepôs-se à de Catherine.

– Era eu quem o *ajudafa*. Já *berdi* toda a minha *boubança*. Com a morte de meu homem, herdei um *bequeno* imóvel, que *fendi*; um *bé-de-meia* bem bom, e eu o *guardafa bara* mais tarde. O delegado não me *deixafa* em paz com seus *bedidos* de tal modo insistentes que, de trocado em trocado, acabei por entregar-lhe toda essa soma. Já faz um ano que ele deixou de me *bagar* até mesmo meu ordenado. Fui eu quem contribuiu *bara* a subsistência da casa, ao fazer consertos *bara* a vizinhança. E *debois*, a filha do *batrão*, Marie, tão gentil que eu não queria abandoná-la, e foi *bor* sua causa que não fui embora mais cedo.

– Mas você acabou saindo daquela casa...

Catherine, de novo, soltou um suspiro.

– Na terça-feira, há três dias, *oufi* a madrasta mandar Marie fazer suas trouxas; sua ideia era que ela fosse, no dia seguinte, para Orléans, cidade em que mora sua madrinha, que ninguém conhece. Marie *gritafa*, *chorafa*, *suplicafa*, a *bobre ofelhinha*. Meu sangue subiu logo à cabeça, entrei na dança e disse poucas e boas à *batroa*; ela olhou-me *bor* cima do ombro, tratando-me como um cão. Não consegui *afançar* nem uma *bolegada*, a malvada tinha fogo na língua e, *abesar* de tudo o que eu dizia, ela *ultrabassou* todos os limites. Atirou-se *bara* cima de mim, arreganhando os dentes, e pouco faltou *bara* me estrangular. Tenho mordeduras e arranhões *bor* todo lado.

Catherine mostrava os grossos braços cobertos de escoriações.

– Ela me *bôs* no olho da rua imediatamente, *abesar* dos gritos de minha *bobrezinha*. O que é que eu *boderia* fazer? Fui embora como uma louca. Refleti durante a noite toda, *brocurando* saber *bara* onde ir. *Bensei* no Sr. Semacgus, sempre tão amável e bondoso comigo, e tomei minhas resoluções; no dia seguinte, cheguei aqui. Eu dizia *bara* meus botões: “No mínimo, ele – embora não *tifesse* escapado das ciladas daquela besta, como os outros – irá entender-me, *talfez*.”

Ela acariciava a fronte de Nicolas.

– *Focê* sabe, Nicolas, não sei de mais nada, sou uma *bobre* mulher que será em *brefe* uma idosa. Ainda me sinto rija e *bosso*

brestar bons *serfiços*. O que será de mim? Não há remédio *bara* a minha desgraça. Com a minha idade, uma *bessoa* cai rapidamente na miséria *bara* acabar no hospital. Eu *brefiro* morrer; *fou* me jogar no Sena. Não *enfergonharei* ninguém, já que estou sozinha[25]. É *bena*; com o meu *bequeno bé-de-meia*, eu conseguiria *sobrefifer.*

O rosto desgracioso de Catherine crispou-se, e as lágrimas voltaram a deslizar por sua face; ela soluçava, tentando se recompor, e seu avantajado peito agitava-se de desespero. Ela não gritava, apenas deixava escapar uma respiração roufenha e contida. Nicolas foi incapaz de suportar tal aflição.

– Catherine, acalme-se, prometo ajudá-la, pode contar comigo.

Ela fungou e olhou para ele; seu rosto, de repente, iluminou-se.

– Mas, antes de mais nada – prosseguiu ele –, você deve responder às minhas perguntas. Acha que tem condições para isso? É algo muito importante.

Ela acenou com a cabeça, apaziguada e atenta.

– Na noite em que o delegado desapareceu, você estava na Rua dos Blancs-Manteaux? – perguntou Nicolas.

– Não, tenho certeza disso. A Lardin me *disbensou* naquela noite. Fiquei na casa onde tenho o meu quarto comendo sonhos e *oufindo* os mascarados que *berrafam* na rua. Deitei-me *bor folta* das onze horas e, no dia seguinte, eu *estafa* no meu ofício às sete horas *bara* acender minha fornalha.

– Nessa manhã, alguma coisa lhe chamou a atenção?

– *Esbere*... a *batroa* acordou muito tarde.

– Mais tarde do que o costume?

– Exatamente, *bor folta* do meio-dia. Ela disse que tinha *begado* um resfriado. E isso não era *bara* admirar, *fisto* que suas botas *estafam* encharcadas. Estragadas, com certeza, ressequidas *bela* neve. Chamei sua atenção *bara* isso e, como de costume, ela me destratou. Disse que tinha ido às *Fésperas*... às *Fésperas*, com traje de *Carnafal* e mascarada!

– Isso surpreendeu você?

– Sim e não. Já aconteceu dela se *combortar* como uma sirigaita na igreja: não *bara* receber a hóstia, é claro, mas *bara* ser vista, *bor* Deus, e *bara* seduzir. Ela chegou mesmo a dizer que tinha ido à igreja do *Petit* Saint-Antoine. Mas, com aquela *rouba*...

– Ela poderia ter ido à igreja dos Blancs-Manteaux.

– Foi isso mesmo que *bensei*. Tendo em conta o *tembo* que fazia no domingo, era mais fácil *atrafessar* a rua.

– Outra coisa: você é que cuidava das roupas do delegado?

– Ele não queria que a gente tocasse nelas; ele *andafa sembre* com os bolsos cheios de *babéis*. Eu *lafafa* as camisas e a *rouba* de baixo.

– Quem era seu alfaiate?

– *Focê* o conhece, Nicolas, é mestre *Fachon*, aquele que fez suas *festimentas* quando *focê* chegou a *Baris* com aquela *rouba* tão engraçada.

Nicolas tinha detectado certo constrangimento em Catherine: ela cruzava as mãos com tanta força que a pele ficava arroxeada. Então, arriscou-se a aprofundar o interrogatório.

– Como é que você sabe que ele tinha papéis nos bolsos?

Ela pôs-se a chorar em silêncio.

– Catherine, tenho de insistir. Você compreende que isso pode me ajudar na minha investigação... Em quem você poderia confiar, a não ser em mim?

– Eu *refistafa sembre* suas *roubas* – prosseguiu a cozinheira, em prantos. – Quando *ganhafa* muito no jogo, ele *jogafa* os cobres a granel nos bolsos. No lugar de deixar que *berdesse* tudo de novo, eu *pegafa* uma pequena *barte bara* as *desbesas* da casa; tomei esse costume quando *bercebi* que ele nunca *dafa bor* falta de nada. Mas, Nicolas, juro a *focê* que era só isso. Não sou uma ladra...

Ela endireitou corajosamente a cabeça.

– E, no entanto, eu teria todo o direito de *begar* de *folta* o dinheiro que adiantei, *bara* não falar de meu ordenado em atraso!

– E nesses papéis, você não observou nada de particular?

– Nunca, exceto na *féspera* de seu sumiço. Eu não tinha *foltado* a *bensar* nisso, mas *talfez* seja *imbortante*. Ou *talfez* não. *Hafia* um *bedacinho* de *babel* cortado que tinha o nome de *focê* no canto...

– Meu nome? Você lembra o que ele dizia?

– Ah! com certeza, era bastante curto e isso me deixou intrigada. Era uma *esbécie* de *broférbio*, deixa-me *fer*, é isto: “Das três um *bar*, e aquele que as contém, se dá a todos.”

– E você não voltou a ver esse papel?

– Nunca, do mesmo modo que nunca mais *foltei* a encontrar o *batrão*.

Nicolas calculou que nada mais poderia esperar do depoimento de Catherine. Depois de tê-la confortado mais um pouco, ajudou-a a colocar Awa na cama e deixou a residência de Semacgus.

Rabouine tinha seguido suas instruções, e um fiacre estava à sua espera na estrada. A escuridão envolvia o veículo. Atenuando os ruídos e fortalecendo a impressão de confinamento causada pela exiguidade do interior da caleche, a neve caía lentamente em grandes flocos que uma rajada de vento arrastava, às vezes, em turbilhões ascendentes, através dos quais as raras luzes provenientes das casas circundantes formavam halos difusos.

Recostado no canto do veículo, com a cabeça apoiada contra o ornato de veludo, Nicolas mantinha os olhos abertos sem nada observar. Não se lamentava, de modo algum, de ter ido a Vaugirard: sua impressão era a de que tinha levado a cabo um trabalho útil. Uma coisa era certa: a casa de Descart encobria um mistério. Por outro lado, ele dizia a seus botões que o desconhecido talvez tivesse encontrado o que estava procurando ou, então, poderia ter renunciado a seu objetivo. Mas, afinal, qual seria o objeto de sua busca?

O que acontecera em seguida nada tinha contribuído para esclarecê-lo – a não ser que, às portas da capital, a África estivesse instalando sua feitiçaria e suas práticas pagãs. De repente, lembrou-

se de um acontecimento de sua juventude ainda tão próxima: certo dia, em que tinha machucado o cotovelo durante uma daquelas disputas que pontuavam as partidas de *soule*, foi levado por Fine à casa de uma engomadeira de coifas que gozava, num raio de vinte léguas, da reputação de exímia endireita. Enquanto sua babá multiplicava os sinais da cruz, a idosa curandeira tinha começado uma estranha melopeia e, em seguida, depois de girar várias vezes em torno de si mesma, tinha colocado um prego na mão dele, pedindo-lhe um tostão. Nesse momento, ela havia puxado a cabeça dele contra sua saia preta, cujo estranho cheiro ele ainda sentia, passados dez anos. E, depois de ter mergulhado a mão em um pote cheio de uma matéria viscosa, ela esfregara vigorosamente seu machucado, pronunciando em voz alta uma fórmula em bretão de que ainda se lembrava: "*Pa'z out ar jug braz; Otro Saint Erwan ar Wirionè Clew ac'hanan*."[26] O braço que, há instantes, ele não conseguia esticar, tinha recuperado milagrosamente sua flexibilidade. A idosa o preveniu de que, dali em diante, ele sentiria a vinda da chuva por meio de dores naquele local, e que elas se tornariam permanentes na velhice. Mas esse tempo ainda não tinha chegado.

Assim, a desditosa Awa tinha se contentado em respeitar seu próprio costume para tentar conhecer o destino do companheiro. Quanto a Nicolas, ele também não tinha esquecido Saint-Louis, mas, com o passar do tempo, era cada vez menor a esperança de encontrar com vida o empregado de Semacgus.

A conversa com Catherine havia confirmado o que Nicolas já sabia a respeito da Sr.ª Lardin e de sua libertinagem. Por sua vez, o delegado, sempre de acordo com as afirmações de sua criada, estava reduzido ao papel pouco lisonjeiro de marido enganado, de jogador descapitalizado e de patrão sem escrúpulos. No entanto, o personagem parecia ter, para Nicolas, uma dimensão completamente diferente e muito mais inquietante, que a cozinheira de grande coração, em sua simplicidade, não conseguia avaliar. Quanto à frase sibilina encontrada nos bolsos do paletó de Lardin, na véspera de seu sumiço, ele não percebia qual poderia ser seu verdadeiro sentido.

Uma vez mais, Nicolas pôs-se a avaliar a amplitude de sua tarefa. As palavras do Sr. de Sartine ressoavam em sua cabeça. De repente, pensou no rei, que, por sua vez, deveria estar à espera de notícias de seu superintendente da polícia. O jovem entreviu o fundo dramático de toda aquela história, a guerra que continuava a se travar, os soldados nos campos de batalha cobertos de neve e de lama, os mortos amontoados e, em voo baixo, os corvos grasnando. Um longo frêmito o percorreu.

Nicolas decidiu voltar ao quarto da Rua dos Blancs-Manteaux:precisava trocar de roupa, lavar-se e barbear-se, pois sua barba estava ficando cerrada; devia também substituir o curativo. Enfim, tinha de anunciar à Sr.ª Lardin as hipóteses convergentes sobre a morte do marido: seria interessante observar a natureza e a intensidade da eventual manifestação de desgosto por parte da suposta viúva.

Pensou também em Marie. Onde é que ela estaria naquele momento? Na casa dos Blancs-Manteaux, para acolhê-lo? Ou já teria viajado para a casa da madrinha? Nicolas já tinha tomado uma decisão, ao mesmo tempo prática e moral: não poderia permanecer na casa dos Lardin. A responsabilidade pela investigação impunha essa decisão: era demasiado difícil, em sã consciência, ser simultaneamente encarregado do interrogatório e locatário. Já estava pensando também em mandar vigiar os arredores da residência, no caso de Bourdeau, sempre tão rigoroso e precavido, ainda não ter ordenado tal medida. Por outro lado, precisava de alguém para cuidar de suas roupas e ignorava se Louise Lardin havia substituído Catherine ou se tinha ficado sozinha, preocupada em criar um vácuo à sua volta.

Seu devaneio o tinha levado a transpor as portas da cidade sem se dar conta: as luzes agora eram mais brilhantes e em maior número. Como seu veículo se aproximava do Sena, ele atravessou, no meio de gritos e gargalhadas, a barafunda de um grupo de mascarados; um deles subiu para o estribo e, com uma mão, retirou a neve que cobria a vidraça e colou ali sua face, representando uma caveira. Nicolas teve de suportar, durante longos minutos, esse

encontro com a morte – que, há vários dias, girava à sua volta como um cão de guarda.

Em breve, reencontrava uma Rua dos Blancs-Manteaux sempre tão aprazível e deserta na aparência, mas na qual ele não deixou de perceber alguém escondido sob o portão da igreja. Na dúvida, fingiu que nada tinha visto. Tratava-se de um mendigo ou de um informante de Bourdeau: decididamente, o inspetor pensava em tudo e, sob seu aspecto plácido, dissimulava enorme experiência e prática como policial. De qualquer modo, seria impossível tratar-se de um ato de espionagem, a não ser que, ao prever seu retorno, o inimigo tivesse conseguido ler seus pensamentos.

Tendo adiado a resolução desse enigma, Nicolas introduziu a chave na fechadura e percebeu que esta tinha sido trocada, impedindo-o de entrar. Decidiu levantar a aldrava, operação que foi obrigado a repetir várias vezes.

Por fim, a porta se abriu e Louise Lardin apareceu, com uma tocha na mão e expressão intratável. Usava um vestido de baile branco, folgado nas costas, debruado com fios de prata; o corpete, ajustado e com um generoso decote em forma de meia-lua, deixava entrever uma garganta empoada. A parte de baixo do vestido se abria em roda, prolongando-se para trás em uma cauda bastante encorpada e realçada por anquinhas. Assim, a anágua ficava a descoberto, permitindo distinguir duas ou três camadas de imensos babados. O rosto, excessivamente empoado e maquiado, estava salpicado de pintas artificiais, as bochechas coloridas de vermelho vivo, os lábios cobertos de vermelhão. Duas grandes tranças de cabelo no topo da cabeça caíam atrás da nuca, sobre os ombros.

– Ah!... é o senhor, Nicolas? – disse ela com uma voz estridente. – Achei que o senhor também tinha desaparecido. Pelo estado de seu traje e pelo seu aspecto, o senhor simplesmente caiu na gandaia. De qualquer modo, eu já tinha decidido pedir-lhe para sair desta casa: pegue suas trouxas imediatamente, não tenho nenhuma disposição para acolher um vagabundo.

– Este é, senhora, o traje que minha função exige, pois que tenho de me submeter às circunstâncias – respondeu Nicolas. –

Assim, seu julgamento é muito apressado. Quanto a seu desejo de me expulsar, ele corresponde exatamente à decisão que eu já tinha tomado. Estou vendo perfeitamente que não sou nem um pouco bem-vindo...

– Nicolas, só dependeu de você tornar-se desejado nesta casa.

A ambiguidade da afirmação fez enrubescer o jovem.

– Peço-lhe que não insista, minha senhora. Vou embora amanhã de manhã porque, nesta hora e com este tempo, eu teria muita dificuldade para encontrar um abrigo para passar a noite. Mas, antes disso, tenho de tratar de coisas graves com a senhora.

Ela não se mexia, plantada provocantemente no meio do corredor.

– Trocando sua observação por outra – acrescentou ele –,permita, minha senhora, que eu me espante por encontrar vestida para um baile uma mulher cujo marido desapareceu.

– Mas que tamanha insolência a sua! Com efeito, estou com um vestido de baile e me apressava para sair a fim de me distrair e levar a boa vida que uma mulher de minha idade não deve perder de jeito nenhum. Será uma resposta suficiente, senhor capanga?

– Teria sido suficiente, sem dúvida, para o capanga, mas de modo algum para o representante do superintendente- geral da polícia.

– Mas, Sr. Le Floch... o poder lhe subiu à cabeça!

– Pois a senhora me parece bastante irritadiça e distanciada das tristes preocupações que me trazem aqui.

Louise Lardin endireitou-se com um ar provocante, as mãos nas anquinhas, numa pose vulgar que deixou Nicolas escandalizado. Em um piscar de olhos, reaparecia, sob o verniz brilhante, a garota que animava as noites libertinas da casa de Paulet.

– Como assim, preocupações? O senhor teria intenção, por acaso, de me falar da carniça que foi desenterrar no lixão de Montfaucon? Isso o surpreende? Estou mais bem informada do que possa imaginar. Trata-se de meu marido, é isso? Você acha que dou

importância para isso? O senhor foi esgaravatar na lama e obteve, a preço de banana, o que pretendia. Afinal, qual era sua expectativa? Que eu representasse a comédia da viúva desolada? Nunca gostei de Lardin. Consegui livrar-me dele; agora, estou livre – livre e correndo, Sr. Nicolas, para o baile.

De repente, Nicolas a achou muito linda em sua animação, transformada por uma espécie de orgulho. Ela se agitava e, ao seu redor, as diferentes camadas de caudas de seu vestido golpeavam o ar com um surdo farfalhar de cetim.

– Como quiser, minha senhora, mas antes terá de responder a algumas perguntas, as quais, na aflição em que a senhora se encontra, dificilmente iriam suscitar uma emoção exagerada. Por isso, minha tarefa será facilitada e, assim, vou direto ao ponto. Acrescento que estou aguardando que sua grandeza de alma a inspire a responder sem subterfúgios; caso contrário, serei obrigado, contra minha vontade, a recorrer a outros meios.

– Tudo bem, senhor aprendiz de delegado. Submeto-me à força com medo dos borzeguins... Mas seja rápido, porque alguém está à minha espera.

– Na sexta-feira passada, à noite, a senhora saiu: onde é que foi e a que horas voltou para casa?

– Como posso me lembrar do que fiz neste ou naquele dia?! Não sou amanuense para anotar o que faço de meu tempo.

– Posso indicar-lhe, minha senhora, a fim de refrescar sua memória, que foi justamente nessa noite que seu marido desapareceu.

– Parece-me que fui às Vésperas.

– Na igreja dos Blancs-Manteaux?

– Será que se pode ir às Vésperas em outro lugar que não seja uma igreja?

– Nesta ou em outra?

– Ah! Já entendi, é intriga da soldada veterana... Fui à igreja de Petit-Saint-Antoine.

– Com capa preta e máscara?

– E qual é o problema? Uma mulher honrada não poderia se aventurar ao anoitecer, em tempo de Carnaval, sem vestir um traje condizente para evitar precisamente o risco de ultrajes.

– E essa capa protegia da neve?

Olhando fixamente para ele, ela umedeceu os lábios.

– Não estava nevando; ela me preservava do vento.

Nicolas ficou calado. Instalou-se um longo silêncio até que Louise Lardin perguntou, com voz roufenha:

– Nicolas, por que me detesta?

Aproximou-se dele. Seu cheiro o invadiu: uma mistura de pó para cabelos, maquiagem, um esquisito perfume de íris e um outro, mais selvagem, que o suplantava.

– Minha senhora, limito-me a cumprir meu dever e teria apreciado que ele me conduzisse para uma casa diferente daquela em que, durante muito tempo, fui acolhido.

– Está em suas mãos ressuscitar o passado. Meu marido está morto, o que tenho a ver com isso? O que devo fazer para convencer o senhor de que ignoro totalmente as causas de sua morte?

Esforçando-se para não se desviar de seu objetivo, Nicolas tentou outra abordagem.

– Dizem que o novo moteto de Dauvergne[27], cantado aquela noite na igreja de Petit-Saint-Antoine, era excelente.

Ela evitou a armadilha.

– Não tenho nenhum gosto por música e não entendo nada desse assunto.

– E ontem, o que é que a senhora fez? Ficou em casa?

– Estive com um de meus amantes, Sr. policial, porque tenho amantes, como já deve saber. Será que se pode esperar outra coisa de uma garota perdida e subornada?

Uma partícula de maquiagem se desprendeu do rosto e caiu no corpete; seu tom de sinceridade inspirava comiseração.

– O senhor está satisfeito?

– Agradeço por sua franqueza – respondeu Nicolas, corando um pouco. – Seria possível indicar-me o nome desse homem?

– Para mostrar-lhe minha boa-fé, trata-se do Sr. Mauval, um homem muito bom de cama e que – certamente, o senhor já tem conhecimento disso – sabe também corrigir os canalhas.

Nicolas ignorou a afronta, mas tomou nota da ameaça; subitamente, o mundo lhe pareceu bem restrito.

– A que horas ele chegou?

– Ao meio-dia, e deixou-me esta manhã, bem cedo. Até sinto vergonha, senhor, por semelhante inquirição.

– Eu já ia esquecendo, minha senhora, de apresentar meus pêsames pelo óbito de seu parente.

Ele havia arriscado esse golpe astucioso na expectativa de confundir a adversária e obter outras informações. Não adiantou nada; aparentemente, Louise Lardin não estava a par da morte de Descart, seu primo.

– Um marido por imposição não é um parente – respondeu ela. – Ainda assim, pouco me importa sua súbita solicitude. Dito isto, Sr. Le Floch, tenho de deixá-lo porque estou ouvindo o veículo que vai me levar; espero que amanhã de manhã o senhor tenha deixado minha casa.

– Ainda uma pergunta, minha senhora: onde está a Srt.ª Marie?

– Na casa da madrinha, em Orléans; ela deseja retirar-se do mundo e entrar no noviciado das Ursulinas.

– Eis uma vocação bem repentina.

– As vias do Senhor Deus têm atalhos semelhantes a esse.

– Onde estava Marie na noite do desaparecimento do delegado?

– Na cidade, em casa de uma amiga.

– Minha senhora, quem matou seu marido?

Ela deu um meio-sorriso, vestiu uma capa curta com gola de peliça e se virou:

– As ruas são perigosas durante o Carnaval; certamente, deparou-se com algum mascarado assassino.

E saiu, batendo a porta atrás de si, sem olhar para Nicolas.

O jovem permaneceu como que grudado ao chão. Além de ter exaurido suas forças, o duelo verbal acentuara ainda mais sua fadiga: ou Louise Lardin era inocente, e suas afirmações eram marcadas apenas pelo cinismo e pela amoralidade, ou, então, era uma atriz inigualável. Disse também, com seus botões, que aquele excesso de provocação, aquela firmeza em mostrar sua perdição podiam ser uma forma de dissimular outra coisa. Que tipo de suspeita poderia despertar uma alma que, espontaneamente, clamava contra sua própria virtude, usando os mais formidáveis argumentos? Nicolas não estava acostumado a enfrentar um adversário dessa natureza: sua juventude era um inconveniente, e seu registro de experiências era demasiado limitado. Estava apenas começando sua coleção de almas. Apreciava que as formas fossem respeitadas, e o cinismo o deixava desconcertado como uma monstruosidade da mente. E apesar disso, no decorrer da semana, tinha virado, afoito, um grande número de páginas. Sentira-se ofendido pelas palavras de Louise Lardin, como se tivesse ocorrido um desrespeito odioso às regras da vida em sociedade. Outra ideia atravessou-lhe a mente: no fundo, a atitude de Louise não passava, talvez, da última tentativa de uma alma perdida para não cair em desvarios ainda mais graves; além disso, sua sinceridade seria uma homenagem que o vício prestava à virtude.

Mas não era o momento, de modo algum, de filosofar. Nicolas estava sozinho na casa, e convinha tirar partido dessa circunstância. Repeliu todos os escrúpulos, cujo peso era desprezível diante da importância de sua missão. Na biblioteca, alguém – o delegado, Louise ou outra pessoa – tinha feito uma limpa em toda a papelada. O quarto da Sr.ª Lardin também não lhe forneceu nenhuma informação. Observou, pensativo, o leito desmazelado: uma garrafa vazia e dois copos davam certa aparência de verdade aos rebolados efusivos de dois amantes. A sombra de tocaia na Rua dos Blancs-

Manteaux, se fosse realmente um homem de Bourdeau, teria talvez algo a dizer sobre os horários de Mauval e de sua amante.

Tendo examinado cuidadosamente as vestimentas e os sapatos, Nicolas repetiu a operação no quarto de Marie, e ficou surpreso ao perceber que o guarda-roupa da moça parecia intacto. Será que tinha ido embora sem bagagem alguma? Em seguida, constatou a coincidência entre as pegadas encontradas em Vaugirard e um par de botinas cobertas de lama.

A fadiga acabou por levar a melhor. Nicolas dirigiu-se lentamente para as águas-furtadas e lembrou que, no dia seguinte, deveria deixar o quarto para sempre. Ali não tinha sido feliz nem infeliz; tivera, unicamente, a preocupação de aprender e comportar-se o melhor possível durante os meses de aprendizagem. Seu quarto ficaria em sua lembrança e em seu lamento, como ocorre com todas as coisas e com todos os seres abandonados à beira do caminho, pois a vida, a morte ou uma pequena luz misteriosa assim decidem sem apelação.

Juntou suas roupas e depositou-as na sacola de viagem. Ao enfiar a mão no bolso do paletó que vestiria no dia seguinte, encontrou um pedacinho de papel com dupla dobra. Desdobrou-o e viu seu nome no canto do documento, antes de decifrar uma frase que já conhecia:

Das três um par.

E aquele que as contém.

Se dá a todos.

Desse modo, Lardin, durante a estada de Nicolas em Guérande, tinha desejado deixar-lhe essa mensagem sibilina. Mas qual seria a razão desse gesto, e o que ele pretendia dizer? Foi pensando nisso que o jovem, exausto, adormeceu.

25 Durante o Antigo Regime, o suicida era, às vezes, julgado e até mesmo dependurado em uma forca; além disso, sua família era coberta de opróbrio. Mesmo que

essa prática tivesse desaparecido no decorrer do tempo, seus vestígios ainda se mantinham na mentalidade popular.

26 “Por ser grande juiz, monsenhor Saint-Yves da Verdade, ouça-me.” [N.T.]

27 Antoine Dauvergne (1713-1797), violonista e compositor; foi superintendente da música, na Corte, em 1764, e membro da Academia Real de Música, da qual foi diretor em três ocasiões.

X
Voltas e reviravoltas

Com efeito, a série de laços era tão compacta
que era impossível, pela reflexão ou pela vista, captar
o lugar em que tal entrelaçamento se iniciava ou se ocultava.
Quinto Cúrcio

Sexta-feira, 9 de fevereiro de 1761

Estendido no chão, ele sentia os raios avermelhados do sol por trás de suas pálpebras fechadas. Após um galope desenfreado pela charneca, tinha amarrado o cavalo ao que restava de uma barca desconjuntada, já meio soterrada pela areia da praia. A ressaca acabou por adormecê-lo. E, de repente, o ruído familiar tinha-se dissipado; até então, ele nunca havia observado que o oceano podia cessar seu eterno movimento. Sentindo falta de ar, endireitou-se e abriu os olhos, mas voltou a fechá-los imediatamente, ofuscado pela luz. Foi invadido por um turbilhão de sensações e, transido de frio, reencontrou-se em seu leito. Na véspera, depois de uma jornada de fortes emoções, mergulhara, completamente vestido, na inconsciência: tinha, inclusive, se esquecido, como era seu costume, de fechar as persianas, e agora um raio de sol invernal refletia em seu rosto. Espreguiçou como faz um animal: um membro após o outro, com precaução. Uma noite de sono tinha afastado a dor e, em seu lugar, emergiu um entorpecimento e uma rigidez bastante

semelhantes à fadiga de um dia montado a cavalo quando se perdeu o costume desse exercício. Respirando profundamente para repelir a angústia das trevas, como fazia habitualmente todas as manhãs, sentiu-se pronto para enfrentar um novo dia.

Nicolas sentia-se sujo e dolorido. Precisava de um bom banho, mas isso lhe pareceu complicado de conseguir. Pensou um pouco e decidiu usar os recursos que tinha. Catherine utilizava uma grande cuba de madeira, guarnecida de arcos, para deixar a roupa branca de molho: ela serviria. Ele acenderia a fornalha da cozinha para esquentar a água. Reanimado por essa perspectiva, aproximou-se da janela. No primeiro plano, o jardim era como um lençol branco em cima do qual se viam as pegadas sobrepostas de pássaros ou de gatos. O dia estava magnífico e frio. Mais longe, nos telhados das casas vizinhas, a neve reluzia com reflexos azulados.

Terminou de fazer sua bagagem, juntando os objetos de pouco valor aos quais estava apegado: uma minúscula gravura de arte *naïf*, representando Sant'Ana; os livros de direito com os quatro volumes do *Grand Dictionnaire de Police,* de Delamare; um velho exemplar de *Curiosités de Paris,* por Saugrain, o primogênito, em uma edição de 1716; um código do direito consuetudinário de Paris; um velho missal que tinha pertencido ao cônego Le Floch; o *Almanach Royal* de 1760; dois volumes com os pensamentos do Pe. Bourdaloue, da Companhia de Jesus, sobre diversos temas de religião e de moral; *Le diable boiteux,* publicado em 1707, de seu compatriota Lesage[28] romance lido e relido, à semelhança do *Dom Quixote*, durante toda a sua infância; um leque quebrado oferecido por Isabelle; e, por fim, uma adaga de caça presenteada pelo marquês, seu padrinho, no dia em que havia dado o golpe de misericórdia em seu primeiro javali. Lembrava-se ainda, com amargura, da reprovação, por parte daqueles que tinham ficado escandalizados pelo fato de essa honra ter sido atribuída a um enjeitado, como era seu caso, cuja identidade era desconhecida. Havia comprado de um revendedor, a preço de banana, uma antiga arca de couro cravejada que, além da sacola de viagem, constituía toda a sua mudança.

Qual seria, agora, seu destino? Teria de descobrir um alojamento não muito caro. Enquanto esperava encontrar uma solução, já tinha pensado em pedir asilo a Bourdeau, mas, além de sua habitação – que ocupava com a esposa e os três filhos – ser exígua, Nicolas achava pouco digno recorrer ao adjunto, arriscando-se a se colocar em uma situação equívoca que comprometeria um entendimento do qual não queria abrir mão. O Pe. Grégoire ficaria, sem dúvida, feliz em acolhê-lo de novo na Rua de Vaugirard, mas o superior da casa podia recusar seu pedido, tanto mais que o modo de vida de Nicolas – sujeito a horários inconstantes, em decorrência de sua missão – parecia incompatível com o funcionamento regular de um convento. Com certeza, podia expor o problema ao Sr. de Sartine, mas seu chefe mantinha-se, por opção, acima desse tipo de contingência, e Nicolas preferia evitar o risco de enfrentar, de novo, o olhar irônico que já conhecia bem demais. Tinha de se virar sozinho.

De súbito, veio-lhe à mente uma proposta bastante antiga de seu professor, o Sr. de Noblecourt. O ex-procurador no Parlement, viúvo e sem filhos, tinha se dado conta rapidamente da frieza de Lardin em relação a seu aluno. Assim, em várias ocasiões, havia proposto a Nicolas que, para compartilhar sua solidão epicurista, viesse ocupar um quarto agradável que ninguém usava. Na época, Nicolas tinha recusado porque, embora o superintendente-geral da polícia nunca lhe tivesse falado formalmente a respeito, ele estava convencido de estar cumprindo uma missão na casa dos Blancs-Manteaux. Tal suposição havia sido confirmada pelos interrogatórios regulares a que era submetido pelo Sr. de Sartine. Dali em diante, quanto mais pensava nisso, tanto mais a ideia de recorrer ao Sr. de Noblecourt lhe parecia providencial; aliás, experimentava uma sincera afeição pelo velho magistrado benevolente e espirituoso. Tendo recuperado a tranquilidade, decidiu fazer sua higiene pessoal.

A residência estava em silêncio e nada indicava que Louise Lardin tivesse voltado para casa. Nicolas acendera uma vela antes de se aventurar na obscuridade da escada. Com os reflexos de policial – que começavam a se tornar uma segunda natureza –, examinou meticulosamente os degraus e, em seguida, o ladrilho do corredor. Nenhum vestígio de neve ou de lama era visível: com toda

a evidência, ninguém tinha entrado na casa desde a noite da véspera.

Dirigiu-se à copa a fim de preparar seu banho. Antes de tudo, convinha acender a fornalha. Conhecia o lugar em que Catherine armazenava os gravetos e o carvão necessários a essa operação. Logo foi tomado por uma náusea desencadeada pelo cheiro doce e enjoativo que impregnava o cômodo. Chegou a pensar que algum camundongo, envenenado pelas iscas de arsênico utilizadas regularmente pela cozinheira, estaria se decompondo em um buraco ou debaixo de um móvel; como suas buscas tivessem sido infrutíferas, tentou esquecer o odor. Soprou sobre o braseiro, cujas chamas crepitavam alegremente; agora, só faltava encher um tacho na bica dentro de casa e esperar que a água esquentasse.

A tina continuava arrumada no porão com os vinhos, os potes de gordura e a reserva de toucinho e presuntos – estes, guardados em sacos de aniagem que eram ciosamente vigiados por Catherine. Nicolas abriu a porta em ogiva que dava acesso à escada de pedra que levava ao porão. Este tinha constituído os alicerces de uma construção anterior, atualmente desaparecida. De novo, Nicolas sentiu-se asfixiado pelo mesmo fedor enjoativo. Desceu os degraus e ergueu a vela: em um dos ganchos de açougueiro, estava dependurado um volume disforme, embrulhado em um tecido de juta castanho-escuro; no chão, abaixo dele, havia uma poça de sangue coagulado.

Contendo a respiração, de tal modo o ar estava infestado pelos miasmas que se desprendiam do volume, Nicolas – o coração palpitando e por demais convencido do que estava à espera de descobrir – puxou o saco, que caiu no chão, deixando ver um javali já em decomposição, dependurado pelas patas anteriores. O animal teria sido abandonado depois da saída de Catherine ou colocado ali mais tarde? Nicolas sabia que a carne de caça deveria ser amaciada, e sua primeira infância havia sido importunada pelas cabeças de pássaros, fervilhantes de vermes, dessa caça miúda que o marquês enviava para o cônego, amador desse gênero de carne de textura mais forte. Joséphine esperava o momento em que os bicos se desprendessem para cozinhar os animais. No entanto,

ele nunca tinha visto essa operação ser mantida até a putrefação. No chão havia um grande número de pegadas; algumas detinham-se diante de uma grande armação de madeira, em cujas traves se alinhavam garrafas. Durante um bom tempo, ficou observando as marcas. Tendo encontrado a tina, subiu a escada o mais rapidamente possível para fugir daquela atmosfera confinada e fedorenta; ao chegar à copa, a água tinha começado a ferver.

Nicolas despiu-se e deu uma olhada em uma grande caçarola de cobre resplandecente que lhe servia frequentemente de espelho: seu estado metia medo, com a barba crescida e o corpo coberto de equimoses e escoriações. Tirou os curativos: os ferimentos da cabeça e da lateral do corpo estavam cicatrizados e com boa aparência; o boticário tinha feito um bom trabalho. Derramou a água fervente na tina, mas a bica estava vazia; abriu, então, a porta que dava para o quintal e, todo arrepiado, encheu um pote com neve limpa, tendo conseguido assim esfriar seu banho. Acrescentou um pouco de potassa[29], utilizada por Catherine na lavagem de roupas, agachou-se na tina e jogou água no corpo com uma concha. O calor da água dissipava aos poucos as contraturas: ele se abandonou a um torpor agradável, usufruindo daquele momento de descanso.

O cônego, seu tutor, não teria deixado de criticar esse prazer: de fato, ele desaprovava em público, com mordacidade, as novas modas de limpeza. Além dos filósofos e da *Encyclopédie**, esse era outro tema das controvérsias incessantes e acirradas entre seu tutor e seu padrinho. O cônego não cessava de repetir que não havia intimidade capaz de escapar ao olhar de Deus e que o decoro exigia que, ao se deitar na cama, a pessoa esconda de si mesma o próprio corpo. Para ele, a atenção dedicada ao corpo devia prescindir de qualquer recurso à água e limitar-se ao rosto e às mãos – suas únicas partes visíveis. Todos os esforços deviam recair, portanto, sobre o cuidado com a roupa branca. O marquês, que adorava essas disputas amigáveis, dava risinhos de troça e, como bom "voltairiano", evocava o odor de santidade dos religiosos de todos os tipos, que desejava ver imersos, à guisa de purgatório, em banhos de detergente. Sua vida militar tinha-lhe demonstrado a utilidade do que designava com uma nova palavra, "higiene". Ele afirmava,

inclusive, ter escapado de epidemias graças a esse bom costume. Desse modo, tinha instigado Nicolas a adotar esse hábito. O jovem tinha sofrido, no colégio dos jesuítas de Vannes, por ter sido impedido de satisfazer o que tinha se tornado, para ele, uma necessidade incontornável e cotidiana.

Finalmente, saiu da tina e enxugou-se com cuidado. Sua impressão era a de que havia deixado o homem que tinha sido na água do banho. As crostas dos ferimentos tinham sido suavizadas pela água quente. Tinha decidido inutilizar uma camisa já usada para transformá-la em tiras: uma faixa de pano destinada a segurar o curativo do lado do corpo e uma para a cabeça. Lembrou que Catherine guardava os unguentos e o vinagre medicinal em uma gaveta do aparador; com efeito, encontrou ali uma garrafinha de “Licor romano” embrulhada em um impresso com as instruções de uso. Serviu-se desses produtos para lavar as feridas, refez os curativos e vestiu roupa limpa depois de ter feito a barba. Tendo desistido de comer o que quer que fosse, pelo fato de estar enjoado com o fedor ainda tão nauseabundo, voltou a arrumar tudo no respectivo lugar, subiu ao sótão para pegar a bagagem e, depois de verificar que estava de posse de todos os seus pertences sem esquecer nada, deixou sua água-furtada de aprendiz.

Agora tinha de encontrar um veículo para transportar suas coisas; ainda cogitou na possibilidade de deixar a bagagem diante da porta e ir atrás de um cocheiro à procura de freguês, mas corria o sério risco de que tudo fosse roubado durante sua ausência. Como havia fechado a porta da casa e não dispunha das novas chaves, já não tinha a possibilidade de voltar a abri-la.

Pensou, então, na sombra que havia detectado no dia anterior. Com toda a atenção, dirigiu seu olhar para o portão da igreja dos Blancs-Manteaux: o homem continuava no mesmo lugar, batendo os pés no chão e esfregando as mãos para se aquecer. Nicolas fez-lhe sinal; hesitante, ele olhou para a direita e para a esquerda antes de atravessar a rua coberta de neve. Nicolas o reconheceu, imediatamente, como um dos informantes utilizados pelos agentes da polícia. Pediu-lhe que fosse à Rua Vieille-du-Temple, perto do

hospital Saint-Anastase, em busca de um veículo. Durante esse tempo, ele próprio ficaria de tocaia. O homem confirmou que Louise Lardin não havia retornado ao domicílio.

Logo o informante descia de um fiacre: Nicolas embarcou seus pertences e deu ao cocheiro o endereço do Sr. de Noblecourt, na Rua Montmartre, no lugar chamado Ponta Sainte-Eustache,em frente da igreja do mesmo nome. Tratava-se de um prédio de cinco andares que pertencia ao magistrado; ele tinha alugado os pavimentos superiores, conservando apenas os pisos nobres, correspondentes ao primeiro e ao segundo andares. O térreo, por sua vez, era dividido entre uma padaria e as dependências de serviço ocupadas por Marion, a governanta, e um criado de libré chamado Poitevin, quase tão idoso quanto seu amo. Nicolas disse a si mesmo que talvez pudesse recuperar suas roupas, escondidas na penumbra de uma capela lateral de Saint-Eustache, se tivessem escapado à vigilância arguta dos mendigos que frequentavam o edifício.

O veículo deslocava-se sem ruídos, mas os guizos do cavalo chocalhavam alegremente. A cidade emergia das brumas e da capa cinzenta das nuvens que a haviam encoberto durante vários dias. A partir do quarteirão do mercado de Les Halles, o movimento aumentou cada vez mais, e a circulação se tornou quase impossível Finalmente, seu veículo passou pela Ponta Saint-Eustache e entrou na Rua Montmartre.

Nicolas reconheceu com prazer o alto prédio pertencente ao ex-procurador no Parlement: bojudo e posicionado de través, parecia implantado solidamente no solo parisiense. Com o decorrer dos anos, seus flancos tinham-se alargado e abaulado como os de um antigo galeão encalhado. A linha sinuosa dos balcões decorados com ferro forjado, semelhante aos lábios de uma gigantesca estátua, tinha a configuração de um sorriso enigmático, sem deixar de ser benevolente. Diante dessa fachada, Nicolas sentiu-se reanimado: tinha afeição por aquela casa. Depois de pagar a corrida, colocou a bagagem sob a abóboda do pórtico destinado a carruagens, onde pairava o cheiro de pão quente da padaria vizinha. Subiu ao primeiro andar e bateu na porta do apartamento: o rosto

enrugado da velha Marion se descontraiu de prazer ao reconhecer o visitante.

– Ah! Sr. Nicolas, como estou feliz em vê-lo! Ainda ontem, meu patrão se queixava da falta de suas visitas: o senhor sabe o quanto ele o aprecia.

– Bom dia, Marion. Eu teria vindo apresentar-lhe, mais cedo, meus trabalhos de casa, se não tivesse sido impedido por alguns acontecimentos.

Um cãozinho-d'água, bola cinzenta e frisada, surgiu como um foguete e se pôs a pular ao redor de Nicolas, soltando uivos de contentamento.

– Veja só como Cyrus o trata bem! – comentou Marion. – Ele conhece perfeitamente seus amigos e os do patrão. Eu sempre digo que os animais têm mais sentimentos que nós...

Ouviu-se uma voz que procurava saber quem era o visitante.

– Creio que o patrão está impaciente; como é costume, ele toma o chocolate no quarto. Venha comigo, ele vai ficar tão contente!

O quarto do Sr. de Noblecourt era uma linda sala com lambris verde-pálido, realçados de ouro; tinha vista para a Rua Montmartre, através de uma porta-janela dupla que se abria para um balcão. O dono da casa havia explicado muitas vezes ao aluno o prazer que, a cada manhã, tinha em devanear – vestido com um roupão florido de chita da Pérsia e a cabeça coberta com um barrete púrpura – enquanto tomava seu chocolate. Desde o alvorecer, assistia à crescente animação da rua, interpretando filosoficamente os inúmeros pequenos incidentes da vida cotidiana. Ele se abandonava ao torpor agradável em que imergia pelo efeito do calor da bebida exótica e da espécie de languidez proporcionada por ela; esse estado de felicidade serena era acompanhado, às vezes, por um cochilo. Depois de incessantes idas e vindas entre Nicolas e seu mestre, Cyrus pulou enfim para os joelhos do magistrado.

– O sol e Nicolas estão de volta, aleluia! – exclamou o ancião. – Meu filho, sente-se. Marion, depressa, uma cadeira e uma xícara;

traga também, o mais rápido possível, chocolate quente e alguns desses pães mimosos enviados pelo meu locatário padeiro.

Sob o barrete, resplandecia um rosto rechonchudo e rosado, com olhos surpreendentemente claros. À direita de um nariz bem pronunciado e corado, uma verruga chamava a atenção: como ainda não tinha esquecido seus estudos secundários, Nicolas foi levado a compará-la à de Cícero. Duas bochechas repletas de borbulhas pendiam à volta de uma boca espirituosa e glutona, prolongada por um queixo que, tendo sido robusto, perdia-se agora no meio da tripla dobra de uma pele flácida.

– Está vendo que permaneço fiel a meus hábitos, por falta de me dedicar a outro tipo de devoção – prosseguiu o Sr. de Noblecourt. – Rendo-me aos anos que vão passando, sem muitas surpresas nem demasiada agitação... Daqui a pouco, já não conseguirei sair desta poltrona: vou encomendar outra, uma antiga, com orelheiras, mesinha e – por que não? – rodízio. Bastará, então, perfurá-la para que nunca mais seja retirado dela! Não é verdade que a marechala* do Luxemburgo tinha mandado os portadores subirem sua cadeirinha para o salão a fim de se proteger do ar encanado, em um ano em que o inverno tinha sido bastante rigoroso? Ficarei aqui imobilizado até que, certa manhã, o fantasma de Marion – que, pode anotar isso, é muito mais idosa do que eu – irá encontrar meu nariz dentro do chocolate!

Nicolas conhecia seu prezado amigo. Tudo isso não passava de provocação: estava à espera de protestos e, enquanto estes não se manifestassem, ele haveria de continuar sua lenga-lenga até suscitar algum comentário.

– Acho que o tom do senhor é inspirado demais para tornar-se o de um futuro portador de gota – respondeu o jovem. – Sua xícara nada tem a temer. Dou-me conta de que, de novo, está imitando seu amigo, o Sr. de Voltaire – salvo erro, da mesma idade – que anuncia, há um quarto de século, que não chegará ao final do ano e que o exército coligado de suas maleitas vai, num átimo, subtraí-lo à admiração da Europa e à veneração de seus amigos. É da têmpera do senhor que são feitos os centenários. E acrescentarei que o senhor tem a obrigação de dedicar-se aos amigos mais jovens: em

quem eles confiarão se o senhor faltar? Não é assim tão grande o número de homens honestos que alguém possa ficar satisfeito ao vê-los desaparecer.

O Sr. de Noblecourt, extasiado, pôs-se a aplaudir, enquanto Cyrus manifestava aprovação com seus latidos.

– Tudo bem, senhor, dou-me por vencido. Já está perfeitamente adaptado ao seu mundo e, inclusive, aprendeu a lisonjear; aliás, a ordem das coisas é que, um dia, o estudante acabe dando a lição ao mestre. Quanto a mim, sou um tagarela inveterado... Nicolas, o senhor me deve algumas explicações a respeito de seu súbito desaparecimento.

Com a mão ainda roliça, ele acariciava o cãozinho que, sossegado, tinha se virado de costas e, com as patas afastadas, exibia um ventre rosado.

– Sr. de Noblecourt, viajei para a Bretanha por ocasião da morte de meu tutor. Depois de lhe ter prestado as últimas homenagens, voltei a Paris e deparei-me com uma situação difícil. O senhor está sabendo, sem dúvida, que o delegado Lardin desapareceu; ora, o Sr. de Sartine incumbiu-me dessa investigação.

O rosto bonachão do ex-procurador, que tinha começado por exprimir tristeza pelo luto de Nicolas, alterou-se subitamente: com os olhos arregalados e boquiaberto, sua surpresa disputava lugar com a incredulidade ao saber que o aluno tinha sido promovido tão rapidamente na carreira.

– Que boa notícia! Representante do Sr. de Sartine! Isso é mais importante do que o sumiço de Lardin: com certeza, ele era um dos meus amigos, mas que eu preferia manter à distância. Ainda na semana passada, estive com ele.

Marion o interrompeu com autoridade, colocando sobre a mesa de jogos outra chocolateira de prata, uma xícara e o pires em porcelana de Rouen, assim como um prato com os famosos pães mimosos e um pote de geleia.

– Estou vendo, Nicolas, que o senhor dispõe de relações secretas nesta casa; quanto a mim, não tenho direito a essas

delícias de frutas.

– Quem sabe, um dia?! – exclamou Marion. – O senhor terá esse direito quando me ajudar a descascar os marmelos, como fez o Sr. Nicolas no mês de setembro passado; além disso, o senhor é guloso demais.

Marion serviu a bebida fumegante continuando a vituperar surdamente. As xícaras ficaram cheias de um líquido castanho-claro espumoso, do qual exalava o aroma caloroso do chocolate, além do toque sutil da canela. Cyrus pulou para os joelhos de Nicolas, cuja generosidade para com ele já conhecia. O jovem, em quem o caçador cochilava com um olho só e que seguia sempre sua ideia fixa, esperou a saída de Marion para retomar a conversa sobre Lardin com o procurador.

– Em que dia o senhor disse que o encontrou?

– Na quinta-feira passada.

– O senhor é, portanto, uma das últimas pessoas, pelo que parece, a falar com ele.

– O encontro foi breve: ele me pareceu excessivamente taciturno, mais do que o habitual. O senhor o conhece: com seu humor secreto, vingativo e agitado, o homem não é nem um pouco amável. Todavia, é um bom policial, e era isso o que justificava nossa amizade. Naquele dia, estava igual a ele mesmo; no entanto, ao despedir-se, fiquei com pena dele, parecia completamente desamparado.

– E a Sr.ª Lardin?

O Sr. de Noblecourt deu a impressão de encarar, no vácuo, alguma encantadora aparição.

– A bela Louise? Há muito tempo deixei de ter a possibilidade de lhe apresentar minhas homenagens. É uma peça apetitosa, embora já próxima dos trinta, mas a minha idade já passou... Embora, para ela, a idade nada tenha a ver e, frangote ou velhote, está tudo no papo, se posso dizer assim, com a condição de que algum tilintar de bom quilate se faça ouvir...

Essas palavras foram sublinhadas por um piscar de olhos tão enérgico que seu barrete saiu do lugar e caiu atravessado sobre a testa. O velho homem bebeu um gole de chocolate, limpou a boca, partiu um pão e em seguida o deixou sobre a mesa com um suspiro, inclinando-se para Nicolas. E continuou, em voz baixa:

– Debaixo desse angu tem caroço, meu caro filho. Não estou assim tão afastado do mundo para ignorar os boatos a respeito de Lardin, nem sou demasiado ingênuo para não ter entendido os motivos que levaram o Sr. de Sartine a mandar o senhor, contra toda lógica, para a casa daquele casal diabólico.

Ele parou sua digressão, mas Nicolas permaneceu frio como o mármore.

– Não me diga que não foi alvo das investidas da Lardin?

Desta vez, o rosto de Nicolas virou vermelho vivo.

– He, he – exclamou o ancião – a esse ponto? Vamos ficar por aqui, senhor. De qualquer modo, não quero saber de nada. A desgraça pairava sobre aquela casa: não me pergunte a razão, mas eu sentia que ia acontecer a qualquer momento. Eu via Lardin destinado a desfechos tristes, devassidão secreta ou paixão à qual se sacrifica tudo. A cobiça da carne ou do ouro – essa "sanguessuga" mencionada por Salomão – é o espírito do século. Pretende-se gozar sem qualquer restrição. Se fosse possível perfurar os muros e penetrar nas dependências mais recônditas das habitações, descobriríamos o que se passa de mais infame nesses lugares. Quanto a mim, cético obstinado, epicurista, ao que tudo indica, contemplo meu tempo e estigmatizo seus costumes, depois de ter punido seus crimes.

Ele abanava a cabeça com um ar entristecido, fixando o olhar ora sobre o pão, ora sobre a geleia; quanto a Cyrus, ao observar a indecisão de seu dono, tinha se sentado sobre as patas traseiras e tremia de excitação. Depois de verificar que Marion não se encontrava nas proximidades, o Sr. de Noblecourt agarrou com presteza a metade de um pão, cobriu-a com uma espessa camada de geleia e engoliu tudo em duas bocadas vorazes.

– De fato, minha presença era difícil de suportar para os Lardin – acrescentou Nicolas. – De agora em diante, tornou-se impossível. Com certeza, o senhor deve concordar comigo que, ao ser incumbido de investigar o desaparecimento do delegado – e mesmo que eu não lhe revele os segredos de um inquérito delicado –, é impossível, no meu caso, continuar residindo em um lugar em que eu seria juiz e, ao mesmo tempo, devedor de favores em relação a meus anfitriões.

– "*Opum contemptor, recti pertinax, constans adversus metus*"[30] – citou com satisfação o magistrado. – De fato, o senhor não pode permanecer na Rua dos Blancs-Manteaux.

– Acabo de deixá-la nesta manhã e vim aqui pedir seu conselho, sem ter a certeza do que...

– Meu caro Nicolas, compartilho a opinião do Sr. de Sartine sobre a excelência de suas capacidades e a qualidade de sua instrução. Já lhe tinha proposto que viesse instalar-se aqui, queira aceitar ser meu hóspede e, por gentileza, não me agradeça, é um prazer que dou a mim mesmo. Marion, Marion!

Bateu as mãos, desencadeando um acesso de júbilo em Cyrus, que se pôs a girar como um pião pelo quarto, antes de ir embora à procura da governanta.

– O senhor me deixa confuso com sua bondade e não sei como...

– Ora essa, não tem de quê... Eis as regras da casa. Ela é um anexo da Abadia de Thélème*, na qual se reverencia a liberdade e a independência. O senhor vai ocupar o quarto do segundo pavimento. Sei que não se amedronta com os livros que cobrem as paredes: é a continuação da minha biblioteca, que já estava lotada. Estará à sua disposição uma entrada particular, uma porta dá acesso para uma escada estreita que desce até as dependências de serviço. Marion e Poitevin ficarão às suas ordens. O senhor fará as refeições em minha companhia quando quiser ou puder: conheço perfeitamente, por já ter tido essa experiência, as obrigações de sua função. Que esta casa seja seu refúgio. Onde está sua bagagem?

– Embaixo, senhor. Pode ter a certeza de que farei tudo para não incomodá-lo durante muito tempo. Vou começar a procurar...

– Basta! O senhor está querendo me irritar. Não é que o mal-agradecido já quer abandonar seu cantinho?! Exijo que me obedeça. Dedique-se à sua tarefa sem qualquer sentimento de culpa e não seja implicante.

Marion apareceu, guiada por Cyrus, que tinha ido buscá-la na copa e pulava de impaciência.

– Marion, daqui em diante o Sr. Nicolas fará parte de nossa família. Prepare o quarto azul; diga a Poitevin para subir com a bagagem de nosso amigo. *Secundo*: vou oferecer, no próximo domingo, um banquete; faremos também um pouco de música. Seremos cinco, com Nicolas e seus amigos, o Pe. Grégoire, do Convento dos Carmelitas, e o jovem seminarista, o Sr. Pigneau, a quem fui apresentado pelo senhor naquele dia do concerto de música sacra. Finalmente, teremos o Sr. Balbastre[31], organista de Notre-Dame. Vou lhe dar os convites para mandar entregar. Quanto à refeição, Marion, confio em sua experiência para fazer as honras da casa; não há melhores apreciadores de boas iguarias do que os padres e os músicos, exceto, talvez, os magistrados.

Marion tinha escutado o patrão com visível satisfação, juntando as mãos de contentamento. Desapareceu tão rapidamente quanto suas velhas e trôpegas pernas lhe permitiram, a fim de comunicar a boa notícia a Poitevin.

Nicolas descobriu, encantado, o quarto que lhe foi destinado: a alcova, que abrigava um pequeno leito, estava rodeada por duas estantes instaladas na espessura da parede e repletas desde o plinto até a cornija. Ele tinha a impressão de que os livros montavam sempre uma guarda silenciosa a seu redor: ainda criança, havia passado um bom punhado de horas na companhia deles, no sótão da casa de Guérande e, mais tarde, na biblioteca do marquês, em Ranreuil. Nenhum infortúnio poderia ocorrer a quem estivesse protegido por prateleiras de encadernações tranquilizadoras: bastava abrir um volume para que se fizesse ouvir uma melodia sempre emocionante e nunca semelhante. Uma escrivaninha de

tampo cilíndrico, uma poltrona, uma penteadeira e uma pequena lareira completavam o mobiliário do quarto, cujas paredes eram revestidas com papel azul estampado de flores. Nicolas nunca tinha vivido em um luxo parecido: não havia comparação possível com a água-furtada da Rua dos Blancs-Manteaux.

Após a conclusão bem-sucedida de sua visita à Rua Montmartre e com a ajuda do bom tempo, Nicolas dirigiu-se para o Châtelet, cheio de contentamento. Entretanto, nas proximidades do soturno prédio, fez uma rápida averiguação, mas não conseguiu encontrar quem procurava, o sagaz Tirepot. Com certeza, ele ainda não tinha concluído sua missão, que exigia muita prudência. Nicolas estava ciente de que esse tipo de diligência arriscada colocava em perigo, muitas vezes, a vida dos informantes. Não se podia criticá-los por gastarem mais tempo e por multiplicarem as precauções quando suas buscas os conduziam ao âmago das trevas do crime em Paris.

Assim que chegou, perguntou ao carcereiro-chefe onde se encontrava a cela em que, por ordem do inspetor, Semacgustinha sido detido. Ficou sabendo que o Sr. Bourdeau havia permanecido trancado, durante toda a noite, com um prisioneiro desconhecido, registrado sob o nome de “Sr. de Issy”; aliás, o interrogatório ainda não tinha terminado. Tratava-se de uma cela individual, daquelas reservadas a pessoas privilegiadas que, pagando para ocupá-las, dispunham de algum conforto e podiam encomendar as refeições fora da prisão. Nicolas sentiu admiração pela prudência do adjunto.

Depois de ter se identificado, o jovem entrou no cubículo e ficou impressionado com a atmosfera confinada, mistura de fedor de palha e de suor corporal. Pairando acima de tudo isso, os miasmas de fumaça já fria: certamente, Semacgus e Bourdeau tinham acabado por ceder à inclinação comum para o fumo. O inspetor estava de sobrecasaca, com a gravata desatada e a cabeleira cinza desgrenhada. Semacgus, por sua vez, estendido sobre a palha do beliche, dormia com o tricórnio tampando os olhos. Em cima da mesa, carcaças de frangos, dois copos e três garrafas vazias eram o perfeito testemunho de que os trágicos acontecimentos de Vaugirard não tinham tirado o apetite dos dois companheiros.

Nicolas pensou que essa não era a maneira de proceder de um assassino presumido. De imediato, corrigiu-se: a observação podia igualmente confirmar a dureza de coração e a insensibilidade de um criminoso reconhecido. Tomou o fato como lição: qualquer aparência tinha duas faces, segundo julgamento elaborado *a priori*, seja em determinado sentido, seja em outro. Assim, avaliou a fragilidade dos testemunhos humanos sob a influência tanto da disposição de espírito, quanto do primeiro impulso a se manifestar.

Depois de observar atentamente Semacgus deitado, Nicolas sugeriu a Bourdeau que fosse fazer sua toalete e, em seguida, viesse de novo a seu encontro: ele desejava ficar sozinho com o suspeito. Bourdeau aquiesceu, mas não escondeu a decepção que lhe causava esse afastamento. De fato, Nicolas tinha suas razões para preferir uma entrevista sem testemunhas: justificava tal procedimento, sem estar realmente convencido disso, pela necessidade de preservar seu mistério – e, por consequência, sua autoridade – perante o adjunto. A verdade, mais prosaica, residia no fato de que, tendo ocultado de Bourdeau suas aventuras da véspera – e a noite passada no quarto de La Satin –, ele não queria ser pego em flagrante delito de dissimulação.

Nicolas ainda hesitou durante um momento antes de sacudir o ombro de Semacgus: tinha escrúpulos em tirar do repouso um homem suspeito das mais graves acusações pelo qual seus sentimentos não haviam mudado. Semacgus deu um suspiro, endireitou-se e o chapéu rolou no chão. O pavor fugaz que se desenhou em seu rosto desapareceu ao reconhecer Nicolas.

– O vinho do Sr. Bourdeau é mais eficaz por suas qualidades narcóticas e soporíferas do que o elixir opiáceo mais bem concentrado – comentou ele, bocejando. – Nossa, que sono! Mas como seu semblante, meu caro Nicolas, está sério demais...

Levantou-se e, puxando uma cadeira, instalou-se nela como se montasse uma sela.

– Sem dúvida, fico devendo à sua iniciativa ter sido alojado neste quarto. Estou muito agradecido.

Em sua voz, percebia-se ao mesmo tempo reconhecimento e certa ironia.

– Acho que, de fato, tem razão de ficar agradecido – sorriu Nicolas. – Pouco faltou para que, em vez de passar a noite em um desses lugares divinos que são “La Barbarie” ou “Les Chaînes”; talvez tivessem preferido acolhê-lo em “La Fin d’Aise”, célebre por seus répteis e seu lixo, ou ainda em “La Fosse”[32], em forma de cone invertido, na qual, com as costas arqueadas e os pés dentro da água, lhe seria permitido meditar sobre o inconveniente de não depositar confiança nos amigos.

– Oh! oh! Acho que aí há uma indireta, o que exige que quem a soltou também a explique...

Nicolas sentou-se na outra cadeira.

– Quis propositalmente fazer esta entrevista sem testemunhas – prosseguiu ele. – Não é um interrogatório oficial; talvez ele venha a ocorrer, mas, por enquanto, eu gostaria de lhe falar a respeito de alguns fatos com a maior franqueza possível. Não queira ver nisso malícia ou astúcia da minha parte: sem dúvida, vai perceber inclusive um pouco de candura, mas trata-se de uma parte preservada de mim mesmo que ainda não pretendo abandonar. No entanto, a fortaleza está sob assédio, e o senhor tem contribuído para isso...

Semacgus escutava sem manifestar nenhuma emoção em particular.

– O senhor, em nenhum momento, pôs suas cartas na mesa; desde nosso encontro na Basse-Geôle, se mostrou esquivo, impreciso e dissimulado. Se estiver de acordo, vamos retomar nossa conversa. O senhor declarou ter deixado a casa de La Paulet às três horas da madrugada: naquele momento, tal precisão, por parte de alguém que saía de uma farra, me surpreendeu. Desde aquele instante, o senhor era suspeito...

– Do assassinato de Lardin?

– Suspeito. É o senhor quem, pela segunda vez, evoca o hipotético assassinato do delegado. E era também reconhecido

como culpado de dissimulação. Assim, chegou a declarar, mais tarde, ter cedido apenas uma vez a Louise Lardin. Ora, segundo consta, de acordo com testemunhos aceitáveis, sua ligação com a mulher de seu amigo ainda perduraria e, talvez, se mantenha até este momento. Enfim...

Do bolso do paletó, Nicolas tirou um papel em branco e fingiu que estava lendo.

– “Declarou ter recebido um luís para dizer e afirmar que o desconhecido permanecera com ela até as três horas da madrugada e para nunca confessar que ele tinha saído bem antes. Interrogada sobre este ponto, disse e repetiu que o desconhecido tinha saído, sem que alguém pudesse vê-lo, pela porta secreta do jardim, utilizada pelos jogadores em caso de batida da polícia. À pergunta – a que horas ele foi embora? –, a mencionada jovem respondeu: ‘Meia-noite e quinze’.” Essa moça chama-se La Satin. É inútil perguntar se o senhor a conhece, não é mesmo?

– Nicolas, o senhor coloca as perguntas e dá as respostas; ademais, será que tudo isso tem algo a ver com o assassinato do Dr. Descart?

– Com efeito, esse vínculo carece ainda de comprovação. Estou tentando, simplesmente, levá-lo a compreender que um magistrado que não o conhecesse e fosse incumbido de examinar seu caso no que se refere ao sumiço de Lardin acabaria, com toda a boa-fé, por duvidar de suas declarações. Imagine, em seguida, que esse mesmo magistrado volte a encontrá-lo em outro caso de assassinato e, ainda por cima, no assassinato de um homem com o qual, de conhecimento público, o senhor mantinha relações que, no mínimo, eram difíceis. Coloque juntas todas essas convergências de impressões e de fatos: que conclusão o senhor tiraria sobre as possíveis saídas para tais casos? Avalie, então, a possibilidade de ter de lidar comigo, com um amigo que – é um fato – detém um poder discricionário sobre a instrução desses casos e espera que o senhor nada tenha a ver com esses dois dramas. Considere, portanto, minha posição e pondere se não chegou o momento de me revelar as circunstâncias verdadeiras e reais, além das condições que o teriam levado a se envolver em tais situações.

Um longo silêncio seguiu esse discurso, pronunciado em voz enfática e pontuado por Nicolas, em várias ocasiões, com batidas das mãos na superfície imunda da mesa. Semacgus, pensativo, levantou-se, deu alguns passos na cela, voltou a sentar-se e, soltando um suspiro, tomou a palavra.

– Fiquei abalado, meu caro Nicolas, com suas palavras e com os sentimentos em que se inspiram. Eu não tinha avaliado ainda a vantagem de ter um amigo como investigador. Queira perdoar-me, mas sua promoção foi tão repentina que, apesar de minha estima por sua pessoa, eu estava longe de depositar em suas capacidades a confiança exigida pelas circunstâncias. Assim, por favor, façamos tábula rasa de minhas evasivas passadas: estou pronto a responder a todas as suas perguntas. Mas quero adverti-lo do seguinte: as evidências são suscetíveis de conduzir, às vezes, a falsas certezas. É um inocente quem lhe fala.

– Meu amigo, é precisamente o que eu gostaria de ouvir. Vou começar por solicitar que me explique – Bourdeau já me forneceu os detalhes sobre a descoberta do corpo de Descart – as condições em que o senhor foi convocado a encontrá-lo, anteontem à noite.

Tendo refletido durante um momento, Semacgus iniciou seu depoimento:

– Por volta de nove horas, alguém tocou a campainha de minha residência. Awa, que continua à espera de notícias de Saint-Louis, precipitou-se para a porta: no chão, encontrou uma carta dobrada em quatro e colada com massa de farinha. Não sabendo o que fazer, veio imediatamente entregar-me o papel. Eu o abri...

Semacgus vasculhou o avesso de sua manga direita e tirou um bilhetinho, que entregou a Nicolas.

– Não tem endereço... – constatou o jovem. – Nenhuma marca na massa de farinha. Vejamos... “Venha, hoje à tarde, a minha casa, estarei à sua espera às cinco horas e meia. Henri Descart.” O bilhete foi rasgado de uma folha de papel...

– Já estava assim quando o recebi das mãos de Awa; mas Descart era parcimonioso, para não dizer avarento.

– Awa poderia ter cortado um pedaço?

– Impossível, ela não sabe ler; e pode reparar que as dobras coincidem, inclusive com os restos da massa de farinha.

– É verdade. Qual foi sua primeira reação ao ler esse bilhete? A escrita de Descart não era estranha ao senhor...

– De fato, na época em que nossas relações eram mais frequentes, ele me enviava a descrição de práticas indignas de sua ciência; portanto, reconheci perfeitamente sua letra. Para dizer a verdade, fiquei intrigado pelo laconismo da carta, mas o personagem era estranho e considerei o convite como o que ele parecia ser, ou seja, um pedido de entrevista. Esquentei a cabeça para adivinhar seu propósito. Nosso último encontro – o senhor estava presente – tinha acabado daquele modo intempestivo; no fundo, eu não esperava uma proposta de reconciliação.

– O senhor disse a Bourdeau que somente uma razão grave, relacionada com o exercício de seu ofício, podia justificar essa convocação.

– Com certeza, eu podia imaginar que fizesse questão de me informar a respeito do processo instaurado por ele no sentido de me proibir o exercício da medicina... a mim, que sou cirurgião da Marinha. Ele teria ficado extremamente satisfeito com esse gênero de provocação.

– Por que motivo o senhor chegou a Vaugirard antes da hora marcada?

– Eu devia entregar um herbário de espécimes tropicais no Jardin des Plantes. Tinha previsto meu horário com folga, até porque o tempo estava ameaçando piorar. Portanto, voltei a Vaugirard e não achei qualquer inconveniente em chegar um pouco antes da hora prevista à casa de Descart.

– Ao descobrir o corpo de Descart, ficou impressionado com algo em particular?

– Eu estava fora de mim, tendo compreendido imediatamente a cilada em que caíra e que ia me transformar em um suspeito na medida certa. Constatei o óbito. Vi a lanceta, que me fez lembrar

nossa controvérsia sobre o procedimento da sangria e percebi que o instrumento do crime também ia testemunhar contra mim! E não vi mais nada. Convém não esquecer que, para iluminar, eu dispunha apenas de um toco de vela.

De propósito, Nicolas fez perdurar o silêncio que se estabeleceu. Semacgus segurava a cabeça entre as mãos.

– Meu amigo – disse o jovem –, alguns elementos, conhecidos exclusivamente por mim, me levam a considerar seu relato como verídico. Mas agora terá de me responder sobre o que, a partir de evidências, sou levado a crer que se trata de uma sequência de mentiras. A que horas o senhor deixou o estabelecimento de La Paulet, na sexta-feira passada?

– O senhor me coloca a pergunta e já conhece a resposta.

– Eu gostaria de ouvir a confirmação dessa resposta de sua própria boca – o que não explica que o senhor o tenha ocultado na primeira vez que lhe formulei tal pergunta. Por que toda essa dissimulação com aquela jovem?

– O senhor me constrange, Nicolas, a admitir o que eu pretendia esconder para não comprometer uma terceira pessoa...

– Com quem o senhor não tinha rompido o relacionamento... aliás, que continuava a frequentar...

Semacgus fixava Nicolas.

– Já não me surpreende que o Sr. de Sartine lhe tenha confiado esta investigação: o senhor pensa e deduz com antecedência o que irá se passar. O senhor será um temível adversário para os criminosos.

– Nada de lisonjas, Semacgus. Em vez disso, explique-me o motivo pelo qual foi encontrar a Sr.ª Lardin naquela noite, quando, afinal, o marido acabava de sair furioso do Dauphin Couronné e era mais que provável que voltasse para casa?

– O senhor me obriga a entrar em detalhes humilhantes, Nicolas. Eu tinha combinado com Louise que o caminho estaria desimpedido quando ela deixasse uma vela acesa na janela de seu quarto. E, por conhecer Lardin, era quase certo que sua raiva o levaria a

vagabundear, de espelunca em espelunca, até o alvorecer; de modo que eu não corria grandes riscos.

– Até que horas o senhor ficou na Rua dos Blancs-Manteaux?

– Até as seis... Quase esbarrei em Catherine que estava chegando para trabalhar.

– Voltou a encontrar a Sr.ª Lardin depois desse dia?

– Não, nunca mais.

– O senhor me disse que Descart era amante dela. Isso não o incomodava um pouco?

– O senhor é cruel, Nicolas. A paixão acaba desculpando certos comportamentos reprovados pela moral.

– O senhor me disse também que Catherine sabia do caso com Descart. O senhor acha que ela falou disso com Marie Lardin?

– Sem dúvida alguma, Catherine tirava partido de qualquer coisa para prejudicar Louise. E confidenciava tudo a Marie, que odiava a madrasta. Com seu aspecto de religiosa e apesar de sua idade avançada, é um temperamento impetuoso. Ela adorava o patrão, que não deixava de compensá-la por isso.

Nicolas continuava refletindo. Teria sido possível que a amável Marie... Voltou a pensar nas pegadas colhidas em Vaugirard, tão semelhantes às botinas encontradas no quarto da moça na Rua dos Blancs-Manteaux.

– Semacgus, como é que o senhor pode ter afeição por Louise Lardin?

– Não queira perder seu tempo para conhecer tais razões. Fique sabendo que a pior coisa é amar sem estimar. Afinal, Nicolas, o senhor tem notícias de Saint-Louis?

– Nenhuma, e não quero lhe dar falsas expectativas a respeito.

Semacgus baixou a cabeça e, abatido, virou-se para a parede.

– Meu amigo – prosseguiu Nicolas após um momento de silêncio –, devo pedir-lhe ainda uma coisa. Para sua segurança, assim como para o bom desenrolar da investigação, tenho de mantê-lo

escondido. Espero concluir minha missão o mais rapidamente possível. Não tenho nenhuma confiança nas celas do Châtelet, local em que qualquer pessoa pode entrar: vou mandar transferi-lo para a Bastilha, garanto que essa medida é preferível. É sua vida que está em risco, e algumas celas contêm certa porção de arsênico e predispõem a estranhos suicídios, isso já foi constatado; nesse caso, a instrução é encerrada e os verdadeiros culpados ficam impunes. Ora, nesses dois casos que investigo, existem pessoas nem um pouco recomendáveis.

– Que posso fazer, além de me conformar com sua decisão?

– Nada, realmente, mas que não lhe falte confiança. Mantenha-se ocupado. Darei instruções para que nada lhe seja recusado na Bastilha, faça a lista do que precisa. Assim, vai desaparecer para o mundo exterior, diminuindo os riscos contra sua vida. Confie em mim.

Semacgus lançou-lhe um olhar resignado. Depois de cumprimentá-lo, Nicolas saiu, trancou cuidadosamente a cela e foi à procura do inspetor Bourdeau. Acabou por descobri-lo no escritório de plantão, sentado à mesa diante de uma tigela de sopa que lhe tinha sido fornecida pelo velho Marie.

Nicolas sentiu-se culpado por ter afastado o inspetor, de maneira tão impertinente, da entrevista com Semacgus, mas Bourdeau evitou qualquer tipo de constrangimento ao lhe estender, sem pronunciar uma palavra, dois envelopes: o primeiro exibia seu endereço redigido com caracteres altos e firmes, além de estar lacrado com um selo de cera vermelha, contendo “ouro com a faixa transversal de esmalte azul ornada com três sardinhas prateadas”[33], que ele reconheceu como o do Sr. de Sartine. O outro, cuja letra era esguia, fez palpitar seu coração: mentalmente, contou os dias transcorridos desde seu último encontro com Isabelle. Foi o tempo – mais de uma semana – necessário ao correio real para percorrer a distância entre Guérande e Paris. A carta deveria ter sido enviada no sábado ao meio-dia ou na segunda-feira; enfiou-a por baixo da camisa, em contato com a pele, na intenção de lê-la mais tarde, sem pressa. Entretanto, abriu o sobrescrito do superintendente-geral da polícia. A mensagem era lacônica: considerando que o rei

acompanharia Madame de Pompadour ao castelo de Choisy, a audiência semanal em que ele despachava com o Sr. de Sartine, todos os domingos, em Versalhes, tinha sido adiada. Essa circunstância “oferecia um prazo suplementar para esclarecer rapidamente o caso em questão”. Ao concluir a missiva, ele incentivava Nicolas “a não poupar nada nem ninguém para ser bem-sucedido em sua missão”. O tempo necessário a essa leitura tinha permitido que Bourdeau recuperasse seu bom humor; aliás, seu agastamento era sempre de pouca duração. Sem dizer uma palavra, Nicolas estendeu-lhe o bilhete de Descart e, enquanto o inspetor o examinava, ele teve de se conter para não abrir a carta de Isabelle.

– O que lhe parece, Bourdeau? – perguntou-lhe Nicolas.

– Acho, Sr. Le Floch, que este pedaço de papel poderia perfeitamente fazer parte de uma carta e ter sido recortado posteriormente para um uso específico.

– Vejo que nossas opiniões sobre esse ponto coincidem. Resta saber qual teria sido o motivo e quem é o autor dessa montagem. Quero parabenizá-lo pelas providências tomadas em Vaugirard. Encontrei-me com Rabouine, que me prestou um bom serviço, e posso dizer o mesmo a respeito do homem que estava de tocaia na Rua dos Blancs-Manteaux.

Bourdeau corou de prazer e pareceu totalmente refeito de sua decepção.

– Ao ser substituído, ele me apresentou um relatório – acrescentou o inspetor. – Viu a Sr.ª Lardin sair às nove horas e...

– Impossível! – exclamou Nicolas –, ele próprio me disse que não a tinha visto voltar para casa durante a noite! Ou, então, cochilou, o que seria compreensível, por causa do frio.

– Eu ia precisamente chamar sua atenção para este fato: o informante garante que não cochilou. E estou inclinado a acreditar nele, já tem sido utilizado em outras missões e nunca encontrei nenhuma falha em seu serviço.

– Ora essa! Temos de averiguar o que se passou: seja qual for o mistério, há sempre uma explicação. Mantenha a casa dos Lardin

sob vigilância reforçada. Talvez seja necessário mandar alguém no encalço da mulher do delegado, o que lhe parece?

– Esta manhã, tomei a liberdade de ordenar tal operação.

– O senhor é perfeito, Bourdeau.

– Tão perfeito que nem estou ao corrente do essencial.

Nicolas tinha-se regozijado cedo demais e se arrependeu de ter feito esse comentário: ainda lhe faltava experiência para lidar com seus semelhantes. No entanto, para sair da situação, deu uma gargalhada.

– Bourdeau, o senhor é um bobo. Então, ainda não entendeu que eu nada tinha a esperar de um homem com a idade e o caráter de Semacgus, que havia sido interrogado diante do senhor, que é igualmente respeitável e com grande experiência de vida? Pensei que tivesse compreendido que eu não estava implicando com sua pessoa. E, como prova disso, veja o resumo do que foi apurado até agora. Semacgus mentiu para nós: ele saiu do Dauphin Couronné à meia-noite e quinze para encontrar a Sr.ª Lardin, com quem ficou até as seis horas. Em relação a Vaugirard, tenho a convicção de que ele não está envolvido. Rabouine já lhe disse, certamente, que havia alguém dentro da casa enquanto o senhor tratava da remoção do cadáver. E, em seguida, ela foi minuciosamente vasculhada. Eis, meu caro Bourdeau, um jeito de curar as feridas de seu amor-próprio.

Bourdeau abanou a cabeça sem responder.

– Falando de Rabouine e dos outros informantes – ele voltou ao assunto –, tenho de submeter-lhe, senhor, a lista das despesas e honorários que desembolsei, desde segunda-feira, na investigação desses dois casos. O dinheiro para todos esses pagamentos saiu do meu bolso. Eis aqui o detalhamento das operações e o respectivo custo. De acordo com o costume, a conta deve ser assinada pelo Sr. de Sartine e, em seguida, entregue ao chefe do Departamento de Fundos e Contencioso do Controle Geral, que envia uma ordem de pagamento da despesa em questão. É um processo longo... Mas, para uma investigação extraordinária, pagamento extraordinário. O Sr. de Sartine me proveu do necessário para as despesas.

Nicolas observou, perplexo, a folha de papel estendida por Bourdeau: na margem esquerda, estava redigida a justificação das despesas e, na direita, as colunas com a contagem dos dias de trabalho do oficial de justiça e do beleguim, além dos totais. Notou, com curiosidade, os gastos extraordinários feitos pelo inspetor e seus auxiliares, assim como o número de fiacres utilizados para os deslocamentos no decorrer da investigação. A atividade dos diversos informantes estava também registrada, além dos honorários tanto de Sanson, quanto dos dois médicos do Châtelet. E igualmente os custos tanto dos deslocamentos a Montfaucon e a Vaugirard, quanto das celas individuais ocupadas pela velha Émilie e por Semacgus. Elevando-se o total a 85 libras, Nicolas quis fazer o reembolso com a soma adiantada por Sartine, mas deu-se conta de que seu viático de 20 luíses, já bem desfalcado, não seria suficiente para tal operação. Assim, deu metade do que tinha a Bourdeau.

– Eis um pagamento por conta: vou empenhar-me para conseguir rapidamente a soma restante. Assine aí um recibo.

Bourdeau rabiscou algumas palavras no verso da lista.

– Vou deixar-lhe um bilhete para entregar ao Sr. de Sartine, a fim de informá-lo sobre os últimos acontecimentos, pedir-lhe mais recursos em dinheiro e solicitar a assinatura de uma ordem régia para colocar Semacgus em segurança na Bastilha. O senhor deverá fazer essa operação sob uma guarda reforçada: em vez de recear uma eventual tentativa de fuga, quero evitar qualquer atentado contra ele. Ainda ignoramos quem está por trás desses casos. Durante esse tempo, vou fazer algumas averiguações. Estava esquecendo de dizer-lhe, Bourdeau, que mudei de casa. Considerando as circunstâncias, eu não podia permanecer na residência dos Lardin e, aliás, a Sr.ª Lardin pôs-me, propriamente falando, no olho da rua. Por enquanto, estou alojado na casa do Sr. de Noblecourt, na Rua Montmartre, o senhor o conhece.

– Minha residência, Sr. Le Floch, está à sua disposição.

– Fico lisonjeado por sua oferta, Bourdeau, mas o senhor já tem outras pessoas a seu encargo.

Nicolas sentou-se para escrever o bilhete para Sartine; em seguida, despediu-se do inspetor e saiu do Châtelet. Impaciente por conhecer o conteúdo da carta de Isabelle, andou a passos largos em direção ao Sena.

28 Alain-René Lesage (1668-1747), nascido em Sarzeau, na Bretanha, foi romancista e dramaturgo. [*Le diable boiteux,* em tradução literal, é *O diabo coxo*. (N.T.)]

29 Produto utilizado para a lavagem de roupas, à guisa de sabão. [N.T.]

30 “Ele desprezava a riqueza, além de estar aferrado à prática do bem e ser inacessível à intimidação” (Tácito, *Histórias*, Livro IV, 5).

31 Claude Balbastre (1724-1799), compositor e organista francês.

32 “Barbárie”, “Correntes”, “Fim do ócio” e “Enxovia”, respectivamente: foram as masmorras mais célebres do Châtelet. Desde 1670, um édito de Louis XIV havia determinado que “as prisões do Châtelet fossem apresentáveis”, mas a decisão de suprimi-las só foi tomada por Louis XVI, em 1780. [N.T.]

33 Armas do brasão de Antoine Gabriel de Sartine, que, recentemente enobrecido (Conde de Alby), tinha exigido que nelas figurasse a imagem do peixe [em francês: *sardine*] vendido, outrora, por um de seus antepassados, merceeiro, e que evocava seu patronímico.

XI
Fare niente

Como um viajante obrigado,
pelas necessidades da natureza,
a repousar no meio do dia,
ainda que pressionado pelo tempo,
o arcanjo deteve-se entre o mundo
destruído e o mundo restaurado.
Milton

O Sena deslizava aos pés de Nicolas. A praia fluvial tinha sido invadida por uma camada irregular de neve e de lama congeladas que deixava entrever, em determinados lugares, a vasa líquida. As águas cinzentas e tumultuosas deslizavam tão rapidamente que não permitiam ao olhar acompanhar seu fluxo estrepitoso. Troncos de árvores, arrancados a montante da cidade, surgiam e logo desapareciam nos redemoinhos da enchente. Uma contracorrente agitava o rio em movimentos violentos que encobriam a placa gelada como uma ressaca. Fechando os olhos, Nicolas teria conseguido acreditar que estava à beira do oceano: tal impressão era reforçada pelos gritos estridentes de pássaros marinhos que pairavam, com as asas abertas contra o vento, espreitando a mínima carniça carregada pela corrente. Somente o fedor exalado pela vasa em degelo, carregada e revolvida pela enxurrada, dissipava sua ilusão. A contemplação do rio não tinha afastado a

dúvida que assediava Nicolas. Pela terceira vez, relia a carta de Isabelle. As palavras dançavam diante de seus olhos. Não conseguia compreender o significado dessa mensagem, de tal modo ela lhe parecia inquietante, confusa e contraditória:

Nicolas,

Confio esta carta a La Ribotte, minha camareira, para entregá-la na agência postal de Guérande. Suplico ao Senhor Deus que ela chegue a suas mãos. Meu pai tem andado muito mal-humorado depois que você se foi embora e fica vigiando todos os meus passos. Desde ontem, está acamado e não diz sequer uma palavra. Mandei chamar o boticário.

Nem sei o que pensar daquela horrível cena. Meu pai tinha afeição por você e você o respeitava. Como foi possível terem chegado àquele ponto?

Quanto a mim, continuo agoniada por estar longe de você novamente. Não sei se fica bem confessar-lhe a aflição em que me deixou sua partida tão precipitada. Somente o apego que sei que você tem por minha pessoa proporciona um leve alívio à minha dor. Imagino que sua alma seja suficientemente terna e generosa para evitar perseguir um coração que não consegue entregar-se livremente à sua inclinação. Veja só, já não sei o que digo. Adeus, meu amigo. Mande-me notícias suas, a descrição de seus detalhes me compensará da tristeza que me domina. Mas não, é preferível que me esqueça.

Castelo de Ranreuil, em 2 de fevereiro de 1761.

O jovem tentou, uma vez mais, tornar claras as razões de seu mal-estar. A alegria de receber uma carta de sua amiga transformara-se aos poucos em uma surda inquietação, à medida que as palavras se sucediam. Ficou preocupado, antes de mais nada, com a saúde do padrinho; o resto limitava-se a despertar a incerteza, agravada pela escolha dos termos e pela ordem das frases. Tendo chegado a Paris há mais de dois anos, ele já tivera a

oportunidade de ir à Ópera. Ora, a mensagem de Isabelle poderia pertencer a algum libreto de má qualidade. Os sentimentos manifestados pareciam forçados. Ele suspeitava, sem ter a explicação para isso, de uma espécie de comédia, e, em resumo, de uma forma de afetação, em discordância com a gravidade da situação. Lembrou que já tinha tido essa impressão no momento de seu reencontro com Isabelle no castelo de Ranreuil. A cena representada por eles, nesse momento, pertencia a um repertório conhecido: tratava-se, precisamente, do episódio da desfeita amorosa, tão frequentemente repetido pelos jovens amantes nas peças do Sr. de Marivaux. Quem sabe se a inteireza de seu compromisso não correspondia, na Srt.ª de Ranreuil, a um passatempo ou uma aparência de paixão, destinados a proporcionar-lhe as emoções fúteis da comédia amorosa? Talvez ele tivesse inventado uma amante sem avaliar os riscos de se abandonar a um sonho. No mais recôndito de si mesmo, pressentia que um amor que precisasse ser protegido como uma terra ameaçada, que se deve explicar e defender como um advogado num tribunal, talvez já fosse um amor agonizante. E ele próprio não tinha se comprometido, de maneira leviana e inconsciente, em uma ligação cuja explicação poderia ser encontrada em uma infância compartilhada e no glamour fascinante de uma influente família da alta sociedade? Como teve a ousadia de acreditar que um enjeitado pudesse olhar tão alto, para um lugar tão distante de sua própria condição? Assim, ficou mergulhado em um fluxo de amargura, acompanhada pelo ressentimento acumulado pelas humilhações suportadas no passado. Por momentos, era invadido pela esperança; então, as palavras de Isabelle assumiam imediatamente outro sentido. Acabou por decidir adiar o debate consigo mesmo e, depois de deambular durante algum tempo, completamente desorientado, encontrou-se diante do Hôtel-de-Ville.

Havia desperdiçado muito tempo com fúteis devaneios. Arrependeu-se por isso e, em seguida, decidiu que nada, no fundo, haveria de apressá-lo naquele instante. Assim, optou por fazer as coisas devagar e, deixando o Hôtel-de-Ville à sua esquerda, seguiu

pela margem do rio, deparou-se com a igreja de Saint-Gervais e, ignorando a agitação do Mercado Saint-Jean, chegou à entrada da Rua Vieille-du-Temple. Como a loja do mestre Vachon, alfaiate, não tinha acesso direito para a rua, era necessário passar pelo pórtico destinado a carruagens de uma velha mansão particular, cujos proprietários tinham sido obrigados, em decorrência dos infortúnios da época, a alugar as dependências de serviço e o térreo para artesãos. O dono da alfaiataria já tinha explicado a Nicolas que, por ter adquirido sua reputação como especialista, a discrição inevitável de seu estabelecimento – que dava para um pátio pavimentado – tornara-se uma vantagem para seus clientes ricos: os veículos podiam deixar os ocupantes diante da loja, sem serem importunados pela curiosidade dos passantes nem obrigados a se sujar na lama barrenta da rua.

A visita de Nicolas tinha vários objetivos: por um lado, ele desejava renovar um guarda-roupa já bastante gasto e que fora desfalcado pela perda das roupas abandonadas na igreja de Saint-Eustache; por outro lado, pretendia interrogar o Sr. Vachon sobre os costumes de outro de seus clientes, o delegado Lardin.

Quando empurrou a porta, Nicolas ficou impressionado pela inadequação do interior da loja. A escuridão precisava ser combatida pela multiplicação dos pontos de luz, com o reforço de uma grande quantidade de velas. Assim, aquele templo da elegância parecia, para o freguês desprevenido, uma capela profusamente iluminada. Mestre Vachon, coberto por um pano cinza, discorria em voz alta e, ao mesmo tempo, batia no chão com uma daquelas bengalas usadas no século anterior. Suas palavras eram dirigidas a três aprendizes que, completamente envolvidos pelo amontoado de dobras de tecidos, costuravam sentados, com as pernas cruzadas, na bancada de carvalho claro.

– Época maldita esta, em que o rei tolera essa idiota corja financeira! – clamava Vachon. – Bastou que um Controlador Geral da Fazenda viesse nos sobrecarregar com impostos escorchantes para que se desencadeassem reações imbecis. Faz-se um acordo para julgar e decidir que todo mundo, daqui em diante, viverá na miséria. Cada um adota, então, uma excessiva mesquinharia, não

para provar que o ministro está equivocado, mas para zombar. E como, na França, a moda domina as mentes, cada um procura exagerar o máximo possível. Nada de pregas, meus senhores, sem bolsinhos de colete, nada de enfeites: a amplitude desaparece, a fralda da camisa encurta, a parte da frente é recortada para ganhar movimento... A linha, seu tonto! A linha mais comprida! Não paro de dizer isso, mas é como se eu estivesse cantando...

Ele bradava diante de um dos aprendizes que, debaixo da tempestade, se encolhia até quase desaparecer no meio do cetim.

– E os bordados? Nesse caso, também, fazer economias, para não dizer, tornar-se avaro! Os mestres joalheiros estão desesperados: as pedras são substituídas por vulgares lantejoulas, por vidro aventurina[34] e por *strass*[35], essa desastrosa invenção estrangeira. Ah! que miséria... Nossos agradecimentos ao Sr. de Silhouette[36]! Vamos pintar sua efígie, como placa para nossas lojas, "Os comerciantes o amaldiçoam e..." Mas... é o Sr. Le Floch, que nos dá a honra de sua visita!

O Sr. Vachon se inclinou e seu velho rosto amarelado se iluminou com um sorriso encantador. Era um homem alto, esguio, na faixa dos sessenta anos, e a força de sua voz surpreendia sempre, vinda de um corpo tão magro.

– Mestre Vachon, minhas saudações – disse Nicolas –, e constato que sua saúde é boa, a levar em conta seu entusiasmo.

– Por gentileza, não me leve a mal: o senhor sabe a suscetibilidade do negócio quando seus interesses estão em jogo.

– Longe de mim tal pensamento. Estou aqui para renovar uma parte de meu guarda-roupa. Pretendo encomendar um traje sólido e resistente para meu trabalho cotidiano, um *manteau*, alguns culotes e, talvez, também algo mais distinto, mais elegante, para eu vestir em qualquer cerimônia na cidade ou quando for à Ópera. Mas o senhor conhece essas coisas melhor do que eu, portanto, aguardo seus conselhos.

Vachon se inclinou novamente, encostou a bengala na mesa e pôs-se a observar as camadas de tecidos arrumados nas prateleiras. Seu olhar ia e vinha entre os panos e o cliente.

– Homem jovem... com frequência, fora de casa... confortável. Esse tecido castanho deve servir. Sugiro um traje com alamares, acessórios verde-oliva, para evitar que ele fique esvoaçando, culotes do mesmo tecido. Não me fale em *manteau*, isso é bom para o pessoal do interior que está viajando e para os soldados da cavalaria. Já não está na moda. Para o senhor, o mais conveniente é uma sobrecasaca, uma bela sobrecasaca de pano macio com forro duplo: ela ficará bem quente, para este inverno gelado. E, em vez de uma, farei – para o senhor e pelo mesmo preço – duas capas bem amplas... e pior para o Sr. de Silhouette. No que diz respeito ao traje, digamos, de cerimônia, ocorre-me uma ideia. O que acha deste aqui?

De uma embalagem de papel de seda, tirou com precaução um traje de veludo verde-garrafa, discretamente debruado de prata.

– Este traje, magnífico, ficou sem destino devido à partida precipitada de um barão prussiano. Ele tinha mais ou menos sua estatura: será necessário fazer apenas alguns retoques, assim como descosturar esta condecoração, bordada por encomenda. Aceita prová-lo?

Nicolas seguiu o alfaiate que lhe indicou um pequeno cômodo mobiliado com um espelho grande. O jovem vestiu, sem prestar muita atenção, o traje verde. Quando levantou a cabeça para se observar no espelho, teve a sensação de estar olhando para um estranho. O traje tinha sido cortado com toda a precisão e era talhado para ele. Tornava-o mais esbelto, realçando a perfeição de suas proporções. O novo personagem, que o olhava com uma reserva espantada, lembrou-lhe os senhores inatingíveis que, quando criança, espreitava sorrateiramente no salão do marquês de Ranreuil. Virou-se e deu alguns passos pela loja. Vachon, que passava uma descompostura num de seus aprendizes, deteve-se bruscamente, e todos prenderam a respiração diante da nobreza de tal aparição, reforçada pela condecoração que brilhava à altura do peito. Nicolas acreditou, momentaneamente, ter sido transportado para outra existência. O alfaiate quebrou o encanto. Parecia pouco à vontade.

– Fica-lhe muito bem, quero dizer, perfeitamente bem. Só falta a espada para apresentar-se em Versalhes. O que lhe parece?

– Vou levá-lo – respondeu Nicolas. – Mande descosturar a condecoração e desapertar um pouco os culotes. Quando estará pronto?

– A partir de amanhã. Mandarei entregá-lo na casa do delegado Lardin. Como está ele?

Nicolas se alegrou; o próprio Vachon tinha-lhe fornecido a abertura que procurava.

– Desde quando o senhor não o vê?

– Exatamente logo depois da Epifania. Ele veio encomendar – apesar de não ser meu costume fazê-las – quatro capas de cetim preto com suas máscaras, além de um desses gibões de couro com os quais, há muitos anos, ele gosta de se vestir.

– As capas... eram todas do mesmo tamanho?

– Idênticas.

– E chegou a entregar-lhe essa encomenda?

– Nem foi preciso! O próprio delegado veio buscá-las nos últimos dias do mês de janeiro. Mas o senhor me deixa inquieto. Será que ele não ficou satisfeito com o serviço?

– O senhor acabará por saber que, desde o dia 2 de fevereiro passado, o Sr. Lardin não voltou a seu domicílio e que a polícia – este vosso servidor – anda à sua procura.

Nicolas imaginou que esse anúncio repentino levaria mestre Vachon a deixar escapar alguma observação. Nada disso aconteceu. Passado o primeiro momento de estupefação, o alfaiate limitou-se a mencionar detalhes secundários e a fazer medições, além de, todo prestativo, garantir que tudo seria providenciado para satisfazer o protegido do Sr. de Sartine. Antes de sair da loja, o jovem informou seu novo endereço.

Ao se ver na Rua Vieille-du-Temple, Nicolas teve a ideia de avançar até a Rua dos Blancs-Manteaux, nas proximidades. Avistou rapidamente o novo informante de plantão, a quem se apresentou. A

Sr.ª Lardin estava em casa. Com a divulgação, na vizinhança, do boato de que a cozinheira havia sido despedida, várias matronas e uma moça tinham vindo oferecer seus serviços. O informante, rapaz atraente, tinha facilmente entabulado conversa com elas, que ficaram mais do que felizes em comentar acremente seu vexame: recebidas por uma Louise mal-humorada e arrogante, ouviram dela que “não tinha necessidade de ninguém”, antes de, rispidamente, bater a porta na cara delas. Na última noite que dormiu ali, Nicolas tinha notado o quanto a casa estava desleixada: nunca, por exemplo, Catherine teria deixado apodrecer uma peça de caça no porão. Uma infinidade de detalhes do interior da residência comprovava a mais completa displicência. Como é que a Sr.ª Lardin, tão requintada e exigente, poderia tolerar tal desordem em sua casa? Nicolas sabia perfeitamente que ela não queria qualquer testemunha em sua mansão; por isso é que Catherine e ele tinham sido postos na rua, enquanto Marie teria sido encaminhada para a casa da madrinha.

O informante contou também que um personagem – parecido com o delegado Lardin – tinha aparecido na porta da igreja dos Blancs-Manteaux. Ele tinha se precipitado para dentro do edifício ao perceber a presença do espião, que, imediatamente, saíra em sua perseguição, mas sem resultado: o convento possuía outras saídas. Questionado por Nicolas a respeito das razões que o levaram a pensar que se tratava do desaparecido, o informante respondeu que havia reconhecido o gibão de couro tão característico do delegado, mas não tinha conseguido entrever o rosto do desconhecido.

Nada tendo comido além do chocolate e do pão mimoso na casa do Sr. de Noblecourt, Nicolas sentia-se incomodado pela fome. Todavia, ainda tinha uma diligência a executar: com a morte de Descart, quem seria o herdeiro de seus bens e de sua fortuna? De acordo com algumas informações – em particular, as de La Paulet –, o valor dessa herança não era desprezível. Por sorte, Nicolas tinha escutado os Lardin citar o nome do notário de Descart por ocasião da venda de um pomar em Popincourt do qual o delegado, acuado por dívidas, desejava se desfazer: tratava-se do advogado Duport, cujo cartório ficava na Rua de Bussy, na margem esquerda do rio.

Como o tempo se mantinha agradável, Nicolas decidiu fazer o trajeto a pé. A atmosfera era límpida e gelada, penetrando no peito como uma aguardente. Uma luz resplandecente, que acabava de transpor o zênite, hesitava em se dissipar. A cidade parecia ter sido como que reconstruída pela claridade e pelo gelo. Recusando-se a se demorar demais no bairro Saint-Avoye, o jovem tomou o caminho mais curto com a intenção de recuperar as forças em uma das tabernas da Rua de Boucheries-Saint-Germain.

Enquanto caminhava, ele rememorava sua manhã. Com toda a evidência, o Sr. de Noblecourt experimentava algumas ressalvas em relação a Lardin e suspeitava de estranhas tramoias em torno daquele casal que, sem qualquer dissimulação, já reconhecia como desunido.

Quanto à visita ao mestre Vachon, ela havia, de qualquer modo, comprovado duas coisas: a primeira – que, até então, não tinha, para ele, qualquer significado particular –, era que Lardin dispunha de vários gibões de couro. Os resquícios de um deles, descobertos em Montfaucon, constituíam uma das provas da morte do delegado e tendiam a confirmar a identidade do cadáver. Essa constatação tomava um rumo ainda mais estranho, após o relatório do informante da Rua dos Blancs-Manteaux. O segundo ponto referia-se à encomenda, por Lardin, de *quatro* capas de cetim preto. Para que serviriam quatro disfarces de Carnaval? Nicolas via perfeitamente a quem eram destinadas três dessas peças: uma para Lardin, outra para Semacgus e a terceira, para Descart. Nesse caso, a conta estava certa em relação aos participantes da “farra” no Dauphin Couronné. Mas a quem seria destinada a quarta capa? Louise Lardin tinha saído naquela sexta-feira à noite – o testemunho de Catherine era formal – também vestida com uma capa de cetim preto: teria sido uma das encomendadas a mestre Vachon? Ou uma capa adquirida em outro lugar? Se tivesse sido a do alfaiate, que motivo teria levado o delegado a entregá-la à esposa? Neste ponto, havia certamente algo de misterioso. Nicolas não se lembrava de ter visto essa capa enquanto fazia suas averiguações nos cômodos da

casa dos Lardin. Seria necessário interrogar Catherine de novo, para saber o que ela havia feito dessa peça de roupa, ou, então...

Atravessou o Sena pela Pont-Neuf e chegou ao cruzamento de Bussy pela Rua Dauphine. Sentia muito apreço por esse bairro, que havia percorrido com frequência quando morava no convento dos Carmelitas. Pensou com afeição no Pe. Grégoire, que haveria de reencontrar, no domingo, no banquete oferecido pelo Sr. de Noblecourt.

Achando pouco razoável incomodar o notário na hora da refeição, Nicolas dirigiu-se para a Rua Boucheries-Saint-Germain, que ficava nas proximidades. Ele conhecia todos os recursos dessa atividade, tendo descoberto que um açougue parisiense era um mundo completamente à parte. A profissão era regida por regulamentos e pelos costumes de uma corporação ciosa de seus direitos e privilégios. Ficou sabendo, com surpresa, que os preços eram fixados pelo superintendente-geral da polícia, de acordo com as cotações do gado vivo. Os pesos da venda e sua conformidade eram igualmente verificados pela administração. Assim, Nicolas já se incumbira de alguns casos. A polícia organizava a repressão dos “atravessadores”, que vendiam a carne às escondidas, sem que fosse possível saber com exatidão a procedência da mercadoria; os açougueiros garantiam sempre que se tratava de carne roubada, deteriorada e insalubre; a tais acusações, os vendedores ambulantes retorquiam que, além de terem sua clientela, seus preços eram inferiores aos praticados pelos mestres açougueiros, membros das corporações. Nicolas teve de tratar igualmente de inumeráveis contestações que implicavam a oposição entre os serviços do superintendente-geral da polícia, os açougueiros e sua clientela: o eterno problema do “contrapeso” agitava a arraia-miúda dos bairros e dos subúrbios. Ele se indignava, em particular, quando constatava que eram vendidas peças não-comestíveis misturadas com a carne de qualidade.

Um riacho de sangue semicongelado na rua indicou a Nicolas que tinha chegado a seu destino. Ele transpôs um pórtico destinado a carruagens que dava acesso a uma alameda a céu aberto, na qual se viam barracas para a venda de carne. Mais adiante, em um pátio,

havia um matadouro com bancada para desossar as reses, além do caldeirão para derreter a gordura e o sebo e, ainda mais longe, estábulos com bovinos e carneiros. Os açougueiros se encarregavam da preparação e da venda de determinadas partes dos animais, apreciadas pelo povo em razão do preço módico.

O Sr. Desporges, proprietário do prédio em que ficava a taberna na qual Nicolas vinha procurar comida, tinha alugado um pequeno espaço a uma vendedora de tripas que acolhia o cliente faminto em torno de algumas mesas rodeadas de bancos. Ali ela servia linguiça, miúdos, pés, fígado, bofes e vísceras preparados de todas as maneiras possíveis. Nicolas encomendou uma tigela de dobradinha, que ele adorava, mas a gerente, senhora Morel – que, como outras mulheres, dificilmente resistia à sedução do jovem – o aconselhou, discretamente, a experimentar outra de suas especialidades: o guisado de pés de porco. Aliás, ela procedia com a maior discrição possível porque não podia servir a carne desse animal, cuja venda era reservada expressamente aos salsicheiros. Os pés eram cozidos no caldo da panela, a fim de torná-los – dizia ela – mais macios: assim, os ossos se desprendiam-se por si mesmos. Convinha, então, temperar com especiarias e cebola picada, passando tudo isso na frigideira com toucinho e manteiga derretida, que deveria esquentar até apresentar uma cor mais escura. Em seguida, era necessário refogar: com mão firme e rápida, a frigideira era balançada uma vintena de vezes. Uma concha do caldo, depois de ter sido reduzido durante o tempo de recitar dois ou três padre-nossos, devia molhar essa preparação. Antes de servir, era essencial dissolver um pouco de mostarda no suco de uvas verdes e no vinagre para dar liga, de modo que o prato chegasse bem quente à mesa. O que foi dito foi feito, e Nicolas atendeu tão bem ao conselho que acabou por repetir três vezes. Sentia-se calmo, fortalecido e pronto a enfrentar um notário. Esses alimentos triviais sempre lhe proporcionavam um aumento de energia. Apreciava os costumes do povo. Aliás, com frequência, misturava-se à população, e uma parte de seu encanto se devia ao fato de que utilizava palavras adequadas e atitudes que, sem esforço, atraíam para ele a lealdade e a dedicação de seus auxiliares, às quais nem sempre prestava a devida atenção.

Ele acertara em cheio na decisão de recuperar as forças. O advogado Duport pertencia àquele tipo de pessoas importantes que não caem facilmente na conversa de alguém. Assim, começou por se recusar francamente a responder às perguntas formuladas com toda a cortesia por Nicolas sobre a situação da fortuna de Descart e sobre a existência de um testamento. Pouco faltou para que o tabelião mandasse chamar seus funcionários para pôr o intruso na rua. Embora tivesse preferido se impor por sua própria autoridade, Nicolas foi obrigado a empunhar o mandato do Sr. de Sartine. Depois disso, o notário resignou-se a responder, com muita má vontade, às suas perguntas. Ele confirmava que o Sr. Descart era possuidor de uma importante fortuna, constituída de terrenos e fazendas situados em Hurepoix, em Saint-Sulpice de Favières, assim como de títulos emitidos pelo Hôtel-de-Ville. Além disso, dispunha de somas de dinheiro depositadas no estabelecimento de um banqueiro. Confirmava também que seu cliente havia realmente redigido suas últimas vontades, há pouco tempo, no final de 1760, tendo designado Marie Lardin, filha do delegado, como legatária universal.

Nicolas estava atordoado com o que acabava de ouvir. Quer dizer que Descart, pouco antes de sua morte, tinha sentido necessidade de colocar seus negócios em ordem, mas, em vez de beneficiar sua única parente conhecida, a prima Louise Lardin, havia optado pela filha do delegado, sem qualquer parentesco de sangue... Era difícil não relacionar esse fato com a atitude de Lardin ao se manifestar, após seu sumiço, por uma mensagem sibilina: cada um deles, para além da morte e do desaparecimento, dirigia sinais enigmáticos aos vivos. Qual teria sido o motivo que levou Descart a fazer o testamento em favor da amável Marie, que não tinha nenhum grau de parentesco com ele? Teria sido seduzido – ele, que era um devoto hipócrita e depravado – por seu encanto e inocência? Ou, então, será que a personalidade aparentemente discreta da moça dissimulava aspectos mais tenebrosos? Descart teria desejado simplesmente tomar precauções em relação a uma

amante cujo caráter infiel e inclinado à rapina ele teria desvendado? Nada disso implicava que estivesse prevendo a própria morte.

Enquanto refletia, Nicolas voltou a atravessar o Sena e correu para o Châtelet, mas não encontrou Bourdeau, que tinha ido acompanhar Semacgus na transferência para a Bastilha. Ele havia deixado uma mensagem em que dava o resultado sucinto dos exames de Sanson sobre o cadáver de Descart: a vítima tinha sido envenenada por uma empada cuja massa estava recheada de arsênico. Descart, provavelmente, ficara inconsciente antes de sofrer o golpe de misericórdia por asfixia: uma almofada pressionada contra o rosto.

Saiu do Châtelet e, pela primeira vez desde seu retorno a Paris, não tinha nada para fazer: já era tarde, e a noite caía ao mesmo tempo que um frio cortante, acentuado por fortes rajadas de vento. Permitiu-se uma parada na Confeitaria Stohrer, na Rua Montorgueil, onde se empanturrou com seus bolos ao rum preferidos. Ao voltar à casa do Sr. de Noblecourt, Marion estava junto do fogo vigiando o caldo reforçado que, habitualmente, o magistrado tomava antes de se deitar; ele tinha ido a uma ceia na cidade. Nicolas retirou-se para seus novos domínios. Depois de arrumar seus parcos pertences e de se despir, pegou ao acaso um livro entre todos aqueles que estavam à sua volta. Tratava-se de *Vert-Vert*, de Gresset[37]. Ao abri-lo, um verso atraiu sua atenção:

Ah! Como um nome importante é um bem perigoso.

Um acaso oculto foi sempre mais venturoso.

Um sorriso cheio de amargura aflorou em seu rosto. De repente, voltava a tristeza desencadeada pela carta de Isabelle e pelas melancólicas reflexões que ela havia suscitado. Concomitantemente, ressurgiu a visão do jovem elegante no espelho de mestre Vachon, imagem que era ao mesmo tempo ele próprio e um outro, sentimento instigante e ameaçador. Nicolas deixou o livro e estendeu-se na cama. A vela da alcova pôs-se a fumegar: uma longa coluna preta subia em direção às vigas,

desenhando aos poucos uma mancha em sua superfície envernizada. Ele a olhava, pensativo. Levantou-se para apagar a mecha entre os dedos umedecidos e voltou logo a se deitar, invadido por um pensamento cujos contornos ainda eram indefiníveis para ele. A marca na viga lhe recordava alguma coisa – e, subitamente, reviu a mancha escura no cocuruto do cadáver de Montfaucon. Com essa descoberta, ele adormeceu.

Domingo, 11 de fevereiro de 1761

Nicolas tinha deixado o dia de sábado se escoar na volúpia da inação. Tendo se levantado mais tarde, havia tirado partido do tempo, que continuava agradável para deambular por Paris. Em sua errância, passou por igrejas e, em seguida, pelo Vieux Louvre, onde ficara embevecido diante das vitrines dos marchands de estampas e quadros. No final da tarde, tinha ceado em uma taberna ao lado do mercado coberto de Les Halles. No caminho de volta, não conseguiu escapar dos grupos de moleques que gritavam “À bagunça! Unça! Unça!” e, em várias ocasiões, deram-lhe pancadas com um *battes à rat*[38], de modo que teve de solicitar os serviços de um escovador para limpar sua roupa das manchas de giz. Extenuado, entrara discretamente em casa e ficara lendo até bastante tarde. Na manhã seguinte, assistiu à missa cantada na igreja de Saint-Eustache, da qual apreciava as vastas proporções e a ressonância propícia à vibração cavernosa de seus grandes órgãos.

As doze badaladas do meio-dia já tinham ressoado há muito tempo quando voltou à Rua Montmartre, tendo sido acolhido por uma onda harmoniosa. Entrou na ponta dos pés na biblioteca do Sr. de Noblecourt, que, para a ocasião, fora transformada em salão de música. Vestido com um amplo roupão estampado de caxemira, o dono da casa acompanhava ao violino dois outros músicos: o primeiro – para a surpresa de Nicolas, que ignorava essa paixão do amigo – era o Pe. Grégoire, que também tocava um violino; o outro, personagem de baixa estatura com rosto esguio e peruca

afrontosamente loura – devia ser o tal Sr. Balbastre, o organista da basílica de Notre-Dame – esmerava-se diante de um clavecino. Seu amigo Pigneau, de pé perto do instrumento, segurava o rolo da partitura iluminado por um castiçal dotado de arandela. Um tanto confuso por ser a única pessoa no auditório, o jovem sentou-se em uma *bergère*, abandonando-se ao prazer da música. Sua atenção começou por ser atraída pelas mímicas dos concertistas: com as sobrancelhas franzidas e o semblante avermelhado de concentração, o Sr. de Noblecourt parecia sofrer, mas, às vezes, sua boca se abria e deixava escapar gritinhos de aprovação diante de certas improvisações inesperadas do clavecinista. Quanto ao Pe. Grégoire, estava absorto em sua execução com um zelo ainda maior do que o que dedicava à dosagem de extratos ou decocções no laboratório do convento dos Carmelitas, e marcava o compasso batendo o pé direito no chão. Balbastre, por sua vez, oferecia a imagem perfeita do virtuoso: tocava seu instrumento praticamente sem olhar para a partitura e, na ondulação agitada da musselina de seus punhos, os dedos planavam acima dos teclados sobrepostos do clavecino.

O fim da execução da sonata em trio foi marcado por um prolongado silêncio. O Sr. de Noblecourt soltou um grande suspiro antes de tirar a peruca e enxugar a fronte com um enorme lenço retirado da manga. De repente, seu olhar deparou-se com Nicolas. Seguiu-se um momento de confusão, de troca de cumprimentos e de apresentações. Nicolas caiu nos braços do Pe. Grégoire e de Pigneau: ambos manifestaram sua alegria por reencontrar o amigo. Nicolas cumprimentou o Sr. Balbastre com todas as formalidades de respeito que deviam ser utilizadas por um jovem desconhecido diante de uma celebridade. Corou de constrangimento ao ser apresentado como “o confidente do Sr. de Sartine, cujo futuro se anunciava brilhante”. Marion e Poitevin interromperam tais cortesias, oferecendo taças de vinho aos convivas. Todos se sentaram e se puseram a brindar alegremente, cada um com seu vizinho. Pigneau – que estava acostumado a comentar com Nicolas a qualidade dos concertos assistidos por eles – perguntou sua opinião a respeito do que acabava de escutar. O jovem ficou sabendo, assim, que o trio tinha tocado uma sonata para baixo contínuo do Sr. Leclair[39].

Balbastre cortou a palavra do seminarista para entabular uma controvérsia sobre as partes do baixo de acompanhamento.

Nesse momento, Marion entrou na biblioteca e foi falar no ouvido do patrão.

– Mas é claro – respondeu o Sr. de Noblecourt –, deixe entrar e coloque um talher para o amigo inesperado que está chegando.

Um cavalheiro um pouco mais velho do que Nicolas entrou na biblioteca, cumprimentando os presentes com um gesto desenvolto de chapéu e entregando a espada a Poitevin, que o tinha acompanhado. Tendo se posicionado diante do clavecino, depois de afagar com uma mão delicada a laca da madeira, ele olhou com desdém para o auditório. A peruca branca não conseguia envelhecer sua tez juvenil e trocista. O rosto com sobrancelhas bem espessas, o nariz aquilino e uns lábios sinuosos cujo perfil esboçava um trejeito irônico formavam um conjunto agradável. O traje azul pastel, quase branco, fazia lembrar a Nicolas aquele que o Sr. Vachon lhe tinha oferecido.

– Meus amigos, tenho o prazer de apresentar-lhes o Sr. de La Borde[40], principal mordomo de S. M.

Seguiu-se uma nova sessão de cumprimentos. Até Balbastre deu a impressão de estar seduzido pela afabilidade do visitante, que lançou um olhar penetrante na direção de Nicolas quando suas funções junto ao superintendente-geral da polícia foram anunciadas.

– A que devo, Ex.ª, o prazer de sua visita? – perguntou o magistrado. – Vejo-o tão poucas vezes, mas gostaria de encontrá-lo com maior frequência. Minha amizade por seu pai transferiu-se para o filho. Esta casa é sua.

– Estou a seu serviço, Sr. de Noblecourt. Ocorre que obtive algumas horas de licença, o que me deu a ideia de vir saber como está. O rei decidiu viajar para Choisy com Madame de Pompadour. Eu estava de plantão, mas ele teve a bondade de me dispensar do serviço. Na ausência do rei, todo mundo foge de Versalhes: sendo assim, vim pedir-lhe para cear aqui.

Enquanto essa conversa transcorria, Pigneau – que surpreendeu Nicolas por estar tão bem informado sobre os arcanos da Corte – cochichou-lhe que convinha não se equivocar quanto ao termo “mordomo”: na realidade, o Sr. de La Borde era um personagem importante. Pelo fato de ser um dos quatro principais mordomos do rei, ele tinha autoridade total sobre os serviços domésticos da Corte e, sobretudo, o incomparável privilégio de uma contínua intimidade com S. M.: de plantão, ele, inclusive, dormia junto ao leito do rei. Aliás, era considerado o favorito. Tinha a reputação de ser rico e participava das ceias íntimas nos saraus dos aposentos reais. Por fim, Pigneau completou esse retrato acrescentando que, segundo os boatos, seria bastante amigo do marechal de Richelieu, que, por sua vez, era o principal fidalgo da câmara real.

Nicolas fitou com reverência a pessoa que mantinha um contato tão próximo com o rei. Ele teria esperado mesmo que um sinal distintivo envolvesse com sua aura o beneficiário de tal privilégio. Mas o Sr. de Noblecourt já tinha deixado sua poltrona e convidava os hóspedes a se aproximarem da mesa.

Com uma cortesia rebuscada, cada qual se esforçava para dar passagem aos outros. Passaram para um salão retangular, cujas janelas davam para a rua, no qual estava posta uma mesa oval. Na parede oposta havia vitrines, estantes e um grande aparador, cuja parte superior era coberta de mármore, no qual se viam garrafas dentro de recipientes com gelo.

– Meus senhores, não façam cerimônia, estamos em família – declarou o magistrado. – Nicolas, o mais jovem, à minha frente. Meu prezado reverendo – dirigindo-se ao Pe. Grégoire –, à minha direita. O Sr. de La Borde, à minha esquerda. Os Srs. Balbastre e Pigneau, de um lado e do outro do Sr. Le Floch.

O Pe. Grégoire fez a oração e todos se sentaram. Marion entrou, carregando uma terrina de tamanho impressionante, colocada diante do patrão, que serviu pessoalmente seus hóspedes, enquanto Poitevin oferecia o vinho, branco ou tinto, ao gosto dos convivas. Após um momento de silêncio em que cada um ficou absorvido na degustação do primeiro serviço – que, de acordo com a descrição aliciante do Sr. de Noblecourt, se tratava de um

ensopado de pombo –, a conversação prosseguiu entre ele e o Sr. de La Borde.

– Então, Ex.ª, que notícias me traz da Corte?

– S. M. está muito preocupada com o cerco de Pondicherry. A marquesa faz tudo o que pode para distraí-lo de sua melancolia. Ela se esforça também para restaurar as energias. O senhor não sabe, certamente – Paris é tão parcial –, o quanto essa mulher é dotada de talentos. Há quem escarneça, escreva panfletos, mas ninguém chama a atenção para o bem que ela é capaz de fazer. Ela se interessa com paixão por toda espécie de planos. Posso inclusive dizer-lhes, confidencialmente, já que estamos entre homens honrados...

Lançou um olhar circular sobre os presentes.

– ... que, ontem à noite, ela me confessava sua aflição por ser mulher em uma época como esta. Além disso, estava preocupada por observar um tão grande número de pessoas – que deveriam contribuir para o bem público e para o serviço do rei – maldizentes e que não fazem nada...

– Prezado conviva – interpôs-se Noblecourt –, como está seu amigo, o marechal?

– Maravilhosamente bem, embora, com a idade avançando, ele comece a procurar os reconstituintes necessários junto de um cortejo de médicos e de charlatães. Divide seu tempo entre o governo de Bordeaux e Paris, cidade na qual acompanha com assiduidade tanto as sessões da Académie, quanto a crônica dos teatros. E quando digo teatro, conviria dizer atrizes...

Marion e Poitevin apareceram para tirar a mesa. Em seguida, serviram um guisado de miúdos acompanhado por trufas na brasa, apresentadas em um guardanapo dobrado, e uma grande travessa de presunto de Hanôver quente. O Sr. de La Borde, depois de aspirar o aroma que se elevava, em um sutil vapor, da crosta do primeiro prato, levantou seu copo.

– Meus senhores, vamos brindar à saúde do procurador, que nos trata, como sempre, regiamente. O que contém essa maravilha?

– É um guisado de carnes delicadas: cristas de galo recheadas ao capão, timo de vitela cravejado, rins de coelho, chã de vitela e cogumelos na própria crosta.

– E esse vinho! A excelência do tinto equivale à do branco, quanta delicadeza!

– É um borgonha de Irancy, enquanto o branco é um vinho natural que mando vir diretamente de Vertu, na Champanha.

– Eu estava cheio de razão ao afirmar que sua mesa é régia! – exclamou La Borde. – S. M. perguntou-me, há pouco, o que bebia seu avô, Louis, o Grande. Fiz uma pesquisa, com a ajuda do encarregado da adega. Consultamos registros antigos. Louis XIV bebeu, durante muito tempo, vinho de Champanha. Depois, Fagon, seu médico, tendo demonstrado que esse produto prejudicava o estômago por seu intenso verdor, recomendou-lhe o vinho de Borgonha, mais facilmente digerido por esse órgão, sem qualquer esforço. Começou, portanto, a utilizar os vinhos de Auxerre, de Coulanges e de Irancy.

– Aprecio o Irancy – comentou Noblecourt – por sua cor clara e profunda, seu aroma frutado e sua definitiva jovialidade.

– Estamos bem perto da Quaresma para que nossa gula seja assim tão lisonjeada – observou o Pe. Grégoire.

– Mas ainda não chegamos lá – interveio Balbastre –, o que permite a nosso anfitrião, defensor e paladino de nossa velha gastronomia, ilustrar suas verdadeiras características. Em nossos dias, temos visto nesse domínio um tão grande número de inovações...

– O senhor fala tão certo quanto toca e compõe – comentou Noblecourt. – Trata-se de um verdadeiro debate de nosso tempo, de uma querela decisiva. Fico indignado, meus senhores, ao ler algumas obras que desejam impor-nos tais novidades aqui como alhures. La Borde, V. Ex.ª conhece Marin?

– Conheço muito bem. É um artista que deu seus primeiros passos na casa da Sr.ª de Gesvres e, em seguida, dirigiu a cozinha do marechal de Soubise, outro grande *gourmet* diante do Senhor.

Além de ser apreciado por S. M., Madame de Pompadour é louca por seus pratos requintados. Ele adora estimular a excitação dos sentidos...

– A efervescência? Mas, então, é um colega – exclamou o boticário do convento dos Carmelitas.

Todos riram com o equívoco do bom monge, um tanto perdido nos esplendores de seu prato.

– Isso mesmo, trata-se exatamente desse cozinheiro – rematou Noblecourt –, e sinto muito por discordar da opinião de S. M.

Ele se levantou com tanta presteza quanto lhe permitiu sua corpulência, dirigiu-se correndo a uma das estantes e retirou da prateleira um livro contendo múltiplos pedacinhos de papel como marcadores.

– Vejam, eis aqui *Les Dons de Comus*, Os talentos de Comus, por François Marin, Paris, 1739.

Gesticulando febrilmente para encontrar a página que procurava, pôs-se a ler em voz alta:

– “A cozinha é uma espécie de química, e a ciência do cozinheiro consiste em decompor, em fazer digerir e em quintessenciar as carnes, ou seja, extrair delas sucos nutrientes e, apesar disso, leves, misturando-os e confundindo-os em conjunto, de modo que nenhum seja predominante e todos se façam sentir.” Paro aqui com essa lenga-lenga. De minha parte, defendo que uma carne deve ser uma carne e ter gosto de carne.

Apanhou outro livro que exibia também um grande número de marcadores.

– Eis minha bíblia, meus senhores: *Carta de um confeiteiro inglês para o novo cozinheiro francês*, Paris, 1740, cujo autor é Dessalleurs. Escutem, por gentileza: “Que prazer é passível de fornecer às pessoas delicadamente voluptuosas um prato químico composto unicamente de quintessências calculadas racionalmente e destituídas, com precisão, de qualquer elemento proveniente do solo? A grande arte da nova cozinha consiste em conferir ao peixe o gosto da carne e à carne o gosto do peixe, além de retirar

absolutamente qualquer sabor dos legumes!” É isso exatamente o que penso dessas novidades condenáveis, até mesmo, heréticas.

Voltou a sentar-se, totalmente agitado pela indignação.

– Aprecio a paixão pela gastronomia elevada a esse nível de intolerância – disse La Borde. – Isso me leva a pensar em um opúsculo, *O cozinheiro gascão*, publicado sob uma assinatura misteriosa em 1747. Tenho alguns motivos para imaginar que seu autor seja Monsenhor de Bourbon*, príncipe des Dombes, que oficiava frequentemente, como ajudante de cozinha, nos aposentos particulares do rei. Aliás, o monarca, a rainha, as princesas da França e um grande número de duques – Soubise, Guéménée, Gontaut, de Ayen, Coigny e La Vallière –, todos têm vestido o avental. Nesse livro, as receitas da “nova cozinha” eram rotuladas com expressões ridículas: “Molho ao macaco verde”, “Vitela em bosta de asno à la Neuteau”, “Frango à la Caracatacat” e outras invenções.

– Meus senhores, sou um homem feliz – prosseguiu Noblecourt. – A comida é apreciada e os convidados, brilhantes. Assim, contrariamente ao que afirmava o Sr. de Montmaur, posso proclamar: “Garanti as carnes e o vinho, enquanto os senhores forneceram o sal”.

Todavia, como nem todos participavam da conversa, ele mudou de assunto.

– E o Sr. de Voltaire, o que estará preparando para nós?

Balbastre pegou a deixa.

– Ele continua se inflamando contra os ingleses, não só por serem nossos inimigos, mas por terem publicado que seu Shakespeare era infinitamente superior ao nosso Corneille. Como afirma eloquentemente nosso grande autor: “O Shakespeare deles fica infinitamente abaixo de um palhaço de feira”.

– O sarcasmo restringe o julgamento – arriscou Nicolas. – Nesse autor inglês, existem realmente belas páginas e trechos que tocam nossa emoção.

– O senhor já leu Shakespeare?

– Com certeza, Ex.ª, no texto original, em casa de meu padrinho, o marquês de Ranreuil.

– Os funcionários da polícia agora leem os clássicos! – exclamou Balbastre.

Nicolas arrependeu-se de imediato por ter citado, mesmo que involuntariamente, o nome respeitado de um homem com o qual, para cúmulo, tinha rompido todo tipo de relação. Sentiu-se incomodado com o semblante consternado de Pigneau. Como pudera se servir de um meio tão vulgar para se enaltecer? Tinha merecido, realmente, a insinuação ferina de Balbastre. O Sr. de Noblecourt, que percebeu a situação de constrangimento, desviou uma vez mais o curso da conversa ao comentar o corte da ave, que ele executava com uma mão firme e experiente. O Sr. de La Borde, que não cessara de olhar para Nicolas com benevolência, secundou o velho magistrado:

– Senhor procurador...

– Eis que V. Ex.ª se torna bem cerimonioso! Segundo parece, vai me pedir alguma coisa.

– Exatamente. O senhor teria a bondade de nos fazer as honras de seu gabinete de curiosidades?

– Como, assim?! V. Ex.ª sabe que ele existe?!

– Toda a cidade e a Corte conhecem sua existência; aliás, o senhor tem falado frequentemente a seu respeito.

– Tudo bem! Na verdade, em vez de ser meu, trata-se, melhor dizendo, do gabinete de meu pai, que havia começado a guardar algumas peças: limitei-me a seguir suas pegadas. No decorrer de suas viagens, ele adquirira a mania de comprar tudo o que lhe parecia fora do comum; acabei por fazer o mesmo quando viajava.

O fim da refeição desenrolou-se na expectativa dessa promessa. Entretanto, entabularam-se as conversações particulares; Pigneau, que conhecia os pontos fracos do amigo e seus surtos de melancolia, conseguiu fazê-lo compreender que a observação de Balbastre era mais irrefletida que maldosa. As sobremesas tinham sido servidas em abundância, e tortas, marzipãs, compotas e

geleias cobriam a mesa. Serviram-se os licores, e cada um sentia-se invadido pelo doce torpor que se segue ao jantar.

O Sr. de Noblecourt bateu palmas e convidou seus hóspedes a se dirigirem à biblioteca. Ele avançou em direção a uma porta que dava acesso a um gabinete, pegou uma pequena chave presa na corrente de seu relógio e abriu a porta. De início, e considerando que a sala não tinha janelas, seus visitantes não enxergaram absolutamente nada; ele acendeu, então, dois castiçais colocados em cima de uma mesinha. Três das paredes estavam cobertas por vitrines que continham uma grande quantidade de objetos estranhos e desconexos: viam-se ali, de modo desordenado, conchas, vegetais desidratados, armas antigas, porcelanas exóticas, tecidos toscos, pedras e cristais com formas e cores desconhecidas. Mais inquietantes, vários boiões continham, em líquidos turvos, volumes esponjosos e esbranquiçados, semelhantes a larvas sem forma definida. O que mais atraiu, porém, a atenção dos visitantes foi um quadro em relevo com uma moldura de madeira trabalhada e dourada, que representava um cemitério na escuridão da noite. Caixões entreabertos deixavam ver corpos em decomposição e grande número de vermes fervilhantes e animais rastejantes esculpidos e cinzelados em cera com tal naturalidade que o conjunto parecia animar-se sob o olhar.

– Deus meu, o que é este horror?! – perguntou o Pe. Grégoire.

Durante um instante, o Sr. de Noblecourt permaneceu pensativo, antes de responder:

– Em sua juventude, meu pai fez muitas viagens, em particular, à Itália. Vou narrar-lhes uma história. Em 1656, nasceu em Palermo, na Sicília, um homem chamado Zumbo.Aluno dos jesuítas em Siracusa, ainda jovem ficou impressionado com as decorações macabras que adornavam os santuários da Companhia de Jesus, sem dúvida, fazendo eco à sua divisa *Perinde ac cadaver*[41]. Tendo recebido a ordem sacerdotal, tornou-se rapidamente especialista na confecção de quadros de ceras anatomizadas; os senhores têm aqui um desses exemplares. Essas representações da

decomposição atraíam a atenção para o espetáculo da morte, colocando os fiéis diante de determinadas cenas que, vistas na realidade, fossem suscetíveis de inspirar-lhes horror e nojo.

– Mas – perguntou Pigneau – qual seria o objetivo de tudo isso?

– Tratava-se de estimular o arrependimento e de incentivar a conversão. Zumbo viajou e trabalhou em Florença, Gênova e Bolonha; em Florença, elaborou várias representações da decomposição, em particular, um quadro sobre a sífilis, encomendado pelo grande duque Cosme III, cujo genro, o Eleitor[42] da Baviera, sofria dessa doença. Em 1695, meu pai o encontrou e lhe comprou esta obra, *Le cimetière*. Na época, ele trabalhava com o Sr. Des Noues em cabeças de cera e no corpo de uma mulher – morta no parto –, que conservou também em cera. Ele tinha conseguido restituir com perfeição o aspecto natural, utilizando esse material colorido. Veio a Paris e foi recebido pela Academia de Medicina, na qual apresentou seus trabalhos. Em processo judicial contra Des Noues – que se dizia inventor desse método –, ele faleceu nesta cidade, em 1701.

Todos ficaram silenciosos, contemplando o inominável e deixando de prestar atenção às outras curiosidades. Nicolas, menos impressionado que os outros por ter sido confrontado com realidades infinitamente mais terríveis, reparou em um grande crucifixo apoiado em uma das vitrines. Ao ser questionado sobre o objeto, o Sr. de Noblecourt esboçou um sorriso.

– Ah! Isso aí não é uma curiosidade, mas, como não quero ser considerado jansenista, deixei essa peça à parte. Pode acreditar em mim: trata-se de um presente do delegado Lardin. Nunca me passaria pela cabeça que ele pudesse ser tão devoto e tão sectário. Ainda me questiono a respeito da razão desse presente e do sentido de uma pequena mensagem esotérica que o acompanhava. Até hoje não apreendi sua significação.

Ele pegou o papel enrolado em torno da haste de madeira da cruz. Estupefato, Nicolas descobriu que era o complemento da mensagem encontrada no bolso de seu paletó na Rua dos Blancs-Manteaux.

Condição para facilitar sua abertura

A fim de restituir as palavras.

– Vejam o enigma – prosseguiu Noblecourt. – Esse Cristo jansenista tem os braços fechados, sem dúvida para facilitar a abertura dos corações: essa é a minha tradução.

– O senhor permite que eu fique com esse papel? – pediu Nicolas em voz baixa.

– Certamente, entendo que isso possa ter alguma importância.

A jovialidade da ceia tinha-se dissipado. A visita ao gabinete de curiosidades do velho procurador abrira a caixa de Pandora: cada convidado parecia ter colocado uma máscara e ter se retraído em si mesmo na tristeza e no silêncio. Apesar de seu esforço, Noblecourt foi incapaz de evitar que os hóspedes começassem a apresentar suas despedidas. Por sua vez, o Sr. de La Borde cumprimentou Nicolas com esta estranha fórmula: “Contamos com o senhor”. Depois de ter prometido a Pigneau e ao Pe. Grégoire que os procuraria com mais frequência, o jovem ficou sozinho com o Sr. de Noblecourt, que parecia preocupado.

– Já não tenho idade para essas reuniões – suspirava. – Cometi alguns exageros. Receio ser atingido por um surto de gota e, com ele, pelas críticas de Marion, que estará cheia de razão, como de costume. Eu não deveria ter dado satisfação à curiosidade de La Borde: assim, soltei os demônios e rompi o encanto.

– Não se arrependa de nada, Sr. procurador; há coisas que certas pessoas não conseguem enfrentar.

– Isso é sabedoria. Aliás, observei que o senhor manifestou pouca emoção diante daquele espetáculo...

– Já vi coisas piores que uma representação de cera e...

Marion entrou esbaforida, com um aspecto escandalizado.

– Meu senhor, está lá embaixo um inspetor Bourdeau, que deseja falar com nosso Nicolas.

– Vá, Nicolas – comentou o magistrado –, mas seja cauteloso: tenho um mau pressentimento. Deve ser a gota. É a gota!

34 Vidro mesclado, no interior, de limalha de cobre.

35 Vidro brilhante que imita pedras preciosas.

36 Etienne de Silhouette (1709-1767), Controlador Geral da Fazenda em 1759; lançou a moda dos retratos recortados de acordo com o contorno das sombras projetadas, [ou seja, as silhuetas].

37 Jean-Baptiste Gresset (1709-1777), poeta e dramaturgo, autor do poema cômico *Vert-Vert, ou les voyages du perroquet de la Visitation de Nevers* (1734) [Verde-Verde, ou as viagens do papagaio do convento da Visitação de Nevers. (N.T)].

38 Durante o Carnaval, as crianças tinham o costume de marcar os passantes com um pedaço de pano recortado em forma de camundongo e tachado com giz.

39 Jean-Marie Leclair, o Velho (1697-1764), violonista e compositor, considerado o fundador da escola francesa de violino.

40 Jean-Benjamin de La Borde (1734-1794), principal mordomo de Louis XVI e, em seguida, Coletor Geral de Tributos; foi guilhotinado no período do Terror.

41 “Exatamente como [faria] um cadáver”. A origem dessa fórmula é uma imagem muito apreciada por São Francisco de Assis, segundo o qual era preciso seguir literalmente os ditames evangélicos, *Sub figura corporis mortui*, “à maneira de um cadáver”, ou seja, sem se permitir nenhuma intervenção pessoal. Cf. Renzo Tosi, *Dicionário de sentenças gregas e latinas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 482. [N.T.]

42 Príncipe ou bispo que participava da eleição do imperador, na Alemanha antiga. [N.E.]

XII
O Soldado Veterano

A miséria do soldado é tão grande que faz sangrar o coração;
ele passa os dias em um estado abjeto e desprezível,
vivendo como um cachorro acorrentado, cujo destino é combater.
Conde de Saint-Germain

Bourdeau esperava sob o pórtico destinado a carruagens. Sem preâmbulos, explicou a Nicolas as razões que o levaram a incomodá-lo: Tirepot tinha encontrado o rastro dos dois suspeitos e enviara um mensageiro para avisar que estava no encalço dos indivíduos. Ele voltaria a dar notícias ao identificar sua presa. Seu informante já tinha ido reencontrá-lo. O inspetor vinha, portanto, à procura de Nicolas para conduzi-lo ao Châtelet, onde seriam concentradas todas as informações.

Nicolas aprovou as medidas tomadas por seu adjunto e, também apressado, quis mandar procurar um veículo. Sempre previdente, o inspetor indicou-lhe um fiacre, que os aguardava na rua. Eles voltariam ao escritório de plantão para acompanhar lá a sequência dos acontecimentos, e vestiriam um disfarce a fim de estar preparados para qualquer eventualidade. Nicolas pegou a capa e o tricórnio antes de subir na viatura. Na Paris quase deserta, no final da tarde de um domingo de inverno, chegaram rapidamente a seu destino, tendo cruzado apenas alguns grupos de mascarados que provocavam tumulto em volta de burgueses amedrontados, o que

levou Nicolas a lembrar que fazia precisamente uma semana que tinha voltado de Guérande.

Sentado à pequena mesa do escritório de plantão, Bourdeau relatou detalhadamente a instalação de Semacgus na Bastilha: o cirurgião fora acolhido amavelmente pelo diretor da prisão, que já conhecia o inspetor, tendo tido a oportunidade de cear com ele nas dependências do Sr. de Jussieu. O prisioneiro ocupou uma cela ampla e arejada, equipada com alguns móveis. Bourdeau tinha voltado a Vaugirard para buscar as roupas e os livros que constavam de uma lista elaborada por Semacgus. Catherine continuava reconfortando Awa, convencida, agora, de que não voltaria a ver Saint-Louis. O inspetor tinha aproveitado para verificar que o lacre da casa de Descart permanecia intacto e ninguém tinha tentado penetrar nela. Aliás, os informantes se revezavam em torno da residência do médico. Quanto aos relatórios provenientes da Rua dos Blancs-Manteaux, Bourdeau alimentava alguma dúvida relativamente ao bom senso ou à solicitude de seus informantes; com efeito, fazia-se referência ao retorno da Sr.ª Lardin, quando ninguém a tinha visto sair de casa, assim como à sua saída, sem que alguém tivesse notado sua volta. Nesse aspecto, o mistério tornava-se cada vez mais denso. Mauval tinha sido visto, em várias ocasiões, entrando na mansão. Tendo terminado seu resumo, Bourdeau pegou o cachimbo, fitou-o, absorto e, em seguida, dedicou-se à produção de uma espessa fumaça que obscureceu ainda mais a sala, que, pelo ocaso do sol, estava mergulhando aos poucos na penumbra.

Nicolas não conseguia livrar-se do entorpecimento provocado pelas delícias degustadas durante o banquete do Sr. de Noblecourt. Ele pensava sem parar em sua falta de jeito, naquele acesso de pretensão que não passava, sabia agora, da manifestação de suas próprias incertezas. Balbastre não tivera intenção de machucá-lo, limitando-se a arriscar um dito espirituoso no tilintar de frases de efeito proferidas pelos interlocutores, como era habitual em uma sociedade livre. O jovem avaliava a eventualidade de ser convidado a encontrar homens de bom gosto e de tato, reflexos do prestígio de

uma Corte bem educada. Retornando a seus pontos fracos, pôs-se a mensurar o caminho que ainda lhe faltava percorrer para chegar ao autodomínio e evitar tal sofrimento diante da primeira estocada dirigida contra ele, ou diante do menor atrito de amor-próprio. Estava consciente de que essa ferida interior fazia parte de seu ser mais profundo e de que deveria senti-la durante toda a sua vida. Nunca tinha encontrado a oportunidade de falar com alguém a esse respeito. Chegou a pensar em confiar no amigo Pigneau; no entanto, por mais benevolente que fosse, ele já era um homem da igreja, propenso a receber as confidências como se se tratasse de uma confissão – incapaz, portanto, de situar o sofrimento moral de Nicolas a não ser na ordem de uma fé que prestava pouca atenção às dores íntimas ou que, de preferência, se prontificava a mergulhá-las na adoração da Divindade.

Entorpecido pelo trabalho de digestão, Nicolas pôs-se a sonhar. Encontrava-se no castelo de Ranreuil, perto do fosso. Isabelle tinha escorregado na grama e caíra na água: flutuava, imóvel, no meio dos caniços. Na margem, Nicolas estendia as mãos para a moça, mas não conseguia se mover. Gritava seu desespero, embora nenhum som saísse de sua boca. O marquês surgia, então, com o semblante deformado pelo ódio e segurando um grande crucifixo, com o qual tentava bater no jovem. Este sentiu uma dor aguda no ombro...

– Senhor Le Floch, tenha calma, sou eu, Bourdeau. O senhor adormeceu, estava sonhando?

Nicolas estremeceu.

– Tive um pesadelo.

Já era noite, e Bourdeau tinha acendido uma vela que espalhava uma luz pálida e crepitava ao soltar fumaça.

– Tirepot já deu notícias – acrescentou ele. – Neste momento, nossos dois malandros estão sentados à mesa de uma taberna do Faubourg Saint-Marcel, perto do Mercado dos Cavalos. Parece que já estão acostumados a frequentá-la. Temos de nos apressar; já preveni a ronda para vir ao nosso encontro.

Estendeu o chapéu e as roupas para Nicolas e passou a mão na poeira em cima de um baú para maquilar o rosto, convidando o jovem a fazer o mesmo. Seus rostos tinham agora o aspecto das caras dos pequenos limpa-chaminés da Saboia. Nicolas pegou a roupa velha que lhe tinha sido tão útil por ocasião de sua devassa em Vaugirard. Quis pegar uma espada, mas foi dissuadido por Bourdeau, com a observação de que a arma não combinava com seu traje e de que a pequena pistola oferecida por ele apresentava todas as garantias de segurança e discrição. Tendo terminado os preparativos, embarcaram no fiacre conduzido por um auxiliar de Bourdeau. O inspetor indicou-lhe o caminho mais curto, que consistia em transpor o Pont-au-Change, atravessar a Cité, alcançar a margem esquerda pelo Petit-Pont e depois correr à rédea solta em direção à Porta Saint-Marcel para se enfiar no subúrbio.

Os solavancos do veículo voltaram a mergulhar Nicolas em torpor; ele tentava ordenar um pouco as ideias. Sentia-se incomodado por algo, como se sua mente procurasse lhe comunicar uma mensagem que era incapaz de entender. Voltou a repassar na memória o jantar na Rua Montmartre, cuja surpresa tinha sido a descoberta da nova mensagem de Lardin, tão incompreensível quanto a primeira.

Era difícil explicar a maneira como o delegado tinha desejado manifestar-se a duas pessoas que não eram seus familiares e que poderiam ter algumas razões para desconfiar dele. No caso do Sr. de Noblecourt, tratava-se de uma questão de prudência e preterição; e, em relação a Nicolas, tinha a ver com o distanciamento da subordinação. Ele teria de reler e comparar as duas mensagens. Procurava, em vão, o momento em que tinha surgido seu mal-estar ou seu questionamento, assim como o detalhe em que se baseava sua atual inquietação. Revivia a cena do gabinete de curiosidades. Reviu o estranho crucifixo. O objeto o fez lembrar confusamente de alguma coisa, e decidiu que voltaria a pensar no assunto.

Bourdeau respeitava seu silêncio e continuava envolto em volutas de fumaça. Com inteligência, parecia compreender sempre a necessidade de mutismo de seu chefe. O breu da noite era cada vez

mais intenso e a cidade estava precariamente iluminada por lanternas, cujas velas eram apagadas com frequência pelo vento. Nicolas tinha ouvido o Sr. de Sartine refletir, em voz alta, sobre as medidas vislumbradas por ele para iluminar a capital e garantir uma maior segurança para seus habitantes. Ele se manifestava também contra a multiplicação de placas e de alpendres que produziam, no pavimento das ruas, imensas sombras projetadas, criando zonas escuras propícias à ação de ladrões, batedores de carteira e outros malandros. Além disso, os alpendres, frequentemente apodrecidos pelas intempéries, acabavam por cair, provocando acidentes.

O ruído do veículo se atenuava, às vezes: por alguns instantes, ele parecia rolar sobre um tapete. Um bafio penetrante indicava que o fiacre acabava de passar na frente da mansão de um doente rico, cujos empregados tinham espalhado esterco e palha diante da porta, para abafar o barulho das carruagens. Em outros lugares, terrenos pantanosos congelados se despedaçavam, e os pedaços de gelo eram respingados com água barrenta. Eles cruzaram ainda com grupos de mascarados que bombardearam a viatura com saquinhos cheios de farinha, mas o Carnaval estava chegando ao fim, a agitação diminuía e a terça-feira de Entrudo marcaria o termo do folguedo, que acabaria na quarta-feira de Cinzas, com o início da Quaresma.

Quando transpuseram as muralhas da cidade, Nicolas teve a impressão de penetrar em um deserto congelado. Era esse o aspecto mais sinistro do subúrbio. O pálido clarão da lanterna deixava ver grandes muros que, aos poucos, cediam o lugar a massas indistintas. Adivinhava-se a presença de edifícios religiosos ou hospitalares, que existiam em grande número naquelas paragens. Nos espaços em que nada havia sido construído, a imaginação substituía a vista e recriava zonas abandonadas em que moitas fantasmáticas atapetavam o chão com galhos amontoados a esmo, invadidos por matas eriçadas de espinhos pontiagudos e cobertas de geada. Eram visíveis, também, muretas que protegiam pomares, hortas ou depósitos de material de construção. Não havia outros veículos circulando na estrada. De repente, uma ave noturna

bateu contra a vidraça de Nicolas, bicou-a insolentemente e, em seguida, desapareceu. Ele pensou no pressentimento do Sr. de Noblecourt e, ao mesmo tempo, sentiu a angústia de Bourdeau, que estremeceu a seu lado.

Os dois tinham sido precedidos pelo mensageiro de Tirepot, o qual interceptou o veículo deles perto do cemitério Sainte Catherine. Alguns passos mais adiante, na Rua do Cendrier, encontrava-se a taberna que era o alvo da operação: o guia indicou-lhes um velho prédio precariamente iluminado e um tanto recuado do alinhamento da rua. Já se aproximavam do pardieiro quando, vindo da retaguarda de uma charrete desconjuntada junto de um amontoado de troncos, uma voz conhecida chamou por Nicolas.

– Até que enfim! – sussurrou Tirepot. – Eu estava enregelando de tanto esperar! Finja que está tirando água do joelho. Os dois comparsas – um soldado veterano chamado Bricart, e seu cúmplice, Rapace, um ex-açougueiro – estão na mesa do canto, à direita da entrada. Tenham cuidado, o lugar tem má fama.

Nicolas fingiu que estava ajeitando a roupa e disse:

– A ronda já foi convocada e não deve demorar. Mantenha-se afastado, não quero que o vejam aqui. Agora, escafeda-se.

Nicolas foi ao encontro de Bourdeau, que ensaiava seu papel: pôs-se a mancar, enterrando na cabeça o grande chapéu.

– Segure-se no meu braço e esconda o rosto; cuidado com a luz.

Empurraram a porta do bar. A sala estava mergulhada em uma semiobscuridade. As vigas do teto baixo estavam enegrecidas pela fumaça; no chão irregular de terra batida, todo o mobiliário era constituído por uma dezena de mesas de madeira pintada, rodeadas por bancos fora de esquadro; aqui e ali, algumas velas de sebo ruim ofereciam uma claridade oscilante. A clientela era diversificada, composta por trapeiros, mendigos e duas rameiras que, tendo arregaçado as saias, exibiam uma atitude libidinosa diante da lareira, na qual as chamas quase se extinguiam por falta de lenha. O taberneiro estava descendo a ripa em alguém e, de vez em quando, remexia com uma vara o grande caldeirão da cremalheira, no qual borbulhava uma mistura espessa de pedaços de carne de qualidade

inferior e de raízes. Um daqueles destroços humanos aproximou-se da fornalha e, depois de pagar, recebeu uma tigela repleta dessa gororoba e um pedaço de pão preto misturado com farelo. Rapace e Bricart pareciam mergulhados em uma conversa bastante animada; jarros de vinho já ocupavam quase toda a mesa. Bourdeau, cambaleante, empurrou Nicolas para um canto escuro, à esquerda da lareira. O lugar tinha sido habilmente escolhido, já que permitia uma visão geral da sala, da entrada, assim como das saídas, nos fundos. O inspetor bateu o punho na mesa e, com uma voz rouca, chamou o hospedeiro, que se aproximou para anotar o pedido dos recém-chegados: duas tigelas de sopa e um pequeno jarro de cachaça foram encomendados e pagos de imediato. Bourdeau colocou o cachimbo em cima da mesa e escarrou copiosamente no chão.

– Senhor – disse, em voz baixa –, o copo de cachaça deve ser engolido de uma só vez, jogando a cabeça para trás; esfarele o pão na sopa; segure o cabo da colher com a palma da mão; refestele-se em cima da mesa e faça o maior ruído possível enquanto come; para terminar a sopa, leve o prato à boca. Sejamos prudentes, porque nossa aparência não nos protege de olhares um pouco mais sagazes. Vamos nos regalar!

E lhe deu um horrível piscar de olhos.

Nicolas viu chegar a comida com inquietação. Lembrar-se-ia durante muito tempo daquele dia, no decorrer do qual tinha passado do apogeu da arte culinária às ignomínias do prato feito à base de restos. Incentivado pelo olhar de Bourdeau e esforçando-se em seguir à risca seus conselhos, tombou em cima da mesa imunda. As migalhas de pão, mergulhando no caldo ralo, se desfaziam lentamente, e pedacinhos de palha vinham à tona. Quase desmaiou com a primeira colherada e, teve de conter a náusea, que logo afogou com uma tragada de álcool. O “revigorante” do velho Marie, no Châtelet, era a perfeita maciez e suavidade em comparação com a correnteza de fogo que, nesse momento, inundava seu peito. Decidiu fazer diferente: encheu-se de coragem, levou a tigela à boca e engoliu seu intragável conteúdo, arrematando a operação com outro copo de cachaça. Por pouco Bourdeau não desatou a rir às

gargalhadas. Por sua vez, ele havia optado por um método mais hipócrita: cada colherada era acompanhada por um assustador acesso de tosse e por sucessivas cusparadas no chão. Nicolas acabou sendo contaminado pela animação do companheiro. Depois que se acalmou e foi agradavelmente aquecido pela cachaça, pensou com seus botões que, até agora, não tinha prestado a devida atenção no inspetor: por mais amigáveis e confiantes que fossem suas relações, elas se restringiam unicamente às preocupações do serviço. Nunca tinha se perguntado a respeito do passado de Bourdeau nem das razões de sua vocação para policial, tampouco de sua vida familiar. Assim, sentiu-se movido por uma curiosidade imediata em relação a um homem que nunca lhe havia negado ajuda nem benevolência. Aproveitou a oportunidade daquele momento de espera para tentar recuperar o tempo perdido.

– Bourdeau – disse em voz baixa –, o senhor nunca me falou como veio parar na polícia.

O inspetor manteve-se em silêncio durante um momento, sem disfarçar a surpresa que lhe havia causado essa observação.

– Sem dúvida, porque o senhor nunca me fez tal pergunta.

Seguiu-se uma nova pausa, durante a qual Nicolas pensou no melhor meio de retomar a conversa.

– Seus pais ainda são vivos?

– Ambos já faleceram, aliás, um praticamente depois do outro. Isso ocorreu há quase vinte anos.

– Qual era a atividade de seu pai?

Sentia que Bourdeau estava mais descontraído.

– Meu pai era encarregado dos cães na comitiva de caça ao javali do rei. Conservo a lembrança de que ele exerceu com toda a honradez tal função; até seu acidente, viveu muito feliz nesse posto.

– Seu acidente?

– Um javali acuado quebrou-lhe a perna no momento em que ele corria para socorrer um dos cães mais apreciados pelo rei, e tiveram de cortá-la, com receio da gangrena. Mas sua coragem não obteve

nenhuma recompensa: criticaram-no por não ter salvo o cão, atingido também pelas garras do animal... Impotente, meu pai foi forçado a se retirar para sua aldeia sem qualquer direito de veteranice, nem pensão. E levou, desde então, uma vida desmotivada, já que estava afastado da caça, que era sua atividade preferida, e separado do rei, seu ídolo. Posso dizer que ele definhou de desgosto; considerava-se culpado por ter deixado morrer um cão. O rei passou-lhe uma descompostura, sem ter manifestado nenhuma atenção pelo homem ferido. Assim se comportam as pessoas ilustres...

– O rei não deveria estar sabendo.

– É o que se diz sempre. Ah! Se o rei estivesse ao corrente daquilo... Nicolas, estamos a serviço da justiça e temos de obedecer, mas, como cidadão, posso ter minha opinião particular. O rei é também um homem, semelhante aos outros, com seus defeitos e seus caprichos. Ainda jovem, meu pai tinha ficado impressionado com seu furor para matar. Há uns quarenta anos, no início de sua atividade, ele tinha sido testemunha de uma cena tão marcante que a contava de bom grado, embora não fosse nada lisonjeira para seu deus. Nessa época, o rei tinha doze ou treze anos e apreciava demais uma corça branca que havia alimentado desde que ela era filhote. O animal se acostumara a ele com tanta tranquilidade que comia em sua mão. Certo dia, sentindo vontade de matá-la, o rei ordenou que a levassem para o pavilhão de caça La Muette; lá, mandou que a afastassem e atirou, ferindo-a. O pobre animal, cheio de pavor, correu gemendo em direção ao rei, procurando sua proteção. Ele mandou que a afastassem novamente, atirou e, dessa vez, conseguiu matá-la.

Nicolas ficou surpreso com a falta de emoção manifestada por Bourdeau.

– Sentindo que seu fim estava próximo – prosseguiu o inspetor –, meu pai se conformou – ele nunca tinha solicitado o que quer que fosse para si mesmo – em dirigir um pedido a Monsenhor, o duque de Penthièvre, Monteiro-mor da França[43] e o homem mais honesto do reino. Pouco antes da morte de meu pai, ele providenciou minha vinda para Paris, onde, depois de ter estudado no liceu Louis-Le-

Grand, me formei em direito. O produto da venda da pequena casa de meus pais, generosamente complementado pelo príncipe, permitiu-me comprar meu ofício de inspetor e conselheiro do rei. Desse modo, o que tinha sido desfeito por um Bourbon acabou sendo reparado por outro Bourbon... Mas falando agora a seu respeito, como é que o senhor explica sua prodigiosa carreira?

Nicolas percebeu a ironia.

– Como é que conseguiu o apoio do Sr. de Sartine a ponto de ele lhe outorgar um mandato que lhe permite agir em seu nome com poderes superiores aos de um delegado? Não interprete mal minha curiosidade, mas, já que o senhor me honra com a sua, permita que eu faça, com toda a franqueza, o mesmo em relação à sua vida profissional.

Nicolas tinha ficado enredado em sua própria armadilha, mas não lamentava por isso. Considerava Bourdeau sincero e pressentia que essa conversa iria contribuir para aproximá-los ainda mais. No entanto, era outro Bourdeau que estava se revelando, mais profundo e mais circunspecto.

– Não há nenhum mistério, e minha história não é assim tão diferente da sua – respondeu. – Enjeitado, sem ancestrais nem fortuna, fui recomendado ao Sr. de Sartine por meu padrinho, o marquês de Ranreuil. Desde então, tudo se encadeou sem minha intervenção, a não ser a solicitude em desempenhar cuidadosamente as tarefas que me têm sido confiadas.

Bourdeau esboçou um sorriso.

– Eis um verdadeiro filósofo: o senhor coloca as perguntas sem dar as respostas. Longe de mim duvidar de suas palavras, mas compreenda que sua situação surpreende, que a comentam no Châtelet que algumas pessoas questionam. Há quem diga que o senhor é membro de uma loja maçônica.

– Ora essa! Mas por quê?

– Eu pensava que já era de seu conhecimento que o próprio Sr. de Sartine estava filiado à loja das Artes Saint-Marguerite.

– Claro que não, sou bem distante dessas coisas.

Na verdade, o homem simples que Nicolas, até então, acreditara conhecer bem mostrava-se sob um novo aspecto. Nicolas tomou consciência da incongruência da situação. Desde seu retorno da Bretanha, tinha se deixado levar pelos acontecimentos. Nem se dera conta do quanto suas relações com o inspetor se haviam, imperceptivelmente, transformado. Ele próprio aceitara essa deriva sem se questionar e sem desagrado. A despeito de suas inquietações e de sua convicção de ser, em determinados momentos, um objeto nas mãos do superintendente-geral da polícia, ele havia superado essa ambiguidade ao obter – pelo menos, essa era sua crença – a total confiança de seu chefe. Seria possível passar tão rapidamente do estatuto de instrumento ao de confidente? Preferia não se questionar a esse respeito, dedicando-se inteiramente à sua missão. No entanto, dava-se perfeitamente conta de que Bourdeau não era um simples empregado e precisou de uma grandeza de alma pouco comum para aceitar que um jovem, um aprendiz, se tornasse, por assim dizer, seu chefe. Por sua vez, o inspetor tinha aceitado – ele, que era um homem de experiência – se apagar e acatar suas ordens. Nicolas pensou com seus botões que, sem dúvida, tinha sido negligente ao não prestar atenção para que essa reviravolta hierárquica ocorresse com todo o tato e a delicadeza indispensáveis. Não devia esquecer a lição que Bourdeau acabava de lhe dar. Lembrou-se de que o uso do prenome, outrora habitual entre eles, tinha dado lugar a um “senhor” deferente, mais conforme com suas novas relações. Todavia, continuava convencido de que o inspetor lhe dedicava uma real simpatia, correspondida por ele com uma verdadeira estima. Prometeu a si mesmo ficar atento para demonstrar esse sentimento, tanto mais que ele mesmo tinha solicitado ao Sr. de Sartine que Bourdeau fosse seu adjunto.

O silêncio continuou até o momento em que Bourdeau, praguejando em surdina, chamou a atenção de Nicolas para o que se passava na sala: os dois suspeitos tinham se levantado e, depois de emborcar um último copo, estavam saindo da taberna. O inspetor cochichou a Nicolas para contar lentamente até trinta: só então

poderiam sair, por sua vez, sem chamar a atenção nem correr o risco de tropeçar no objeto de sua perseguição. Bourdeau tinha dado ordens ao guia para vigiar discretamente a saída dos dois valentões, sem perdê-los de vista, e aconselhou Nicolas a fingir que estava bêbado. Os dois se levantaram, titubeantes, apoiando-se um no outro e, batendo de encontro às mesas, saíram da espelunca.

O frio era intenso. Voltara a nevar. Bourdeau apontou para os passos na neve e para as marcas da perna-de-pau. O tempo estava a seu favor: bastava-lhes seguir as pegadas. Não tiveram de andar muito: a algumas centenas de passos da taberna, abria-se um impasse, estreito caminho de terra comprimido entre montões de troncos e galhos. Uma “sombra”, com o braço esticado, indicou-lhes a viela e desapareceu. Uma cerca de madeira, coberta com uma espécie de lona, fechava a entrada de um terreno. Através dos interstícios das paliçadas, a obscuridade deixava entrever um armazém ou uma granja, cujo volume bloqueava a vista. Não se ouvia nenhum ruído. O inspetor sussurrou no ouvido de Nicolas que, caso houvesse mais de uma saída, eles arriscavam perder a presa e que, com a demora dos beleguins, deveriam agir sozinhos e sem perda de tempo. Nicolas abanou a cabeça, aprovando.

Bourdeau empurrou a porteira, que cedeu com um rangido. Os dois penetraram às cegas no recinto. Imediatamente, Nicolas teve a cabeça coberta por um tecido grosseiro, ao mesmo tempo que sentia a ponta de uma faca contra as costelas. A seu lado, ouviu um ruído surdo seguido pela queda de um corpo. Uma voz se elevou:

– Caramba, esse vagabundo bateu as botas! Esses bastões de chumbo arrebentam o crânio! Mais tarde, a gente vê o que faz com o corpo. Vamos dar um trato em seu camarada para saber o que andavam tramando.

Com as mãos atadas, Nicolas foi empurrado para a frente. Sua cabeça estava coberta por uma sacola de pano amarrada no pescoço; com o aperto do nó, teve a sensação de estrangulamento. Percebeu que estava entrando em um galpão. Uma pedra foi atritada, e uma luz passou através do tecido. Foi forçado a sentar-se em um banquinho, e a sacola de pano foi arrancada com brutalidade. Uma tocha, dependurada em uma argola fixada em um

muro de pedra, iluminava um celeiro atravancado de objetos e móveis descombinados. No meio de toda essa bagunça, o jovem reconheceu imediatamente o elegante cabriolé de Semacgus. Então, apesar de seu desespero, não pôde deixar de pensar que estava chegando ao fim de sua investigação ou que, pelo menos, acabava de dar um passo importante nesse sentido.

Em seguida, pensou em Bourdeau: “Será que está morto?” Talvez essas fossem suas últimas reflexões: precisava encontrar um jeito de deixar uma pista, uma mensagem, um sinal, mas como?

Em pé, diante dele, viu um personagem de estatura mediana, com cabelos esparsos de um amarelo desbotado e olhos de cores diferentes que lhe fizeram lembrar o jovem tão citadino que lhe havia roubado o relógio quando chegara, pela primeira vez, a Paris. O rosto apresentava vestígios de varíola. Ele apontava um facão para Nicolas. O outro personagem devia estar recuado, e Nicolas não o via.

– Não tire os olhos dele – disse o homem. – É preciso ter cautela. Então, senhorzinho, andava atrás de nós. Bisbilhotando? Vamos ver mais de perto o que está escondendo de nós.

Ele se pôs a revistar Nicolas metodicamente. O jovem se felicitou por ter deixado no Châtelet tudo o que era pessoal. Esperava que a pequena pistola, enganchada no interior da velha sobrecasaca, passaria despercebida, mas o homem soltou um grunhido de triunfo ao descobri-la.

– Epa, o que é isso, hein?! O que é? Veja o que acabo de afanar!

E forçou o cano da arma contra a boca de Nicolas com tamanha violência que o sangue esguichou do lábio. O jovem tentou dar o troco:

– Meu senhor – respondeu, arrependendo-se logo por essa demonstração de cortesia, que o denunciava –, meu amigo e eu estávamos à procura da residência do Sr. Chauvel. Poderia me dizer se ela fica nas proximidades?

– Não é que o bobo está tentando nos levar na sua conversa? Será que ele está com medo? Está ouvindo isso, Bricart? Mas veja

essas mãos macias e limpas: isso não combina com o resto. Por acaso, você não seria um informante? E em serviço, ainda por cima!

Nicolas estremeceu: o homem nem escondia seus nomes, o que era um mau sinal se estivesse lidando realmente com criminosos violentos.

O outro aproximou-se: mais velho, tinha um espesso bigode branco, e a extremidade de sua perna direita era de madeira. Seu traje era uma mistura bizarra de vestimentas militares já gastas e de roupas civis. Apoiava-se em uma borduna e segurava uma pistola pronta a disparar. Veio cheirar Nicolas e permaneceu a seu lado.

– E cheira a cravo, um verdadeiro janota! Pode acreditar em mim, meu senhorzinho, você está ferrado e só te resta desembuchar tudo o que sabe. Rapace, dá-lhe uma espetada!

– E como vou fazê-lo vomitar! Tenho o que vai fazê-lo tagarelar...

Ele cutucou Nicolas no peito, exatamente em cima da ferida – que, de novo, começou a sangrar. O jovem não conseguiu conter um grito.

– E ainda por cima, sensível! Vamos, fala! Fala ou te arrebento...

Rapace estava prestes a continuar quando se ouviu um estrondo seco: a porta do celeiro acabava de ser arrombada. E a voz de Bourdeau berrou:

– Vocês estão cercados! Não se mexam e joguem as armas no chão!

Bricart, estarrecido, lançava olhares assustados para a direita e para esquerda.

– Calma! É conversa fiada, ele está sozinho – replicou Rapace.

Tendo arrancado a arma de Bricart, apontou-a na direção de Bourdeau.

– Você, alma do outro mundo, ponha as mãos em cima do chapéu.

Obedecendo, Bourdeau gritou:

– Aqui, guardas!

– Cala-te ou te mando desta para a melhor!

Passaram-se alguns segundos que pareceram uma eternidade; todos se mantinham imóveis, na expectativa. E nada ocorreu.

– Bricart, para um veterano, você perdeu a embocadura!

– Para dizer a verdade, não estou entendendo nada: ouvi o crânio dele estourar!

– Se queres evitar que eu faça picadinho de seu querido colega – prosseguiu Rapace, dirigindo-se ao inspetor –, explica-me logo qual era a tramoia de vocês.

E aproximou a faca do pescoço de Nicolas, cujo coração se pôs a bater penosamente. Tudo iria, portanto, terminar em um galpão imundo daquele subúrbio perdido... De repente, ouviu-se o estampido de um tiro e Rapace, o semblante marcado pela surpresa, caiu pesadamente no chão, atingido por uma bala no meio da testa. Apoiando-se com firmeza nas pernas, Nicolas se projetou para a frente: com o calcanhar, derrubou o banquinho em que estava imobilizado e trombou contra Bricart, que, desequilibrado, estatelou-se no solo. Com um salto, Bourdeau lançou-se com todo o seu peso em cima do velho soldado, antes de desarmá-lo; amarrou-lhe as mãos atrás das costas com uma cinta de couro encontrada no chão e, em seguida, libertou Nicolas.

– Bourdeau, cheguei a pensar que estivesse morto! Graças a Deus o senhor está vivo, e devo-lhe a vida!

– Não falemos mais nisso. O Sr. de Sartine nunca me perdoaria por ter faltado ao compromisso de protegê-lo... e eu próprio teria ficado com remorsos para sempre.

– Mas, Bourdeau, explique-me esse milagre!

– Na verdade, Sr. Le Floch, sempre que estou envolvido em uma operação que pode se tornar perigosa, utilizo um chapéu fabricado por mim.

E mostrou-lhe seu grande feltro ao estilo da Regência: o fundo era forrado por uma calota de ferro, presa por um fio de seda.

– Mas... e o tiro?!

– Ainda o chapéu! Minha pequena pistola, semelhante àquela que lhe ofereci, está fixada do lado direito, atrás da aba: ninguém tem a ideia de revistar um chapéu. Inútil dizer que é necessário estar bastante habituado: eu próprio já treinei muito tiro ao alvo para obter um resultado do qual me sinto bastante orgulhoso. O único risco é que só se pode contar com um tiro e que nada garante a repetição desse milagre. Apesar disso, mandarei fazer um chapéu no qual o senhor possa esconder sua pistola.

– Mas por que não atirou logo?

– Teria sido muito arriscado! Apostei no desenrolar das coisas; aliás, o senhor prestou uma grande ajuda ao trombar contra Bricart. Agora, o que vamos fazer? Continuamos esperando a ronda?

– Ela não deve demorar. Mas, Bourdeau, tenho uma surpresa para o senhor.

Nicolas agarrou a tocha e aproximou-se do veículo estacionado na granja.

– Mas... o senhor está sangrando?!

– Esse canalha reabriu a ferida do meu peito, mas não é nada. Em vez disso, repare neste cabriolé: é o de Semacgus. Quanto ao cavalo, já deve ter sido vendido.

Ele abriu a porta da viatura: a luz incidiu, de repente, na tapeçaria bege da banqueta, coberta por uma enorme mancha de sangue ressequido. Este tinha transbordado até o chão, no qual a mancha se estendia numa poça roxo-escura. Um corpo, que perdeu todo o seu sangue, tinha sido massacrado ou transportado naquele cabriolé. Os dois homens contemplavam aquele horror.

– Tenho quase certeza de que Saint-Louis não será encontrado vivo – concluiu Bourdeau.

Nicolas retomou a iniciativa das operações.

– Assim que chegarem, os beleguins farão uma vistoria minuciosa no celeiro e no terreno em volta. A morte de Rapace deverá ser mantida em segredo absoluto. Este cabriolé deverá ser conduzido para o Châtelet, e Semacgus terá de reconhecê-lo. Levo Bricart comigo, para um primeiro interrogatório. Amanhã cedo,

apresentarei um relatório ao Sr. de Sartine. Bourdeau, confio no senhor para que as coisas se desenrolem aqui da melhor forma possível. Assim que terminar, queira dirigir-se ao meu escritório. Receio que esta noite não consigamos pregar o olho!

O informante de Tirepot apareceu, seguido por um oficial e por uma tropa de beleguins. As instruções de Nicolas começaram a ser postas em prática. No momento da partida, ele avançou até Bourdeau e lhe estendeu a mão:

– Meu amigo, obrigado.

O retorno a Paris foi tranquilo para Nicolas. Os múltiplos sinais de um perigo mortal acabaram assumindo outro sentido. O futuro, até então incerto, parecia aberto. Nem a presença, a seu lado, de um criminoso declarado podia tirar de Nicolas um sentimento de alívio, ao qual se acrescentava a satisfação de ter feito justiça a Bourdeau. A experiência o havia fortalecido, como a água endurece a lâmina em brasa da espada. A morte, cujo odor ele havia sentido no hálito de Rapace, tinha se afastado por muito tempo, deixando-o como que lavado e com mais autoconfiança. Ele tinha renascido e encarava as coisas com outros olhos. O fiacre, a própria dor no peito e a neve que continuava caindo proporcionavam-lhe júbilo e reconhecimento. E riu, porque as negras visões cederam lugar a brancas – e, incorrigível, ele acabava de passar de umas para as outras. Mergulhou nessa euforia até chegar ao Châtelet.

Depois de trocar de roupa, Nicolas voltou para junto do prisioneiro, a fim de interrogá-lo imediatamente. Já havia observado várias vezes que um indiciado apanhado em flagrante possuía um número menor de defesas, e que estas apareciam mais tarde, depois de reflexão, quando o criminoso já dispusera de tempo suficiente para edificar uma fortaleza de certezas e negativas. Nicolas tinha obtido, com o carcereiro, uma garrafa de cachaça: sua intuição o aconselhava a se acercar de Bricart com delicadeza, reservando-se a possibilidade de mudar de estratégia e enveredar por outra via se a primeira não desse certo.

Ao entrar na cela, ficou impressionado com a transformação de Bricart. A lanterna que trazia iluminou o velho soldado sentado no beliche. O facho de luz mostrava-o derreado, quase careca, a tez cor de cera pontilhada de manchas escuras. Esse rosto salpicado e costurado por velhas cicatrizes acusava o peso dos anos. Os olhos baços estavam injetados de sangue, e o lábio inferior pendia, trêmulo. Nicolas mandou fechar a porta e desatou as mãos do prisioneiro. Encheu uma xícara de barro com cachaça e a estendeu para ele. Após um momento de hesitação, o velho soldado engoliu o álcool em uma tragada e limpou a boca com as costas da mão.

– Você está, neste momento, completamente só – disse Nicolas. – Seu colega já não poderá ampará-lo. É sobre você que, daqui em diante, vão pesar graves acusações. Se quiser acreditar em mim, só lhe resta fazer uma coisa: aliviar sua consciência.

O homem não manifestou nenhuma reação.

– Vamos, então, começar do começo. Bricart é seu nome de guerra? Como é que se chama mesmo?

O outro hesitava. Certamente, estava pesando os prós e os contras para saber se iria continuar em silêncio ou se acabaria falando para aliviar sua angústia.

– Jean-Baptiste Lenfant, nascido em Sompuy, na Champanha – disse, por fim.

– Em que ano?

– Eu nunca soube. O pároco dizia “no ano do grande frio e dos lobos”.

– Você foi soldado?

Bricart endireitou a cabeça. Tinha se transformado a olhos vistos e, depois de pedir outra dose de bebida, deixou-se levar por uma enxurrada de palavras precipitadas, através das quais repassou toda a sua vida. Com certeza, tinha sido soldado, e durante muito tempo, até essa maldita ferida no campo de batalha de Fontenoy. Tinha sido sorteado, com vinte anos, para fazer parte da Milícia Real. Não foi nenhuma sorte, ele bem que podia ter escapado. Lembrava-se ainda da partida de sua aldeia. Muitos de seus colegas

choravam e gritavam que estavam sendo levados para a morte. As mães estavam lá, torcendo as mãos de desespero. Ele ainda conservava no nariz o cheiro dos uniformes fétidos. Dizia-se, à meia-voz, que eram os uniformes dos mortos na última guerra. Sentia ainda o incômodo da mochila demasiado pesada, que puxava as costas para trás e esfolava os ombros. Um longo caminho começava na lama do inverno para chegar ao regimento ou à fortaleza. As galochas se rasgavam, as meias desfiavam e, na chegada ao bivaque, os pés sangravam. Alguns recrutas não resistiam, outros ficavam mutilados. Para todos havia a tristeza, a separação dos entes queridos e a saudade da terra natal que matavam a esperança. Depois, os dias foram passando, uns após outros. Criavam-se hábitos, com momentos felizes no meio dos sofrimentos. Havia os companheiros, as bebedeiras, as pilhagens nas casas dos camponeses, as barrigadas de aves e de frutas roubadas e as garotas das fazendas ou das tabernas.

Tudo, porém, chegou ao fim, certo dia, em um campo de batalha. Por que aquele recruta, por que ele? Tudo havia começado com o toque de alvorada ressoando na madrugada fria. O inimigo tinha atacado desde as cinco horas. Os estados-maiores agaloados passavam a galope. Lá longe, sobre uma pequena colina, percebia-se um ponto cinza e dourado e, a seu lado, outro vermelho. O sargento sussurrava que se tratava do rei e do filho, o delfim. Bricart tinha visto, pela primeira e última vez em sua vida, o marechal de Saxe – tão atacado pelas sequelas da sífilis que precisava ser carregado, completamente inchado, em uma cadeira de vime – que chicoteava, com sua voz colérica, as energias e a desorganização dos oficiais. Tudo se movimentava com o toque dos clarins, e as colunas, uma após a outra, tomavam posição para o ataque.

Depois, tudo acabava rapidamente. O choque que surpreende, a primeira impressão de que nada aconteceu, de que se salvou a pele e de que será possível se erguer, somente coberto de poeira e do sangue do colega abatido a seu lado. Em seguida, é a sensação de estar imerso em um líquido quente, e então, em espasmos cada vez mais violentos, a dor insuportável que vem da perna estraçalhada pela bala de canhão. Tendo permanecido abandonado até o cair da

noite, ele próprio conseguiu improvisar um garrote para a coxa. Ao ser levantado do chão, estava agonizante. Ouvira antes, contudo, o estrépito horroroso da batalha, os gritos, os relinchos e os urros que, aos poucos, tinham sido substituídos pelas lamentações dos feridos e pelos estertores dos moribundos. A seu lado, um hussardo, esmagado sob sua montaria, deixava correr silenciosamente as lágrimas, chamando pela mãe. Tivera de se defender contra salteadores de cadáveres – mulheres e até mesmo crianças – que arrancavam dos pobres mortos suas miseráveis riquezas, incluindo o galão descosturado dos uniformes. Em seguida, tinha sido conduzido de charrete para um posto de socorro, cujo solo estava coberto de sangue e restos de corpos humanos. Os cirurgiões estropiavam a arraia-miúda: foi assim que perdeu a perna direita. Os dias que passou naquele local pareciam não ter fim. Cada ferido jazia em suas próprias fezes, situação pior que se estivesse deitado em cima de esterco. Todos estavam infestados de vermes imundos, e os mortos serviam de colchão para os vivos. Sua resposta, portanto, era afirmativa: tinha sido soldado. Na verdade, tinham-no usado como se fosse um animal destinado ao matadouro.

Uma vez inválido, como não tinha nem apoio nem qualificação, tinham-no abandonado sem ajuda, tendo, como único viático, seu uniforme usado e a perna-de-pau. Voltou para sua aldeia. Seus pais tinham falecido há muito tempo, seus raros primos julgavam que estava morto e sua minguada herança havia sido distribuída. Reduzido à miséria, levou uma vida errante, acreditando que a grande cidade haveria de prover mais facilmente para suas necessidades. Mas o que podia esperar um inválido incapaz de oferecer sua força de trabalho? Ele não sabia ler nem escrever, nada além de assinar o nome com garranchos. Tinha medo de acabar no hospital de assistência pública, confinado como um animal no meio de loucos furiosos aos quais a comida era entregue na ponta de uma baioneta. Ele estava falando com conhecimento de causa por ter sido preso, em determinada circunstância, e trancafiado no hospital de Bicêtre. Tendo conseguido fugir, por milagre, sentia um grande pavor de retornar àquele local.

Bricart tinha se animado ao longo de sua narrativa. Tinha as bochechas avermelhadas. Contudo, sob o efeito do álcool, recaíra em sua prostração, com o queixo tombado sobre o peito. Nicolas não podia deixar de lamentar por essa criatura, cuja vida sofrera tamanhas provações. No entanto, tinha chegado o momento de obter uma confissão formal ou informações capazes de fazer avançar a investigação. Era indispensável para corroborar os diversos elementos que já tinha em mãos. Decidiu ir direto ao assunto. As reações de Bricart determinariam o rumo do interrogatório.

– Você corre o risco de se encontrar em situação muito pior do que em Bicêtre! – emendou Nicolas. – Seja um bom rapaz e diga o que andava tramando em companhia de Rapace. E, para começar, de onde veio aquele cabriolé ensanguentado que estava no galpão de vocês?

Encolhendo-se ainda mais, Bricart lançou a Nicolas um olhar aturdido e desconfiado.

– Somos revendedores, é isso! Compramos e vendemos.

– Como é que você confessa ter receio do hospício e, ao mesmo tempo, afirma que é comerciante? Acha que alguém vai acreditar nessa história?

– Rapace é que tem o dinheiro. Eu não tenho nada, só o ajudava.

– A fazer o quê?

– A encontrar objetos a bom preço.

– E aquele cabriolé era um?

– Rapace é que tratou desse negócio.

Nicolas percebeu que Bricart tinha escolhido um sólido terreno de defesa: atribuir tudo a Rapace, que, agora, não poderia mais contradizê-lo. A longa narrativa da vida do soldado já tinha sido uma tentativa de distraí-lo; ele falaria bastante a respeito do que era pouco importante e ficaria calado em relação ao essencial. Era necessário encontrar outro ângulo de ataque.

– Você sente muitas dores na perna?

Bricart, aliviado, aproveitou a oportunidade para falar de outro assunto.

– Ah! Meu prezado senhor, ela não me deixa em paz nem um instante, a maldita. O senhor acreditaria nisso?! Eu a sinto, ela coça, até mesmo os artelhos ficam dormentes. É uma pena e um suplício ter de coçar o vazio! E o coto, o coto ainda vivo... Na verdade, é um grande sofrimento!

– Parece-me que sua perna-de-pau é bastante sólida.

– E como é! Foi feita com madeira de carvalho de uma carreta de artilharia destruída em Fontenoy. Foi esculpida por um carpinteiro. Esta perna é uma velha companheira que nunca me traiu.

Ele ergueu a ponta na direção de Nicolas, que a agarrou com firmeza, projetando Bricart contra a parede, na qual ele bateu a cabeça.

– Diabo! O que pretende esse tratante? – resmungou Bricart.

– Acho que você é um verdadeiro patife que não para de mentir – respondeu Nicolas –, e farei tudo para que diga a verdade.

Enquanto segurava com uma das mãos a extremidade da perna-de-pau de Bricart, ele havia tirado do bolso, com a outra mão, um pedaço de papel amassado, e ajustou cuidadosamente a ponta metálica da prótese ao centro do documento.

– Isto me convence – declarou. – Acuso você, Jean-Baptiste Lenfant, chamado Bricart, de ter estado, na noite de 2 de fevereiro, em Montfaucon, na companhia de Rapace, seu cúmplice, para depositar os restos de um corpo assassinado. Vocês chegaram lá em uma charrete puxada por um cavalo.

Os olhos apavorados do prisioneiro procuravam desesperadamente uma saída. Nicolas já tinha percebido esse olhar em uma raposa presa em uma armadilha, cercada por cães enraivecidos. Não estava, de modo algum, orgulhoso por ter reduzido um homem a esse estado de pânico, mas precisava obrigá-lo a falar. Soltou a ponta da perna-de-pau, que provocou um ruído seco contra o beliche.

– Isso é calúnia e invenção! – protestou Bricart. – Não estou sabendo de nada. Deixe-me sair daqui. Eu não fiz nada. Sou apenas um pobre soldado inválido. Inválido!

Ele gritava, e a luz incidia agora sobre o suor que inundava seu rosto.

– Deseja que eu lhe forneça alguns detalhes mais precisos? – perguntou Nicolas. – Por que posso afirmar que você estava em Montfaucon naquela noite? Por esta simples razão: decalquei, na neve congelada, algumas pegadas – ele agitava o pedaço de papel. – E quais pegadas? As de um pequeno hexágono cujo contorno é irregular. Ora, acontece que ele é idêntico à extremidade de sua perna-de-pau. Desde já, acrescento que vocês não estavam sozinhos em Montfaucon...

– Caramba! Só o Rapace estava lá... Que o diabo te carregue!

– Agradeço-lhe por reconhecer que você estava realmente no Grand Équarrissage... e em companhia do Rapace. Aliás, se você tivesse defendido o contrário, eu lhe teria dito que havia lá uma testemunha que presenciou o trabalho de vocês. Não posso senão aconselhá-lo, pela última vez, a me dizer a verdade – caso contrário, outros agentes mais hábeis do que eu serão encarregados de arrancá-la de você, “trabalhando” a perna que lhe resta...

Nicolas estava horrorizado com a própria brutalidade. Sua única justificação era acreditar que sua proposta constituía a única oportunidade de Bricart para salvar sua vida – em todo caso, de sofrer menos. O homem à sua frente era, sem dúvida, um criminoso, mas seria possível julgar seus crimes sem tentar inscrevê-los na longa duração dos infortúnios de uma vida? Ele imaginava Bricart criança, jovem, soldado ferido, e o desfile ininterrupto de todos os seus sofrimentos...

– Tudo bem – aquiesceu o outro –, eu estive em Montfaucon com Rapace. E daí? A gente foi levar a carniça de um animal morto, que a gente tinha feito em pedaços.

Falava com esforço, suspirando a cada palavra como se lhe faltasse o fôlego.

– Cortar em pedaços um cavalo, em plena noite? Deixe de conversa, Bricart: você sabe perfeitamente que não se tratava de uma carcaça, mas de um cadáver.

Coçando até fazer sangrar uma crosta amarronzada no crânio calvo, Bricart balançava a cabeça como se tentasse escapar a um pensamento cruel e obsedante.

– Vou lhe dizer tudo – suspirou ele. – O senhor, afinal, não parece ser um mau sujeito! Rapace e eu tínhamos sido pegos no momento em que a gente roubava madeira nos galpões do Porto de La Rapée. Para nos esquentar, é claro; o inverno é frio para os pobres.

– Vamos, pode continuar.

– O homem que nos prendeu parecia já conhecer Rapace. Ele nos propôs um negócio: nos encomendou um serviço para um de seus amigos. Sabia tudo a nosso respeito, nossos nomes, o galpão... Era o diabo com cara de anjo! Falava sorrindo, com um olhar que metia medo. Não havia como escapar. A gente devia se encontrar, na sexta-feira à noite, por volta das dez horas, à beira do canteiro de obras da praça em construção na extremidade das Tulherias, com uma charrete e dois tonéis. Foi-nos prometida uma boa recompensa por algumas horas de trabalho duro. Ele até nos deu um adiantamento em luíses de ouro!

– E o que aconteceu na sexta-feira?

– Fiéis ao encontro marcado e com a charrete. O que é que a gente podia fazer? Às dez horas em ponto, a gente estava na esquina do canteiro de obras, do lado da cidade. Aí, a gente viu chegar três mascarados.

– O homem que prendeu vocês estava lá também?

– Não lhe posso dizer: havia três mascarados com grandes capas pretas. Era Carnaval.

– Você chegou a observar algo em particular?

– O vento norte soprava fortemente. Um dos mascarados quase caiu, e, como o capuz da capa se inflou, tive a impressão de ver o rosto de uma mulher.

– E em seguida?

– Eles levaram a gente para a Rua do Faubourg-Saint - Honoré e nos deixaram lá. Por volta das onze e meia, chegou um cabriolé sem ocupantes, conduzido por um negro. A acreditar no que ele disse, cabia-lhe fazer todo o trabalho no lugar do patrão, que estava na gandaia em um bordel vizinho. Então, ele ficou de tocaia. Um homem, igualmente mascarado, saiu de uma casa: o negro pulou em cima dele, acertou-lhe uma pancada, arrastou seu corpo para a viatura e deu-lhe o golpe de misericórdia com um punhal. Em seguida, a gente andou até a beira do rio; na margem, ele cortou o corpo em pedaços, tendo sido ajudado por Rapace, que é um ex-açougueiro. Os pedaços foram jogados dentro dos dois tonéis; depois, ele mandou que a gente fosse depositar tudo aquilo na Équarrissage e pagou o que nos era devido.

– Você chegou a ver o rosto do morto?

– Com certeza, um burguês com uns cinquenta anos.

– E, em seguida, o que se passou?

– À rédea solta para Montfaucon. Com o pé de vento danado, havia a ameaça da maldita neve. Que lugar nojento. Ao chegar à Équarrissage, a gente esvaziou os tonéis e até mesmo, para ser franco com o senhor, massacrou um pouco a cabeça, como queria o negro.

– Ele estava com vocês?

– Não, não... Ele tinha deixado a gente à beira do rio: devia desaparecer, para que as pessoas fossem levadas a acreditar que era o morto.

– Ele chegou a dizer algo mais a vocês?

– Rapace ainda tentou saber quem era o morto; ele disse apenas que era um marido que amolava o patrão.

– Está bem. A que horas foi, então, o encontro no canteiro de obras da praça Louis XV?

– Por volta das dez, como já lhe disse. Em seguida, cerca da meia-noite, o homem foi morto. Depois a transferência do corpo

para a beira da água. Quando a gente estava a caminho de La Courtille, um campanário tocou as duas horas e meia. Uma hora mais tarde, o serviço tinha terminado.

– Que fim vocês deram à charrete e aos tonéis?

– Com certeza, já foram encontrados pelos seus beleguins, se é que eles sabem procurar...

– Bricart, suas afirmações vão ser verificadas, e você terá de ser confrontado com outras testemunhas. Espero que tenha dito a verdade; caso contrário, garanto-lhe que não escapará à sessão de tortura.

O homem não deu nenhuma resposta, já mergulhado em pensamentos. À sua frente, Nicolas tinha apenas um velho que teria merecido sua compaixão se o horror do que ele havia concordado em confessar não o permitisse imaginar que poderia ter feito pior. Nicolas pegou sua lanterna e bateu com o punho na porta para que o carcereiro viesse abri-la. A cela voltou a mergulhar na escuridão.

Esse interrogatório deixou Nicolas a ver navios. No relato de Bricart, numerosos aspectos pareciam estranhos. Se crédito se desse às afirmações do velho soldado, Semacgus tornava-se o principal suspeito. Assim, Saint-Louis, ainda vivo e cúmplice do patrão, teria fugido ou estaria escondido em algum lugar? Quem seria esse anjo com olhar de demônio, que só fazia pensar em Mauval? E os três mascarados misteriosos, mandantes do assassinato e de sua macabra encenação? Bricart teria visto realmente um rosto de mulher? O horário correspondia perfeitamente a todos os outros depoimentos. Apesar disso, Nicolas permanecia perplexo e, a bem da verdade, ainda se colocava algumas questões: será que sua amizade por Semacgus teria perturbado seu entendimento, impedindo-o de admitir a eventual culpabilidade do cirurgião da Marinha? O que o incomodava no relato de Bricart era seu caráter uniforme, detalhado à perfeição. Além disso, parecia inverossímil que o motivo do assassinato de Lardin tivesse sido formulado com tamanha clareza, correndo o risco de ser utilizado pelos dois cúmplices contra os mandantes para

chantageá-los ou para se defender... Quanto a Mauval, cuja influência funesta continuava se manifestando, ele usufruía de tal proteção que nada seria possível esperar de seu hipotético testemunho.

Finalmente, Nicolas acabava voltando sempre a Semacgus;será que a paixão o teria impelido a cometer tal crime? Louise Lardin teria sido sua cúmplice? Ou Descart? Tudo era possível, e até pior, porque tudo estava inextricavelmente ligado. A incerteza fazia seu coração bater mais forte.

Para se acalmar, começou a escrever um relatório pormenorizado para o Sr. de Sartine, para o caso de não o encontrar no dia seguinte. De fato, esse exercício permitiu-lhe ordenar as ideias. Alguns aspectos ainda não tinham aflorado à sua consciência. Tentava reencontrar o fio da meada com Bricart: o que o havia impressionado momentaneamente, o que faltava ao relato e as impressões fugidias que havia experimentado. Ele cochilava com a pena na mão quando Bourdeau apareceu, com a expressão peculiar que costumava exibir quando era portador de novidades.

– Bourdeau, o senhor tem algo a me comunicar...

– Isso mesmo. No decorrer de nossa vistoria, encontramos...

– ... uma charrete e dois tonéis ensanguentados.

Bourdeau esboçou um sorriso.

– Parabéns, Sr. Le Floch; então, Bricart confessou.

– Oh! Não tenha pressa em se regozijar... O depoimento dele não simplifica nada; aliás, nossa tarefa se tornou ainda mais árdua. E o senhor fez, ou não, outras descobertas?

– O local está abarrotado de objetos, sem dúvida roubados. E vasculhei também Rapace: além de bugigangas, encontrei apenas um relógio em latão quebrado.

Bourdeau entregou-lhe um grande lenço que, desatado, deixou ver alguns vinténs, uma caixinha de rapé em madeira escura, um punhado de barbante e o relógio em questão. Nicolas se pôs imediatamente a relatar o interrogatório de Bricart. Em breve,

soaram as três horas, e eles decidiram descansar um pouco. Nicolas pegou um fiacre que o conduziu até a Rua Montmartre.

Segunda-feira, 12 de fevereiro de 1761

Sua noite foi bem curta: às seis horas, já estava de pé. Após uma rápida toalete, ele desceu para a copa, onde Marion, assustada, ajudou-o a refazer seus curativos. Aproveitou para beber uma xícara de chocolate com um pão que acabava de sair do forno. A velha governanta lhe contou que o Sr. de Noblecourt tinha sofrido, na véspera – aliás, conforme ela havia previsto –, uma forte crise de gota. Ele havia sido forçado a permanecer em sua poltrona, com o pé envolvido em algodão. Somente de madrugada é que tinha conseguido deitar-se e descansar um pouco. De acordo com Marion, o que estava em causa não era tanto sua voracidade, mas o vinho branco que aquele tagarela sedento tinha bebido em grande quantidade. Por experiência, ela havia observado seu efeito nefasto sobre a saúde do patrão.

Nicolas caminhou até a Rua Neuve-Saint-Augustin. Ele experimentava a alegria de uma criança que deixa a marca dos passos na neve, ainda intacta e limpa, que havia caído durante a noite. Ao chegar ao palacete de Gramont, perguntou a um funcionário se era possível falar com o superintendente-geral da polícia e logo foi autorizado a entrar em seu gabinete. O Sr. de Sartine, de roupão, olhava para um grande armário com as portas abertas, repleto de dezenas de perucas. Nicolas sabia que, a cada manhã, seu chefe tinha prazer em admirar e manipular sua coleção de cabeleiras postiças.

– Para me incomodar tão cedo, Nicolas, não duvido que me traz o que espero... Não se assuste, é uma brincadeira; se fosse isso, eu já estaria informado.

– Ainda não, Sr. superintendente, mas coletei novas informações; aliás, estou acompanhando várias pistas...

– Várias? Isso significa então que, para o senhor, ainda não há nenhuma suficientemente convincente?

– Seria mais exato afirmar que estamos diante de várias intrigas que se entrecruzam.

Nicolas expôs sucintamente os últimos dados da investigação. De costas, o superintendente-geral escutava, penteando um de seus tesouros com uma escovinha prateada.

– Mas que história mal contada, Sr. Le Floch – interveio subitamente Sartine. – Está tudo claro. Semacgus está em suas mãos e, ainda por cima, suspeito nos dois casos. As suposições se acumulam, para não dizer as provas...

Ele se virou com um só movimento e completou:

– Se tudo está ligado e se Lardin está morto, deveria ser mais fácil, agora, encontrar o que senhor já sabe.

– Creio, Sr. superintendente, que nada é simples nesta investigação, e duvido que Bricart tenha contado o que se passou realmente.

– Use de força e, se necessário, mande alguém torturá-lo.

– Trata-se de um soldado veterano...

– É, sobretudo, um malfeitor que merece a forca; portanto, nada de deferências, seja por ele ou por Semacgus, de quem, estou sabendo, o senhor é amigo. Não esqueça que o rei e o Estado estão em causa. Deixe a pieguice a nossos caros filósofos, que denunciam, no nosso país, o que prevalece nos Estados dos príncipes estrangeiros que eles não cessam de incensar e dos quais esperam compensações. A propósito, Bourdeau me falou de suas contas. Já dei ordem a meus serviços para colocarem mais recursos à sua disposição. Não faça economias, o que está em jogo é demasiado importante. Ânimo, Nicolas! Não lhe resta muito tempo, mas parece-me que a investigação está progredindo. Agradeça a Bourdeau, em meu nome, pelo que ele fez para manter o senhor entre nós.

Nicolas voltou ao Châtelet completamente imbuído dos comentários do Sr. de Sartine. Devia submeter Bricart à tortura? Cabia-lhe tomar tal decisão, o que não deixava de atormentá-lo. Já tinha assistido a algumas sessões – um dos aspectos que fizeram parte de sua aprendizagem enquanto magistrado de polícia – e sabia perfeitamente que eram raros os detidos que a suportavam e que, muitas vezes, eles eram levados a fazer falsas confissões. Lembrava-se, inclusive, de um longo debate com Semacgus a esse respeito. O cirurgião julgava que a dor excessiva retirava toda a lucidez daqueles que viessem a experimentá-la, e que a tortura, inumana em si mesma, deveria ser abolida, assim como todos os excessos cometidos por seres humanos contra seus semelhantes. Nicolas não tinha encontrado argumentos convincentes para responder a essas colocações que solapavam suas convicções pouco firmes. O pior era imaginar Bricart sob tortura: o corpo inchado pela água engolida à força ou a única perna comprimida entre talas. Nem sequer seria possível introduzir as cunhas... Nicolas até que podia supor que o velho soldado fosse um criminoso, mas só conseguia imaginá-lo como jovem recruta arrancado do seio de seus familiares. Atualmente, ele não passava de um idoso que talvez tivesse remorsos, mas Nicolas enxergava o adolescente perdido que a Milícia Real tinha recrutado à força e lançado nos horrores da guerra.

Absorto nessa reflexão, dirigiu-se para o Châtelet, onde encontrou Bourdeau terminando de escrever o relatório sobre os acontecimentos da noite. Ao erguer o olhar para Nicolas, este ficou impressionado pela gravidade inabitual de sua expressão.

– Sr. Le Floch, tenho uma má notícia para comunicar-lhe: Bricart enforcou-se durante a noite, tendo sido descoberto pelo carcereiro ao fazer a ronda nesta manhã.

Momentaneamente, Nicolas ficou sem voz.

– Mas... enforcou-se com quê? – gaguejou ele por fim. – Ele tinha sido revistado no momento de sua entrada...

– Com uma cinta de couro.

Bourdeau desviou o olhar diante da expressão de horror de Nicolas; este revia seu gesto ao desatar as mãos do prisioneiro. Ao terminar o interrogatório, tinha esquecido a longa cinta de couro, que deixara cair no chão. O clarão frouxo de sua lanterna não lhe permitira vê-la.

Bourdeau lhe entregou o relatório, acompanhado pelo lenço atado que continha os objetos encontrados nas roupas de Rapace. Maquinalmente, Nicolas enfiou tudo no bolso do paletó.

43 Louis-Jean-Marie de Bourbon (1725-1793), filho do conde de Toulouse, Louis-Alexandre de Bourbon (1678-1737); este, por sua vez, foi o último dos filhos naturais de Louis XIV com a marquesa de Montespan, legitimado em 1681. Por direito, ele tinha herdado do pai essa função, em 1734.

XIII
Hallali[44]

Onde está a fuga alada,
Onde o retiro nas grutas tenebrosas
Quem me livraria das pedras do suplício?
Eurípides

Na cela, as coisas não tinham sido alteradas. Os dois policiais contemplavam o corpo de Bricart, desconjuntado como um boneco de engonço, na extremidade do cordel. A cinta tinha sido passada por trás de uma barra da grade, e em uma de suas pontas tinha sido dado um nó corrediço. O prisioneiro subira para a tábua do beliche e, em seguida, projetara-se para trás com a ajuda da perna-de-pau, que continuava imprensada no canto direito da parede. Essa encenação involuntária tinha um aspecto grotesco, como se o velho soldado estivesse tentando escalar a parede. Bourdeau balançou a cabeça e apoiou a mão no ombro de um Nicolas petrificado.

– São percalços inerentes ao exercício de nosso mister. Não se atormente nem use esse erro para seu descrédito...

– No entanto, não deixa de ser um erro.

– Esse termo nem me tinha ocorrido. Falemos, antes, em fatalidade. O destino lhe ofereceu uma saída. Ele não teria conseguido livrar-se com dignidade dessa situação, já que estava condenado de qualquer modo à tortura e ao cadafalso. Quanto ao resto, permita que um amigo lhe diga que um interrogatório formal

nunca deve ser conduzido a sós. A pressa é má conselheira. Um acompanhante pode perceber um detalhe esquecido. A vontade de fazer as coisas na hora e com perfeição é a única responsável pelo que ocorreu. Ainda por cima, tenha a certeza de que alguém decidido a morrer encontra sempre um expediente; neste caso, essa maldita cinta serviu.

– Bourdeau, será que se trata realmente de um suicídio? Alguém poderia estar interessado em eliminá-lo...

– Pensei nisso. Todavia, estou acostumado a ver enforcados, por ter averiguado várias dezenas de suicídios por suspensão. Sem possuir os conhecimentos de nosso amigo Sanson, tenho algumas noções sobre esta matéria. E, de fato, ela é delicada. Existe um debate acirrado entre as escolas para saber a maneira correta de determinar se o enforcamento de um indivíduo teria ocorrido antes ou depois de sua morte.

– E o que constatou?

Bourdeau aproximou-se do corpo e o virou. A perna-de-pau caiu no chão. O corpo parecia, ao mesmo tempo, intumescido e encolhido.

– Preste bem atenção, Sr. Le Floch. O rosto está inchado e arroxeado, os lábios, retorcidos, os olhos, esbugalhados e a língua se apresenta crescida entre os dentes, que a comprimem. A marca da cinta está gravada no pescoço, com manchas escuras na altura da garganta. Finalmente, os dedos estão lívidos e contraídos, como se a mão continuasse a segurar com firmeza um objeto. Os detalhes corroboram a convicção: não há nenhuma dúvida de que se trata realmente de um suicídio.

– Tem razão, Bourdeau – suspirou Nicolas.

Era preciso aceitar a realidade. As sábias admoestações do inspetor, fornecidas sob a forma de conselhos, atenuavam seu remorso, pela compreensão que manifestavam.

– De qualquer modo – acrescentou Bourdeau –, se ele não tivesse acabado com a vida dessa maneira, teria encontrado outro

jeito. Dispunha de meios para isso – o inspetor apontou para a garrafa de cachaça e a xícara que tinham caído no chão.

– Pode ter certeza de que aprendi a lição – asseverou Nicolas. – E, mais do que nunca, estou decidido a levar minha missão a bom termo.

Ele experimentava uma cólera crescente diante desse desperdício e dessa vida despedaçada pela segunda vez, e agora novamente, mas pela eternidade. Prometeu a si mesmo descobrir quem havia levado Bricart a essa ação extrema. Uma fria determinação prevalecia sobre sua confusão.

– Essa morte deve permanecer em segredo, assim como a de Rapace – decretou Nicolas. – Em relação a este último, receio que seja muito tarde, os culpados nos espreitam. É essencial que eles continuem a acreditar que Bricart está vivo: vão sentir-se ameaçados por seu testemunho ou por sua confissão. Temos de passar à ofensiva para tomar a dianteira.

– Qual é, neste caso, seu plano de ação? – perguntou Bourdeau.

– Vamos colocar as cartas na mesa. Temos dois assassinatos indiscutíveis: o primeiro poderia ser o de Lardin, o segundo é o de Descart. Temos um desaparecido, morto ou em fuga, Saint-Louis. Temos também duas mulheres: uma, Louise Lardin, esposa de um dos desaparecidos – que não teve a ousadia nem mesmo de fingir seu luto –, é, além disso, amante não só de um dos mortos, Descart, mas também de dois dos suspeitos, Semacgus e Mauval. Quanto à outra mulher, Marie Lardin, afastada ou desaparecida, ainda hesitamos em situá-la na categoria dos suspeitos ou das vítimas. Repare que Louise Lardin parece estar, ao mesmo tempo, ligada a tudo isso e certa de ser intocável. Quanto a Semacgus, seu nome reaparece com uma inquietante regularidade.

Nicolas começava a duvidar do cirurgião: suas mentiras iniciais retornavam-lhe à memória e desmentiam os acontecimentos subsequentes e seus repetidos protestos de sinceridade. Semacgus não tinha álibi consistente para o primeiro nem para o segundo assassinato. Seria possível também suspeitar que estivesse envolvido com o sumiço de Saint-Louis; com efeito, se ele estivesse

morto, o patrão tinha sido a última pessoa a encontrá-lo. Aliás, Descart o tinha acusado claramente do assassinato do cocheiro. Nicolas sentia que devia livrar-se de sua ascendência. O homem era ainda mais difícil de pegar porque vivia sozinho e ninguém sabia nada a seu respeito.

Enfim – e essa não era a menor preocupação de Nicolas –,faltava ainda recuperar os documentos do rei. Era esse o aspecto específico pelo qual ele seria julgado e avaliado. Abandonar à própria sorte desconhecidos cuja presunção de culpa carecia de provas seria tolerado. Fracassar na busca de cartas comprometedoras para a monarquia nunca lhe seria perdoado. Sartine havia claramente dado a entender isso.

– Se compreendi bem – comentou Bourdeau –, é a Rua dos Blancs-Manteaux que vai exigir toda a nossa atenção, não é mesmo?

– O senhor me entendeu perfeitamente: é lá que devem se concentrar nossos esforços – em relação à Sr.ª Lardin e, depois, a Semacgus. Não se esqueça estranheza, nos relatórios de nossos informantes sobre a residência do delegado: todas aquelas idas e vindas inexplicáveis. No entanto, para sermos eficazes, temos de agir com rapidez. O efeito surpresa vai funcionar com perfeição, conjugando as vantagens da vigilância prévia com a precisão de uma vistoria meticulosa.

Nicolas mandou transportar o corpo de Bricart para o porão nos fundos da Basse-Geôle: em uma semana, era o terceiro corpo depositado ali. Quais seriam exatamente as relações existentes entre os restos mortais encontrados em Montfaucon, o corpo de Descart e o de um velho soldado perdido? Uma vez descoberto isso, o caso estaria próximo do desfecho.

Bourdeau já tinha reunido seu pessoal. Vários guardas os acompanhariam. Três fiacres passaram ruidosamente sob o pórtico do Châtelet. Foi necessário abrir caminho no meio dos obstáculos da cidade e de uma multidão que era forçada a se afastar de qualquer modo com a aproximação da comitiva.

Eles mandaram bloquear a Rua dos Blancs-Manteaux, e alguns homens foram posicionados nos fundos para evitar qualquer fuga pelo quintal. Acompanhados por dois agentes, Nicolas e Bourdeau dirigiram-se para o portão, cuja aldraba foi batida com força. Decorreu um longo momento antes que Louise Lardin aparecesse, despenteada e de camisola; parecia ter acabado de levantar-se a contragosto. Desencadeou-se uma troca acirrada de palavras entre ela e Nicolas, que a informava do caráter oficial da investigação, depois ela pareceu se acalmar. Bourdeau cochichou para Nicolas que aquela atitude se assemelhava a uma tentativa de ganhar tempo: ela procurava, sem dúvida, facilitar a fuga de alguém. No entanto, o mais recente relatório do informante indicava que estava sozinha em casa.

Depois de solicitar que ela permanecesse na sala de jantar sob a vigilância dos guardas, Nicolas convidou o inspetor para visitar os quartos do primeiro pavimento. Uma grande desordem reinava nos aposentos de Louise: a cama estava em completo desalinho e os travesseiros conservavam ainda a marca de duas cabeças que se tinham recostado neles. Bourdeau passou a mão sob o cobertor. Nos dois lados, o colchão ainda estava tépido. Tudo parecia justificar a suspeita de que a Sr.ª Lardin não estava sozinha no momento em que tinham batido na porta.

Um agente havia sido encarregado de vasculhar a casa, começando pelo sótão; ele voltou de mãos abanando. Nicolas esvaziava sistematicamente as cômodas e os armários. Pegou uma capa e uma máscara de seda preta, assim como sapatos, e colocou tudo em um lençol que foi amarrado e lacrado. Entre os pertences do delegado, não encontrou nenhum vestígio do gibão de couro ou de outra capa. O quarto de Marie Lardin não apresentava, aparentemente, nenhuma alteração. No entanto, uma surpresa o aguardava: o armário, que tinha chamado sua atenção na vistoria anterior por estar intacto, desta vez estava quase vazio: vestidos, saias, capas e sapatos tinham desaparecido. Marie teria retornado? Ou... Ele decidiu interrogar Louise a respeito. A última inspeção levou-o a descobrir, no fundo da gaveta de uma mesinha de marchetaria, o missal da moça. Frequentemente, tinha notado esse

livrinho, encadernado em veludo azul, que ela levava quando ia à missa. Por que o teria deixado ali? E, no entanto, ela era bastante apegada a esse objeto, que havia pertencido à mãe. Intrigado e emocionado, Nicolas se pôs a folheá-lo. Dele caiu um pedaço de papel dobrado em dois e idêntico às enigmáticas mensagens do delegado. Este dizia o seguinte:

Rebuscadas sem tréguas e

Tudo ao rei é devido.

Assim, uma terceira mensagem tinha sido colocada por Lardin em um lugar no qual, ele tinha certeza, mais dia menos dia, a filha acabaria por encontrá-la. Isso já teria acontecido? Marie usava seu livro de horas apenas para ir à missa – pelo menos, era o que Nicolas supunha. Bourdeau não tinha reparado em sua descoberta, e ele enfiou o bilhete no bolso. Seria necessário comparar essa mensagem com as outras duas que já tinha. Nicolas experimentava a esperança insensata de que a menção ao rei viesse a ter uma relação com as cartas que estava encarregado de encontrar.

Em seguida, Nicolas levou Bourdeau a seu antigo quarto do segundo pavimento. Ele o reviu com um pouco de saudade, sem notar nada de suspeito. Voltaram ao térreo para a vistoria minuciosa da biblioteca. Em um exemplar dos poemas de Horácio, encontraram uma fatura de fornecedor – um marceneiro – por um trabalho que tinha sido pago em 15 de janeiro de 1761. A proximidade da data intrigou Nicolas, que conservou o documento: teria sido deliberadamente escondido naquele livro ou simplesmente serviria de marcador? Não custaria nada verificar o objeto correspondente a essa fatura. Nesse caso, também, manteve silêncio sobre esse indício.

Voltaram a encontrar Louise Lardin na sala de jantar. Estava sentada, empertigada, na borda de uma cadeira.

– Minha senhora – disse Nicolas – não lhe perguntarei se estava sozinha, pois sabemos que não. O bairro está sob vigilância, seu

visitante não irá longe.

– Nicolas, o senhor é realmente insultante e presunçoso – respondeu ela.

– Pouco importa, minha senhora. Eu lhe ficaria grato se me indicasse onde se encontram as roupas da Srt.ª Marie, sua enteada. Aconselho-a a responder sem criar obstáculos, caso contrário, a senhora será forçada a falar nas dependências da Conciergerie[45].

– Então sou suspeita?

– Responda à minha pergunta.

– Dei as roupas usadas de minha enteada aos pobres. Ela decidiu entrar para o convento.

– Desejo, pela senhora, que essa afirmação possa ser confirmada. Agora, inspetor, vamos vasculhar a cozinha.

Louise fez um movimento que reprimiu rapidamente.

– Os senhores não vão encontrar nada lá.

– Bourdeau, dê o braço à Sr.ª Lardin, ela será nossa guia.

A cozinha estava gelada. Nicolas teria apostado que a fornalha não era acesa há vários dias. Bourdeau pôs-se a cheirar o ar com nojo.

– Que fedor! – exclamou ele.

– Como assim?! – ironizou Nicolas. – O senhor não acha esse aroma agradável? Então, pergunte à Sr.ª Lardin qual é a razão desta fedentina; ela vai explicar-lhe, penso eu, que gosta muito de carne de caça em decomposição.

– O que o senhor quer dizer?

– Há caça grossa lá embaixo, no porão, como num podredouro. Como explica isso, minha senhora?

Pela primeira vez desde que tinham chegado, Louise dava sinais de inquietação. Ela se encostou no aparador.

– Despedi minha cozinheira – respondeu – e ainda estou à procura de alguém para substituí-la. O senhor tem condições de saber que ela era uma artista na sua área. Não vou sujar as mãos

com o trabalho doméstico: deixo esse serviço para as criadas porcas. Assim que encontrar alguém, tudo será limpo.

– E este fedor não a incomoda? – perguntou Bourdeau.

Louise ignorou a pergunta e demonstrou intenção de sair.

– Queira ficar conosco, minha senhora – ordenou Nicolas e dirigiu-se a um de seus agentes. – Mantenha essa mulher sob vigilância. Nós dois vamos descer ao porão.

Nicolas derramou um pouco de vinagre de um recipiente de porcelana, umedeceu seu lenço e propôs a Bourdeau que fizesse o mesmo. Este recusou e acenou com o cachimbo, que acabara de encher e acender.

– Acho que estamos prontos. Vamos levar este castiçal.

Assim que puseram os pés no porão, o fedor, a despeito de suas precauções, tornou-se insuportável. O javali estava em decomposição: pedaços de carne tinham caído no chão e animais rastejantes os cobriam com uma camada viva, agitada por movimentos lentos. Nicolas deteve Bourdeau, que ia avançar. Tirou as botas, agachou-se e, iluminando com o castiçal, examinou o solo. Sua busca levou-o até uma armação de madeira cujas travessas estavam guarnecidas com garrafas. Pegou algo que mostrou a Bourdeau: tratava-se de um pedaço de vela de igreja esmagado. Ergueu-se, calçou novamente as botas, chamou Bourdeau para ajudá-lo e começou a retirar as garrafas das prateleiras. Apoiado no móvel, Bourdeau percebeu que, de repente, este deslizara para um lado da parede, deixando à vista uma velha porta.

– O que eu faria sem sua colaboração? – exclamou Nicolas. – O senhor é como Alexandre Magno: nós nos esforçamos sem sucesso, o senhor corta o nó górdio.

– Não fiz isso de propósito – respondeu o inspetor –, mas tenho a impressão de que essa porta vai esclarecer muita coisa. O mérito, Sr. Le Floch, é todo seu: limitei-me a acompanhar o sabujo de tocaia que o senhor imita com tamanha convicção. Seu nariz é apuradíssimo!

– No momento, está totalmente entupido – arrematou Nicolas, voltando a colocar o lenço diante do rosto.

Eles desataram a rir, afastando um pouco a angústia que não cessava de aumentar. Nicolas empurrou a porta, que não tinha fechadura. Perceberam que a estrutura podia ser deslocada do exterior: uma corda amarrada a uma de suas extremidades passava por um buraco recortado na porta. Bastava puxá-la para que a parte móvel se deslocasse lateralmente e deixasse uma abertura. Era a explicação para os deslocamentos misteriosos dos visitantes e dos ocupantes da casa Lardin. Evidentemente, os informantes eram inúteis diante de tal sistema, e o desconhecido que estava com Louise tinha escapado por esse caminho. Restava saber para onde conduzia essa saída.

Eles desceram ainda alguns degraus. O cheiro repugnante da carniça se tornava cada vez mais intenso no ar rarefeito do subterrâneo. Após alguns passos, tiveram de virar duas vezes à esquerda e, de novo, descer alguns degraus. Nicolas ouviu Bourdeau armar sua pistola. Estavam percorrendo uma das galerias imemoriais que se alastram pelo solo de Paris. Ninhadas de camundongos pareciam emergir sob seus pés: davam a impressão de fazer fila, apressadas, os maiores pulando por cima dos outros. Seus guinchos agudos e sua excitação deviam certamente ter uma causa.

A trilha desembocava em uma sala abobadada. Nicolas estacou, estarrecido diante do espetáculo à sua frente. Da mesma maneira que os pedaços do javali estavam animados por uma vida independente, uma forma movente jazia a alguns passos deles. Atrás dele, Bourdeau não conseguiu conter um grito. Para se aproximar, tiveram de se defender com chutes contra roedores cada vez mais agressivos que, guinchando, mostravam os dentes. Os dois investigadores viam brilhar centenas de pontos vermelhos, olhos atraídos pelo clarão da vela. Bourdeau empurrou Nicolas para o lado. Havia tirado do bolso um frasco de álcool; derramou o conteúdo no lenço, pôs fogo no pano e o lançou para cima das primeiras filas de camundongos. Alguns animais começaram a arder, desencadeando o susto na rataria imunda. Em poucos

instantes, o pânico generalizou-se e o local ficou provisoriamente desocupado.

Durante muito tempo, Nicolas se perguntaria se a visão da maré de ratos não seria preferível àquela que se encontrava à sua frente: um corpo, o de um ser humano, mas que já tinha perdido tal aparência. As representações da decomposição do Sr. de Noblecourt não passavam de pálidas fantasias perto da visão daquele cadáver decomposto e semidevorado. A caixa torácica despedaçada deixava entrever as costelas; a cabeça estava irreconhecível, mas sem cabelos. Bourdeau e Nicolas reconheceram, ao mesmo tempo, o delegado Lardin: não havia nenhuma dúvida sobre a identidade do cadáver. Bourdeau deu uma cotovelada em Nicolas.

– Veja esses dois dentes quebrados na frente e o crânio calvo: com toda a certeza, é Lardin.

– Há algo de estranho – comentou Nicolas. – Observe a barriga e veja esses ratos mortos há vários dias, em torno das vísceras espalhadas. Estariam doentes?

– Ou envenenados.

– Então, camundongos envenenados pelas vísceras de um homem que morreu por envenenamento.

– E quem manipula veneno? A cozinheira, contra vermes, parasitas e roedores; o jardineiro, contra as toupeiras; e os médicos ou os boticários, que o utilizam em seus remédios.

– Catherine não faria mal a uma mosca – observou Nicolas. – Não me refiro a Louise Lardin, mas, quanto ao delegado, a cozinheira era uma das raras pessoas a falar bem a seu respeito.

– Seria necessário saber, em primeiro lugar, em que dia ocorreu o óbito, o que pode fornecer um álibi para algumas pessoas.

– Considerando o estado do corpo, tal diagnóstico não será nada fácil. Há ainda a possibilidade do suicídio.

Bourdeau continuava refletindo.

– O senhor reparou que todas as roupas do morto desapareceram? – perguntou. – Não é frequente que os desesperados deem fim à existência sem vestuário.

– Inútil tirar conclusões. Temos de saber, antes de mais nada, até onde vai este subterrâneo.

No final da cripta, novos degraus subiam para dar acesso a um corredor levemente inclinado, estreito e com teto baixo; havia uma precária claridade no fundo. Eles esbarraram em um amontoado de tábuas, que foram afastadas sem dificuldade. Agora encontravam-se em uma construção de pedra, espécie de antiga capela fora de uso na qual a luz do dia penetrava através de estreitas seteiras. Tiveram ainda de se desembaraçar de feixes de lenha amontoados para descobrir, enfim, uma reserva de velas: de um lado, empilhavam-se pacotes do tamanho de uma braçada e, do outro, várias velas semiconsumidas. Empurraram a porta, que se abria para um jardim imediatamente reconhecido por eles como o do convento dos Blancs-Manteaux. Assim, tudo se explicava: por mais que os informantes ficassem de olhos abertos e redobrassem a vigilância, aquela passagem permitia manter em segredo tudo o que entrava ou saía da mansão dos Lardin. Eis a razão pela qual um deles acreditasse ter visto o delegado refugiar-se na igreja, afirmando ter reconhecido seu gibão de couro. Contudo, teria sido o policial que foi visto ou alguém que tomou o lugar de Lardin, a fim de dar a impressão de que ele ainda estava vivo? Enquanto as roupas do delegado não tivessem sido encontradas, a dúvida subsistiria.

Ao fazer o caminho de volta, eles colocaram tudo em ordem para ocultar sua passagem.

– Tenho uma ideia – disse Bourdeau. – Nem sei se vale a pena, mas poderíamos tentar. Imagine que o fugitivo tenha sido preso. Veja a cena: o senhor sobe sozinho para a cozinha e comunica à Sr.ª Lardin que o corpo do marido, assassinado, foi encontrado, que o visitante foi detido, que ele contou tudo e, agora, está sob minha guarda. Não custa nada ver como ela vai reagir.

Nicolas avaliou rapidamente todas as consequências possíveis dessa audaciosa proposta.

– Há mais vantagens que inconvenientes em fazer essa tentativa – concluiu. – E incrementarei a coisa improvisando segundo o humor da amável senhora...

Fizeram em silêncio o caminho de volta. Os camundongos reapareceram, mas se afastavam com cautela assim que eles se aproximavam. Bourdeau ficou no porão e Nicolas subiu para a cozinha. Louise Lardin, sob a vigilância do oficial, continuava encostada no aparador e não se deu conta imediatamente de sua chegada. Na percepção de Nicolas, estava com um aspecto pálido e envelhecido.

– Minha senhora – começou ele –, parece-me inútil descrever o que descobrimos na passagem secreta de sua residência. Mas o que ainda não sabe é que foi preso, ao tentar sair dos Blancs-Manteaux, aquele sujeito que fugiu de seu quarto no momento em que batíamos na porta de sua casa. E ele confessou o crime.

A surpresa, o susto e, em seguida, o cálculo puderam ser lidos sucessivamente no rosto de Louise. Ela se precipitou para Nicolas com as unhas de fora, e ele teve de segurá-la pelos pulsos para proteger o rosto, enquanto o oficial agarrava-a pela cintura. Por fim, conseguiram imobilizá-la em uma cadeira.

– O que foi que lhe fizeram? – gritava ela. – Os senhores estão enganados, insensatos, não foi ele! Ele nada tem a ver com isso.

Ela espumava de raiva e todo o seu corpo se contorcia.

– Quem foi, então?

– O outro, o covarde, o canalha, aquele que me queria e, em seguida, já não queria mais! Aquele que tinha escrúpulos, estados de alma, como ele dizia. Que não queria pôr chifres no amigo! Ah! O homem honesto que ia para a cama com a mulher daquele a quem devia tanto. E que veio à nossa festa. Ele estava no bordel com Lardin e Descart, no estabelecimento de La Paulet, uma velha amiga, como o senhor sabe. Chegou tarde e envergonhado, jogando-se a meus pés: precisava disso, não podia viver sem mim.

Achava que Lardin estava na gandaia, então, ficou. Mas Lardin voltou mais cedo do que o previsto. Eles lutaram e Semacgus o estrangulou. Depois, o que é que o senhor queria que eu fizesse? A mulher, o marido, o amante... Eu era cúmplice, era morte certa. Despimos o corpo e o arrastamos para o subterrâneo. Bastava esperar que os ratos tivessem limpado tudo; depois, a gente se desembaraçaria do que sobrasse. Um saquinho de ossos para jogar no Sena, de noite. Foi necessário mandar embora a megera da cozinheira, que metia o nariz por toda a parte. Eu a despedi o mais rapidamente possível, antes que, no porão... Em seguida, dependuramos o javali: o cheiro de um abafava o cheiro do outro. Sou inocente. Não fiz nada. Não o matei.

– Assim, segundo diz, a chegada inesperada de seu marido é que provocou uma briga durante a qual ele teria sido morto pelo Dr. Semacgus, é isso?

– Isso mesmo.

Nicolas decidiu jogar seu coringa.

– Portanto, Mauval é inocente; então, por que ele confessou o crime?

– Não sei... para me salvar. Ele me ama; quero vê-lo. Solte-me!

E perdeu os sentidos. Estendida na mesa, Nicolas esfregou-lhe as têmperas com vinagre. Como o mal-estar persistia, ele ordenou seu transporte imediato para a Conciergerie, onde receberia o tratamento adequado.

Bourdeau, que tinha acompanhado o interrogatório da escada do porão, reapareceu. Nicolas sentia sua impaciência para comentar as revelações de Louise Lardin.

– Deu certo – disse ele –, mas o resultado faz surgirem várias questões a respeito.

– Bourdeau, o senhor percebeu que ela afirma que Lardin foi estrangulado. Somente depois da incisão do corpo e de seu exame atento é que conheceremos a verdade. Aliás, nossas constatações, que permitem suspeitar do uso de veneno, não são, talvez, contraditórias em relação a suas afirmações. Lembre-se das

conclusões de Sanson sobre a morte de Descart, envenenado e, em seguida, asfixiado. Há aí um paralelismo que os fatos confirmam ou não. Se esse fosse o caso, Semacgus estaria em uma situação bastante complicada: ele poderia matar tanto aqui, quanto em Vaugirard. Nada permite inocentá-lo nesses dois casos, e os motivos existem não só para Descart, mas também para Lardin, mesmo que, em relação a Descart, a rivalidade e a controvérsia entre médicos sobre a prática da sangria pareçam pesar bem pouco na balança...

– O senhor está esquecendo que Descart o acusava da morte de Saint-Louis?

– Não, mas, na versão que eu andava analisando, Saint-Louis não estava morto, pelo contrário, era cúmplice do patrão.

– E qual é o papel de Mauval em tudo isso?

– Sua ação se faz sentir por toda parte. Ele está de tocaia em uma caçada a respeito da qual não estou autorizado a falar, mas que tem uma grande importância neste caso.

– Oh! Sei perfeitamente – disse Bourdeau em tom irônico – que o senhor compartilha as confidências dos poderosos e que nossa investigação não se limita a elucidar a morte de Lardin. Nossa polícia tem suas ovelhas negras. Compreendo que o Sr. de Sartine queira evitar que as coisas sejam divulgadas. Essa é a razão pela qual o senhor sai francamente do âmbito das regras habituais.

Nicolas não respondeu: preferia que o inspetor se satisfizesse com uma hipótese que não estava assim tão distante da verdade, mas que deixava na penumbra o caso de Estado que, por ordem formal, ele não deveria tornar público. Bourdeau, por sua vez – mesmo que sentisse um pouco de azedume com a discrição do chefe –, tinha suficiente experiência e disciplina para não guardar mágoa contra ele. Nicolas lamentava a impossibilidade de associá-lo a esse aspecto essencial da investigação, no qual os talentos do inspetor teriam sido bastante úteis, mas entendia a preocupação do superintendente-geral em evitar a desnecessária divulgação de fatos em que aparecia o nome do rei. O jovem não apreciava o perpétuo autocontrole que lhe impunha essa necessária discrição –

que, compreendia, constituiria dali em diante um elemento de sua vida. Esse esforço constante deixava-o exausto. Suportava seus efeitos com melancolia, mas também extraía deles novas forças. Há muito tempo que havia visto nisso a linha diretriz de seu destino; além do mais, o segredo era um dos componentes de sua personalidade profunda. Tinha necessidade dos outros e, ao mesmo tempo, a preocupação de não os deixar intrometer-se em sua vida. À semelhança do que ocorria com alguns animais amedrontados, seu primeiro movimento consistia em recuar quando alguém tentava aproximar-se dele bruscamente Não tinha escolhido seu ofício, mas, se suas qualidades se desenvolviam no exercício dessa missão, era sem dúvida porque tal função correspondia a seus talentos profundos.

O cadáver foi colocado em um caixão e transportado para a Basse-Geôle a fim de ser examinado. Um mensageiro foi à procura de Sanson.

Nicolas, querendo mostrar a Bourdeau que tinha aprendido a lição recebida por ocasião do suicídio de Bricart, decidiu que ambos iriam interrogar Semacgus na Bastilha. Depois de ter dado instrução a um oficial para manter Louise Lardin incomunicável, tomaram a viatura de serviço para se dirigir à fortaleza real. Durante o trajeto, Nicolas refletia sobre a maneira mais conveniente de encaminhar o interrogatório de Semacgus. Deveria sobretudo evitar a armadilha de se deixar levar – fosse pela conversa de um homem que o suplantava em idade e em experiência, fosse pelos sentimentos de amizade que experimentava por um indiciado que, dali em diante, era suspeito de dois assassinatos.

Observando distraído a animação da rua na qual já apareciam, nas fachadas das casas, as decorações destinadas a embelezar a Cité por ocasião do cortejo do Boi Gordo, Nicolas, parisiense há pouco tempo, sabia, no entanto, que esse desfile do animal adornado com flores, fitas e uma grande quantidade de enfeites dava frequentemente muita amolação à polícia, em decorrência dos abusos e licenciosidades do populacho durante essa festividade. O cortejo saía da Feira de Paris[46], perto da Grande Boucherie, em

frente ao Châtelet, e ia prestar homenagem ao Parlement na Ilha da Cité; em seguida, voltava ao ponto de partida, no qual o animal era abatido e cortado em pedaços. Todavia, acontecia também de os empregados dos açougues – organizadores da festa e interessados em fazê-la perdurar – não esperarem pela quinta-feira de Carnaval para desfilar e, desde a terça ou a quarta-feira, começarem seus folguedos, circulando em outros bairros da cidade, fora do itinerário inicial.

Em breve, chegaram à Bastilha. À esquerda, a Praça da Porta Saint-Antoine dava acesso ao subúrbio. Então, bifurcaram para a direita, ladeando os fossos. Nicolas sentiu um frêmito ao descobrir as quatro enormes torres voltadas para a cidade. Tiveram de transpor vários portões na extremidade da ponte que conduzia até a entrada principal da prisão de Estado. Bourdeau, bom conhecedor dos lugares, identificou-se ao guarda e ao chefe dos carcereiros. Este estendeu uma mão fria e úmida a Nicolas, que conteve um movimento de recuo diante desse personagem estrábico e um tanto atarracado, que se deslocava com movimentos oscilantes. Ele pegou uma lanterna, conduzindo-os em direção de uma das torres.

Penetraram no monstro de pedra. A massa enorme da fortaleza tirava o fôlego à medida que suas espessas muralhas cresciam e se fechavam em torno deles. Elas poderiam pertencer a um organismo doente cujos sofrimentos se manifestassem pela descoloração e pela descamação. Em lugar algum havia interação entre sombra e luz: esses dois elementos não se misturavam. Só lampejos de sol perfuravam a obscuridade das abóbadas, sem se difundir. A estreiteza das aberturas para o exterior era tal que essas aparições fugazes se desvaneciam tão rapidamente quanto tinham vindo. No entanto, a porção da pedra que, durante séculos, havia sido atingida por esses raios tinha adquirido uma cor esbranquiçada e lívida que contrastava com o cinza-chumbo dos blocos contíguos. Contudo, o olhar não se detinha durante muito tempo nesses *dégradés* claros. Por toda parte, nos cantos, recantos e becos desse imenso labirinto, estranhos musgos úmidos cobriam como uma lepra o corpo da prisão. Volutas de cogumelos, flutuando como pesadas teias de aranha, absorviam o ar rarefeito dessa atmosfera confinada.

Estranhas concreções minerais, de um cinza puxando para o verde, cujos pontos brilhavam ao clarão da lanterna, denunciavam a presença de salitre e o ressurgimento dos sais que, pelo trabalho incessante da umidade, eram exsudados pelo calcário dos muros. Os passos deslizavam em passagens obscuras nas quais o chão apodrecido e esponjoso, semelhante ao de uma grota marinha atapetada de algas, era um verdadeiro charco lamacento. Por cima de tudo isso, flutuava um cheiro frio e penetrante, quase palpável, opaco à força de opressão, que lembrava a Nicolas a Colegiada de Guérande quando, nos dias de chuvas torrenciais, se transformava em cripta fumegante cujo granito gotejava, exalando o incenso frio, o bolor e o cheiro persistente de decomposição que subiam dos velhos jazigos.

A tudo isso se acrescentava o cheiro de sujeira e de gordura queimada que emanava do uniforme de cotim cinza do carcereiro. O ruído precipitado de sua respiração arquejante e de seus passos era a única manifestação humana daquele universo deserto. Após lentas voltas de chave, ele abriu finalmente uma pesada porta de carvalho reforçada com chapas de ferro. Nicolas ficou surpreso com a imensidade da cela: a sala era hexagonal e, para entrar, era necessário descer três degraus, acentuando-se mais ainda a impressão de altura. Outros três degraus permitiam chegar, no lado oposto, a uma estreita abertura bloqueada por grossas barras de ferro. À direita, um leito de madeira que chamou a atenção de Nicolas pelos lençóis brancos e pelo cobertor de lã barata. De início, não viram Semacgus, oculto pelo batente da porta. Ao descerem, descobriram-no sentado a uma mesinha, muito perto da lareira. Ele escrevia, e, aparentemente, o ruído da fechadura não tinha perturbado seu trabalho. Sua voz arrogante se fez ouvir:

– Já não era sem tempo! Faz um frio dos diabos, e ia faltar lenha.

Como não houve resposta, ele virou completamente o corpo e descobriu Nicolas pensativo, Bourdeau com o semblante circunspecto e o carcereiro, que rolava os olhos inquietos. Semacgus levantou-se e veio ao encontro dos recém-chegados.

– Ao observá-los, meus amigos, tenho a sensação de que vêm buscar-me para me enforcar! – exclamou.

– Ainda é cedo para enforcá-lo – replicou Nicolas –, mas nossa visita tem o objetivo de interrogá-lo sobre graves conjunturas.

– Ah! Diacho! Vamos reescrever, creio eu, uma cena já representada. Nicolas, o senhor vai de um extremo ao outro. Peço-lhe que defina sua opinião sobre minha pessoa e me poupe da hospitalidade do rei. Pelas contas que andei fazendo, ela me custa uma fortuna, e não faz assim tanto tempo que estou aqui. Quatro libras e quatro vinténs para a comida, uma libra para o vinho, quarenta vinténs para a lenha que chega sempre atrasada e – me perdoe estes detalhes vulgares –,uma libra e dois vinténs para os lençóis e um vaso para as necessidades. O lixo que servia de cobertor quando cheguei a este palácio me deu uma inflamação na pele e me cocei até sangrar. Em suma, não estou me queixando: tenho a sorte de não estar dormindo na palha, como os prisioneiros sem recursos. Mas vai concordar comigo: um inocente é sensível à privação de sua liberdade e, como já entendi que estou nesta situação em decorrência de uma autorização do rei, temo nunca ser julgado e apodrecer aqui até a consumação dos séculos.

– Sua libertação vai depender, sem dúvida, de nossa conversa – arrematou secamente Nicolas.

– Prefiro esse termo a “interrogatório”. O senhor tem sempre um jeito especial de passar uma sarabanda, Nicolas; é uma questão de juventude, suponho, mas seu fundo não é ruim...

– Decerto é porque nem sempre a clareza de suas respostas tem sido o que deveria ser.

– Não aprecio de modo algum os comentários em forma de enigma, afinal de contas, há sempre alguém que fica no prejuízo. O tom de suas palavras é pouco amistoso, meu caro Nicolas.

– Queira considerar, Sr. Semacgus, que neste momento está diante de um policial.

– Que assim seja! – suspirou o cirurgião.

Semacgus levantou-se, girou a cadeira de vime e sentou-se, habitualmente, como se montasse um cavalo: os braços apoiados no espaldar e o queixo sobre as mãos.

– Eu gostaria de reexaminar com o senhor os acontecimentos daquela noite no Dauphin Couronné – começou Nicolas.

– Mas eu já lhe disse tudo o que sabia...

– Foi necessário voltar ao assunto em duas ocasiões. Mas, agora, interessa-me saber o que se passou na segunda parte da noitada. Uma moça garantiu que o senhor a deixou tão logo entrou em seu quarto: afinal, a que horas foi isso? Da última vez, o senhor safou-se da minha pergunta com uma história mal contada

– Que sei eu? Entre meia-noite e uma hora, não fico olhando continuamente para o relógio.

– A que horas chegou à Rua dos Blancs-Manteaux para encontrar Louise Lardin?

– Como não encontrei minha viatura com Saint-Louis, que devia me esperar na Rua do Faubourg-Saint-Honoré, tive de procurar um fiacre durante uns quinze minutos. Assim, devo ter chegado à Rua dos Blancs-Manteaux por volta das duas horas.

– Pode descrever detalhadamente sua chegada?

– Como já lhe disse, o caminho estava livre quando Louisecolocava uma vela acesa por trás da janela de seu quarto que dava para a rua. No entanto, não havia nenhuma vela, e ela estava diante do portão, de máscara, para me receber pessoalmente dessa vez. Ela acabava de chegar de um baile de Carnaval.

– Decididamente, toda a família se divertia!

Bourdeau tossiu e, com um gesto, pediu a palavra.

– O senhor disse: “dessa vez”. O que entende por essa frase?

– Que, habitualmente, eu a encontrava no quarto.

– O senhor tinha, portanto, a chave da porta de entrada?

– Não foi isso o que eu disse.

Bourdeau deu um passo em frente e se inclinou para o cirurgião.

– Então, o que é que disse? Já é tempo de o senhor deixar de brincar com a justiça. Ela pode ser uma boa moça, mas seus revides são ferozes e sua mão está sobre o senhor.

Semacgus levantou os olhos para Nicolas que, impassível, aprovou com um longo movimento de cabeça as afirmações do adjunto.

– Para dizer a verdade, eu entrava pelo convento dos Blancs-Manteaux, por uma porta no jardim. Ainda não lhe tinha falado disso porque o detalhe não me pareceu importante; aliás, Louise me pedira que fosse discreto a esse respeito.

– Pelo convento dos Blancs-Manteaux? – encolerizou-se Bourdeau. – O que é que o convento tem a ver com os Lardin?

– O porão do convento tem comunicação com o da casa. Durante o dia, o acesso é possível pela igreja, que está aberta. À noite, pela porta do jardim, eu tinha a chave. Bastava, então, atravessar uma capela fora de uso, descer para o porão, passar sob a rua e subir para o porão da copa.

– E naquela madrugada?

– Louise explicou-me que, por causa da neve que acabava de cair, era mais prudente evitar o caminho habitual; por isso, estava à minha espera.

– Isso não o surpreendeu? Era uma imprudência...

– Lembre que eu estava com capa e máscara, podendo ser confundido com Lardin. Por outro lado, o argumento era convincente porque o delegado podia também entrar pelo convento e observar as pegadas na neve.

– Lardin conhecia, portanto, essa passagem. E quem mais?

– Da casa? Ninguém. Nem Catherine, nem Marie Lardin, tampouco Nicolas – apesar de ter vivido na mansão – estavam a par desse segredo. Estou convencido de que nenhum deles tinha conhecimento de sua existência.

Nicolas não respondeu, deixando Bourdeau conduzir o interrogatório: devia a ele tal demonstração de confiança. Por outro lado, não achava ruim poder refletir sem ser obrigado a intervir.

– Por que sempre nos escondeu esse detalhe?

– Era o segredo dos Lardin, e eu tinha dado minha palavra de honra.

– Sabe se o delegado Lardin estava ciente de que o senhor conhecia essa passagem secreta?

– Certamente que não.

– A que horas o senhor foi embora e por qual caminho?

– Por volta das seis, como já disse a Nicolas, e pela porta de entrada.

– Permanecendo até tão tarde na residência, o senhor não corria o risco de ser surpreendido pelo marido? Chegou a contar à Sr.ª Lardin a briga, no Dauphin Couronné, do delegado com Descart?

– Ela me garantiu que o marido não voltaria naquela noite e que, por medida de precaução, tinha trancado a fechadura interior do porão e da porta de entrada. Assim, se Lardin chegasse de improviso, ele deveria necessariamente utilizar a aldraba para que alguém fosse abrir-lhe a porta. Ela havia previsto, inclusive, justificar essa cautela inabitual pelo receio dos grupos de mascarados excitados; alguns deles continuavam, às vezes, a pregar suas peças de mau gosto, penetrando nas residências.

– Mas por que bloquear a passagem do porão? Era pouco verossímil e até mesmo quase impensável que os mascarados passassem por uma saída considerada secreta. Essa é uma observação que Lardin teria feito à mulher...

– Eis uma pergunta que demonstra sua falta de conhecimento a respeito das mulheres. A ideia da Sr.ª Lardin não era a de imaginar a incongruência da chegada dos mascarados pelo porão. As portas trancadas – e, com certeza, elas estavam –davam-lhe uma sensação de segurança. Não acho necessário fazer a lista das contradições de que ela própria não se dava conta. E depois, lembro-lhes – mesmo que eu pareça pouco galante – que ela tinha, naquele momento, outros, digamos, pensamentos na cabeça... Minhas desculpas, interrompo esta agradável entrevista: eis Apolo, que vem me visitar.

Semacgus precipitou-se para a janela e colou o rosto na vidraça: um raio de sol batia naquele ponto da muralha. Com volúpia, o prisioneiro o deixou espraiar-se por seu corpo.

– É o único momento de sol – explicou ele. – Eu o aproveito para tratar minha inflamação. Eu precisaria de uma referência. Que horas são? Ficaram com o meu relógio na minha chegada e o sol é fugidio demais para fazer um mostrador utilizável.

Nicolas se lembraria, mais tarde, de ter reagido como um autômato, impelido por um impulso irrefreável. Enfiando a mão febrilmente no bolso do paletó, tirou o pacote com os objetos encontrados nas roupas de Rapace. Tirou dali o pequeno relógio de latão e, sob o olhar intrigado de Bourdeau, entregou-o a Semacgus sem dizer uma palavra. Mal o recebeu, este soltou um grito e avançou na direção de Nicolas, agarrando-o pelos ombros.

– Por favor, diga-me, onde encontrou este relógio?

– Por que está fazendo essa pergunta?

– Ocorre, senhor policial, que conheço perfeitamente este relógio: eu próprio o comprei para oferecê-lo a Saint-Louis, que brincava com ele como uma criança e não deixava de se encantar ao ouvi-lo bater as horas. E eis que o senhor o coloca à minha frente. Vou repetir minha pergunta: onde foi que o encontrou e onde está Saint-Louis?

– Devolva-me esse relógio – exigiu Nicolas.

O jovem aproximou-se da janela e examinou o objeto com atenção. Refletia tão rápida e tão ardorosamente que ouvia seu coração bater. Tudo se esclarecia. Como é que não tinha compreendido aquilo mais cedo? E dizer que esse indício capital jazia no bolso de seu paletó e que poderia tê-lo esquecido, deixado de lado, e jamais ficar sabendo. O pequeno relógio de latão estava quebrado, e as agulhas paralisadas marcavam meia-noite e quatro minutos. Nicolas encontrava-se, portanto, diante de um conjunto de possibilidades bastante restrito: ou o relógio já estava fora de uso, ou tinha sido quebrado no decorrer de determinado acontecimento, ou ulteriormente. Se Saint-Louis, contrariamente às declarações de Bricart, tivesse sido morto no lugar de Lardin perto de sua viatura, o

relógio podia ter sido quebrado durante o assassinato. Ora, se tinha parado à meia-noite e quatro, era totalmente impossível – e, nesse ponto, os testemunhos eram abundantes – que Semacgus tivesse sido o autor do crime, já que, nessa mesma hora, ele estava no Dauphin Couronné. Nicolas desfiava, a uma velocidade vertiginosa, as consequências dessa descoberta.

O próprio Semacgus – ignorando que eles já estavam a par desse fato – acabava de revelar-lhes a existência da passagem pelo convento dos Blancs-Manteaux, mesmo que a informação lhe tivesse sido arrancada um pouco à força. É verdade que tais confidências poderiam ser consideradas também como tentativa de desviar a atenção deles. Nicolas tinha aprendido a não subestimar a inteligência do cirurgião da Marinha. Por outro lado, a complexidade dos assassinatos de Descart e de Lardin podia conduzir às conclusões mais contraditórias. Fixou o olhar em Semacgus, que tinha voltado a sentar-se: parecia prostrado e, de repente, envelhecido. Nicolas experimentou um sentimento de compaixão que evitou exprimir. Ainda restava a última carta para jogar, e ele sentia a amarga necessidade de tal jogada.

– Semacgus, devo informá-lo de outro fato gravíssimo: nesta manhã, o corpo do delegado Lardin foi encontrado no subterrâneo da Rua dos Blancs-Manteaux, semidevorado pelos ratos. Louise Lardin o acusa categoricamente pela morte do marido, que o teria surpreendido no quarto da esposa, quando o delegado e o senhor teriam chegado às vias de fato.

Semacgus ergueu a cabeça: estava pálido e abatido.

– Essa mulher não me poupou de nada! – suspirou. – Naquela madrugada, não pus os olhos em Lardin, nada tenho a ver com sua morte. Essa é a pura verdade. Tenho a impressão de que ninguém me ouve e de que estou falando para as paredes. O senhor não respondeu à minha pergunta: onde foi que encontrou esse relógio?

– No bolso de um miserável que, ainda por cima, detinha sua viatura ensanguentada. Temos de deixá-lo, Semacgus. Não se amedronte: se for inocente, justiça lhe será feita. É o que nós, Bourdeau e eu, lhe garantimos.

Tendo se aproximado de Semacgus, estendeu-lhe a mão.

– Lamento muito por Saint-Louis, mas são poucas as esperanças de encontrá-lo vivo.

Eles saíram, ansiosos para deixar a Bastilha, na qual o cirurgião parecia ser, além do carcereiro, a única pessoa viva. Tinham pressa de chegar ao ar livre e de escapar à opressão do lugar. O frio e o sol, que tinha voltado, lhes fizeram bem.

Nicolas ficou feliz ao confirmar que o inspetor compartilhava seu sentimento: ele também tinha observado o caráter sempre ambíguo das palavras de Semacgus. Este só tinha a perder com a distância irônica que, desde o início, nunca deixara de manter em relação a este caso. O único aspecto em que não havia nenhuma dúvida era seu apego, nunca desmentido, ao empregado negro. Mas nada em suas declarações levava a questionar sua boa-fé. No entanto – acrescentava Bourdeau –,era sempre a mesma história com o diabo desse homem. Ninguém hesitaria em passar-lhe um “atestado de confissão”, mesmo que inúmeras perguntas sem resposta pudessem levantar suspeita. Assim, tudo contribuía para transformá-lo, de acordo com o momento ou o humor, no mais hábil dos impostores ou no mais desastrado dos inocentes.

Nicolas informou Bourdeau sobre o incidente do relógio e avaliou que o mais sensato seria manter Semacgus incomunicável enquanto não fossem esclarecidas as condições da morte de Lardin. Bourdeau observou que Mauval deveria ser, no mínimo, interrogado, mas não insistiu, o que deu um grande alívio a Nicolas: ele seria obrigado a entrar em detalhes que não podia revelar.

Enquanto trocavam ideias, ele ia pensando que, se o caso Lardin se esclarecia com a descoberta do corpo do delegado, o mesmo não se podia dizer em relação ao caso dos documentos do rei. E o que fazer com as mensagens deixadas por Lardin? Encontrariam outras? E destinadas a quem? Teriam sido redigidas antes ou depois de seu desaparecimento? Quais teriam sido os motivos de sua distribuição entre seus conhecidos? Seria para complicar a perigosa trama na qual ele estava envolvido? Nicolas não conseguia

afastar da mente a ideia de que essas mensagens eram de natureza testamentária. O fato de ter sido mencionado o nome do rei revelava toda a sua importância. Quanto mais refletia no assunto, maior era sua convicção de que o nó do enigma se encontrava aí. Porém, se compartilhasse seu pensamento, corria o sério risco de chamar a atenção para esse aspecto secreto de sua investigação. Na sombra fervilhavam Mauval e seu mandante e outros mais. Com certeza, teriam sido feitas revelações a agentes das potências em guerra: em Paris, havia uma grande quantidade de espiões ingleses, prussianos e até mesmo austríacos; os aliados da França estavam sempre ávidos para encontrar formas de pressão capazes de fortalecer a aliança e de exercer uma maior influência sobre as operações.

Seria necessário, ainda, encontrar Marie Lardin, cujo papel exato na trama escapava ao entendimento do jovem investigador, que não depositava nenhuma fé em sua repentina e providencial vocação monástica. Ele sentia compaixão por essa moça que, de tão jovem, ainda parecia uma criança. Lembrou-se do último encontro noturno com ela na escada da mansão dos Lardin.

O rosto de Isabelle tomou o lugar do de Marie. Teria feito uma leitura adequada da carta enviada de Guérande? O coração – ele já sabia disso – nem sempre se entende bem com o estilo. Por que os seres humanos experimentavam tantas dificuldades para exprimir seus sentimentos? Lembrou-se de uma frase de Pascal aprendida no colégio: “As palavras, ao trocarem de posição, têm um sentido diferente; e os sentidos, organizados de diversas maneiras, acabam tendo diferentes efeitos.”[47] O que, há pouco, lhe tinha parecido astucioso tornava-se, de súbito, comovente pela inabilidade. Assim, preferiu esforçar-se para rechaçar essa ideia; nada deveria distraí-lo de sua tarefa.

Vendo-o tão absorto em sua reflexão e de olhar perdido, Bourdeau abstivera-se de perturbá-lo, mas o ruído da viatura já ressoava sob a abóbada do Châtelet. Nicolas encaminhou o inspetor para o escritório de plantão. O delegado Desnoyers, do bairro Saint-Eustache, estava consultando um registro. Tiveram de esperar que terminasse.

– Eis-nos em uma encruzilhada – começou Nicolas. – Temos de escolher a direção que nos convém tomar.

– O senhor acha que Saint-Louis está morto?

– Não acho nada. Constato que o relógio, oferecido pelo patrão, estava nas mãos de Rapace e de Bricart. Por outro lado, a quem pertencem os restos mortais encontrados em Montfaucon, se não são os do delegado Lardin? Por que não a Saint-Louis? Temos de refletir a partir do que sabemos e dos elementos à nossa disposição. Mesmo que os restos sejam os do cocheiro, tal constatação não comprova necessariamente a inocência de Semacgus, muito pelo contrário. Lembre-se das acusações de Descart. Em relação a Lardin, a acusação de sua mulher é formal. Creio que o processo deverá seguir seu curso e teremos de submetê-la, assim como Semacgus, à tortura prévia. Há três mortos em pauta.

– E o assassinato de Descart?

– A mesma coisa. Se o momento da morte de Lardin puder ser fixado, este, pelo menos, poderá ser posto de lado, já que não há o que fazer, dada sua condição. Já mandou procurar Sanson?

Bourdeau aquiesceu.

– Então, poderemos considerar Lardin inocente, mesmo que tivesse motivos para liquidar o primo da mulher. Quanto a Semacgus e a Louise, nada permite afirmar que não sejam os culpados. Ainda será necessário determinar as razões que levaram o misterioso assassino a saquear a casa do Dr. Descart, em Vaugirard.

– E Mauval? O senhor continua esquecendo Mauval...

– Não o esqueço, de modo algum, porque ele está envolvido em tudo, faço questão de repetir.

– Ele parece usufruir de uma impunidade exagerada.

– Na mesma medida em que só poderemos interrogá-lo com segurança. Nunca se deve perder uma serpente, não haverá outra ocasião para destruí-la. Por enquanto, devo refletir e prestar contas ao Sr. de Sartine acerca dos mais recentes acontecimentos. Tente, Bourdeau, apressar Sanson e apresente-me um relatório assim que

possível. Verifique que Louise Lardin permaneça incomunicável e que seu calabouço seja devidamente guardado. Que ninguém venha eliminá-la!

No momento em que eles iam se despedir, o velho Marie apareceu. Uma moça “com jeito de meretriz” andava à procura de Nicolas por causa de “um caso grave e urgente”. Nicolas ordenou que ela entrasse e pediu a Bourdeau para ficar. Reconheceu imediatamente La Satin. A capa marrom mal disfarçava o traje leve, bastante decotado, e as finas sapatilhas de baile. A maquiagem tinha sumido e a face estava avermelhada de frio ou de emoção. Segurando-a pelo braço, Nicolas convidou-a a sentar-se. Fez as apresentações, e Bourdeau acendeu o cachimbo.

– O que está fazendo aqui, Antoinette?

– Pois é, Nicolas – respondeu ela com uma voz queixosa, como uma criança. – Você sabe que estou trabalhando no estabelecimento de La Paulet. Ela não é uma mulher ruim, tem seus aspectos bons. Uma noite dessas...

– Que noite?

– Há dois dias. Eu estava no corredor do sótão levando a roupa para secar e ouvi choro em um quarto desocupado. Procurei saber quem estava lá, mas a porta estava trancada. O que eu podia fazer? Preferi não me intrometer: quanto menos você se ocupa das coisas dos outros, melhor para você. Mas no dia seguinte, fui obrigada a me envolver: La Paulet mandou me chamar e me ofereceu seu licor particular. Como você sabe, ela tem um fraco por esse reconstituinte. Ela foi muito linda em seu tempo, teve marqueses e agora já não suporta olhar-se em um espelho e...

– Afinal, o que ela queria de você?

– Ela fez dengo, sussurrou gentilezas e, por fim, pediu-me um serviço. Tinha recebido uma noviça...

– Uma noviça?

– Exatamente, é assim que a gente chama as mais jovens, as virgens, aquelas que ainda não “trabalharam” e não estão treinadas.

São peças de predileção, cobiçadas pelas cafetinas. É bem diferente de uma rameira que dá a impressão de que ainda conserva seus trunfos. Trata-se de uma moça saudável, que não ameaça transmitir doenças a quem ficar com ela. Há apreciadores para isso, e dos mais abastados. E La Paulet queria que eu amaciasse essa noviça, que eu a preparasse e a convencesse a realizar o sacrifício. Ela se recusara, parece, e as ameaças e pancadas também não tinham servido para nada. Tinham pensado em mim para levá-la, com delicadeza, a consentir totalmente. O que eu podia fazer? La Paulet me prometia uma boa recompensa se eu fosse bem-sucedida.

Antes de responder, refleti sobre os fins e consequências de tudo aquilo. O que me levou a decidir é que eu podia, talvez, ajudar a infeliz moça. E, depois, ando sempre apertada de dinheiro para pagar as despesas com o neném e sua babá. Em suma, La Paulet conduziu-me ao segundo pavimento, ao quarto em que eu tinha ouvido alguém chorar, e me deixou sozinha com uma coitadinha que me pareceu de boa família. Ela me escutou, mas não quis entender nada. Eu a compreendia. Ela confiou inteiramente em mim: alguém a raptara de noite, a jogara numa viatura e a conduzira até ali. Ela nada tinha visto, nem estava compreendendo o que lhe acontecia. Desde então, era coberta de ameaças a fim de ceder. Sensível à minha escuta e disponibilidade, suplicou-me que fizesse alguma coisa por ela. Comecei por recusar, pois era demasiado perigoso. Com Mauval, que anda espreitando todos os dias pela casa e que é, de fato, o verdadeiro dono do Dauphin Couronné, eu corria sérios riscos. Mas ela garantiu que mandaria me proteger se conseguisse fugir. Quando ela citou seu nome, Nicolas, eu me dei por vencida, na certeza de que você não deixará Mauval me fazer mal. Eu tinha de vir ao seu encontro no Châtelet para preveni-lo de que ela está em situação de grande perigo. Nicolas, não há um momento a perder. Ela deve ser sorteada em uma partida de faraó por amadores reunidos, esta noite, por Mauval!

Nicolas agarrou sua espada e a prendeu à cintura; fez sinal a Bourdeau, que já estava verificando sua pistola.

– Velho Marie – disse ele ao meirinho, que tinha ficado de pé na soleira da porta –, confio-lhe Antoinette. A vida desta moça pode custar-lhe a cabeça.

– Há companhias bem piores – sorriu o porteiro.

Nicolas e Bourdeau desceram correndo os degraus da grande escadaria. O fiacre ainda estava sob o pórtico. Com a chicotada do cocheiro, a parelha de cavalos partiu em disparada.

44 Numa caçada, grito ou toque de trompa que anuncia a rendição iminente do animal perseguido. [N.E.]

45 Antigo Palácio da Cidade, residência e sede do poder real francês do século X ao XIV, foi convertido em prisão do Estado em 1392. Em suas dependências, aplicava-se a tortura que antecedia a instrução de um processo criminal.

46 Local de desembarque dos animais vivos, destinados à subsistência da capital.

47 *Pensées* [Pensamentos], I-23.

XIV
Trevas

Desentocamos um cabrito montês e matamos um lobo,
de um modo bastante semelhante ao que é utilizado
pelos generais para ganhar batalhas, ou seja,
respondemos ao apelo, vimos o inimigo estendido
no chão, tivemos medo e, ordenadamente,
batemos em retirada.
Abbé Jean-Jacques Barthélémy

Nicolas acabava de explicar a Bourdeau a natureza das relações que o ligavam a La Satin. O inspetor absteve-se de fazer qualquer comentário. A viatura teve de abrandar a velocidade porque, a despeito das incitações vocais e de algumas chicotadas, era impossível fazer avançar a parelha de cavalos sem correr o risco de atropelar os transeuntes. Para Nicolas, o trajeto parecia interminável. Ele revolvia na cabeça as mais recentes informações.

Assim, Mauval detinha Marie Lardin como prisioneira – porque a "noviça" só podia ser ela! –, e ia entregá-la a quem oferecesse mais. Em seguida, ela seria forçada a entregar-se a um comércio infamante ou, pior, arrastada à força para os haréns do Grão-Turco, ou deportada para as colônias da América. Era evidente que uma intriga visava fazê-la desaparecer e, com ela, a herdeira tanto de Lardin quanto – inesperadamente – de Descart. Com toda a certeza,

o imbróglio tinha sido muito bem preparado! Nicolas ficou imaginando o momento em que o notário teria procurado por Marie para lhe confirmar a posse de suas heranças. Ninguém fora capaz de encontrá-la. Sem notícias da enteada desde sua partida precipitada para Orléans, a Sr.ª Lardin teria ficado inquieta. A polícia do Sr. de Sartine era conceituada, mas podia ocorrer que um viajante desconhecido viesse a desaparecer sem deixar rastro. Na outra ponta do plano, seria descoberta, como por acaso, uma mensagem ou uma carta forjada que daria uma aparência de verossimilhança à vocação monástica da moça. Mas, em última análise, as pessoas haveriam de se perder em suposições a respeito de seu destino. Aos poucos, o caso seria mantido em silêncio até cair no esquecimento.

De repente, uma náusea sacudiu Nicolas. Ele teve de engolir novamente a acidez amarga que lhe enchia a boca. Seu coração começou a bater mais forte, enquanto um suor frio lhe cobria a fronte. Virando-se, Bourdeau o observou. Nenhum sentimento era perceptível em seu rosto plácido.

Nicolas, que tentava superar seu mal-estar, questionou-se, uma vez mais, sobre a natureza profunda de seu auxiliar. Havia, certamente, dois Bourdeau. Um, epicurista jovial, bom pai e bom marido, tinha a aparência lisa de um homem comum apegado à rotina de sua função e aos prazeres inofensivos de uma existência simples e banal. O outro, mais profundo, escondia uma capacidade de discrição e, mesmo, de dissimulação, aguçada por uma longa prática no trato com criminosos. O jovem se interrogava sobre o mistério dos seres humanos. O julgamento de um homem incidia sobre as aparências, mas era difícil descobrir a fissura que conduzia à sua verdade específica. Desde Guérande, tivera de se confrontar constantemente com essa questão. A verdade não transparecia através da inocência dos rostos. O marquês de Ranreuil, Isabelle, Semacgus, a Sr.ª Lardin, Mauval e até mesmo o Sr. de Sartine lhe haviam dado as provas mais notórias disso. Na melhor das hipóteses, os rostos eram espelhos que refletiam as indagações do próprio questionador. Assim, toda confiança, toda amizade e todo abandono esbarravam no muro de gelo erguido pelas defesas

opostas. Cada um estava sozinho no universo, e essa solidão era o quinhão de todos.

Nicolas olhava sem ver os passantes apressados na rua. O que ele próprio estava fazendo, jogado pelo acaso naquela cidade? E a que necessidade correspondia a corrida desenfreada que mantinha, há duas semanas, contra um inimigo invisível? Por que razão o destino o havia escolhido, e com que propósito, quando ele poderia ter permanecido em Rennes, desempenhando as tarefas medíocres e tranquilizadoras de um auxiliar de notário?

Tinham chegado à Rua do Faubourg-Saint-Honoré. Nicolas bateu na parede do fiacre para sinalizar ao cocheiro que deveria parar. Tinham deixado tão rapidamente o Châtelet que não haviam preparado nenhum plano de ataque. Bourdeau havia respeitado seu devaneio; agora, era necessário pensar no que fazer.

– Conheço bem esta casa – disse Nicolas, com algum exagero. – Se Mauval estiver aí, devemos ter cautela, pois o homem é perigoso. O mais aconselhável é que eu entre sozinho no Dauphin Couronné, para não chamar a atenção.

– Está fora de questão deixar o senhor a sós – respondeu Bourdeau. – Seria preferível esperar aqui por reforços. Lembre-se do que aconteceu no subúrbio Saint-Marcel: evitemos cometer, pela segunda vez, o mesmo erro. Vamos esperar a chegada de outros guardas.

– De jeito nenhum, o tempo urge e convém tirar partido do efeito surpresa. O senhor é o principal elemento do meu plano. Fiquei sabendo, por La Satin, que a casa dispõe de uma saída secreta com acesso para o jardim: o senhor montará guarda nessa porta. Se Mauval estiver aqui, evitará o confronto direto. Como, nesta manhã, ele escapou de nossas mãos, certamente irá desconfiar que nossa comitiva é numerosa. Portanto, tentará fugir pelos fundos, e é nesse momento que o senhor o apanhará. É com o senhor que me preocupo. Tome cuidado, o tipo é traiçoeiro como o diabo! Vamos mandar o cocheiro buscar ajuda.

Devidamente instruído, o homem fez os cavalos darem meia-volta, enquanto Nicolas e Bourdeau se separaram. O jovem encaminhou-se em direção ao Dauphin Couronné. Tendo batido várias vezes na porta, abriu-se, finalmente, uma janelinha gradeada, e ele teve de se submeter ao exame de uma pessoa invisível que acabou por abrir a porta. Nicolas, que esperava encontrar La Paulet ou a negrinha, ficou surpreendido por se deparar com uma mulher idosa de grande estatura, completamente vestida com véus pretos, o rosto coberto por uma espessa camada de alvaiade e com vermelho vivo nas bochechas. Apoiava as mãos trêmulas, enfiadas em luvas de anafaia, no castão de uma bengala. No conjunto, ela evocava tanto uma viúva quanto uma religiosa que tivesse trocado o hábito conventual por um traje mais secular. Levantando a cabeça, ela o olhou de soslaio.

– Bom dia, senhora. Eu gostaria de falar com a Sr.ª La Paulet.

– Senhor – respondeu-lhe uma voz rouca e sedutora –, a Sr.ª Paulet está na cidade, para cuidar de seus negócios. Talvez o senhor queira esperá-la, ela não deve demorar.

Ela se inclinou e recuou lentamente para lhe permitir a entrada. Ele reconheceu o corredor e, sem surpresa, foi introduzido no salão amarelo, que não tinha mudado de aspecto: as persianas estavam fechadas e ocultas por trás de pesadas cortinas, e um só castiçal colocado em cima de um gueridom iluminava precariamente a sala. O que lhe havia parecido luxuoso, por ocasião de sua primeira visita, confirmou-se como resplandecente de vulgaridade e de sujeira. Na penumbra, ele detectou a gaiola do papagaio e aproximou-se dela, intrigado pela calma e pelo silêncio da ave. Foi então que descobriu o que tinha acontecido: o pássaro havia sido substituído por uma réplica em porcelana.

– O senhor, sem dúvida, chegou a conhecer Coco – comentou a mulher diante do ar surpreso de Nicolas. – Infelizmente, ele nos deixou! Morreu de emoção. Era um bichinho divertido, que falava muito bem. Algumas vezes, demais.

Com um risinho de escárnio, ela se retirou.

– Vou deixá-lo, tenho o que fazer. Com certeza, a Sr.ª Paulet não vai fazê-lo esperar muito tempo.

Nicolas sentou-se em uma das *bergères* de junquilho. Ele poderia ter optado por entrar à força e vasculhar a casa, correndo os riscos que isso pudesse acarretar para a sequestrada. A velha não o conhecia; era preferível esperar prudentemente a volta de La Paulet e obrigá-la a admitir os fatos. Aliás, tal espera daria tempo para a chegada dos reforços.

Ao cabo de uma dezena de minutos, ele se levantou, aproximou-se da lareira e olhou-se com atenção no espelho: tinha envelhecido, e a fadiga marcava suas feições. No momento em que ainda se encarava, percebeu subitamente como que um formigamento entre os ombros e foi atravessado por um frêmito. Sentia o peso de um olhar sobre si. Deslocou-se imperceptivelmente para o lado e acabou por descobrir, no canto direito do espelho, o rosto da velha que, em silêncio, se aproximava dele. Os véus jogados para trás deixavam aparecer um rosto de boneca, mas agora os olhos estavam desmesuradamente abertos e, no seu reflexo verde, Nicolas reconheceu ao mesmo tempo o olhar de Mauval e leu uma determinação assassina. Soube, antes de ver a arma, que seu inimigo estava prestes a cravar-lhe uma espada no corpo. Então, imobilizou-se sem nada deixar aparecer. Deveria evitar qualquer movimento indicando que estava em estado de alerta.

Num instante, soube o que poderia salvá-lo: como empedernido jogador de *soule*, tinha aprendido a mergulhar no chão e cair. Tinha de reverter a situação e colocar o adversário em posição de incerteza. Certamente, Mauval se beneficiava da vantagem de vê-lo à sua frente; no entanto, se perdesse Nicolas de vista, a igualdade entre eles seria restabelecida.

Nicolas deixou-se cair bruscamente em cima do gueridom. Ao desabar, o móvel arrastou também o castiçal. Com um ágil golpe de mão, Nicolas apagou a vela: a sala estava mergulhada, agora, na obscuridade. Ao tocar o chão, Nicolas tinha jogado a mesinha contra o adversário com a intenção de atarantá-lo e de retardar seu avanço, e rolou para o lado. O silêncio recobria a sala como um manto.

Por um instante, ele pensou em gritar para prevenir Bourdeau, mas logo desistiu: seu adjunto conseguiria ouvi-lo e, em caso afirmativo, teria como entrar na casa? Mauval deveria ter multiplicado as precauções. Nicolas lamentou ter-se deixado cair nessa armadilha e pensou que a primeira coisa a fazer era proteger sua retaguarda, evitando ficar pregado à parede como uma borboleta em sua prancha.

Acocorado perto da lareira, ele tateou em volta e tocou hastes metálicas frias: eram as tenazes. Conseguiu desenganchá-las e, tomando cuidado para não esbarrar em nada, lançou-as para o outro lado da sala. O lustre, tocado de leve, tilintou discretamente; em seguida, ouviu-se um estalido e uma cascata de sons cristalinos. Um dos espelhos da parede, quebrado, deveria ter se estilhaçado. Houve um farfalhar de tecidos, um choque e um móvel derrubado. Nicolas implorou ao céu que o adversário não dispusesse de isqueiro. No entanto, ele se tranquilizou: o primeiro que acendesse um fogo seria descoberto.

Encostado à parede, Nicolas ficou à espera. Era grande o risco de se entorpecer e perder a noção do temível espaço que o cercava. Não tinha a mínima ilusão. Tratava-se de um combate mortal. Mauval não poderia mais deixá-lo viver. Ainda esperava, sem acreditar muito nisso, que Bourdeau conseguisse intervir a tempo ou que a ronda chegasse com reforços.

Nicolas imaginou curiosamente que se encontrava em situação semelhante à de Fineu[48], perseguido pelas harpias. Zetes e Calais[49] chegariam a tempo para livrá-lo dessa situação crítica? Tal lembrança levou-o a refletir; segundo a tradição, o idoso rei cego dispunha apenas de uma vara para se defender dos ataques dos monstros; quanto a ele, tinha uma espada. Ocorreu-lhe a ideia de juntar o ataque à defesa e de utilizar um estratagema sugerido por essa evocação mitológica.

Desembainhou lentamente sua arma, colocou-a no chão e, em seguida, com igual precaução, tirou a sobrecasaca. Tateando a parede, deslocou-se para a direita, aproximando-se da janela perto da qual se encontrava a gaiola do papagaio. Às vezes, com o coração palpitando, detinha-se para perscrutar a sombra

ameaçadora e tentar discernir se Mauval também estava se movimentando. Era verossímil que seu rival tivesse escolhido a mesma tática de proteção, ou seja, permanecer encostado em uma parede, sem dúvida, perto da porta.

Nicolas tocou, finalmente, a mesa de marchetaria sobre a qual se encontrava a gaiola. Aproximou-se dela, abriu a porta gradeada e agarrou o pássaro de porcelana, que colocou na mesa, antes de se imobilizar ao escutar um estalido longínquo do assoalho. Esse ruído foi seguido por um rangido de móvel empurrado ou arrastado. Era preciso agir o mais rapidamente possível e antecipar-se ao adversário. Estendeu a sobrecasaca sobre a gaiola, como se tratasse de um espantalho, e sopesou o conjunto para certeza de ser capaz de empunhá-lo. O que viria a seguir exigia uma perfeita coordenação de gestos extremos, mas Nicolas se sentiu aliviado; tinha pesado os prós e os contras, e agora os dados tinham sido lançados.

Depois de embainhar a espada, segurou a gaiola, erguendo-a. Com a mão direita, pegou o papagaio de porcelana e jogou-o com força para o outro lado da sala; a morte de Coco não havia sido inútil. Ao mesmo tempo que ouvia o objeto despedaçar-se contra a parede, ele percebeu claramente o deslocamento brusco do inimigo, e, de novo, uma peça de mobiliário foi derrubada. Então, a gaiola coberta com o casaco em uma mão e a espada na outra, Nicolas avançou pela sala, servindo-se da parede à direita como referência. Pelo menos, desse lado ele estava protegido de qualquer ataque. Deslocando-se de viés, tentou chegar à porta. Uma lâmina chicoteou o espaço e golpeou seu casaco. Mauval estava lá.

Na mesma hora, a emoção lhe tirou o fôlego: Nicolas sentiu que não conseguiria aproximar-se da porta para se defender, à luz do dia, em um combate honroso. Na falta de outra saída, somente o acaso – ou a mão de Deus – dirigiria os assaltos e orientaria seu desfecho, o qual não recompensaria nem a coragem nem a destreza. A fatalidade determinaria, por uma razão incógnita, o resultado da conjunção absurda dos destinos de ambos.

Nicolas deu uma passada larga para a esquerda, supondo que Mauval tivesse entendido sua intenção de se aproximar da porta.

Ele antecipava o próximo ataque que, de acordo com a lógica, deveria ocorrer à sua direita. Não contente em lhe ensinar os rudimentos da esgrima, o marquês de Ranreuil providenciara sua iniciação no xadrez. Era preciso – lembrava-se –, deslocar sempre suas peças tendo em mente os cinco ou seis movimentos seguintes. O problema, ali, era que não conhecia exatamente as posições do adversário.

Ele ouviu uma lâmina se afundar, vibrando, na tapeçaria da parede. Teve de resistir à tentação de revidar. Sua ideia era outra, e decidiu permanecer imóvel. A gaiola não era muito pesada, mas, sobrecarregada pelo casaco, tinha adquirido um peso insuportável, e ele sentia o braço ficar dormente e tremer. Em breve, teria uma cãibra. Então, pôs-se a agitar o braço com o espantalho para a frente e para trás, a fim de produzir um ligeiro ruído e, sobretudo, de ludibriar Mauval com o deslocamento de ar produzido. Uma nova estocada veio do lado que ele não havia previsto, à esquerda. Atingido superficialmente no ombro, deixou escapar uma exclamação que teve a presença de espírito de transformar em gemido de homem ferido. Abaixou-se imediatamente, e o ataque seguinte por um triz não acertou sua cabeça. Nicolas ergueu-se e agitou com força a gaiola. Mauval provavelmente tinha se aproximado para desferir o golpe de misericórdia. Devia sentir a sobrecasaca diante do rosto e, por falta de revide às suas estocadas, podia acreditar que Nicolas tivesse sido gravemente atingido. Sua espada enfiou-se no manto, entre duas barras da gaiola, sem tocar o jovem, que girou com toda a energia, bloqueando assim a arma de Mauval. Sabendo, agora, a posição exata do adversário, ele desferiu um golpe e sentiu a espada deslizar sobre um obstáculo duro e depois penetrar em um corpo. Ouviu um longo suspiro, seguido pelo ruído de um volume que caía no chão. No mesmo instante, suspeitou de que se tratasse de um artifício semelhante ao seu. Voltou a avançar para a porta, temendo um novo ataque. Mas nada aconteceu, e acabou por segurar a maçaneta, que abaixou febrilmente. A porta se abriu e, depois de afastar a cortina de veludo que protegia a entrada, ele foi envolvido pela luz avermelhada do crepúsculo, que se refletia no corredor pela claraboia acima da porta.

Ao retornar ao salão, Nicolas distinguiu, no meio de móveis revirados, uma massa disforme imóvel no chão. Apanhando um castiçal, acendeu-o e avançou pela sala. Os espelhos da parede oposta multiplicavam seu reflexo a perder de vista. Aproximou-se com cautela do corpo encarquilhado em seus véus, tateou-o com a ponta da espada e o empurrou com o pé. O cadáver rolou de costas e pôs à mostra o rosto de Mauval. Os olhos verdes, olhavam para o nada, e a figura do demônio tinha recuperado, sob a camada grotesca da maquiagem, seu aspecto angelical.

Desprovido de sentimento, esse olhar acusava Nicolas, que não conseguiu suportar tal fixidez, fechando-lhe os olhos. E constatou a precisão de sua estocada, desferida em pleno coração. Um único golpe – no entanto, o acaso tinha dirigido sua mão. Foi então que tomou consciência de ter matado um homem. Toda a tensão da luta se esvaiu, e um enorme cansaço se apoderou dele. Sem dúvida, ele se limitara a defender a própria vida, mas nada, nenhuma justificativa, podia dissipar o sentimento – o remorso, mesmo – de ter tirado a vida de um de seus semelhantes, e já sabia que esse sentimento nunca mais o deixaria. Ao mesmo tempo, sabia que, dali em diante, deveria viver com esse sofrimento e essa lembrança.

O jovem tentou se recompor e foi à procura de Bourdeau. No final do corredor, uma porta dava acesso a um escritório prolongada por um pequeno quarto aberto para o jardim. Deparou-se, então, com Bourdeau, que esperava ali, com ar ansioso.

– Irra, senhor! Está completamente pálido! Eu tinha razão, sem dúvida, de estar inquieto. O que lhe aconteceu?

– Ah! Bourdeau, estou bem contente de vê-lo...

– Estou vendo. O senhor tem o ar de um espectro, se é que já cheguei a ver algum. Pareceu-me que o tempo nunca mais passava!

– Matei Mauval.

Bourdeau o fez sentar-se sobre o rebordo de pedra do embasamento da casa.

– Mas... o senhor está ferido! Seu paletó está rasgado e o senhor está sangrando.

Nicolas sentiu dor no momento em que o inspetor lhe mostrava o ferimento.

– Isso não é nada... um simples arranhão.

E se pôs a contar rapidamente seu combate com Mauval. Bourdeau abanou a cabeça, como de costume, e apoiou a mão no ombro de Nicolas, sacudindo-o um pouco.

– Nada tem a criticar-se: era ele ou o senhor. Um belo canalha a menos. O senhor acabará por se acostumar a esse tipo de situação. Eu próprio fui forçado, já por duas vezes, a me defender em circunstâncias análogas.

Entraram novamente na casa. Nicolas conduziu o inspetor para o grande salão. Bourdeau fez um comentário admirativo sobre a precisão e a destreza da estocada, deixando Nicolas bastante confuso. Metade da cortina que fechava o palco do pequeno teatro foi arrancada e lançada por cima do corpo de Mauval, depois de revistado pelo inspetor: além de alguns luíses e uma caixa de rapé guarnecida com o retrato em miniatura de Louise Lardin, encontraram um bilhete aberto. O lacre tinha sido violado. Com a letra do próprio Nicolas, ele continha a frase “O salmão está na margem”, imediatamente reconhecida pelo autor: era a senha que ele havia confiado a La Paulet, caso esta desejasse contatá-lo discretamente. Em um lado do papel, descobriram também o endereço do Sr. de Noblecourt. Assim – observou Bourdeau –, o homem acalentava realmente más intenções em relação a Nicolas.

Lembrando-se do principal objetivo de sua diligência no Dauphin Couronné, precipitaram-se em direção ao segundo andar. De todas as portas ao longo do corredor, só uma estava trancada, oferecendo resistência quando procuraram abri-la. Como resposta aos murros, Nicolas escutou gemidos abafados. Bourdeau afastou o companheiro e, tirando do bolso uma minúscula haste metálica devidamente confeccionada para esse fim, introduziu-a na fechadura. Após algumas tentativas infrutíferas, ele conseguiu destravar a lingueta: em cima de dois enxergões jogados no chão,

jaziam – de mãos e pés atados, além de amordaçadas – La Paulet e Marie Lardin.

Quando as soltaram, Marie desatou a soluçar, com suspiros convulsivos, como uma criança. Por sua vez, o rosto largo arroxeado, La Paulet parecia sentir falta de ar e seu alentado peito arfava, enquanto deixava escapar gritinhos lamuriosos. Ela acabou por dar alguns passos hesitantes, sem tirar os olhos dos pés intumescidos.

– Ah! Como é grande nossa gratidão pelo senhor!

Seu rosto assumiu um ar amedrontado e ela lançou um olhar inquieto à sua volta.

– Pode ficar tranquila, minha senhora – asseverou Nicolas, que percebera sua expressão. – Em compensação, terá de nos explicar a razão de algumas de suas ações. Aliás, a senhora é culpada de ter consentido em um crime. Esta moça foi raptada, conduzida à força para seu estabelecimento, sequestrada em condições execráveis e ameaçada de ser vendida para levar uma vida infamante. Pelo menor desses crimes, a senhora receberia a marca de uma flor de lis* nos degraus do Palácio da Justiça e ficaria presa por toda a vida. Daí vem todo o seu interesse em ser sincera: diga a verdade, e dou-lhe minha palavra de honra de que isso será levado em consideração.

– Eu sei – respondeu La Paulet, tomando-lhe a mão, que começou a amassar – que o senhor é um homem honesto. Tenha piedade de uma infeliz mulher que foi forçada, contra sua vontade, a acolher esta inocente ovelhinha.

Ela olhou novamente na direção do corredor.

– Aquele monstro é que fez tudo.

– Qual monstro?

– Mauval, aquele maldito! Quanto a mim, não passo de uma pobre relações públicas. Sou boa para minhas garotas. Estou bem de vida e tenho uma bela clientela. Paguei sempre o que devia à polícia. E se há jogo clandestino, o senhor sabe que é com a bênção do delegado Camusot. No outro dia, eu perdi as estribeiras;

mas, meu amável jovem, o senhor me provocou. Pergunte a essa moça se eu não a defendi com unhas e dentes quando soube que ela era a filha do delegado Lardin. Nada disso, meu senhor! E o outro, Mauval, que maltratou um estafeta[50] para roubar minha mensagem?! Ele temia que o senhor viesse e pretendia armar-lhe uma cilada. Revoltei-me para me opor a essa armadilha e ele me espancou...

Mostrava a face arroxeada.

– Em seguida, ele me jogou aqui, no estado em que o senhor me encontrou. Que melhor prova de minha inocência?

– É apenas a prova de seu receio de ver as coisas irem longe demais – observou secamente Nicolas.

Marie confirmou, entre dois soluços, uma parte das afirmações de La Paulet. Um falatório os interrompeu. Um forte pavor tomou conta da cafetina. Depois de falar no ouvido de Nicolas, Bourdeau desceu. Finalmente, chegara o reforço aguardado. O inspetor havia pedido ao chefe para ficar com as duas mulheres enquanto removiam o corpo de Mauval. Por enquanto, era preferível manter sua morte em segredo. Quando La Paulet quis saber notícias do malfeitor, Nicolas foi evasivo. Estava convencido de que ela dissera mais ou menos tudo com a sinceridade de que era capaz. La Satin tinha razão: não era uma mulher má, mesmo que seu negócio a levasse a frequentar perigosamente as margens do crime.

Os três, ele e as duas mulheres, permaneceram em silêncio no quarto. Nicolas não desejava interrogar Marie Lardin diante de outra pessoa. Depois de um longo momento, Bourdeau voltou e fez sinal a Nicolas de que o serviço estava concluído. Deixaram o Dauphin Couronné: Bourdeau com La Paulet em uma viatura e, na outra, Nicolas com Marie. Ela estava mais calma, apenas alguns suspiros profundos ainda lhe escapavam. Olhava Nicolas com admiração.

– Senhorita, queira perdoar-me, mas tenho de lhe fazer algumas perguntas.

– Nicolas, permita, antes de mais nada, que lhe agradeça. Vejo que a moça lhe deu o recado...

Ela o olhava de soslaio.

– O senhor a conhece bem? Há muito tempo?

Era ele que estava sendo questionado... Hesitou um momento, mas achou que não devia esconder a verdade.

– É uma grande amiga, e há muito tempo.

Marie fez um trejeito de desprezo.

– Então, o senhor é igual aos outros... E com uma mulher da vida!

Nicolas explodiu.

– Senhorita, basta. Você está livre. Ignoro, inclusive, se sabe do que escapou, mas tenho certeza de uma coisa: em determinadas circunstâncias, é preferível contar com algumas mulheres da vida do que com mulheres honestas. E o mínimo, para quem lhes deve sua salvação, é ser reconhecido por terem tido compaixão e cumprido sua palavra. Aceita responder às minhas perguntas e me contar como chegou ao estabelecimento de La Paulet?

– Desconheço o que se passou, senhor – respondeu a moça, deixando de tratá-lo pelo nome. – Quando dei por mim, estava fechada naquele quarto em que me encontrou. Estava bastante aturdida, doente, com a cabeça pesada. La Paulet queria convencer-me a me entregar a um comércio infame. Em seguida, aquela moça veio insistir sobre o mesmo ponto. Como eu chorava, ficou compadecida, e tentei suborná-la. Eu não corria nenhum risco em fazer tal tentativa: minha situação não se tornaria mais grave, independentemente do fato de ela aceitar ou não meu pedido.

– Tem alguma ideia do dia em que foi raptada?

– Minhas lembranças são confusas. Penso que deve ter ocorrido na quarta-feira da semana passada. Acho que minha madrasta chegou a surpreender nossa conversa, naquela noite em que tentei preveni-lo... suponho que se lembre disso.

– Recordo-me perfeitamente. Outra coisa: em algum momento, seu pai chegou a lhe entregar uma mensagem?

Ela abriu a boca, mostrando indignação.

– O senhor revistou meu quarto! Com que direito?

– Não apenas seu quarto, mas toda a casa. Mas concluo, por sua reação, que com certeza recebeu alguma coisa dele. Esse é um detalhe importante, responda-me.

– Um bilhete cuja significação era incompreensível para mim e que não diria nada ao senhor. Na última vez que o vi, na véspera de seu desaparecimento, ele enfiou-me na mão um pedaço de papel. O senhor tem notícias de meu pai?

– Lembra-se, por acaso, das palavras dessa mensagem?

– Referia-se a coisas que eram devidas ao rei. Ignoro a que ele fazia alusão. Meu pai limitou-se a recomendar que eu guardasse cuidadosamente o papel. Coloquei-o em uma gaveta e acabei por esquecê-lo. Mas o senhor me incomoda com suas perguntas. E meu pai?

Nicolas teve a impressão de que ela ia começar a espernear como uma criança. A piedade o invadia. Não havia nenhuma razão para esconder-lhe a verdade. À primeira vista, ela não era de modo algum suspeita, e duas testemunhas, La Satin e La Paulet, poderiam confirmar suas afirmações.

– Senhorita, será preciso ser corajosa...

– Corajosa? – disse ela, erguendo-se. – O senhor não está querendo dizer...

– Infelizmente, sinto muito, mas devo anunciar-lhe que seu pai está morto.

Ela mordeu o punho para não gritar.

– Foi Descart! Foi ele! Eu já tinha dito ao senhor. Ela o obrigou. Meu Deus, o que será de mim?

– Como sabe que seu pai foi assassinado?

– Ela havia falado nisso, sim, com ele.

A moça voltou a chorar. Nicolas estendeu-lhe seu lenço e esperou que se acalmasse.

– A senhorita está enganada – retomou ele. – Descart está também morto, assassinado como seu pai.

– Então, foi o Dr. Semacgus!

– Por que motivo está pensando nele?

– Isso só pode ter sido feito por um dos amantes de minha madrasta. O cirurgião era tão fraco diante dela...

– Ou sua própria madrasta?

– Ela é muito esperta para se comprometer...

Marie continuava soluçando, e Nicolas, sem saber o que fazer para acalmá-la, envolveu-a suavemente em sua sobrecasaca. Ela recostou-se em seu ombro. O jovem não ousou se mexer, e foi assim que entraram no Châtelet.

Nicolas confiou a Bourdeau a missão de colher os depoimentos de La Paulet e de Marie Lardin. A cafetina do Dauphin Couronné seria encarcerada e permaneceria incomunicável até que o caso pudesse ser apresentado, de acordo com a lei, diante de um magistrado. La Satin podia voltar a seu alojamento, com a condição de manter a maior discrição. Quanto a Marie Lardin, seria conduzida a um convento, que a acolheria até a conclusão do inquérito. Não era conveniente que ela voltasse sozinha para a casa dos Blancs-Manteaux enquanto não fossem esclarecidas as condições do assassinato do pai e removidas as suspeitas que pesavam sobre a madrasta.

Bourdeau se ofereceu para conduzi-la ao convento das Damas Inglesas[51], no subúrbio Saint-Antoine, cuja superiora ele conhecia. Antes de sair, perguntou ao chefe o que pretendia fazer. Sorridente, Nicolas respondeu, com ar um tanto zombeteiro, que ia voltar para casa cheio de boas maneiras e de bom senso e meditar sobre a insignificância das coisas, olhando para o teto. Aliás, já era tarde; a noite estava caindo. Ele precisava tratar dos ferimentos, saber notícias do Sr. de Noblecourt e tinha uma fome de lobo.

A despreocupação de Nicolas era fingida, mas não lhe desagradava deixar Bourdeau intrigado. No caminho de retorno à

Rua Montmartre, repassava mentalmente as grandes etapas de sua investigação. A articulação de alguns fatos ainda lhe escapava. A despeito de sua fadiga e do choque provocado pela morte de Mauval, sabia que uma reflexão tranquila e uma noite de sono acabariam por clarear suas ideias. Sua fome se intensificava, mas não queria procurar comida em um desses estabelecimentos mercenários que restauravam as forças de parisienses solitários. Ele tinha necessidade do aconchego de um lar.

Já era noite, e o frio era cortante quando ele transpôs o pórtico da casa do magistrado. Foi com prazer que aspirou o odor de pão quente que permanentemente a perfumava. Encontrou Marion e Poitevin em conversa amena, sentados à mesa da copa. Uma grande panela fumegante cozinhava a fogo lento na fornalha. Essa cena familiar lhe dava tranquilidade, tanto quanto o cheiro que titilava acariciava suas narinas. Gostava de ser acolhido como o filho pródigo das Escrituras. Quanto ao Sr. de Noblecourt, continuava sentindo dores, mas não tinha cessado de pedir notícias de seu inquilino. Ficaria feliz em ver Nicolas.

O jovem subiu para seu quarto passando pela escada de serviço, depois de ter apanhado um jarro de água quente. Queria fazer uma rápida toalete e o curativo de seus ferimentos antes de aparecer diante do ex-procurador.

Teve a alegria de encontrar as roupas encomendadas ao mestre Vachon. À luz da vela, o belo traje verde resplandecia com todos os seus bordados. Quando entrou, finalmente, na biblioteca, alegremente acolhido pelos latidos e pulos de Cyrus, ele descobriu seu anfitrião derreado na poltrona, com o pé direito, envolvido em gaze, apoiado em um tamborete forrado de tapeçaria. O Sr. de Noblecourt estava lendo e teve de fazer um esforço para se virar na direção de Nicolas.

– Deus seja louvado! – exclamou. – Eis o Sr. Le Floch! Meu pressentimento era falso. Desde ontem, não tive um momento de sossego: fui assediado por pensamentos funestos. Posso mesmo dizer que, a cada surto dessa brincalhona dessa gota, correspondeu uma crise de angústia. Felizmente, eu estava equivocado.

– Menos do que pensa. Aliás, o senhor havia me recomendado prudência, o que, sem dúvida, salvou minha vida.

Nicolas começou a contar detalhadamente o que acabava de acontecer. Não foi fácil, porque o velho homem o interrompia o tempo todo com suas exclamações e perguntas. Mas o jovem prosseguiu o relato até o momento em que Marion veio trazer para o patrão uma tigela de caldo ralo. Este sugeriu a Nicolas que comesse o cozido que lhe era proibido, com todos os legumes. Mandariam trazer uma garrafa de Bourgogne de sua adega pessoal. A proposta foi aceita com entusiasmo.

– Marion me condena a morrer de fome! – suspirou o magistrado. – Felizmente – acrescentou, indicando o livro que estava lendo –, ainda consigo me consolar devorando *Le Cuisinier,* de Pierre de Lune. Eu me sustento salivando. O senhor sabe, por acaso, que esse grande mestre de uma verdadeira cozinha era mordomo do serviço de mesa do duque de Rohan, neto do grande Sully?* Foi ele quem inventou o maço de ervas, a carne de boi *à la mode* e a farinha frita. E ainda por cima – acrescentou, lançando um olhar de cobiça para a venerável garrafa que Marion colocava em cima da mesa –, o vinho me é proibido. Quando estou saciado de leituras sobre a arte culinária, retomo meu velho Montaigne: ele me dá forças para resistir a essa maldita gota. Escute este trecho: “A dor tornar-se-á mais aceitável para quem ousar enfrentá-la. É necessário opor-se e amotinar-se contra ela”. É isso o que procuro fazer. Oh! Vejo que o relato de meus sofrimentos não refreia seu apetite! Eis a melhor prova de um espírito tranquilo.

Nicolas ergueu a cabeça, confuso por ter sido surpreendido enquanto comia com vontade. O alimento quente e saboroso lhe dava uma nova energia.

– Minhas sinceras desculpas, senhor. Os acontecimentos do dia...

– ... lhe deram uma fome canina!

– Senhor, posso pedir sua opinião sobre tudo o que se passou?

O velho procurador baixou a cabeça, estreitando os olhos. Parecia mergulhado em uma profunda meditação. Suas bochechas

se esparramavam dos lados do queixo, lembrando um morango de carne.

– Para dizer a verdade – desabafou ele, abanando a cabeça –, nada está resolvido. No entanto, existem à sua disposição numerosos elementos que o senhor deverá colocar em ordem. Reflita ponderadamente sobre as circunstâncias de sua investigação. Na balança imparcial de seu julgamento, coloque as provas e as suposições. Em seguida, mergulhe em um sono profundo. A experiência me confirmou, com frequência, que a solução acaba por se revelar no momento em que menos se pensa no assunto. E, como último conselho, digo-lhe o seguinte: é necessário jogar lenha na fogueira para que a verdade se manifeste. Se você não tem lenha, finja que tem.

Ele olhou Nicolas com um vislumbre de ironia. Essa pequena satisfação foi recompensada com uma fisgada de dor que o levou a fazer caretas e gemer baixinho. Nicolas compreendeu que tinha chegado o momento de deixar seu velho amigo repousar. Depois de lhe desejar uma boa noite, subiu para seu quarto. Estendido na cama, pôs-se a refletir. Às vezes o desenrolar do caso lhe parecia evidente; outras vezes, seus diferentes aspectos se entrechocavam em sua mente e embaralhavam as pistas. Ele ruminava sem parar as mesmas suposições, que não levavam a lugar algum.

Para se acalmar, decidiu analisar as três mensagens deixadas por Lardin. Espalhou-as sobre a escrivaninha de esteira e leu-as várias vezes. As frases dançavam, e o texto continuava a evocar nele alguma coisa que não conseguia captar. Exasperado, misturou os fragmentos de papel como se misturam cartas de baralho, deixando-os de lado. E o sono, finalmente, prevaleceu.

Terça-feira, 13 de fevereiro de 1761

Uma mão hesitava sobre cartolinas espalhadas no chão. Testa franzida pela atenção, ele tentava reconstruir a palavra GATO. Pegou uma letra, depois outra e ainda uma terceira... Levantou a cabeça com ar satisfeito. No entanto, tinha esquecido o O, e o

cônego, qual um guardião de igreja, dava sinais de impaciência, deixando cair a bengala no lajeado da cozinha. Ele acabou por lhe indicar a letra faltante. A voz familiar lhe disse: “Pronto! As letras estão na ordem correta.” E o tutor já estava misturando as cartolinas e lhe dava uma nova palavra para formar. Nicolas, de joelhos, podia ver as pesadas galochas do cônego e o galão puído e manchado de lama da bainha de sua batina. Fine cantarolava uma antiga balada em bretão, enquanto depenava uma galinha. Ele ficou surpreso com a música estridente que acompanhava o suave murmúrio do refrão.

Foi então que ele acordou. Aproximou-se da janela e puxou a cortina. Da Rua Montmartre, vinha o som choroso de uma viela tocada por um nativo de Auvérnia vestido com uma pele de carneiro e acompanhado por um cão preto. As palavras do tutor ressoavam ainda na cabeça de Nicolas quando seu olhar fixou os três pedaços de papel de Lardin dispostos desordenadamente sobre a escrivaninha. Sem tomar cuidado, misturou-os novamente e os examinou. Como não percebera aquilo antes? Tudo se esclarecia ou, pelo menos, abria-se uma nova pista que só podia ser bem sucedida. A vontade que levara Lardin a deixar essas mensagens enigmáticas encontrava agora sua explicação. Mas nada, por enquanto, estava resolvido. Era, no máximo, como em um conto de Perrault, uma pedra jogada no caminho.

Em um instante, ele se aprontou. Queimou-se ao engolir, precipitadamente, a xícara de chocolate que Marion lhe tinha preparado às pressas. A velha empregada lamentou o pouco tempo que ele lhe cedera para bater a bebida com o *fouet*. Essa operação era necessária – dizia ela – para aumentar a amplitude do aveludado e soltar a quintessência dos aromas. Há muito tempo, Marion adotara o jovem, e o fato de terem descascado juntos os marmelos, no outono passado, tinha marcado para ela o início de uma cumplicidade afetuosa. Sem premeditação, depositara nele sua confiança, emocionada também pelo respeito que ele demonstrava por seu patrão. Poitevin, que compartilhava a inclinação de Marion, obrigou Nicolas, com amável firmeza, a tirar as botas. Num abrir e fechar de olhos, ele as limpou e engraxou. Por fim, manejando uma escova com gestos regulares e com ajuda de saliva, deu brilho ao

couro. Forçando-se a abandonar as delícias da casa Noblecourt, Nicolas mergulhou com entusiasmo no ar vigoroso do belo dia gelado que se anunciava.

Foi primeiro para o Châtelet, onde escreveu uma mensagem para o Sr. de Sartine. Tratava-se de solicitar sua presença, às seis horas da tarde, para presidir uma acareação geral. Em seguida, teve uma longa conversa com Bourdeau. Era necessário trazer Semacgus da Bastilha e Louise Lardin da Conciergerie; convocar Catherine, a cozinheira, assim como, obviamente, a filha do delegado. Nesse momento, e sem qualquer explicação, Nicolas estava delegando ao adjunto total autoridade para tomar decisões ou iniciativas em sua ausência.

Feito isso, ele desceu para a Basse-Geôle e meditou por longos minutos diante dos restos encontrados em Montfaucon, aos quais haviam se reunido, num congresso macabro, os corpos de Descart, Rapace, Bricart, Lardin e Mauval. Esse encontro oferecia a imagem terrível da conjunção insensata de causas e efeitos que o vício, o interesse, a paixão e a miséria tinham reduzido, finalmente, a esse teatro de decomposição. Foi difícil rever Mauval, cujo rosto, agora limpo, tinha uma aparência serena e rejuvenescida. Que coincidência trágica de circunstâncias teria conduzido até esse necrotério homens tão diferentes e tão distantes uns dos outros? Nicolas se inclinou de novo sobre o desconhecido do Grand Équarrissage, como se tentasse descobrir seu segredo e ouvir dele uma confirmação. Nessa atitude é que foi encontrado por Sanson. A conversa entre eles foi animada. Examinaram o corpo de Lardin, depois o de Descart. Longos silêncios espaçavam seus comentários. Por fim, Nicolas despediu-se do carrasco depois de convidá-lo a comparecer à sessão presidida, naquela mesma tarde no Châtelet, pelo superintendente-geral da polícia.

Ao longo desse dia, Nicolas tinha feito vários trajetos. Usara uma viatura para atravessar Paris de um lado para o outro. Em primeiro lugar, dirigiu-se à Rua dos Blanc-Manteaux. Fez uma nova e meticulosa vistoria da casa dos Lardin, depois cruzou o Sena para chegar ao cartório do advogado Duport, notário de Descart e

também de Lardin. Tendo sido mal acolhido, sua reação foi ainda pior, e acabou por obter o que viera buscar. Voltou a atravessar a cidade para se enfiar no subúrbio Saint-Antoine. Perdeu-se no labirinto de ruelas e becos sem saída do bairro dos marceneiros. Após inúmeras voltas, teve de perguntar o endereço a passantes cujas informações eram contraditórias. Conseguiu, finalmente, encontrar o ebanista cujo nome figurava na fatura descoberta na biblioteca do delegado Lardin. Reinava a maior desordem nos documentos e nas contas do artesão. Ao final de longas buscas, ele conseguiu informar Nicolas a respeito da encomenda em pauta. Ao confirmar sua intuição, o jovem se permitiu uma pausa em uma taberna do subúrbio, diante de um daqueles pratos populares que apreciava especialmente. Para sua felicidade, estava faltando apenas a presença amigável de Bourdeau, bom companheiro, sempre pronto para esse tipo de patuscada.

Depois de acalmar a fome, Nicolas dispensou a viatura e voltou a pé pela Rua Saint-Antoine. No meio da multidão de artesãos e biscateiros, deixou sua mente deambular sem rumo fixo. Às vezes, era invadido pela dúvida em relação à pertinência de sua iniciativa. Teria ele elementos suficientes para exigir, com tamanha pretensão, um comparecimento presidido pelo Sr. de Sartine? Em seguida, as palavras do Sr. de Noblecourt lhe vieram à mente e o fortaleceram em sua vontade de ser bem-sucedido. Sabia que ia comprometer não só o desfecho de sua investigação, mas também seu futuro na polícia. Um erro o jogaria para sempre em funções subalternas, e isso quando o fracasso ocorreria imediatamente depois de sua extraordinária ascensão. O Sr. de Sartine não lhe perdoaria um insucesso, cuja responsabilidade lhe seria imputada por ter confiado uma missão tão importante a um jovem inexperiente. Para o alto magistrado, o que importava não era propriamente a descoberta de criminosos, mas a solução de um caso de Estado que atingia de perto o soberano e a segurança do reino em tempo de guerra. Ele conhecia perfeitamente as razões particulares pelas quais seu chefe tinha se comprometido – talvez levianamente – a confiar nele; estava fora de questão decepcioná-lo. Mas convencido, no fundo, de ter dado o melhor de si mesmo, arriscando a própria vida, suas

dúvidas pertenciam mais ao domínio da reflexão e pouco tinham a ver com um temor justificado.

Quando voltou ao Châtelet, eram cinco horas. Sentia-se bem-disposto e determinado. Suas deliberações consigo mesmo indicavam uma vontade de ação e de solução sem estados de ânimo supérfluos.

Bourdeau, preocupado com sua ausência, manifestou alívio ao vê-lo, mas se absteve de questioná-lo sobre suas atividades durante o dia. Ele tinha preferido apresentar pessoalmente a solicitação de Nicolas, por conhecer as reações do superintendente-geral quando supunha que as deferências devidas à sua função não eram observadas à risca. Uma vez mais, Nicolas reconheceu a sabedoria do adjunto.

O Sr. de Sartine relutara em aceitar uma proposição imposta, mas, finalmente, deixou-se convencer pelos argumentos do inspetor: não se lamentaria por uma sessão na qual tudo deveria se esclarecer.

Bourdeau olhou fixamente para Nicolas, que não manifestou nem aprovação nem inquietação diante da atitude do inspetor; pelo contrário, felicitou-o por ter tomado tal iniciativa. Convinha, agora, preparar a sala. Com a ajuda do velho Marie, mandou colocar bancos em fila no gabinete do superintendente-geral. Ainda não era o banco dos réus de um tribunal, nos quais os acusados eram interrogados, mas era parecido, e, segundo Nicolas, aumentaria o desconforto dos participantes. Ele manteve um longo conciliábulo com Bourdeau no fim do qual convidaram o velho Marie a juntar-se a eles. Por várias vezes, os três entraram no gabinete, como que para determinar os lugares. À medida que a hora se aproximava, Nicolas mostrava-se mais exaltado.

Começavam a chegar agora, uns após outros, os suspeitos e as testemunhas, que foram imediatamente confinados em salas separadas, de onde seria impossível se comunicarem. Seis horas soavam no campanário das proximidades. Um passo apressado na escadaria de pedra anunciava a chegada do Sr. de Sartine, sempre pontual. Ele fez sinal a Nicolas para acompanhá-lo a seu gabinete.

Mal havia transposto a porta, ele se precipitou para a grande lareira, onde se pôs a atiçar o fogo, com uma espécie de raiva. O jovem esperou calmamente que o chefe satisfizesse sua mania.

– Senhor – começou ele –, não aprecio nem um pouco que alguém venha ditar meus atos e ordenar que eu esteja presente no meu próprio gabinete. Ouso esperar que o senhor tenha boas razões para fazê-lo.

– Limitei-me, Sr. superintendente, a sugerir a organização de uma sessão que, em meu entender, é tão essencial para nosso inquérito que não poderia ocorrer sem a sua presença – respondeu Nicolas com deferência. – Aliás, ao concordar, V. Ex.ª demonstra que fez um julgamento semelhante.

Seu interlocutor se acalmou.

– Aceito tal augúrio. Mas, Nicolas, isso nos levará, pelo menos, a resolver aquilo em que estamos pensando?

– Penso que sim, senhor.

– De qualquer modo, queira manter discrição a esse respeito.

Ele passou por trás da escrivaninha e sentou-se na grande poltrona forrada de damasco vermelho. Puxou o relógio e consultou a hora.

– Acelere as coisas, Nicolas. Estão à minha espera para a ceia e minha esposa não me perdoaria se eu faltasse.

– Vou mandar nosso pessoal entrar imediatamente. Quanto à sua ceia, senhor, temo que tenha de renunciar a ela...

48 Rei lendário de Salmidessos, na Trácia, a quem Apolo tinha atribuído o dom da adivinhação. Por ter maltratado os filhos, foi privado da visão e era constantemente atormentado pelas harpias, monstros alados com rosto de mulher e corpo de abutre.

49 Dois irmãos que faziam parte da expedição dos Argonautas.

50 No original, *vas-y-dire* [literalmente, “vai-dizer-isso”]: antiga expressão popular parisiense. Na maior parte das vezes, tratava-se de uma criança que, mediante recompensa, era encarregada da entrega de uma mensagem. [N.T.]

51 Convento no subúrbio Saint-Antoine, na Rua de Charenton, no qual eram recebidas e instruídas moças estrangeiras da alta sociedade.

XV
Carniça

Deixem, sombras, deixem a noite eterna
Vejam a luz do triunfo
Que o terrível desespero, que a raiva cruel
Procurem juntá-los
Avancem, culpados infelizes.
Philippe Quinault*

O primeiro a se apresentar foi Semacgus, ainda mais rubicundo que de costume, mas impassível. Em seguida, foi a vez de La Paulet e La Satin: a cafetina mantinha a cabeça baixa, mas seus olhinhos perdidos nas dobras de carne se deslocavam como os de um animal acuado. A segunda demonstrou surpresa por se encontrar ao lado do cirurgião da Marinha. Louise Lardin, vestida com saia cinza e jaqueta preta, sem maquiagem nem peruca, parecia ter envelhecido vários anos: no penteado em desalinho, já apareciam alguns cabelos brancos. Marie Lardin, de luto, apertava convulsivamente um pequeno lenço. Catherine Gauss a apoiava, fuzilando com os olhos a antiga patroa. Sanson entrou como uma sombra e, de pé, confundiu-se com a parede no recuo junto da lareira, enquanto Bourdeau permaneceu diante da porta.

As testemunhas ocuparam os bancos previstos para elas. O superintendente-geral da polícia contornou a escrivaninha e sentou-se na beirada, balançando uma das pernas e brincando com um

estilete de prata. À sua frente, no centro do gabinete, Nicolas apoiava as duas mãos no espaldar de uma poltrona. O velho Marie trouxe dois archotes suplementares; sua claridade projetou a silhueta do jovem em uma grande mancha de penumbra no fundo da sala.

– Sr. Le Floch, pode falar.

Inspirando longamente, Nicolas tomou a palavra:

– Sr. superintendente, a investigação de que fui incumbido por V. Ex.ª está chegando a seu termo. Creio que estou em condições de afirmar que elementos decisivos foram reunidos, permitindo chegar perto da verdade e apontar os culpados.

Sartine o interrompeu.

– Não se trata de chegar perto, e sim de alcançá-la. Estamos aguardando seus esclarecimentos, senhor, embora a verdade, como afirma meu amigo Helvétius[52], seja uma tocha que, às vezes, brilha na neblina sem conseguir dissipá-la.

– Neblina em grande quantidade é o que, realmente, tem envolvido este caso, desde suas origens – disse Nicolas. – Retomemos as coisas pelo começo. O delegado Lardin tinha desaparecido. O senhor me incumbiu de averiguar esse desaparecimento com a colaboração do inspetor Bourdeau. Nós procedemos como de costume, nada encontrando de início. Em seguida, graças ao testemunho de uma vendedora de sopa, a velha Émilie, descobrimos restos humanos no Grand Équarrissage de Montfaucon. De passagem, senhor, destaco a eficiência de uma administração que permitiu que chegasse a nosso conhecimento uma informação colhida pela delegacia do Temple.

O Sr. de Sartine saudou com ironia:

– Estou satisfeito, Sr. Le Floch, por ter constatado a eficácia da minha polícia que, de fato, tem suscitado a admiração da Europa. Mas pode continuar.

– A partir daqueles restos humanos, ficamos sabendo várias coisas: pertenciam a um indivíduo careca, do sexo masculino, na flor da idade. Tinha sido morto com uma arma branca e, depois de

esquartejado, foi depositado em Montfaucon com o maxilar despedaçado. Nossa análise mostrava que o corpo tinha sido transportado para o Grand Équarrissage antes que caíssem neve e gelo. Assim, pudemos determinar que fora abandonado no local na noite do desaparecimento do delegado Lardin. Por outro lado, foram encontradas, junto do corpo, roupas que tinham pertencido ao desaparecido. Portanto, tudo levava a crer que eram exatamente o que procurávamos. No entanto, uma dúvida permanecia em minha mente: eu tinha a sensação de que tudo havia sido ajeitado, disposto, como se uma vontade exterior fizesse questão de facilitar o reconhecimento daqueles restos. Tudo concorria para provar que se tratava realmente dos restos de Lardin. Entretanto, eu tinha observado um detalhe: uma mancha preta na parte superior do crânio, a respeito da qual voltarei a falar mais adiante. O empenho em destruir o maxilar lançava também uma dúvida sobre a suposição inicial.

Nicolas fez uma pausa para retomar o fôlego e prosseguiu:

– A investigação abrangia igualmente as pessoas que conviviam com o desaparecido. Rapidamente, ficamos sabendo pelo Dr. Semacgus que Lardin tinha organizado uma ceia em uma casa de diversão, o Dauphin Couronné. Durante essa noite decisiva, o Dr. Descart e Lardin tinham brigado, e ambos haviam deixado o bordel por volta de meia-noite. Quanto a Semacgus, ele teria ficado com uma moça até às três horas da manhã e não teria encontrado seu empregado negro, Saint-Louis, também desaparecido. Ao ser questionado, Descart guardava silêncio a respeito de sua noitada no Dauphin Couronné e acusava Semacgus de ter assassinado o próprio cocheiro. Com toda a evidência, uma rivalidade opunha os dois homens, que no passado haviam sido amigos.

– Até o presente – exclamou Sartine, demonstrando impaciência –, o senhor não contou nada que eu já não saiba.

– O inquérito no Dauphin Couronné abria novas perspectivas. Segundo a averiguação, parecia que o casal Lardin tinha vivido, desde o início, sob os efeitos nocivos da juventude agitada de Louise, e que Descart, seu primo, tinha desviado a fortuna dos pais dela e estaria, por isso mesmo, na origem de sua juventude

dissoluta. Lardin, infeliz na sua vida privada, procurava prazeres mercenários junto das criaturas de La Paulet. Jogador inveterado e pressionado pelos gostos luxuosos da esposa, perdera sua fortuna e se encontrava à mercê da chantagem de malfeitores.

Inquieto pelo rumo perigoso que tomava o relato, o superintendente-geral batia nervosamente a borda da escrivaninha com o estilete.

– Nada tenho a dizer sobre esses malfeitores – continuou Nicolas, provocando um suspiro de alívio em Sartine –, nem sobre as razões de suas atividades. No entanto, um deles tinha atraído nossa atenção: chamava-se Mauval, e sua presença havia sido detectada no momento em que nos espionava em Montfaucon. Ocorre que ele era também amante de Louise Lardin. Verificou-se igualmente que Descart tinha sido atraído para uma cilada no Dauphin Couronné. Seduzido pelas propostas de La Paulet, que alimentava suas inclinações, ele deveria forçosamente se encontrar com Lardin.

Ouviu-se uma voz abafada, que protestava:

– Eu respondia à demanda – replicou La Paulet. – O cliente é quem manda.

Nicolas ignorou a interrupção.

– Esse encontro e essa briga pareciam, portanto, necessárias a um plano habilmente preparado. Por outro testemunho, ficamos sabendo que o Dr. Semacgus, em vez de deixar o estabelecimento do Faubourg-Saint-Honoré depois das três horas da manhã – de acordo com seu depoimento inicial –,tinha ido embora por volta da meia-noite para se enfiar na cama de Louise Lardin. Assim, no decorrer dessa noite, ninguém tinha um álibi: Descart e Lardin desaparecem em torno de meia-noite; Semacgus some na mesma hora. Saint-Louis, o cocheiro de Semacgus, não se encontrava mais no local. Enfim, Louise Lardin, que, supostamente, tinha ido assistir às Vésperas, não consegue determinar o lugar em que se encontrava no início da noite, como prova o testemunho da cozinheira a respeito do estado de suas botinas danificadas pela chuva ou pela neve. O mistério continua, mas um desses

personagens, o Dr. Descart, em breve será vítima de morte violenta, em sua casa de Vaugirard. As primeiras constatações são ambíguas: aparentemente, teria sido apunhalado com uma lanceta para aplicar sangrias. Todos os indícios incriminam o Dr. Semacgus, convidado por Descart para encontrá-lo na hora de sua morte e que dispunha de todas as condições para matá-lo. Mas, então, surgem algumas dúvidas: tratar-se-ia de um ardil diabólico desse mesmo Dr. Semacgus, que, com esses indícios, pretendia atrair a suspeita para si mesmo de uma maneira tão ostensiva que ela equivaleria a inocentá-lo? E o que dizer do personagem enigmático cujo passo saltitante é observado por um informante, e cujas pegadas diminutas são decalcadas por mim no solo congelado? Única consequência de tudo isso: logicamente, Descart não pode mais fazer parte de nossos suspeitos. E então?

– Isso mesmo, e então? – repetiu Sartine.

– Então, Sr. superintendente, estamos lidando com uma conspiração maquiavélica na qual os culpados, às vezes, são vítimas.

– Há cada vez mais neblina no que você fala, Nicolas.

– É que tudo foi feito para que as pistas fossem embaralhadas a tal ponto que desenrolar essa meada é um verdadeiro trabalho de beneditino. A primeira falsa pista é o cadáver de Montfaucon; tais restos não correspondem ao corpo de Lardin, que encontramos, ontem, no porão da Rua dos Blancs-Manteaux.

Catherine Gauss soltou um grito.

– Infeliz *batrão*, *bobre* Marie!

– A quem pertenciam, então, os restos macabros do Grand Équarrissage, e por que quiseram nos confundir dessa maneira? Na verdade, é uma longa história. Imagine, Sr. superintendente, o delegado Lardin, após uma extensa e honrosa carreira, desesperado pelo jogo, e tendo de satisfazer, ainda por cima, as necessidades de sua jovem esposa, coquete e frívola. Ele esbanja somas consideráveis e cai nas mãos de chantagistas. Sua situação está tão comprometida que sua própria empregada é forçada a

participar, com seu próprio dinheiro, das despesas domésticas. Ele está acuado.

Nicolas olhou fixamente para o chefe, que assentiu com a cabeça.

– Lardin decide desaparecer. Espera que esse desaparecimento lhe permitirá refazer sua fortuna e fugir para o estrangeiro, onde espera se estabelecer. Prepara um plano criminoso: a esposa, Louise Lardin, tem um primo riquíssimo e odiado por ela, o Dr. Descart. Era necessário fazê-lo ser acusado pelo assassinato do delegado: feito isso, ele seria julgado, condenado à pena capital, e seus bens, confiscados em benefício da esposa de sua vítima, a qual, nessa época, é sua herdeira natural. A Sr.ª Lardin consente e se entrega a Descart para justificar as suspeitas que incidirão sobre ele.

– Isso é falso, o senhor está mentindo! Não lhe deem ouvidos!

Era Louise Lardin que interrompia o relato, e Bourdeau teve de segurá-la para evitar que atacasse Nicolas.

– Insisto, senhora, essa é a verdade. Descart foi atraído para uma armadilha no Dauphin Couronné. La Paulet lhe havia acenado com os prazeres de uma nova pensionista. Mandaram lhe entregar uma máscara e uma capa preta para seu disfarce de Carnaval. Lardin arranjou para também estar presente no local, em companhia de Semacgus, porque era necessário uma testemunha da briga. Descart chega, é provocado, trava-se a luta e Lardin aproveita para arrancar um pedaço do bolso de seu rival, o que poderá constituir, no futuro, uma suposição útil. O médico, Lardin o segue de perto...

– E Descart? – perguntou o Sr. de Sartine.

– Vai desaparecer na escuridão da noite e voltar para sua residência, onde vive sozinho. Se acusado, não poderia contar com nenhuma testemunha nem álibi.

– Tem-se verdadeiramente a impressão de que o senhor estava lá...

– Repito, senhor, sua polícia está bem organizada. Continuo: durante essa disputa, dois malfeitores estipendiados por Lardin –

Rapace, um ex-açougueiro, e Bricart, um soldado inválido – matam Saint-Louis, degolam-no na viatura de Semacgus e, em seguida, às margens do rio, esquartejam o corpo, cujos pedaços são jogados em tonéis. Tudo isso é transportado para Montfaucon, onde, sob o olhar de uma testemunha, é abandonado junto com as roupas do delegado, além de sua bengala. A neve que cai mais tarde em La Villette e em Paris cobre os restos.

– Como pode ter certeza disso? – questionou o superintendente. – Não é essa a descrição que li nos relatórios...

– Nos relatórios, o senhor leu o que as testemunhas acharam por bem afirmar. De fato, estou em condições de confirmar que os restos de corpo humano encontrados em Montfaucon pertencem realmente a Saint-Louis.

Nicolas tirou do bolso um pedaço de papelão. Aproximando-se de uma das tochas, segurou o objeto acima da chama; de imediato, o papel apresentou uma mancha preta de fumaça.

– Foi assim – retomou ele a palavra – que compreendi tudo, numa noite em que observava a chama da minha vela escurecer a viga acima da minha cabeça.

– Seu discurso, Sr. Le Floch, torna-se tão difícil de compreender que começo a duvidar da coerência de seu raciocínio. Explique-se.

– É muito simples: o senhor está lembrado daquela mancha escura encontrada no crânio de Montfaucon. Ela me deixou intrigado, sobretudo, pelo fato de que nossa testemunha na cena do crime, a velha Émilie, tinha visto Rapace e Bricart acender um fogo e queimar alguma coisa.

Nesse instante, Nicolas virou-se para Semacgus.

– Senhor, quantos anos tinha seu empregado?

– Na faixa dos quarenta e cinco, se é que se pode saber a idade de um africano.

– Portanto, na flor da idade?

– Com toda a certeza.

– Ele era calvo?

– A despeito de seu nome, que tem a ver com o lugar de seu nascimento, Saint-Louis continuava sendo maometano; essa é a razão pela qual ele mantinha o crânio raspado, deixando apenas, precisamente no centro, uma madeixa de cabelos pela qual, dizia ele, seu Deus poderia puxá-lo no dia de sua morte.

– Todos nós sabemos que o delegado Lardin era calvo sob a peruca – prosseguiu Nicolas. – Se havia a intenção de fazer o corpo de Saint-Louis passar pelo de Lardin, tornava-se necessário que essa madeixa distintiva desaparecesse! Assim, ela foi queimada. Mas restava uma mancha preta que chamou minha atenção...

– Mas – interveio Sartine – o homem era negro...

– É precisamente por isso que convinha transportá-lo para o Grand Équarrissage: roído e devorado por hordas de ratos, aves de rapina e cães vadios, não haveria mais figura humana, nem pele sobre os ossos. E por que o senhor pensa que o maxilar foi quebrado e os dentes, espalhados? Exatamente pelo fato de que a dentição do delegado Lardin encontrava-se em mau estado, ao contrário daquela de Saint-Louis, cujo sorriso brilhante permanece ainda na memória de todos aqueles que conheceram esse serviçal fiel. No entanto, era conveniente facilitar a identificação do corpo, daí a presença das roupas e objetos que tinham pertencido ao delegado Lardin.

Em silêncio, o Sr. de Sartine balançou a cabeça antes de perguntar:

– E o assassinato do Dr. Descart?

– É o que vou comentar agora, senhor. O Dr. Descart foi encontrado morto na porta de seu domicílio, com uma lanceta para sangrias cravada no coração... Pelo menos, é o que o assassino desejava que acreditássemos. Repito, com efeito, que a vítima não foi morta na porta de sua residência, que a lanceta não foi plantada no coração, mas ao lado, e que o ferimento observado não foi a causa da morte. Um perito...

E Nicolas virou-se para a lareira, onde apenas a sombra de Sanson era visível.

– ... demonstrou, com profundo conhecimento, que o médico, longe de morrer apunhalado, tinha sido envenenado e depois sufocado por uma almofada. Disso nós estamos certos. Mas quem teria interesse na morte de Descart?

Ele se aproximou de Semacgus, cujo olhar estava fixado no chão.

– O senhor, doutor. O senhor era exatamente o oposto de Descart: sua maneira de viver e sua franqueza contrastavam com a devoção hipócrita dele. O senhor poderá me responder que isso não é razão para liquidá-lo. Mas a essas considerações convém acrescentar a rivalidade entre os dois. Os senhores defendiam correntes opostas no que se refere à concepção da medicina. Ora, sabe-se que as disputas entre escolas acabam propagando ódios. Além disso, seus interesses estavam ameaçados por Descart: o senhor corria o risco de ser impedido de exercer seu ofício por não passar de um cirurgião da Marinha. Toda a sua vida teria ficado de cabeça para baixo. E o que é ainda mais importante: os senhores eram rivais no que o decoro me obriga a chamar de afeição de Louise Lardin. Descart o havia surpreendido com ela. Sei perfeitamente que o senhor alega ter descoberto o corpo, mas nada prova que o senhor não chegou alguns instantes mais cedo e que não perpetrou esse crime. O senhor volta para seu domicílio, dando tempo para seu cúmplice de pés pequenos para... digamos... organizar a encenação.

O Sr. de Sartine deixou escapar um leve suspiro de alívio.

– Dr. Semacgus, suas eternas mentiras não advogam em sua defesa – prosseguiu Nicolas. – O senhor é suspeito, mas o excesso de suposições desqualifica a prova. Tudo concorre para acusá-lo. Ora, nessa encenação, numerosos elementos fazem lembrar a “natureza morta” preparada em Montfaucon. A verdade talvez tenha a ver com uma mentira dissimulada.

Semacgus já não conseguia controlar o tique nervoso que agitava uma de suas pálpebras.

– Sua sorte é justamente essa convocação por parte do Dr. Descart, a qual, pensando bem, não tem nenhuma comprovação;

trata-se de um pedaço de papel rasgado, sem data nem assinatura, tampouco qualquer endereço, e que foi encaminhado para sua residência em condições bem estranhas. Não estou pretendendo afirmar que se trata de documento falsificado: foi escrito pela mão do médico. Mas defendo que se trata do fragmento de uma carta enviada por Descart à amante, Louise Lardin, e que seu conteúdo foi distorcido para convocar o Dr. Semacgus a dirigir-se à casa de Vaugirard. Isso significa, senhor, que acuso a Sr.ª Lardin pelo assassinato do primo Descart.

– Sem dúvida, Sr. Le Floch – afirmou Sartine –, essa vigorosa afirmação será seguida imediatamente por uma demonstração concludente, porque o senhor passa com grande rapidez de um culpado para outro...

– Nada mais fácil, realmente. Por que motivo Louise Lardin é suspeita no assassinato do primo? Vamos acompanhar seu raciocínio. Tenho a certeza de que a tramoia do Dauphin Couronné foi concebida e preparada por Lardin com o pleno acordo da esposa. No entanto, o delegado ignora um fato que Louise Lardin descobrira por acaso. Não tenho nenhum mérito por ter ficado sabendo dele: bastou-me pressionar um pouco a discrição do Sr. Duport, que é notário, simultaneamente – convém sublinhar este ponto – de Lardin e de Descart. Com efeito, o tabelião me disse que havia informado a Sr.ª Lardin – e logo se arrependera, diante das reações dessa senhora – que o primo Descart acabava de redigir um testamento, estabelecendo a Srt.ª Marie Lardin como sua legatária universal. Não acredito que essa notícia tenha chegado ao conhecimento do delegado. Em compensação, ela invadiu pouco a pouco a mente de Louise Lardin e fez germinar uma ideia diabólica: a um só tempo, livrar-se do marido desprezado e do primo detestado. Ela ia ajudar o delegado a forjar o próprio desaparecimento para assassiná-lo com maior facilidade. Ao mesmo tempo, implicaria Semacgus em um assassinato do qual ele era inocente. Convinha fazer Descart desaparecer porque, em última instância, não haveria nenhuma prova para acusá-lo do assassinato do delegado: havia muitas imprecisões. Enfim, com a preocupação cada vez mais perversa de embaralhar as pistas,

Louise Lardin tinha calçado, em Vaugirard, as botinas da enteada. Mas seus pés eram maiores: por isso, andava com dificuldade, como observou um informante da polícia que a tinha visto sair da casa de Descart depois de tê-la saqueado à procura de...

O Sr. de Sartine começou a tossir. Nicolas consertou a tempo:

– ... à procura do... testamento. Para que – perguntaria o senhor – esse requinte nos detalhes? Era necessário ter alternativas: em caso de perigo, seria possível acusar Marie Lardin, a nova herdeira de Descart. Com a eliminação deste, era preciso se livrar, a qualquer preço, da filha do delegado Lardin. Eis por que, depois de ter sido dopada, ela foi raptada, conduzida ao Dauphin Couronné e destinada a um tráfico infamante que acabaria por desonrá-la e fazê-la desaparecer para sempre, sem deixar rastro. Então, Louise Lardin, viúva chorosa e madrasta abatida, receberia o prêmio de seus crimes: apoderar-se-ia da herança de Descart e sumiria com o amante favorito, o senhor Mauval.

Louise Lardin se levantou. Inquieto, Bourdeau se aproximou dela.

– Protesto! – esbravejou ela. – Protesto contra as hediondas acusações desse Le Floch. Sou inocente do que ele me acusa. Tive a infelicidade de ter amantes, reconheço isso. Mas não matei meu marido, nem meu primo. Já disse ao Sr. Le Floch que o delegado foi morto pelo Dr. Semacgus durante uma luta, quando meu marido acabava de nos surpreender, na manhã de sábado, 2 de fevereiro. Meu único erro foi o de ceder às suas súplicas no sentido de ocultar o cadáver, que o Sr. Le Floch encontrou no porão de minha residência.

– Faz parte da ordem natural das coisas que um acusado pretenda alegar sua inocência – continuou Nicolas, imperturbável. – Mas ainda não terminei minha demonstração e vamos voltar aos detalhes da morte do delegado. Ocorre que Louise Lardin manifestou duas atitudes sucessivas e contraditórias a respeito do desaparecimento do marido. Em primeiro lugar, ela representou perfeitamente o papel de esposa amorosa e enlouquecida; depois, em um segundo momento, exibiu o cinismo de uma cortesã livre que se vangloria de sua libertinagem e confessa seu desapego por um

marido menosprezado. A segunda atitude correspondia ao surgimento das suspeitas provocadas pela investigação. Ela precisava enfrentar tal situação. Fazendo isso, desviava essas mesmas suspeitas que, então, relutavam em recair sobre uma mulher capaz de tal sinceridade. Novamente, estamos diante dessa inteligência maléfica que utiliza evidências para esvaziá-las de suas consequências. Ora, qual teria sido a verdadeira causa da morte do delegado Lardin? Sr. superintendente-geral, eu desejaria interrogar, com sua autorização, o homem que se encontra em melhores condições para nos esclarecer.

E apontou para Sanson. O Sr. de Sartine concordou com um gesto, e o carrasco apareceu sob a luz trêmula das tochas. Entre as pessoas presentes na sala, Semacgus e Bourdeau eram os únicos que conheciam o que se escondia sob a aparência comum daquele homem, que Nicolas evitou chamar pelo nome.

– Qual foi, senhor – perguntou ele –, a causa da morte do delegado Lardin?

– A abertura de seu corpo comprova, de maneira evidente, que ele morreu envenenado por uma substância à base de arsênico – declarou Sanson. – Os ratos descobertos perto do corpo morreram do mesmo modo por se terem alimentado dele. O detalhe da abertura...

– Poupe-nos os detalhes – interveio Sartine.

– Esse produto – Nicolas retomou a palavra – teria sido utilizado também no assassinato de Descart?

– Exatamente o mesmo.

– Em sua opinião, quando teria ocorrido a morte do delegado Lardin?

– Considerando o estado do cadáver e o lugar em que jazia, é difícil dar uma resposta. Entretanto, penso que ele se encontrava ali há mais de uma semana.

– Agradeço-lhe, senhor.

Sanson inclinou-se e voltou para a penumbra. Nicolas virou-se para a cozinheira dos Lardin.

– Catherine, havia camundongos na Rua dos Blancs-Manteaux?

– O senhor Nicolas sabe muito bem que sim. Uma *ferdadeira beste*. Eu não *barava* um instante de brigar com eles.

– De que maneira?

– Eu tinha uma *fasilha* de arsênico.

– Onde é que ela estava guardada?

– Na copa.

– Ora, essa vasilha desapareceu. Assim, eis uma luta bem estranha entre um marido enganado e o amante da esposa que termina pela ingestão de uma bebida envenenada. O que a Sr.ª Lardin acaba de afirmar não merece crédito: seu marido foi envenenado na sequência de uma intriga urdida com toda a perfeição. Desde o início, há realmente uma trama, e vou apresentar as provas...

O Sr. de Sartine tinha voltado para sua poltrona e, queixo apoiado no punho, fixava com admiração o jovem inflamado por sua demonstração.

– Há uma intriga, eu disse – prosseguiu Nicolas, impostando a voz. – Afirmo que Mauval, amante de Louise Lardin, foi incumbido de recrutar os dois canalhas que irão decapitar Saint-Louis. Marcou um encontro deles com os mandantes no canteiro de obras da Praça Louis XV. Nesse local, os dois encontrarão três personagens cobertos com capas de cetim preto e disfarçados com máscaras: o período de Carnaval oferece esse tipo de facilidades... Mestre Vachon, seu alfaiate, Sr. superintendente, era também o de Lardin, que lhe encomendou quatro capas pretas. Façamos, então, as contas. Naquela noite de Carnaval, no Dauphin Couronné, Semacgus estava, naturalmente, mascarado. Quanto a Lardin, também usava máscara, mas estava coberto com capa – portanto, temos uma. Descart aparece com máscara e capa – a que La Paulet lhe tinha enviado com o convite – assim, temos duas. Então, quem teria utilizado as outras duas capas? Uma para Mauval – e temos três. A outra para Louise Lardin – quatro.

De novo, Louise Lardin levantou-se, espumando de raiva, e se pôs a vociferar.

– Você está mentindo, cafajeste! Prove isso!

– Curioso pedido por parte de uma inocente, mas não adianta gritar, eu provarei. Comecemos por uma rápida análise do desenrolar daquela noite. Por volta das dez horas, Rapace e Bricart esperam na Praça Louis XV com uma charrete e dois tonéis. Pouco tempo depois, três desconhecidos mascarados vieram ao encontro deles. As instruções são dadas e recebem o adiantamento pelo serviço. São conduzidos para a Rua do Faubourg-Saint-Honoré, nas proximidades do Dauphin Couronné. Pouco antes da meia-noite, chega uma viatura da qual desce Semacgus, que entra no bordel. É nesse momento que seu cocheiro, Saint-Louis, é atraído para uma cilada e apunhalado. Os dois cúmplices esquartejam o corpo nas margens do rio e colocam os pedaços nos dois tonéis. Quando interrogados, os dois bandidos tentaram nos convencer de que era Lardin quem acabava de ser morto. Ora, à meia-noite, Semacgus, Lardin e Descart estão juntos. Sabemos agora quando Lardin foi morto e, além disso, conheço a hora exata da morte de Saint-Louis. Seu relógio, quebrado durante a luta, foi encontrado no bolso de Rapace: os ponteiros marcavam meia-noite e quatro minutos. No período de meia-noite e quinze até uma hora da manhã, Descart, Lardin e, em seguida, Semacgus deixam o Dauphin Couronné. Lardin é o primeiro a voltar para a Rua dos Blancs-Manteaux. É a segunda vítima dessa intriga, depois de Saint-Louis. Ele é envenenado pela esposa e por Mauval, que tinham voltado às pressas da Praça Louis XV. O corpo é colocado no subterrâneo secreto da mansão, onde se tornará presa dos ratos e, em breve, irreconhecível. Alguns dias depois, uma peça de carne de caça será colocada no porão para dissimular os miasmas suspeitos. Tudo será feito para tornar a situação insuportável para Catherine Gauss, a cozinheira, que poderia suspeitar de alguma coisa. Marie Lardin será raptada e eu próprio, locatário, serei naturalmente expulso da moradia. Confirmo, sim, que houve uma trama; por isso, mantenho e sustento minhas acusações contra Louise Lardin.

Louise, desdenhosa, o media com os olhos. Em seguida, virou-se para Sartine.

– Eu apelo dessa acusação, senhor. Tudo isso é falso. Que me mostrem as provas prometidas!

– Senhora, que sua vontade seja feita – prosseguiu Nicolas. – A senhora quer provas, mas, melhor do que isso, tenho uma testemunha! Deve se lembrar, com certeza, do encontro no canteiro de obras da Praça Louis XV, assim como dos dois homens com quem tinha negociado o horrível assassinato de um inocente. A senhora, com certeza, deve se lembrar da ameaça de tempestade, precisamente naquela noite, com as rajadas do vento do oeste anunciando a neve que acabou caindo durante toda a madrugada. A senhora não pode ter esquecido que a despenteou e quase arrancou a máscara que cobria seu rosto, deixando, de todo modo, uma abertura suficiente para que um dos dois homens em questão tenha guardado seus traços na memória. Em determinadas situações, os detalhes se imprimem na memória dos menos observadores.

Louise Lardin torcia as mãos, gritando.

– Isso é falso!

– Sabe perfeitamente que, infelizmente para a senhora, eu não estou mentindo!

Nicolas virou-se para Bourdeau.

– Sr. inspetor, queira trazer o indiciado.

Bourdeau abriu a porta e, levantando a mão, fez um sinal. Então, o silêncio espesso que pesava sobre a assistência foi quebrado pelo eco sonoro de um passo vacilante, de um passo desequilibrado, que ressoava no piso do velho palácio. O ruído se amplificou e se confundiu com as batidas dos corações dos assistentes. De repente, Louise Lardin se levantou, empurrou Nicolas e, agarrando o estilete de prata com o qual o Sr. de Sartine brincava um pouco antes, cravou-o no peito com um grito estridente e despencou no chão. Estarrecido, o velho Marie, apoiado em uma bengala, apareceu na porta.

Nicolas rompeu o silêncio consternado que acompanhara a cena.

– Ela sabia que, naquela noite, seu rosto tinha sido visto por Bricart. Além disso, conhecia a deficiência desse soldado veterano e o ruído de sua perna de pau. Tinha certeza de que seria reconhecida pela testemunha.

– Era adequado que um caso tão sinistro, cuja intriga foi tramada inteiramente com base em embustes e aparências, terminasse com um golpe teatral! – exclamou o Sr. de Sartine.

Bourdeau, com a ajuda do velho Marie, tratou de fazer sair a assistência. Em seguida, mandou virem outros funcionários com uma padiola para remover o corpo de Louise Lardin, cujo óbito foi constatado por Sanson e Semacgus. Ele iria juntar-se aos restos mortais depositados na Basse-Geôle, entre os quais duas de suas vítimas e o amante, Mauval.

Nicolas e o superintendente-geral da polícia ficaram sós. Seguiu-se um longo silêncio e, por fim, Nicolas comentou:

– Acho, Sr. superintendente, que La Paulet deveria ser solta. Ela pode nos ser útil, além de ter jogado limpo conosco. Como sabemos, é uma excelente auxiliar da polícia. Quanto ao resto...

O Sr. de Sartine tinha se levantado. Aproximando-se de Nicolas, pôs uma mão em seu ombro. Nicolas reteve um grito: era o ombro machucado pela estocada de Mauval.

– Meus cumprimentos, Nicolas. O senhor conseguiu desvendar essa intriga com uma sagacidade que justifica o julgamento que, desde o início, fiz a seu respeito. Deixo a seu critério a conveniência de prosseguir as diligências judiciais ou de aplicar indultos. E quanto à La Paulet, tem toda a razão: a segurança policial de uma grande cidade só pode ser exercida com a utilização dos instrumentos mais frágeis ou mais bem posicionados da sociedade. Não podemos ser exigentes. Mas tenho uma pergunta: quem lhe deu a ideia desse *Deus ex machina* do último ato? Eu, inclusive, virei a cabeça na direção da porta...

– Essa ideia foi inspirada em uma observação do Sr. de Noblecourt – respondeu Nicolas –, ao me aconselhar a “fazer de conta que”. Uma mulher como Louise Lardin nunca teria confessado seus crimes, talvez nem mesmo sob tortura. Era preciso encontrar um viés para induzi-la ao erro e solapar suas defesas.

– É isso que me fortalece quanto à perspicácia de meu julgamento – prosseguiu Sartine, abrindo um amplo sorriso. – No fundo, graças a mim, que o confiei ao Sr. de Noblecourt, é que tudo foi resolvido. Aliás, na casa de nosso velho amigo, o senhor não encontrará no porão outros cadáveres que não os das garrafas, que ele gosta de esvaziar na companhia dos amigos.

Satisfeito com sua pilhéria, ele se permitiu pentear sua peruca, abriu a caixa de rapé, ofereceu uma pitada a Nicolas, que aceitou, e se serviu. Esse interlúdio foi seguido por uma sessão de espirros que os deixou apaziguados e bastante satisfeitos consigo mesmos.

– Assim – continuou finalmente Sartine –, o senhor não apenas determina minhas audiências, como também quer me privar de minha ceia. Espero que as razões que o senhor vai apresentar justifiquem essa impertinência e não me deixem, se posso dizer assim, ficar sem comer – embora, para esclarecer determinado caso, eu possa ficar em jejum durante uma semana inteira! Nicolas, afinal, onde é que estão os documentos do rei?

– Vou entregá-los em suas mãos, se o senhor consentir em acompanhar-me ao local a que pretendo conduzi-lo. Isso nos tomará duas horas. Então, terá ainda tempo de participar de sua ceia, deve ter sobrado comida e bebida!

– Ele acrescenta a insolência à impertinência! – exclamou Sartine. – Mas o que fazer? É preciso ceder a todos os seus caprichos. Vamos, eu o acompanho!

Nicolas fez uma pausa.

– Sr. superintendente-geral – disse –, eu gostaria de lhe fazer um pedido que corresponde também a um ato de justiça.

– No estado atual das coisas, meu caro Nicolas, se sua solicitação for razoável, está concedida, e, se for impossível, eu

consinto também, apesar de tudo.

Após uma última hesitação, o jovem abriu o jogo:

– Eu desejaria que Bourdeau, meu colaborador nessa investigação e cuja ajuda tem sido inestimável, seja associado à sua conclusão final. Imagino que o senhor tenha reservas, mas estou certo de que podemos confiar nele.

O Sr. de Sartine se pôs a percorrer o gabinete a passos largos, detendo-se junto à lareira para atiçar maquinalmente um fogo extinto há muito tempo.

– Minha palavra é uma só – comentou ele por fim, fitando Nicolas –, mas o senhor me coloca em uma situação bastante delicada. Nicolas, o senhor é um contendor severo. Sem dúvida, foi a proximidade com os criminosos que o endureceu. Todavia, compreendo e compartilho seus sentimentos em relação ao inspetor Bourdeau. Ele é dedicado ao senhor como ninguém e, a acreditar em seus relatórios, salvou sua vida. "Ele esteve na dor, é justo que esteja na glória." Quem foi mesmo que disse isso?

– Joana d'Arc, na sagração de Carlos VII, em Reims, senhor, a propósito de seu estandarte.

– Nicolas, o senhor sempre me surpreende. Convém reconhecer que é um digno aluno de nossos padres jesuítas. O senhor mereceria viver em outra sociedade...

Saíram do gabinete. Na antessala, encontraram Semacgus e Bourdeau. Depois de cumprimentar o superintendente-geral com profundo respeito, o médico estendeu a mão a Nicolas.

– Eu gostaria de manifestar meu reconhecimento, Nicolas. O senhor não me poupou, mas me salvou, porque, sem a confissão de Louise, eu estaria perdido. Nunca esquecerei a lição. Estará em sua casa, na Croix-Nivert, o senhor sabe. Catherine o ama como a um filho. Vou contratá-la. Ela tem um coração de ouro. Quanto a Marie Lardin, decidiu viver com a madrinha em Orléans.

O Sr. de Sartine estava impaciente. Nicolas fez sinal a Bourdeau:

– O Sr. inspetor nos dará a honra de nos acompanhar para a conclusão desse caso? – perguntou.

– Com certeza! – respondeu Bourdeau, cujo rosto se iluminou. – Eu teria apostado cem garrafas de Chinon que aí tinha algo mais!

O superintendente-geral os conduziu até sua carruagem. Nicolas deu ordens ao cocheiro para tomar o caminho de Vaugirard. Durante o trajeto, ele mal teve tempo de avaliar o alcance de seu triunfo. Sob o olhar circunspecto de Sartine, explicou sucintamente a Bourdeau o caso de Estado vinculado à questão criminal que acabava de ser resolvida. Em seguida, cada qual se refugiou no silêncio. Nicolas foi acometido pela dúvida, sua eterna inimiga. No entanto, estava seguro de si, de suas deduções, além de estar convencido de que tinha alcançado o objetivo de sua missão, mas nem ousava imaginar o que poderia acarretar, nessas condições, um eventual fracasso.

O superintendente-geral estava brincando com a tampa de sua caixa de rapé, cujo fecho ele fazia estalar a intervalos regulares. Puxada por duas parelhas, a carruagem seguia em disparada, passando por ruas desertas e obscuras. Chegaram rapidamente a Vaugirard. Nicolas deu instruções para direcionar o cocheiro para a casa do Dr. Descart. O lugar continuava bastante sinistro. Mal tinham descido da viatura, Bourdeau se pôs a assobiar uma melodia especial. No escuro, do outro lado da rua, ouviu-se uma melodia idêntica. Era um informante, que mantinha a casa sob vigilância. O inspetor foi conversar com ele e voltou dizendo que tudo estava em ordem e que ninguém tinha tentado entrar na casa.

Tendo quebrado o lacre, Nicolas abriu a porta. Bateu duas pedras para fazer faísca e apanhou do chão um toco de vela. Acendeu-a e entregou-a a Bourdeau, pedindo-lhe para fazer o mesmo com os candelabros, a fim de iluminar a sala principal. Sartine reparou, horrorizado, na desordem assustadora que reinava na casa. Nicolas esvaziou o tampo da escrivaninha de Descart com um rápido movimento de braço e colocou sobre ele três pedaços de papel. Feito isso, foi buscar uma poltrona e uma cadeira, convidando os companheiros a se sentarem. O Sr. de Sartine, o rosto sério, atendeu sem comentário.

– Sr. superintendente – começou Nicolas –, quando me deu a honra de me confiar um segredo de Estado que o desenrolar do inquérito criminal me havia levado a pressentir, tomei como missão fazer tudo o que estivesse a meu alcance para que esse caso também fosse elucidado. Meus pontos de partida eram restritos. Pelo senhor, fiquei sabendo que o delegado Lardin, convocado, por suas funções, a coletar os arquivos oficiais de um plenipotenciário que acabava de morrer, tinha subtraído vários documentos da maior importância que afetavam os interesses da Coroa e ameaçavam a segurança do reino. De posse desses papéis, Lardin estava em condições de garantir sua impunidade e, ao mesmo tempo, de alimentar uma odiosa chantagem. Entretanto, ele próprio, em razão da enormidade de suas dívidas de jogo, era coagido por Mauval, agente e pau-mandado do delegado Camusot, chefe do Departamento de Jogos, corrupto e intocável.

Sartine olhou para Bourdeau, suspirando.

– Não vou me alongar sobre os riscos de divulgação desses documentos junto a potências estrangeiras, nem sobre a impossibilidade em que o senhor se encontrava para agir contra os responsáveis por esse crime de lesa-majestade. Mas eu estava convencido de que o caso do desaparecimento do delegado Lardin não poderia deixar de estar intimamente vinculado à existência desses documentos de Estado, digamos... extraviados.

– Como assim? – reagiu Sartine.

– A presença constante de Mauval nos meandros do inquérito, sua espionagem, suas ameaças e seus ataques contra mim: toda essa maquinação só poderia ser explicada por motivos suficientemente relevantes. Lardin já estava morto, mas seus assassinos não tinham conseguido pôr a mão nos documentos que o delegado se esforçou tanto para esconder.

– Explique-me, então, como é que eles ficaram sabendo da existência dessas peças.

– A conspiração, Sr. superintendente-geral, a conspiração. Quando Lardin, de comum acordo com a esposa, prepara a trama para eliminar Descart, ele informa a ela que possui documentos de

elevado valor para quem souber negociá-los. Especifica que eles constituem a última garantia da impunidade do casal. Entretanto, o delegado ainda conserva alguns resquícios de prudência. Tais documentos – acrescenta ele – encontram-se escondidos na residência de seu primo Descart. Com efeito, haveria melhor esconderijo para esses papéis do que a casa que caberá por direito a Louise Lardin, sua herdeira natural e a esposa de sua suposta vítima? Todavia, ele toma o cuidado de não esclarecer para a esposa o lugar exato em que deixou os documentos.

– Nicolas, é prodigioso! Totalmente convincente! O senhor estava atrás da porta e debaixo das camas, escutando tudo? Em que se baseia para afirmar, com tamanha desenvoltura, os detalhes dessa história? E foi para isso que o senhor me fez vir até esse subúrbio perdido?

– Baseio-me, Sr. superintendente, na minha intuição e no meu conhecimento de indivíduos que tive a honra de desmascarar. Ora, há uma coisa imponderável e inesperada que intervém nessa mecânica bem azeitada. Um grãozinho de areia, um obstáculo imprevisto...

– Ah, sim? Quais? Parece que estou ouvindo um empírico!

– A consciência, senhor, a consciência. O delegado Lardin foi, durante muito tempo, um funcionário incomparável de sua polícia. Tornou-se um veterano na profissão, dando o melhor de si mesmo na luta contra o crime. Alguma coisa disso permaneceu. Não tinha absolutamente certeza da lealdade de uma esposa cujos desvarios conhecia e aceitava. Tolerava sua ligação com Mauval, mas seria possível realmente depositar confiança nessa dupla demoníaca envolvida com ele em uma empreitada perigosa? Pouco importa, aliás, detectar as razões que o teriam orientado. Entretanto, creio que, em um surto de lucidez e senso de dever, ou pressentindo seu fim próximo, fez questão de deixar indícios que permitissem encontrar os documentos subtraídos. Tais indícios, Sr. superintendente, estão à sua frente sobre esta mesa.

Sartine saltou da poltrona e pôs-se a ler avidamente os três pedaços de papel colocados sobre a escrivaninha.

– Explique-se, Nicolas. Isso não faz sentido e não estou entendendo absolutamente nada.

– Devo relatar, em primeiro lugar, a maneira como esses bilhetes escritos por Lardin chegaram até mim. O primeiro estava em um dos meus casacos. O segundo tinha sido enviado, com um presente, ao Sr. de Noblecourt, e o terceiro havia sido confiado a Marie Lardin com a recomendação de que se tratava de algo de valor. À primeira vista, as três mensagens não dizem muito...

– E à segunda?

– Elas são bastante expressivas, e vou comprovar minha afirmação. O senhor já observou, naturalmente, que se trata de restituir ao rei o que lhe é devido.

– E o senhor se contenta com isso?

– Isso não me basta, mas me instiga. Procurei ao acaso, durante muito tempo, antes de tirar minhas conclusões. Misturei várias vezes esses pedaços de papel, como fazia o cônego, meu tutor, pequenos cartões.

– O que vem fazer seu tutor nessa história? – impacientou-se Sartine. – O senhor quer que eu tenha um ataque apoplético?

Inquieto, Bourdeau deu um passo atrás para ficar na penumbra.

– Misturei e voltei a misturar inúmeras vezes essas mensagens – prosseguiu Nicolas, que, ao mesmo tempo, ia alterando a posição dos bilhetes escritos por Lardin.

Das três um par
E aquele que as contém
Se dá a todos –
Condição para facilitar sua abertura
A fim de restituir as palavras
Rebuscadas sem tréguas e
Tudo o que ao Rei é devido

– E o que é que posso descobrir nessa algaravia? – vociferou Sartine. – Será que estamos aqui para rimas, enigmas ou anagramas?

– Observe, senhor, as maiúsculas no início de cada frase: o que consegue ler?

– D... E... S... C... A... R... T... Caramba! posso ler “Descart”. Mas aonde isso nos leva?

– Isso nos traz aqui, a Vaugirard. Não foi à toa que o delegado Lardin utilizou tantos estratagemas para que esses bilhetes chegassem aos destinatários. Ele acreditava que o segredo dessas mensagens seria descoberto e orientaria as buscas para esta casa.

– Como pode o senhor pensar que, por si só, a palavra “Descart” vai nos conduzir ao que procuramos?

– Graças, senhor, ao gabinete de curiosidades do Sr. de Noblecourt.

– Ora essa! – comentou Sartine, dirigindo-se a Bourdeau. – Ele está realmente ruim da cabeça! O senhor me disse que, ontem, ele foi ferido; sem dúvida, deve ser a perda de sangue...

Foi a vez de Nicolas manifestar impaciência.

– Nesse gabinete de curiosidades, tão conceituado em Paris...

– E que conheço perfeitamente – emendou Sartine – por ter sido vítima da inocente mania de nosso amigo, que é incapaz de resistir ao desejo de desvendar os horrores de seu gabinete para os convidados, no final de seus banquetes.

– Naquele estranho lugar, senhor, eu tinha observado, há alguns dias, um grande crucifixo de ébano com os braços fechados. Um desses objetos jansenistas cuja posse impede de receber o certificado de confissão. Seu aspecto chamou minha atenção: ele reproduzia, em minha memória, outra imagem vista anteriormente. Perguntei ao Sr. de Noblecourt: ele disse que o crucifixo lhe tinha sido oferecido recentemente, para sua grande surpresa, pelo delegado Lardin. Enrolado em torno da haste inferior, nosso amigo

havia encontrado um bilhete, esse mesmo que o senhor tem diante dos olhos e que começa por: “Condição para facilitar sua abertura”. Ora, ao fazer a vistoria da casa dos Lardin, em companhia de Bourdeau, descobri, entre os papéis do delegado, a fatura de um ebanista do subúrbio Saint-Antoine referente a dois objetos não especificados. Intrigado pela imagem do crucifixo, fiz buscas para encontrar o artesão em pauta. Depois de muitas voltas, consegui, e o homem acabou identificando o objeto da encomenda: dois crucifixos de ébano com um Cristo de marfim...

– O senhor nos conduz de mal a pior – disse Sartine. – Não sei o que me retém aqui, em vez de tomar minha carruagem e voltar para casa.

– A curiosidade e a expectativa, senhor – respondeu Nicolas com um sorriso. – O próprio artesão declarou ter ficado surpreendido com a natureza do trabalho que lhe foi solicitado em um dos objetos em questão: tratava-se – de acordo com suas palavras – de esvaziar completamente a parte central da cruz para adaptar uma tampa munida de uma fechadura com segredo, uma espécie de estojo no qual fosse possível esconder joias, luíses, pedras preciosas...

– Ou cartas – acrescentou o Sr. de Sartine que, de repente, se acalmara.

– Ou cartas – prosseguiu Nicolas. – Eu tinha, portanto, um nome e um objeto, mesmo que o artesão tivesse recusado revelar-me o mecanismo dele. Isso poderia ter sido suficiente, mas eu fazia questão de elucidar o mistério dos bilhetes de Lardin. Vamos retomar desde o início, se me permite: a frase “Das três um par”, eu traduzo – com um pouquinho de liberdade –, por “Para o par de crucifixos, há três mensagens.” “E aquele que as contém se dá a todos” designa o Cristo com os braços fechados. A sequência é por demais evidente. “Condição para facilitar sua abertura a fim de restituir as palavras rebuscadas sem tréguas e tudo o que ao rei é devido”: esse Cristo é quem restituirá os documentos do rei.

O fim da demonstração de Nicolas foi seguido por um longo silêncio, perturbado apenas pelo crepitar das velas e pelo barulho

surdo e contínuo do vento na chaminé. Fascinados, o Sr. de Sartine e Bourdeau viram Nicolas se erguer como um sonâmbulo, segurar um castiçal e dirigir-se para a lareira, junto da qual parou e levantou o braço: o clarão das velas iluminou um Cristo de marfim com os braços fechados, suspenso em um grande crucifixo de ébano – último presente do delegado Lardin ao primo da esposa. Bourdeau precipitou-se, agarrou uma cadeira e, apoiando um pé na borda da lareira, envolvido por uma nuvem de pó, desprendeu o objeto, que colocou com respeito em cima da escrivaninha. O Sr. de Sartine foi convidado pelo jovem a examinar o crucifixo. Trêmulos, os dedos do superintendente-geral nada conseguiam detectar além da madeira lisa. Desesperado, ele olhou para Nicolas.

– O senhor tem certeza do que está dizendo?

– Não pode ser outra coisa, senhor.

Nicolas, por sua vez, examinou o crucifixo. As palavras misteriosas cantarolavam em sua cabeça: “Condição para facilitar sua abertura.” Inclinou-se sobre o Cristo de marfim e observou que as mãos do Salvador não estavam pregadas. Segurou-as e tentou fazer pressão para baixo. Os braços cederam e se abaixaram, enquanto se ouvia um estalido e o objeto inteiro se elevava ligeiramente. Nicolas virou o crucifixo: uma placa de madeira tinha se deslocado, deixando à vista um nicho repleto de papéis apertados. Ele se afastou.

– Por gentileza, senhor.

Sartine agarrou o maço de cartas escondidas no escaninho. Fez sinal a Bourdeau para trazer mais perto um castiçal e começou a folheá-las, lendo em voz alta.

– Projeto de ordens a enviar por S. M. para o conde de Broglie e para o barão de Breteuil, 23 de fevereiro de 1760. Carta do duque de Choiseul para o marquês de Ossun, embaixador do rei em Madri, 10 de março de 1760. Minuta de uma carta da Senhora Marquesa de Pompadour para Sua Majestade Imperial e Real, em Viena. Cópia da interceptação de uma carta de Frederico II, rei da Prússia, para sua irmã, a Margravina de Bayreuth... do dia 7 de julho de 1757... “Uma vez que, minha querida irmã, a senhora acaba de ser

incumbida da grande obra da paz, suplico-lhe que envie o Sr. de Mirabeau à França. Eu assumirei, de bom grado, suas despesas. Ele poderá oferecer até quinhentos mil escudos à favorita[53]...”

Pensativo, ele levantou a cabeça.

– Sempre essa história da tentativa de subornar Madame por parte da Prússia. Na realidade, nenhuma prova... Mas se esse texto fosse divulgado, neste momento...

Ele se recompôs, enfiou o maço de documentos no bolso, ajeitou seu traje e, olhando de alto a baixo para os dois policiais, declarou com a maior seriedade:

– Os senhores nada viram nem ouviram... Por vossas vidas.

Nicolas e Bourdeau se inclinaram, sem responder.

– Sr. Le Floch – prosseguiu Sartine – pela segunda vez nesta noite, apresento-lhe meus agradecimentos, mas agora em nome do rei. Vou deixá-los: tenho de ir, sem demora, a Choisy. O senhor me deu o grande privilégio, nestes tempos de miséria e de guerra, de ser o mensageiro de uma boa nova. O rei não esquecerá isso.

Ele subiu de quatro em quatro os degraus da escadaria e desapareceu na noite. Nicolas e Bourdeau logo ouviram o barulho da carruagem, que partiu em disparada. Entreolhando-se, desataram a rir.

– A nós, todo o mérito – comentou Bourdeau –, e é mais do que justo. O senhor, na verdade, levou ao extremo sua insolência perante o Sr. superintendente-geral: era preciso que estivesse mesmo muito seguro de si. Senhor, agradeço-lhe por ter me dado a possibilidade de assistir a tudo isso: nunca esquecerei seu gesto.

– Meu caro Bourdeau, vamos retomar nossas funções habituais. Os acontecimentos nos colocaram em uma situação privilegiada. O sucesso de nossa investigação nos devolve à nossa insignificância. O rei está salvo. Um viva a nós! Uma vez que fomos abandonados, vou lhe fazer uma proposta maldosa. Estamos a dois passos da casa de Semacgus. Ele não tem como nos recusar nada. Vamos lhe pedir-lhe para cear. Já estou sentindo os aromas dos pratos

preparados pela bondosa Catherine. E se nada estiver pronto, ela fará um banquete para nós.

E os dois amigos mergulharam na noite fria de fevereiro.

52 Claude-Adrien Schweitzer, latinizado para Helvétius (1715-1771), filósofo, cujo pai foi o primeiro médico de Maria Leszczyńska. Coletor Geral de Impostos, ele colaborou com a *Encyclopédie*.

53 À época, circulavam numerosos boatos sobre tentativas de corrupção, tanto por parte da Áustria quanto da Prússia, relativamente a Madame de Pompadour, favorita de Louis XV. Frederico II tinha incumbido a irmã, Margravina de Bayreuth, de enviar seu camarista-mor, o cavaleiro de Mirabeau, como emissário para estabelecer contato com essa dama em Versalhes.

Epílogo

Devolvo-lhe seu maço de títulos de nobreza;
minha honra não é talhada para ser nobre;
ela é demasiado razoável para isso.
Marivaux

Dois meses haviam transcorrido. A rotina se restabelecera. Nicolas continuava a ser utilizado, como extranumerário, em diversas tarefas policiais. Na maior parte das vezes, formava equipe com o inspetor Bourdeau, mas eles nunca evocavam os acontecimentos de que haviam participado; parecia, inclusive, que o caso tinha sido encoberto pelo mais espesso silêncio. Com a morte de todos os culpados, nenhum processo judicial público foi instruído.

Nicolas desempenhava com dedicação suas funções cotidianas. O superintendente-geral da polícia retirara o precioso mandato que, durante algum tempo, o tinha investido de poderes ilimitados. As audiências ocorriam em datas mais espaçadas, sempre associadas às obrigações do serviço. O jovem não experimentava nenhuma amargura por isso. Um grande apaziguamento havia substituído as semanas exaustivas da investigação. A vida que levava lhe convinha. Agradava-lhe a casa do Sr. de Noblecourt, na qual não só era rodeado pela afeição, mas também se multiplicavam as oportunidades de encontrar os amigos do ex-procurador no Parlamento e de ampliar, assim, o âmbito de suas relações úteis.

Tinha retomado as atividades habituais na companhia de Pigneau, cujos propósitos missionários escutava com indulgência. Visitava regularmente o Pe. Grégoire, sempre emocionado ao rever

seu pensionista. Por fim, a casa de Semacgus era outro refúgio aonde ele ia, muitas vezes, aos domingos. Catherine esforçava-se para lhe prodigalizar suas atenções culinárias. O cirurgião, cujas relações e conhecimentos sempre o haviam fascinado, travava com ele conversas intermináveis que muito ensinavam a Nicolas. Quanto a Guérande, ele se esforçava para não pensar. Depois de um longo debate interior, havia decidido não responder à carta de Isabelle. Sua vida parisiense, sua nova experiência das relações sociais, adquirida gradualmente, e a constatação do fosso existente entre uma filha de marquês e um órfão sem nome nem fortuna alimentavam simultaneamente seu orgulho e sua renúncia.

Nicolas continuava frequentando Antoinette, que teria gostado de ver sair de sua condição. Todavia ela havia adquirido, aos poucos, maior autoconfiança; os encantos de um dinheiro ganho com tanta facilidade que eram difíceis de combater. E também aquela amizade assumia a aparência dessas ligações necessárias entre um policial e uma prostituta, mesmo que a ternura prevalecesse nesses encontros.

Nicolas tinha cruzado, em duas circunstâncias, com o delegado Camusot, que continuava na ativa, mas destituído da chefia do Departamento de Jogos. Havia rumores de que tal desgraça acontecera na sequência de um caso em cujo desfecho Nicolas tinha desempenhado um papel preponderante. À sua volta, ele percebia olhares de inveja ou de deferência. Bourdeau, sempre à espreita dos boatos de uma corporação que conhecia como a palma da mão, lhe contava o que se dizia, não deixando de acrescentar comentários irônicos de sua própria lavra. Nicolas escutava, ria e ia em frente: estava longe de ter as intenções particulares que lhe eram atribuídas.

No início de abril, o Sr. de Sartine comunicou-lhe, sem grande cerimônia, a morte do marquês de Ranreuil. Tal notícia provocou um desgosto amargo em Nicolas; afinal, não tinha feito as pazes com o padrinho, a quem devia tanto e sem o qual ainda estaria vegetando, em Rennes, em um cartório empoeirado e uma função sem futuro. O superintendente-geral nem lhe deu o tempo de avaliar seu

sofrimento. Depois de observar seu funcionário durante um breve instante, anunciou-lhe que, no dia seguinte, iriam ambos a Versalhes: o Rei havia manifestado o desejo de que o Sr. Le Floch lhe fosse apresentado. Seguiu-se imediatamente uma grande quantidade de recomendações a respeito dos costumes da Corte, do traje apropriado, do porte da espada e da pontualidade rigorosa. Nicolas nunca tinha visto o chefe tão nervoso. O Sr. de Sartine concluiu a conversa com um peremptório “Basta sua boa aparência, filho de peixe peixinho é!”

Nessa mesma noite, Nicolas pediu a Marion para escovar o traje verde, que ainda não tinha tido a oportunidade de vestir. O Sr. de Noblecourt lhe emprestou sua espada de Corte e a gravata de renda de Bruges que tinha usado em seu casamento. Tendo se recusado a jantar, Nicolas retirou-se para o quarto. Seu desgosto, reprimido pelo anúncio da audiência real, pôde então se manifestar livremente. Inúmeras imagens surgiam de seu passado: os retornos da caçada, as partidas de xadrez, os ensinamentos do marquês e todos os momentos insignificantes e banalmente felizes. Todas essas lembranças haviam moldado, aos poucos, o homem que ele se tornara. A voz autoritária do padrinho ainda ressoava nele. O velho aristocrata manifestara sempre uma afeição sem restrições por ele. Nicolas lamentava que um acontecimento infeliz tivesse provocado uma oposição entre eles, levando-os a um irremediável desacordo. A imagem esmaecida de Isabelle se impôs e, em seguida, desapareceu para dar lugar a um desespero sem saída.

O dia seguinte se anunciou com seu cortejo de obrigações. A mansão da Rua Montmartre estava em polvorosa com os preparativos febris. Nicolas se esforçou para atenuar seu sofrimento sob a sucessão de detalhes exigidos por seu traje. Foi convocado um barbeiro para cortar-lhe a barba e, pela primeira vez, o jovem teve de dissimular sua cabeleira natural sob uma peruca empoada. Depois de vestir a roupa e dar o nó na preciosa gravata, ele se olhou em um espelho e não reconheceu o homem com o olhar taciturno à sua frente.

Um fiacre o conduziu ao Hôtel de Gramont, local em que devia encontrar o Sr. de Sartine. Esperou um longo momento no grande

salão. O superintendente-geral da polícia o tomou, inicialmente, por um estranho. Em seguida, as mãos nos quadris, deu uma volta completa em redor do jovem, aprovando com um movimento da cabeça. Satisfeito, felicitou-o pelo traje.

Na carruagem que os levava a Versalhes, o Sr. de Sartine respeitou o silêncio de Nicolas. Sem dúvida, pensava que tal mutismo traduzia a emoção legítima na qual, forçosamente, um acontecimento daquela importância mergulhava o jovem. Ora, Nicolas, que no entanto não conhecia nem Versalhes nem a Corte, estava bem longe desse sentimento. Indiferente a qualquer outra coisa, ele olhava a agitação das ruas: um dia, todos aqueles passantes anônimos desapareceriam, todos aqueles que iam e vinham sem um olhar para a carruagem deles e cujos movimentos ele próprio observava sem distinguir os rostos. Os dois, Sartine e ele próprio, eram espectros sobreviventes. O futuro era apenas a aproximação progressiva de um fim enigmático que chegaria na devida hora. O que importava, então, o jogo de uma existência dedicada a lamentar o passado e a recear a sucessão interminável de desgostos e lutos?

Já estavam perto de Versalhes. Nicolas apelou a toda a fé de sua infância e deu um profundo suspiro, como que para aliviar o peso das coisas inexprimíveis que esmagava seu peito.

O senhor de Sartine se confundiu a respeito desse movimento. Ele aguardava apenas um sinal para romper um silêncio que, visivelmente, o incomodava. Amável, pretendia tranquilizar Nicolas. Discorria sobre a Corte como conhecedor. Versalhes, dizia, tinha perdido, no reinado atual, o esplendor que Louis XIV lhe havia conferido. Com frequência, o rei deixava o palácio. Era, então, numa verdadeira solidão, e não ficavam ali a não ser aqueles que não tinham como evitar. Em compensação, quando o soberano estava presente, os cortesãos corriam para lá, caçavam com ele, mas se apressavam, assim que possível, a voltar a Paris e a seus prazeres. A maioria dos ministros, aliás, vivia na capital.

Nicolas admirou a imensa avenida que atravessava uma cidade com construções esparsas no meio de parques e jardins. A velocidade das viaturas aumentava. Curioso, o jovem pôs a cabeça

para fora da portinhola e, no brilho daquele dia de primavera, percebeu um volume imponente ligeiramente envolto em bruma. O azul das ardósias, reflexos dourados, o amarelo claro das pedras e as massas vermelhas do tijolo anunciavam o Palácio dos Reis. A carruagem logo desembocou na Praça das Armas, lotada por uma grande quantidade de veículos, liteiras e pedestres. Transpôs a primeira grade monumental, decorada com o brasão de armas da França, e entrou em um primeiro pátio. Deteve-se diante de uma segunda grade, que impedia o acesso ao pátio real. Sartine informou a Nicolas que aquele espaço protegido era conhecido como “o Louvre”, e que apenas as carruagens ou liteiras cujas coberturas vermelhas atestavam que seus ocupantes usufruíam das “honras” do palácio podiam entrar ali. Eles desceram da viatura, que o cocheiro se apressou a encostar ao lado. Antes de se dirigirem para as construções à direita, foram cumprimentados pelos dois guardas, que usavam roupas azuis coladas ao corpo, listradas por longos galões de ouro e prata com debruns vermelhos.

Nicolas, perdido, seguia o Sr. de Sartine, que, a passos largos, abria caminho no meio de uma multidão de curiosos e cortesãos. O jovem teve a impressão de penetrar em um gigantesco labirinto de galerias, corredores e escadarias de todos os tamanhos. O superintendente-geral da polícia, frequentador habitual daqueles lugares, deslocava-se ali com facilidade. A confusão do jovem só era comparável àquela que o invadira por ocasião de sua chegada a Paris, dois anos antes. Os olhares que adivinhava pousados sobre si, acompanhante desconhecido de um personagem temido, acentuavam seu mal-estar. Sentia-se afundado em um traje que vestia pela primeira vez. Uma ideia louca o assaltou: a de que alguém pudesse suspeitar que a roupa tinha sido encomendada para outra pessoa que não ele.

Sem fixar o caminho percorrido, encontrou-se em uma ampla sala, no meio de uma dúzia de pessoas que faziam um círculo em torno de um homem alto que estava tirando, com a ajuda de um criado, seu traje azul debruado de ouro[54]. O homem despiu a camisa e deixou que o enxugassem. Um velhinho maquiado e coberto de joias lhe estendeu a muda de roupa. Com voz monótona,

o homem ditava alguns nomes para um camareiro. Sem nenhuma cautela, Sartine deu uma cotovelada em Nicolas para que tirasse o chapéu. Ele compreendeu, então, que estava diante do rei. Ficou surpreso com as conversas em voz baixa que algumas das pessoas presentes mantinham. Um homem que ele não reconheceu imediatamente se aproximou e falou em seu ouvido.

– Estou muito contente em revê-lo, senhor. Eis que assiste à troca de roupa do rei. Meus cumprimentos. S. M. está designando as pessoas que terão a honra de cear em sua companhia.

Ele cumprimentou também Sartine, que não escondeu seu espanto ao constatar a amizade entre Nicolas e o Sr. de La Borde, principal mordomo dos aposentos do rei. A expressão do chefe serviu de consolo ao jovem; afinal, não era o único a ter surpresas.

A voz do rei se fez ouvir:

– Richelieu – disse ele, dirigindo-se ao velho maquiado –, espero que tenha se entendido com Ayen* a respeito de quem, você ou ele, deve indicar os lugares no baile do picadeiro. Consulte Durfort[55].

– Acatarei as ordens de V. M. Entretanto, *Sire*, permita-me observar...

– Que a caça não foi satisfatória – cortou o rei. – Dois cervos escaparam em Fausse Repose. Um terceiro se refugiou na lagoa das corças. Tivemos de fazer três tentativas para tirá-lo. Não estamos nada felizes neste momento.

O velho marechal cumprimentou-os fazendo careta. Tendo terminado a troca de roupa, o rei dirigiu-se a uma pequena escada e desapareceu diante de uma assistência que fazia reverência. Nicolas nem tivera tempo de sentir emoção e La Borde já os convidava a segui-lo.

– Vamos para os aposentos particulares – explicou. – O rei deseja ouvir, na privacidade de suas dependências e de sua própria boca, o relato sobre determinado inquérito. O humor não está bom hoje, a caça não conseguiu afastar as preocupações. Mas não receiem, tudo vai correr bem. Fale com desenvoltura, sem timidez, porque, se você hesitar, o rei se fechará. Seja agradável sem ser

longo, mas o suficiente para manter o interesse. No íntimo, o rei é benevolente, sobretudo com a juventude.

Chegaram a uma antessala com teto bastante baixo; em seguida, percorreram uma galeria ornada com quadros enormes. La Borde explicou que o rei tinha desejado que o tema fosse caças exóticas: nesses quadros, estavam representados animais e personagens de terras distantes que Nicolas nunca tinha tido a oportunidade de ver[56]. Precedidos por um criado, entraram em um salão parcialmente revestido de painéis de madeira branca com relevos em ouro. O aposento dava a impressão de um feliz equilíbrio. Sentado em uma poltrona forrada de damasco vermelho, o rei bebia uma taça de vinho que uma dama acabava de lhe servir. Os três fizeram uma reverência, chapéu na mão. O rei correspondeu com um gesto discreto. A mulher estendeu a mão para Sartine, sentou-se e, com uma elegante mesura, respondeu à saudação dos outros recém-chegados.

– Então, Sartine – perguntou o rei –, como vai sua cidade?

O superintendente-geral da polícia acatou a pergunta do monarca, e a conversa teve início. Nicolas se sentia estranhamente sereno. Não conseguia acreditar que se encontrava diante de seu soberano. Via um homem de postura elegante e silhueta agradável, com um olhar tranquilo acentuado pela nobreza do olhar. Esse olhar não se detinha sobre os assistentes, mas fixava quase sempre o vazio. Do rosto, de testa alta, emanava uma grande dignidade. No entanto, a idade e a fadiga eram perceptíveis nas intumescências e na flacidez das bochechas. A tez lívida era marcada, aqui e ali, por manchas oliváceas. Falava em voz baixa, o ar lânguido quase abatido. Às vezes, Nicolas sentia esse olhar pousar sobre ele com uma espécie de interrogação muda, mas logo se desviava.

Sentada ao lado do rei, a dama – que Nicolas supôs ser a marquesa de Pompadour –, apresentava uma aparência que correspondia muito pouco à ideia que se podia fazer da favorita. Ficou espantado com a espécie de vestido que a envolvia, fechado até o pescoço. As mangas pendiam até os punhos, escondendo as mãos. Lembrou-se de ter ouvido comentários malevolentes segundo os quais essa vestimenta era a de uma dama pouco renomada pela

beleza das mãos e aprovação a seu pescoço. A cabeleira grisalha estava coberta, em parte, pelo capuz da capa curta presa ao vestido. Seu colorido, furta-cor puxando para o cinza, estava em harmonia com o do traje do rei, sobre o qual se destacava a fita azul dos cavaleiros do Espírito Santo. O rosto, que conservava seu oval perfeito e os olhos azuis amendoados, pareceu muito coberto de ruge para o gosto de Nicolas. Apesar disso, o conjunto era quase austero. Vieram-lhe à memória os boatos que atribuíam à marquesa o desejo de tomar Madame de Maintenon como modelo. Ela sorria, mas sua expressão continuava impassível. Ele concluiu que essa aparência escondia uma inquietação e um sofrimento. De vez em quando, a marquesa dirigia um olhar ao mesmo tempo reverente e angustiado para o rei, que, por sua vez, lhe demonstrava sua afeição por uma infinidade de pequenas atenções. Nicolas respirava melhor: tinha a impressão de se encontrar em uma reunião de família.

– Eis, portanto, seu protegido, Sartine, a quem devemos muitos favores. La Borde já me havia falado a seu respeito.

O superintendente-geral não escondeu seu espanto.

– Eu desconhecia que o Sr. Le Floch era tão conhecido, *Sire*.

O rei fez um gesto em direção de para Nicolas.

– Senhor, quero ouvir de sua boca o relato do caso que envolvia uma causa muito valiosa. Estou ouvindo.

Nicolas seguiu em frente sem refletir. Sem dúvida, seu futuro estava em jogo, e outros, em seu lugar, teriam agarrado a oportunidade, aproveitando todas as facilidades e redobrando todos os meios de sedução. Optou por ser simples, claro, pitoresco sem exagero, sugerindo mais do que descrevendo, evitando se colocar em primeiro plano e atribuindo ao Sr. de Sartine muito mais do que lhe devia. O rei o interrompeu várias vezes para pedir indicações mais precisas sobre a abertura dos corpos, mas teve de desistir disso a pedido de Madame de Pompadour, que ficava apavorada com a descrição dos detalhes mórbidos. Nicolas soube ser modesto com brilho e cheio de arrebatamento quando a ação assim exigia. Suscitou interesse sem entediar. O rei, entregue a esse relato,

parecia rejuvenescido: seu olhar tinha um brilho renovado. Tendo concluído sua apresentação, Nicolas deu um passo atrás. Com um sorriso encantador, a marquesa estendeu-lhe a mão; ao beijá-la, o jovem teve a impressão de que estava bastante febril.

– Obrigada, senhor – comentou ela –, nós lhe devemos muito. Tenho certeza de que S. M. não esquecerá seus serviços.

O rei levantou-se e deu alguns passos.

– O rei é o primeiro fidalgo do reino, como dizia meu avô, Henri IV. Por isso, saberá recompensar o filho de um de seus mais fiéis servidores, um dos nobres da Bretanha que, há três anos, não pouparam zelo nem sofrimentos contra os ingleses.[57]

Nicolas nada compreendia dessas palavras, que lhe pareciam dirigidas a outra pessoa. Sartine permanecia impassível. La Borde estava de boca aberta. A marquesa fitava o rei com um ar de surpresa.

– Eu disse realmente "filho de um de meus servidores" – prosseguiu o rei. – Senhor – disse ele, olhando para Nicolas –,seu padrinho, o marquês de Ranreuil, que acaba de nos deixar e cujos serviços prestados não esqueço, entregou-me uma carta na qual ele o reconhece e legitima como seu filho natural. É com o maior prazer que lhe dou essa informação e lhe restituo o nome e os títulos que são seus.

Um silêncio profundo se seguiu a essas palavras. Então, Nicolas jogou-se aos pés do rei.

– *Sire*, suplico que V. M. me perdoe, mas não posso aceitá-los.

O rei fez um movimento de cabeça para trás.

– E por que razões, senhor?

– Aceitar, V. M., seria de alguma forma ser pouco fiel à memória de meu... de meu pai e privaria a Srt.ª de Ranreuil de uma herança que lhe cabe por direito. Por isso, renuncio tanto ao nome, quanto aos títulos. Já tive a felicidade de servir V. M.; suplico-lhe que possa continuar a fazê-lo com meu nome.

– Que assim seja, Sr. Le Floch.

Ele se virou para a marquesa:

– Eis um exemplo extremamente raro e bem reconfortante da natureza humana.

Em seguida, voltando-se novamente para Nicolas:

– O marquês escreveu-me que o senhor é excelente na caça, como ele próprio.

– *Sire*, aprendi com ele.

– O senhor será sempre bem-vindo nas minhas comitivas. La Borde, o Sr. Le Floch tem privilégio na caça ao veado. Está dispensado do traje dos principiantes[58]. Quanto ao resto, o Sr. de Sartine comunicará minhas vontades ao Sr. Le Floch.

A audiência estava encerrada. Eles se retiraram. Na galeria, o principal mordomo dos aposentos do rei felicitou Nicolas.

– O rei o aceita em suas caçadas. Ele o reconhece como Ranreuil e lhe presta homenagem como tal. O senhor recebe as honras da Corte e o direito de entrar nas carruagens do rei.

Nicolas seguiu o Sr. de Sartine como dentro de um sonho, que não tinha a certeza de desejar que terminasse. Entraram na carruagem. Sartine manteve-se em silêncio até a saída do castelo.

– Eu já tinha prevenido o rei em relação à sua recusa dos títulos, mas ele não me deu crédito.

– O senhor sempre soube?

– Desde sua chegada a Paris. O marquês de Ranreuil o amava. Sentia-se infeliz por uma situação pela qual era responsável. Faça uma ideia da angústia experimentada por ele diante da afeição que o ligava à Srt.ª de Ranreuil, sua irmã, e o perdoe pelas decisões tomadas por ele e que, na época, o senhor não podia compreender.

– Na verdade, eu tinha pressentido um mistério.

– Eis aí sua tão útil intuição!

– E minha mãe?

– Morreu dando à luz a você. Pouco importa que o senhor fique sabendo de outros detalhes. O marquês era casado. Ela era filha de

nobre, e a desonra teria sido sua herança.

– Posso perguntar, senhor, por que pensou que eu recusaria?

– Tenho observado sua maneira de ser desde que seu pai o confiou a mim. O senhor se parece muito com ele. Mas o que ele tinha adquirido por nascimento, o senhor teve de obter com seu talento. E já comprovou que é capaz de superar seus pontos fracos, a despeito do infortúnio de suas origens. Se, às vezes, usei com você um tom de desconfiança que lhe causou sofrimento, ele indicava mais uma preocupação do que um juízo sobre seu valor. Eu posso compreendê-lo, Nicolas. Órfão aos 15 anos, sem fortuna nem apoio. Espanhol por parte de pai, que era intendente na Catalunha, internado no colégio de Harcourt, fui coberto desde o início de desprezo e de arrogância. A humilhação é a mais poderosa mola propulsora das sociedades. A nobreza abre as portas, mas frequentemente não passa de um engodo. E, se dermos crédito a nossos amigos filósofos, talvez seja melhor ser plebeu nos tempos que se anunciam. Seja como for – acrescentou ele, sorrindo –, não foi muito cortês recusar um título a que se tem direito diante de uma favorita, cujo nome de família é Poisson... Felizmente para você, ela, aparentemente, não ficou com ciúme.

Ele tirou do bolso um maço de documentos que entregou a Nicolas.

– Leia.

O jovem não tinha a certeza de compreender as frases que se sucediam diante de seus olhos, e Sartine teve de esclarecê-lo.

– S. M., em sua grande bondade, quis lhe oferecer, como prova de sua satisfação, um escritório de delegado de polícia no Châtelet. Como tudo já foi pago, o senhor tem aqui o recibo de seus direitos. A única condição imposta pelo rei a esse favor é que o senhor continue sob minha autoridade direta. Ele pretende usá-lo, sem intermediários, nos casos particulares de seu serviço. Ouso pensar, Sr. delegado Le Floch, que tal condição não lhe seja demasiado incômoda.

– Sem o senhor...

– Deixe isso para lá, Nicolas. Eu é que lhe fico devendo...

Durante o resto do trajeto, Nicolas não conseguiu controlar o fluxo de sentimentos confusos que o agitava. Quando a carruagem entrou em Paris, pediu ao Sr. de Sartine permissão para descer diante do colégio das Quatre Nations[59]. Queria voltar a pé para a Rua Montmartre. O magistrado concordou, sorrindo. As luzes do crepúsculo inundavam o Sena e, na outra margem, o Jardim do Infante e o Vieux Louvre. O ar estava leve, perfumado de aromas de ervas e flores. O vento levava os miasmas das margens do rio. Pequenas nuvens rosa, cinza e douradas vagueavam acima da cidade. Gritos estridentes anunciavam a chegada das andorinhas.

O momento era de paz. O espinho cravado há tanto tempo na carne e no coração de Nicolas deixou de atormentá-lo. Na desordem do mundo, ele tinha encontrado seu lugar. Afastara a tentação de assumir uma dignidade cujo valor era devido apenas a preconceitos; dali em diante, seria sua própria referência. Com o passado saldado, estava começando outra existência que seria construída com suas próprias mãos. Pensava com ternura no cônego Le Floch e no marquês. Seus manes podiam ficar satisfeitos. Tinha se mostrado digno do amor e dos ensinamentos deles. Agridoce, a imagem de Isabelle ressurgiu como a lembrança feliz da infância compartilhada. Durante muito tempo, ficou olhando o pôr do sol. Lá, bem longe, o oceano livre alcançava sua terra natal. Percorreu os cais até o Pont-Neuf, assobiando uma melodia de ópera.

Sófia, janeiro de 1996 – maio de 1997.

54 Traje de caça usado em Versalhes; a cada lugar ou tipo de caça, correspondia, em geral, um traje específico.

55 Jean-Nicolas Dufort (1731-1802), introdutor dos embaixadores, durante o reinado de Louis XV.

56 Nessa galeria, era possível ver dois quadros de Van Loo (caça da avestruz e do urso); dois de Parrocel (caça do elefante e do búfalo); dois de Boucher (caça do tigre e do crocodilo); um de Troy (caça do leão); um de Lancret (caça do leopardo); e um de Pater (caça chinesa). Atualmente, essas telas, na sua maior parte, estão expostas no museu de Amiens.

57 A nobreza da Bretanha tinha se mobilizado, em 1757, contra as incursões inglesas.

58 Traje de caça na cor cinza, usado pelos principiantes.

59 Literalmente: Quatro Nações, ou seja, o Palácio Mazarin, situado no cais de Conti e, atualmente, sede do Institut de France, que agrupa cinco Academias: Académie française, Académie des inscriptions et belles-lettres, Académie des sciences, Académie des sciences morales et politiques e Académie des Beaux-Arts.

Anotações contextuais

Ayen, conde de – Louis de Noailles (1713-1793), amigo íntimo de Luís XV e rival declarado do duque de Choiseul*. Encontrava-se ao lado do monarca em duas circunstâncias cruciais: ajudante de campo na batalha de Fontenoy* e capitão dos guardas de corpo em serviço por ocasião do atentado perpetrado por Damiens (cf. cap. V, nota 3). Epílogo, p. 364.

Blancs-Manteaux [Mantos Brancos], Rua dos – Situada no bairro Le Marais, assim chamado por ser constituído por pântanos, tendo compreendido inicialmente toda a parte inundável da margem direita do Sena. Foi ocupado por ordens religiosas desde o século XII – aliás, a denominação Blancs-Manteaux deve-se à cor branca do hábito dos monges mendicantes da Ordem dos Servos de Maria que, em 1258, foram agraciados pelo rei São Luís* com um convento existente nessa rua. Acabou sendo habitado pela nobreza no século XVI até o início do século XVIII.

Bourbon, Luís Augusto de, duque de Maine (1670-1736) – O segundo dos filhos ilegítimos, nascidos da relação entre Luís XIV e Madame de Montespan (cf. Maintenon*, Madame), foi legitimado em 1673; o amor de seu pai, o rei, atribuiu-lhe outros títulos, tais como o de Príncipe des Dombes, Duque de Aumale e Conde de Eu. Ao falecer, em 1715, o rei deixou como última vontade que a regência de seu bisneto Luís XV – com apenas cinco anos – fosse entregue ao sobrinho Filipe II*, Duque d'Orléans, e ao duque de Maine; no entanto, tendo conseguido a anulação do desejo do falecido monarca, Filipe II assumiu sozinho a Regência. Cap. XI, p. 246.

Cartouche [apelido de Louis Dominique Garthausen] – Salteador, nascido em 1693 em La Courtille*, tornou-se um chefe de bando (cujo refúgio era a Cour des Miracles*, como ocorria com outros bandos que grassavam em Paris, no início do século XVIII, sob a Regência, cf. Jantares): foi submetido ao suplício da roda, na Praça de Grève*, em de 28 de novembro de 1721.

Châtelet [literalmente, palacete ou fortaleza] – Sede do órgão encarregado do policiamento e da justiça criminal; situava-se na ilha da Cité*.

Choiseul, duque de – Étienne-François de Choiseul (1719-1785), estadista bastante influente na Corte de Luís XV, obteve o favor de Madame de Pompadour* ao lhe entregar algumas cartas que o monarca havia escrito a sua prima, Madame de Choiseul-Romanet, com a qual o rei havia tido uma aventura galante. Em 1757, por intermédio de sua protetora, é nomeado delegado em Viena, com o encargo de cimentar a nova aliança entre a França e a Áustria; em 1758, assume o ministério das Relações Exteriores, conseguindo assim comandar a política externa francesa durante a Guerra dos Sete Anos*. Sua administração dos assuntos internos satisfez em geral aos filósofos, além de ter autorizado a publicação da *Encyclopédie**. Após a morte de Madame Pompadour, em 1764, seus inimigos – liderados por Madame du Barry, nova favorita de Luís XV – forçaram-no a abandonar a Corte.

Cité, Ilha da [literalmente, Cidadela] – Situada no rio Sena, em pleno centro de Paris; teria sido, inclusive, o berço da capital francesa.

Cour des Miracles [literalmente, Pátio dos milagres] – Designação, sob o Ancien Régime [Antigo Regime], de uma dezena de espaços sem controle policial em Paris. Tal expressão referia-se ao fato de que as pretensas enfermidades dos mendigos, residentes

habituais desses lugares, desapareciam ao cair da noite como que por milagre; na verdade, nenhum deles sofria realmente de alguma incapacidade.

Courtille, La – Famoso lugar de prazer para os parisienses, situado no exterior do posto fiscal de Belleville (a leste de Paris, na divisa com o subúrbio de mesmo nome) para evitar a cobrança da taxa exigida para entrar na cidade.

Encyclopédie – ou *Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* [Dicionário Sistemático de Ciências, Artes e Ofícios], o mais prestigioso monumento intelectual que o movimento iluminista legou aos tempos modernos, concentrando, em 28 volumes (17 de textos e 11 de ilustrações com legendas), a síntese de toda a sabedoria alcançada pelo homem até então. Sua edição, sob a direção de Denis Diderot e Jean le Rond d'Alembert, estendeu-se de 1751 a 1772.

Équarrissage, Grand [literalmente, Grande Matadouro] – Destinado a desossar e esquartejar animais cuja carne é imprópria para o consumo humano.

Filipe II, duque de Orléans (1674-1723) – Filho de Filipe de França, irmão de Luís XIV, e da segunda esposa, a princesa palatina* Carlota Elisabete de Baviera; foi Regente da França (cf. Jantares***)**. Ao ser forçado a casar, em 1692, com uma filha de Madame de Montespan (cf. Maintenon*, Madame de) que foi legitimada pelo rei, tornou-se genro de Luís XIV.

Fontenoy, batalha de – Cidade na Áustria Holandesa [atualmente, Bélgica] nos arredores da qual as forças francesas obtiveram uma vitória decisiva, em 1745, sobre o exército anglo-holandês-hanoveriano, por ocasião da Guerra da Sucessão Austríaca.

Grève, Praça de; desde 1803, Praça do Hôtel-de-Ville – Local ocupado por uma praia de cascalho e areia (daí, o qualificativo, *grève*), onde era fácil descarregar as mercadorias que chegavam a Paris pelo Sena. Os desempregados se habituaram a reunir-se nessa praça ao amanhecer, em busca de um empregador. Assim, a Praça de Grève está na origem da palavra "grevista", apesar do contrassenso: tratava-se, realmente, de um grupo de pessoas sem trabalho que estavam à procura de um emprego. Sob o *Ancien Régime*, essa praça servia também para as execuções e os suplícios públicos.

Guérande – Cidade de pequeno porte, a 80 km a oeste de Nantes, é um dos raros povoados da França que conservou intactas as muralhas (1.434 m de circunferência) das fortificações construídas nos séculos XII-XIII, além de ter sido um lugar destacado da história do antigo Ducado da Bretanha.

Guerra dos Sete Anos – Primeiro conflito de caráter mundial; seu resultado é apontado, muitas vezes, como o ponto fulcral que deu origem à inauguração da Era Moderna. Suas operações ocorreram entre 1756 e 1763, durante o reinado de Luís XV, entre a França, a Áustria e seus aliados (Saxônia, Rússia, Suécia e Espanha), de um lado, e a Inglaterra, Portugal, a Prússia e Hannover, de outro. Fatores desencadeadores desse conflito: a preocupação das potências europeias com o crescente poderio de Frederico II, rei da Prússia; as disputas entre a Áustria e a Prússia pela posse da Silésia, província oriental alemã que passara ao domínio prussiano, em 1742, durante a Guerra da Sucessão Austríaca; e a disputa entre a Grã-Bretanha e a França pelo controle comercial e marítimo das colônias das Índias e da América do Norte. Caracterizou-se também pelas sucessivas derrotas francesas na Alemanha (Rossbach), no Canadá (queda de Québec e Montreal) e na Índia (Madras e Pondicherry).

Hôtel-de-Ville, Praça do [literalmente, Palácio da Cidade ou Prefeitura] – cf. **Grève**, Praça de.

Jantares v. Filipe II, abaixo [no original: *soupers*] – Promovidas semanalmente, tornaram-se uma escola de libertinagem, na qual o sobrinho de Luís XIV – Filipe II* de Orléans, Regente da França (1715-1723) – reunia seus amigos e amigas, companheiros de devassidão, ou seja, uma vintena de pessoas escolhidas a dedo. Tais farras se realizavam no Palais Royal, residência predileta do Regente, que ficou sendo o centro da vida política e artística, suplantando Versalhes, que, desde 1682, era a sede da Corte.

Ligne, príncipe de – Charles-Joseph Lamoral (1735-1814), marechal, diplomata e escritor belga que, além de ter frequentado as cortes mais importantes da Europa, se notabilizou por suas memórias e correspondência com figuras ilustres, tais como Jean-Jacques Rousseau, Voltaire e Casanova.

Lis, flor de – Emblema da realeza francesa; a marca representando essa flor era também gravada, com ferro em brasa, no ombro de alguns malfeitores.

Luís [oficialmente, “Louis d’or”] – Moeda francesa criada por Luís XIII, em 1640; circulou até 1793.

Luís, São – No seu reinado, de 1226 a 1270, a França viveu um excepcional momento político, econômico, militar e cultural, conhecido como o “o século de ouro de São Luís”.

Maintenon, Madame de – Françoise d’Aubigné, marquesa de Maintenon (1635-1719). Ao enviuvar, em 1660, foi encarregada da educação dos 8 filhos de Luís XIV com uma de suas favoritas, Madame Montespan; após a morte da rainha Maria Teresa (1683), ela se casou secretamente com o rei.

Maó, Porto – Na ilha de Minorca, local em que foi travada uma batalha naval entre ingleses e franceses, em 1756, vencida pela marinha de Luís XV.

Marechala do Luxemburgo – Marie Madeleine Angélique de Neufville de Villeroy (1707 -1787), que, em segundas núpcias, casou em 1750 com Charles François de Montmorency-Luxembourg, marechal de França, em 1757. Seu mobiliário, sua numerosa criadagem e, especialmente, sua capela e sua sala do trono, enfim, tudo em sua casa era admiravelmente magnificente; para o uso pessoal, ela tinha uma baixela em ouro maciço, e sua coleção de caixas de rapé era a mais esplêndida e a mais curiosa do mundo. Cap. X, p. 207.

Maria Leszczyńska – Princesa polaca que se tornou rainha da França (1725-1768) por seu casamento com Luís XV.

Palatina, princesa – Carlota Elisabete do Palatinado (1652-1722), filha de Carlos I da Baviera, eleitor palatino do Reno; casou com Filipe de França, irmão caçula de Luís XIV.

Parlement – Instituição oriunda da *Curia regis* medieval, em Paris, é o Tribunal de Justiça do Rei, composto de mais de cem magistrados (primeiro presidente, nomeado pelo rei; presidentes das diferentes câmaras; conselheiros), além dos nobres.

Pont-Neuf [literalmente, Ponte Nova] – Apesar desse qualificativo, é a mais antiga das pontes que cruzam o rio Sena; com projeto aprovado por Henrique III, em 1577, sua construção foi concluída em 1606. Apoiando-se no ponto mais ocidental da Ilha da Cité*, essa ponte liga a Rive gauche [margem esquerda] à Rive droite [margem direita].

Quinault, Philippe (1635-1688) – Libretista da ópera *Teseu*, tragédia musical composta por Jean-Baptiste Lully – considerada, nos séculos XVII e XVIII, como a obra mais equilibrada e mais bem construída de seus autores – foi criada em Saint-Germain-en-Laye, diante de Luís XIV e sua corte, em 1675; permaneceu no repertório

da Ópera de Paris durante mais de cem anos, até 1779. Cap. XV, epígrafe.

Regente da França – Filipe II*, duque de Orléans.

Richelieu, duque de – Louis François Armand de Vignerot du Plessis (1696-1788), marechal, sobrinho-neto do cardeal de Richelieu (primeiro-ministro de Luís XIII de 1628 a 1642, arquiteto do absolutismo na França e da liderança francesa na Europa), exerceu grande influência sobre Luís XV; além de ter sido comandante das forças francesas em Porto Maó*, sua intervenção foi decisiva na vitória de Fontenoy*.

Sénac, Jean-Baptiste (1693-1770) – Em 1750, seu *Traité de la structure du coeur, de son action et de ses maladies* [Tratado sobre a estrutura do coração, de sua ação e de suas doenças] é considerado uma suma de observações relevantes que lhe permite apresentar um resumo sobre a cardiologia e empreender uma obra inovadora. Assim, ele foi o primeiro a reconhecer os problemas de ordem respiratória e o edema das pernas como sintomas significativos. Com grande clarividência, Sénac subordina o desenvolvimento futuro da cardiologia à descoberta de novos recursos de pesquisa.

Société des missions étrangères de Paris [literalmente, Sociedade das missões estrangeiras de Paris] – Criada em Paris, em 1658-1663, de acordo com as instruções dadas pela Congregação Vaticana para a Evangelização dos Povos, com a devida aprovação do papa, seu estatuto deu origem a uma instituição missionária que, pela primeira vez, não dependia do controle nem da proteção da Espanha ou de Portugal, países que eram, até à data, as principais potências da Europa nessa área.

Sully – Maximilien de Béthune (1560-1641), ministro e marechal da França, um dos líderes da facção protestante dos huguenotes

que, no período de 1596 a 1610 – a França é considerada como um reinado feliz –, foi o braço direito de Henrique IV (1553-1610), a quem havia sido apresentado em 1571. Cap. XIV, p. 326.

Thelema, Abadia de (termo grego que significa “vontade” ou “desejo”) – Sua construção é descrita por François Rabelais (1494-1553, pedagogo, escritor, padre e médico francês do Renascimento) nos capítulos LII a LVIII de seus textos, *Gargântua e Pantagruel*, escritos entre 1532-1552; era um local de fausto e riqueza, em que se vivia em clima de perfeita amizade, companheirismo e amor. Os habitantes da Abadia eram governados por uma única lei: “Faça o que quiser”. Cap. X, p. 212.

Trente-trois, Seminário dos [literalmente, Tinta e Três] – Fundado em 1633 e suprimido em 1790, era constituído inicialmente por 5 alunos, em honra das cinco chagas de Jesus; em seguida, por 12, em homenagem aos doze apóstolos; finalmente, por 33, em memória do número de anos vividos por Jesus.

TÍTULOS DA VESTÍGIO

• •

SETE DIAS EM RIVER FALLS | Alexis Aubenque

Algumas garotas escondem terríveis segredos...

O mundo de Sarah transforma-se num pesadelo quando suas duas melhores amigas do passado, Amy e Lucy, são encontradas mutiladas no fundo de um lago. Sarah parece esconder um terrível segredo. É como se um laço misterioso ainda a ligasse a elas…

MEU PRIMEIRO ASSASSINATO | Leena Lehtolainen

Uma estreia de tirar o fôlego para Maria Kallio...

Em sua primeira investigação criminal, a policial finlandesa Maria Kallio tem um grande desafio: desvendar o misterioso assassinato de um jovem que passava um fim de semana na casa de seus pais em companhia de sete outros membros de um coral. Ele foi encontrado morto, afogado. Todos são suspeitos, mas apenas um é o culpado…

OS SETE CRIMES DE ROMA | Guillaume Prévost

Roma, 1514. Leonardo da Vinci conduz a investigação...

Na Roma do século XVI, são cometidos assassinatos tão violentos quanto estranhos. Encabeçam a investigação um jovem estudante de Medicina, Guido Sinibaldi, e nada menos que o

gênio do Renascimento, Leonardo da Vinci. Um romance policial diabólico que, dos mistérios da biblioteca do Vaticano aos segredos das ruínas antigas, nos arrasta num jogo de pistas eletrizante, erudito e macabro.

A FERA INTERIOR | Lotte & Søren Hammer

Podemos fazer justiça com as próprias mãos?

Cinco corpos masculinos mutilados – castrados – e um rico empreendedor que denuncia na mídia a falta de firmeza da justiça dinamarquesa para com os pedófilos. O inspetor Simonsen, que tem experiência demais para não desconfiar das coincidências, logo compreende que está diante de um plano de grandes dimensões, cujos pormenores ainda desconhece…

ESTAVA ESCRITO | Gunnar Staalesen

O que realmente sabemos sobre nossos filhos?

As aventuras do detetive Varg Veum o levam a um mundo obscuro onde adolescentes privilegiados são atraídos para as drogas e a prostituição. E a situação fica ainda pior quando o juiz local é encontrado morto em um hotel de luxo, usando lingerie, e pais desesperados imploram para que Veum encontre uma garota desaparecida.

NA MENTE, O VENENO | Andrea H. Japp

Diane Silver inicia sua caça ao serial killer...

Diane Silver é uma das melhores profilers do mundo e trabalha na base de Quantico do FBI. Caçar serial killers é para ela uma questão pessoal: sua filha, Leonor, foi torturada e morta. Apesar de ser perita em traçar o perfil de um criminoso, Diane não consegue até hoje entender como Leonor, tão desconfiada, aceitou seguir aquele que seria seu assassino.

VESTIDO DE NOIVO | Pierre Lemaitre

Ninguém está a salvo da loucura...

Sophie, uma jovem mulher que leva uma vida pacata, começa a cair lentamente na loucura: milhares de pequenos e inquietantes sinais se acumulam e, de repente, tudo se acelera. Seria ela a responsável pela morte de sua sogra e de seu marido enfermo?

ASSASSINATO NA TORRE EIFFEL | Claude Izner

Crimes em série transformam livreiro em detetive

Paris, 1889, a cidade está em polvorosa com a Exposição Universal. Victor Legris, seu sócio Kenji Mori e seu amigo Marius Bonnet têm seu encontro na recém-inaugurada torre Eiffel subitamente interrompido: uma mulher acaba de morrer, vítima de uma estranha picada. A partir daí, tem lugar uma série de mortes inexplicadas que vão marcar a vida de Victor como investigador.

UM OUTONO EM RIVER FALLS | Alexis Aubenque

Alguns garotos nunca perdoam...

Dois assassinatos perturbam a relativa tranquilidade de River Falls, que começava a se restabelecer dos sórdidos crimes de alguns meses antes. O que poderiam ter em comum um advogado brilhante, encontrado eletrocutado em sua banheira, e o cadáver de um mendigo, coberto de hematomas, resgatado do rio? É isso que o xerife Mike Logan, com a ajuda da célebre profiler Jessica Hurley, tentará descobrir.

MULHER DE NEVE | Leena Lehtolainen

Tensão e ameaças na nova investigação de Maria Kallio

No coração de uma floresta selvagem do sul da Finlândia, Elina Rosberg fundou seu centro de terapia destinado para mulheres com problemas ou vítimas de agressões. No dia

seguinte ao Natal, seu corpo é encontrado na neve, com o rosto coberto pela geada. Acidente? Assassinato? A inspetora Maria Kallio, mesmo sofrendo ameaças, não se deixa abater e continua, com determinação, de um interrogatório a outro.

INDESEJADAS | Kristina Ohlsson

Crimes brutais marcam um verão sueco

Em meados de um verão chuvoso na Suécia, uma garotinha é sequestrada de um trem lotado. O inspetor Alex Recht e sua equipe, auxiliada pela analista criminal Fredrika Bergman, começam a investigar o que parece ser um caso clássico de disputa familiar pela guarda de uma criança. No entanto, quando a menina é encontrada morta no extremo norte da Suécia com a palavra “indesejada” escrita na testa, o caso se transforma rapidamente no pior pesadelo dos investigadores: a caça a um assassino genial e brutal. E a pequena Lilian é a primeira de uma longa lista...

AMARGA VINGANÇA | Andrea H. Japp

Não há trégua para Diane Silver...

Diane Silver continua sua caça aos serial killers. A profiler do FBI se associou a Rupert Teelaney – também conhecido como Nathan Hunter –, um dos homens mais ricos do planeta, para eliminar aqueles carrascos. Mas ela deseja, acima de tudo, encontrar a “cúmplice” que conduziu sua filha Leonor, de onze anos, até seu torturador... Enquanto isso, em Paris, Yves Guéguen tenta proteger a mãe de uma satanista assassinada por Nathan nos Estados Unidos. Diane agora tem uma nova presa, um novo predador para caçar.

APOSTA FATAL | Jean-François Parot

Nicolas Le Floch em trama sinistra na Paris do século XVIII

Em 1761, Nicolas Le Floch chega a Paris contratado como investigador pelo superintendente-geral da polícia do rei Louis XV e logo descobre a crueldade dos homens e a brutalidade das conspirações: em Paris, no mundo do crime, tudo gira em torno do jogo, da devassidão e do roubo, que se interligam por incontáveis labirintos. Um assassinato levará a uma investigação cheia de reviravoltas e revelações surpreendentes, que faz reviver a atmosfera, as ruas, os nobres e os mendigos, os ritos, os crimes e os mistérios da Paris do século XVIII.

Copyright © Éditions Jean-Claude Lattès, 2008
Copyright da tradução © 2014 Editora Nemo/Vestígio

Todos os direitos reservados pela Editora Nemo. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication 2013 Carlos Drummond de Andrade de la Médiathèque de la Maison de France, bénéficie du soutien du Ministère français des Affaires Etrangères et Européennes.



Este livro, publicado no âmbito do programa de auxílio à publicação 2013 Carlos Drummond de Andrade da Mediateca da Maison de France, contou com o apoio do Ministério francês das Relações Exteriores e Europeias.

DIRETOR DA COLEÇÃO

Arnaud Vin

REVISÃO DA TRADUÇÃO E PREPARAÇÃO

Sonia Junqueira

REVISÃO

Amanda Pavani

Eduardo Soares

CAPA

Ricardo Furtado (sobre pintura de Bergaigne, Pierre (1652-1708): "Jogadores de cartas". 1699. Arras, Museu de Belas Artes. pintura© 2014. White Images/Scala, Florença.)

DIAGRAMAÇÃO

Christiane Morais de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Parot, Jean-François

Aposta fatal : Nicolas Le Floch em trama sinistra na Paris do século XVIII / Jean-François Parot ; tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. -- Belo Horizonte :Vestígio, 2014.

Título original: L'énigme des Blancs-Manteaux

ISBN

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) I. Título.

14-06246 CDD-843.0872

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa 843.0872

A **VESTÍGIO** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2301

Cerqueira César . 01311-940

São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034-4468

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar

Funcionários . 30140-071

Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3214-5700

Televendas: 0800 283 13 22

www.editoravestigio.com.br